

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Ariane Diniz Silva

**CARTAS PARA PAULO FREIRE E SUA REDE: O COTIDIANO DE
EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA**

Sorocaba/SP

2017

Ficha Catalográfica

Silva, Ariane Diniz
S578c Cartas para Paulo Freire e sua rede : o cotidiano de extensão em
uma universidade comunitária / Ariane Diniz Silva. -- 2017.
264 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba,
Sorocaba, SP, 2017.

1. Extensão universitária. 2. Universidades e faculdades
comunitárias. 3. Educação – Aspectos sociais. 4. RELETRAN
(Projeto). 5. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Reigota, Marcos, orient. II.
Universidade de Sorocaba. III. Título.

Ariane Diniz Silva

**CARTAS PARA PAULO FREIRE E SUA REDE: O COTIDIANO
DE EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

Sorocaba/SP

2017

Ariane Diniz Silva

**CARTAS PARA PAULO FREIRE E SUA REDE: O COTIDIANO
DE EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutora no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: ____/ ____/ ____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. Marcos A. dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

Profª Dra. Yoko Oshima Franco
Universidade de Sorocaba

Profº Dr. Maurício Massari
Faculdade de Educação Física da ACM Sorocaba

Profº Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba

Profº Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Valter e Helena, por tudo que me ensinaram e pelo exemplo que sempre me deram, por me incentivar em tudo o que faço e acreditar em mim. Agradeço a todos os meus familiares também por acreditarem no meu trabalho e pelo apoio. Agradeço ao meu namorado, Claudinei, que me auxiliou e me acompanhou em uma parte desse processo.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota, por acreditar em mim e no trabalho que poderia desenvolver, além de sempre se dedicar às instruções e indicações para melhoria deste trabalho. Agradeço também por me ajudar a abrir um novo olhar para o mundo.

Agradeço à Ana Godoy que me acompanhou nesse processo de escrita com encontros recheados de muitos risos e aprendizados. Agradeço também por ajudar ampliar minha visão de vida e me fazer enxergar melhor: a mim e ao mundo.

Agradeço aos professores da banca que dispuseram do seu tempo para ler e contribuir para a construção da minha tese.

Agradeço a todos os meus amigos que acompanharam e torceram por mim nessa trajetória.

Agradeço aos meus colegas colaboradores do Reletran pelos momentos passados juntos e todos os aprendizados e crescimento que esses encontros trouxeram. Agradeço os envolvidos nos encontros do Reletran de todos os lugares que percorremos durante a capacitação.

Agradeço a Nina, minha querida gatinha de estimação, que por muito tempo me acompanhou em leituras e escritas nessa longa caminhada do doutorado. E agradeço também ao meu novo companheiro de trabalho Nick, que chegou no final desse processo, mas preencheu minha casa de alegria e me acompanhou muitas vezes.

Não realizamos nada neste mundo sozinhos... e o que quer que aconteça é o resultado da tapeçaria inteira de uma vida e da tecelagem de todas as linhas individuais que criam algo.

(Day O'Connor)

RESUMO

SILVA, Ariane Diniz Silva. **Cartas para Paulo Freire e sua rede:** o cotidiano de extensão em uma universidade comunitária. 2017. 280f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017.

Este trabalho procura analisar como o projeto Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional (Reletran) foi experimentado e avaliado pelos participantes do curso que oferecemos em 2014, denominado "Práticas sociais e processos comunitários". A pesquisa tem como base empírica as narrativas dos alunos e colaboradores do referido curso. Após cada encontro realizado, eles nos enviavam uma narrativa sobre suas observações do que havia sido discutido e experimentado nas atividades daquela semana. Deste modo, a tese procura observar o impacto do Reletran no papel de uma universidade comunitária e na resignificação da pedagogia freireana no tempo presente.

Palavras-chave: Reletran. Narrativas. Pedagogia freireana. Universidade comunitária.

ABSTRACT

SILVA, Ariane Diniz Silva. **Letters for Paulo Freire and his network:** the daily extension in a community university. 2017. 280f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017.

This work that analyzes how the project Latin American-European Network for Social Transnational Work (Reletran) was tested and evaluated by course participants we offer in 2014 called social practices and community processes. The research is empirical based on the narratives of students and employees of that course. After each meeting held, they sent us an account of his observations of what had been discussed and experienced in the activities of the week. It was common knowledge that these narratives would be used in the empirical part of the thesis that seeks to observe the impact of the Reletran on the role of a community university and on the redefinition of Freire's pedagogy in the present time.

Keywords: Reletran. Narratives. Freire's Pedagogy. Community university.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização dos locais dos encontros	43
Figura 2: Imagens do terceiro encontro na SOS	68
Figura 3: Vista do SOS.....	70
Figura 4: Imagens do quarto encontro no Bairro Brigadeiro Tobias.....	76
Figura 5: Vista do bairro Brigadeiro Tobias	78
Figura 6: Vista do bairro Jardim Nova Esperança.....	79
Figura 7: Imagens do quinto encontro na Associação Novo Tempo	84
Figura 8: Vista da Associação Novo Tempo.....	86
Figura 9: Imagens do encontro na Escola Benedicto L. Vieira Neto	105
Figura 10: Vista aérea da Escola	107
Figura 11: Imagens do sétimo encontro na CEI 23	117
Figura 12: Vista da CEI 23	118
Figura 13: Imagens do segundo encontro na Flona.....	122
Figura 14: Vista da Floresta Nacional de Ipanema.....	124
Figura 15: Imagens do sexto encontro na Fefiso	155
Figura 16: Vista da Fefiso.....	157
Figura 17: Imagens do Encontro no Viveiro de Projetos	201
Figura 18: Vista do Viveiro de Projetos	202

SUMÁRIO

1 SEMPRE ESCREVI CARTAS.....	12
Carta sobre escrever cartas	12
Carta de uma jovem escritora	17
Carta de uma pesquisadora em viagem.....	28
Rotas não planejadas	39
2 CAMINHANDO COMO EM ABBEY ROAD	40
2.1 Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional	40
2.2 Do caminho percorrido e do modo de percorrê-lo.....	44
Narrativas: uma opção metodológica.....	44
Temáticas Ambientais: uma perspectiva	46
Comunidade: um conceito em construção	47
2.3 Universidade comunitária, o caso da Universidade de Sorocaba ..	49
2.4 Conversas	53
Conversa com Marcos Reigota: Freire e a Uniso	53
Conversa com Aldo Vannucchi: Pedagogia Libertadora	57
Conversa com Paulo Freire: Educação, um ato político	59
2.5 Para caminhar junto não precisamos caminhar igual	65
3 INVISIBILIDADE	68
3.1 A casa não vista	68
3.2 Margens	76
3.3 Luz e sombra	84
3.4 Conversas	92
Conversa com Paulo Freire: o início.....	92
Conversa com Paulo Freire: o invisível e o inacabado	96

Conversa com Paulo Freire e Marcos Reigota: como me tornei visível	99
3.5 De tudo que há para ser visto	104
4 INFÂNCIA	105
4.1 <i>Sentiver</i> : Criando sentidos.....	105
4.2 Espaço-tempo da criança.....	117
4.3 Bio:grafia entre janelas.....	122
4.4 Janelas entreabertas.....	133
4.5 Cartas para a infância.....	136
Infância na obra de Paulo Freire	136
A memória, a infância e o brincar	141
Infância e alternativas curriculares.....	145
4.6 Como pertencer?.....	150
5 CORPO	155
5.1 Aninhamento	155
5.2 Conversas com Paulo Freire.....	160
Consciência do aprender.....	160
Corpo e aprendizado	163
Oprimido, amarelado e mofado.....	169
Tempo que temos.....	174
O diálogo e a dialogicidade na educação.....	181
Aqueles que amamos nunca morrem.....	187
O corpo que tenta caber	189
Aprender a transgredir.....	194
5.3 Corpo consciente e consciência crítica.....	198

6 ESCUTANDO AS ASAS DOS PÁSSAROS	201
6.1 Linha do tempo.....	201
6.2 Elefantes no ar.....	206
6.3 Universidade para todos	212
6.4 O caminhar.....	214
7 PEQUENOS FINS PARA COISAS INFINITAS.....	218
REFERÊNCIAS.....	224
ANEXO A - CARTA DE MARTA CATUNDA.....	228
ANEXO B - CARTA DE CARMEM MACHADO.....	232
ANEXO C - CARTA DE MAURÍCIO MASSARI.....	238
ANEXO D - CARTA DE EDER PROENÇA.....	242
ANEXO E - CARTA DE VENÂNCIO AMARAL	249
ANEXO F - CARTA DE ANDRÉ YANG.....	252
ANEXO G - CARTA DE CRISTIANE VITÓRIO	253
ANEXO H - CARTA DE ANDREIA RAMOS.....	255
ANEXO I - RESPOSTA AS CARTAS	261

1 SEMPRE ESCREVI CARTAS

Carta sobre escrever cartas

Sorocaba, 05 de novembro de 2017.

Prezados leitores,

Escrevo para vocês para contar um pouco como foi a construção dessa tese.

O trabalho que apresento aqui é praticamente baseado em cartas e narrativas. Escrevi muitas cartas, inclusive, acompanhando esse volume de textos, há um pacote de envelopes com cartas¹. Essas cartas foram solicitadas durante o processo da tese para alguns colaboradores do Reletran, elas estiveram comigo durante um ano e só no momento final decide o que fazer com elas: tratá-las como cartas mesmo, dar a elas um envelope e um carimbo, e, nesse momento, deixá-las chegar assim para os leitores. Nelas, há uma diversidade muito grande de histórias e trajetórias de pessoas que participaram da segunda capacitação do Reletran e que são muito importantes para mim, por isso decidi escrever uma carta resposta para todos. Fiquei pensando numa maneira de deixá-las mais parecidas com as cartas que recebemos pelo correio, lembrando a troca de cartas que sempre mantive com amigos e amigas numa certa época da minha vida - é uma boa lembrança. Por esse motivo, fiz um trabalho de envelhecimento dos envelopes com borra de café para que eles parecerem antigos e dessem a impressão de que percorreram um longo caminho para chegar dessas pessoas queridas até mim e de mim até vocês leitores. Fiz também um carimbo, nele há um pássaro com as asas abertas, que diz exatamente do modo como essas cartas chegaram a mim: como uma revoada de pássaros que voam juntos.

O volume que vocês têm em mãos agora é ele mesmo uma grande carta feita de muitas cartas. Elas não são apresentadas em ordem cronológica, então o leitor vai perceber que em algumas estou mais à vontade e em outras um pouco menos. É que, na realidade, lentamente fui reencontrando a leveza da escrita de cartas, num exercício longo e nem sempre fácil de dois anos de escrita.

Nas cartas, em muitos momentos, eu me refiro ao tempo disponível para a

¹ Na entrega para a banca de defesa as cartas acompanharam o volume da maneira aqui descrita. Neste volume final, após a defesa, elas estão em anexo, de modo que o leitor tenha acesso a elas.

pesquisa. Gostaria de deixar claro e pedir para que isso não seja encarado como uma reclamação, mas sim como um posicionamento e um dever de mostrar como as pessoas fazem pesquisa: inventando espaços dentro do cotidiano e abrindo caminhos para que aquilo possa acontecer. O tempo da pesquisa é um tempo lento e hoje temos o tempo social cada vez mais acelerado, por isso o pesquisador faz um grande esforço para que a pesquisa caiba dentro do tempo de sobrevivência dele. As referências a esse tempo são constantes, pois os enfrentamentos e o esforço que fazemos para “conquistar” o tempo necessário para pensar e criar coisas também é frequente.

Acho interessante contar aqui para vocês, também, que nas cartas criei um laço de proximidade com os autores, para que pudesse me sentir mais à vontade lendo o que eles escreveram e para escrever o que eu achava importante e necessário. Por isso, em todas as cartas eu me dei a liberdade de chamar os autores sempre pelo primeiro nome, como fazemos com os amigos, pois os considero como meus companheiros nessa caminhada. E sim, escrevi muitas cartas para Paulo Freire, minha proximidade com a leitura de seus livros e a prática dos conceitos dele realmente me fizeram sentir cada vez mais próxima desse autor. Todas as cartas escritas para estes amigos de pesquisa me permitiram refletir sobre coisas importantes para os eixos trabalhados, para mim como cidadã, jovem pesquisadora e educadora, e penso que para os autores também, pois de fato me interessei pelo que “me diziam” em seus textos.

Às cartas se juntaram também narrativas, compondo a metodologia utilizada para a escrita e para a pesquisa. Metodologicamente, as cartas foram necessárias, pois nelas reencontrei uma maneira de escrever, uma maneira onde pude me sentir livre e segura ao mesmo tempo, seja para escrever, seja para ler a escrita dos muitos autores. Por essa razão, escrever de outra maneira, nesse momento, não faria sentido. Penso que as cartas estão diretamente ligadas ao cotidiano, por isso, não só elas se mostraram como o melhor jeito de trabalhar o cotidiano da capacitação (e da escrita da tese), como também mostram o dia a dia da escrita e de quem escreve, por isso, muitas vezes parecem diferentes entre si, pois carregam a riqueza de cada dia vivido ao longa da trajetória de pesquisa.

O texto não foi construído de modo linear, pois a experiência que ele procura abordar também não foi. Essa experiência da qual eu falo é a segunda capacitação realizada em Sorocaba a partir do projeto Red Latinoamericana-Europea de Trabajo

Social Transnacional (Reletran).

O Reletran é um projeto que reuniu doze universidades e onze organizações não governamentais, na Europa e na América Latina. No Brasil, aconteceu em Sorocaba e em Minas Gerais, na cidade de Divinópolis. Desde a primeira capacitação tivemos muitos colaboradores para o projeto Reletran acontecer aqui em Sorocaba. Na segunda capacitação, tivemos alguns colaboradores trabalhando mais diretamente na organização e nos locais que passamos, por isso no decorrer do texto vou citar alguns deles. Além dessas pessoas, em cada local que passamos tivemos ajuda de pessoas que moravam ou trabalhavam no local, durante o texto também cito alguns deles. Mas a rede é muito extensa, e a capacitação só se tornou possível com a ajuda de todas essas pessoas. Ao longo do texto irei trazer mais informações sobre o projeto.

Como disse, o trabalho da minha tese foi elaborado sobre a segunda capacitação. Nela, foram organizados oito encontros, cada um em um local diferente, como vocês poderão notar. Logo no primeiro dia, o professor Marcos disse a todos os participantes que minha tese seria sobre o Reletran e que para isso ele pedia que me enviassem narrativas com percepções, sensações e relatos de todos os encontros. Eu participei de todos os encontros e, ao longo do caminho, fui escrevendo um relato dando conta de cada um deles, de onde estivemos, o que fizemos, e de que maneira. Então, para o início desse trabalho, eu tinha disponível: minha narrativa de cada encontro e as narrativas recebidas voluntariamente dos outros participantes.

As narrativas dos participantes foram sendo entregues ao longo da capacitação. Não eram obrigatórias, por isso nem todos escreveram, mas aquelas que chegaram até mim traziam coisas importantes, que fui introduzindo na tese na medida em que dialogavam com o texto, com as ideias apresentadas. Por esse motivo elas não vão aparecer na íntegra e nem em ordem.

O que fazer com tudo isso? No começo, foi difícil organizar todas aquelas narrativas, mas, aos poucos, fui agrupando os encontros por eixos. Surgindo, assim, os seguintes eixos: infância, invisibilidade, corpo, não planejado e bio:grafia, e dei a eles um título que busca apresentar a ideia que para mim se destacava. Desta maneira, buscava compreender o que é o comunitário a partir da capacitação do Reletran e do vínculo com a Universidade de Sorocaba (Uniso), trazendo a importância e a atualidade do Paulo Freire e de sua pedagogia, pensando sempre

no valor de transformação micro que ela pode ter e nas relações sociais no sentido de uma percepção de mundo que muda.

E dessa maneira, com esse agrupamento dos encontros entorno dos eixos, foram surgindo os capítulos da tese. No início de cada encontro, trago uma narrativa apresentada em itálico com reflexões minhas sobre algo daquele encontro que me pareceu importante. São divagações que me ajudam a me recolocar naquele dia, naquele local, e acredito que ajudem também o leitor a se colocar na situação.

O primeiro capítulo começa com a minha bio:grafia, que é a minha própria história fazendo parte do texto; o professor Marcos sempre reforça a ideia de não deixarmos isso para trás, pois é a minha história, a minha trajetória que torna meu trabalho possível. Esse capítulo se chama “Sempre escrevi cartas”, porque realmente sempre escrevi mesmo, e no doutorado consegui retomar esse gosto da infância e da juventude, conseguindo, assim, novamente, reencontrar a facilidade e o gosto pela escrita. Para mim, escrever sabendo que tem alguém com quem eu possa me corresponder é muito importante, e faz toda a diferença. A minha bio:grafia aparece nesse momento, mas acaba perpassando o texto todo. A segunda carta desse capítulo, fala sobre uma viagem que fiz ano passado com minha amiga Cíntia, viagem a trabalho, fui participar de um congresso em Salamanca, o CEISAL e, também a passeio, pois aproveitamos e conhecemos muitos outros lugares. Nessa carta trago muitas experiências e situações vividas que são muito importantes no processo da pesquisa e de elaboração do texto.

No segundo capítulo, chamado “Caminhando como em Abbey Road”, no texto vou explicar porque a referência dos Beatles. Bom, neste capítulo, apresento definições e conceitos necessários para minha tese: escrevo sobre o Reletran, narrativas, temáticas ambientais, comunidade e universidade comunitária. Para encerrar esse capítulo, trago cartas: uma para o Marcos Reigota, outra para o Aldo Vannucchi e uma para Paulo Freire.

O terceiro capítulo traz o eixo invisibilidade e nele escrevo sobre três encontros realizados na capacitação. E no final, algumas cartas que escrevi para Paulo Freire. Aqui apresento a primeira carta que escrevi para ele, vocês notarão que, no começo, a relação era bem formal, depois fui me aproximando cada vez mais dele e as cartas foram ficando mais amorosas. Nas cartas desse capítulo, tentei pensar alguns tipos de invisibilidade.

O capítulo seguinte, o quarto, tem como eixo a infância e há nele três encontros e cartas. Escrevi diretamente para minha infância, tendo como destinatária minha prima Gisleine. Há também, nesse capítulo, uma narrativa chamada “Janelas entreabertas”, onde trago uma história acontecida na capacitação, mas que, para preservar as pessoas envolvidas, escrevi de uma maneira lúdica com nomes fictícios. Ao longo do capítulo penso os espaços de pertencimento, e o que neles importa.

Na quinta parte do texto, trago o eixo Corpo e nele um encontro do Reletran e oito cartas escritas a Paulo Freire. Esse eixo ficou um pouco mais extenso, pois trabalho vários conceitos importantes na obra de Paulo Freire: opressor e oprimido, inacabado, a consciência do aprender e o espaço para o diálogo.

Na sexta parte, onde já estou caminhando para o final da tese, trago o encontro que aconteceu no Viveiro de Projetos, que é na verdade o único encontro que entra no texto na ordem cronológica, pois ele foi de fato o último encontro realizado na segunda capacitação. Junto com ele, trago uma carta para os participantes do Reletran, uma carta para o reitor da Universidade, e uma para o Marcos, meu orientador. Nesse capítulo, reforço as temáticas ambientais que atravessaram cotidianamente a segunda capacitação, a importância política e pedagógica do Reletran na universidade e o processo de elaboração da tese.

Encerro o trabalho com uma última carta para Paulo Freire que intitulei como “Pequenos fins para coisas infinitas”, onde tento enxergar a importância das pequenas coisas e transformações que aconteceram ao longo da capacitação. Volto meu olhar para o micro, para aquilo que nem sempre é visto e nem percebido, e que faz parte do nosso cotidiano, procurando mostrar como o pensamento de Paulo Freire, no encontro com as ideias do grupo Perspectivas Ecologistas de Educação, possibilita pensar uma prática de educação em busca da liberdade e da construção da cidadania.

Há muitas perguntas ao longo do texto e nem todas foram respondidas. Mas acredito que, a partir dessas perguntas, abro espaço para as reflexões e pensamentos. Penso que o importante não é necessariamente a resposta, mas o tempo e a possibilidade de cada um para tomá-las para si e refletir sobre elas, levando adiante o trabalho que começamos.

Vou terminando esta carta por aqui, e gostaria de convidar vocês para lerem meu trabalho.

Abraços

De uma pesquisadora

Ariane

Carta de uma jovem escritora

Sorocaba, um dia qualquer de um ano qualquer.

Querido leitor, inicio aqui uma sessão com várias cartas que contam um pouco das minhas trajetórias de vida pessoal e profissional, elas fazem parte da minha bio:grafia. Essas trajetórias, você há de notar, se distanciam e se aproximam e, em determinados pontos, se fundem umas nas outras.

Na realidade, sempre escrevi cartas..., lembro-me que, quando pequena, colecionava papéis de cartas; tinha uma pasta enorme com plásticos onde eu organizava todos os papéis que ganhava, comprava e trocava. A cada vez que eu organizava, punha em alguma ordem diferente: dos maiores para os menores, dos mais velhos para os mais novos, dos mais bonitos para os menos, ou simplesmente dos que eu mais gostava para aqueles de que menos gostava. Eu e minha prima, com qualquer moedinha que ganhávamos, saíamos pelo bairro em busca de um papel de carta diferente, inédito e, além da compra de novos, passávamos horas reunidas com as outras garotas para trocar papéis de carta. Quando alguém da família ou alguma amiga fazia aniversário, eu escolhia com muito carinho um deles e escrevia uma carta de felicitação: tinha canetas coloridas, adesivos para enfeitar e caprichava na escolha de uma folha de alguma revista para fazer o envelope. Não me lembro de quando e como abandonei essa coleção, mas posso dizer que, um tempo depois, passei a escrever cartas para mim mesma sobre tudo o que passava; mantinha todo ano uma agenda com um dia por folha, para ter mais espaço para escrever sobre meu dia. Era um diário bem recheado de papéis de bala, chocolate, ingressos de locais onde fui, fotos, e muita escrita. Também não sei dizer quando fui deixando isso de lado.

Mais tarde, uma querida amiga da família mudou-se para São Paulo, uma

cidade próxima de Sorocaba, mas, para mim, ainda criança, era uma distância enorme, difícil de transpor, começamos então a nos corresponder por carta: eu contava para ela como iam a família, as coisas aqui, contava sobre a escola e ficava ansiosa esperando que ela me escrevesse de volta. Experimentava uma sensação de alegria e proximidade cada vez que recebia dela a resposta.

Um outro momento em que utilizei cartas foi participando de um projeto social que propunha troca de correspondência com crianças de um orfanato. Conversei por muito tempo com um garoto, não me lembro mais do nome dele, mas me recordo muito bem da maneira particular com que ele enxergava o mundo e como era gratificante a nossa correspondência.

Em alguma outra fase da minha vida colecionei cartões telefônicos; uma outra pasta grande com divisórias pequenas, do tamanho dos cartões, onde eu os guardava e organizava e, por intermédio de uma notícia que saiu no jornal, comecei a trocar cartas com algumas outras pessoas que também colecionavam cartões e, assim, podíamos fazer trocas e aumentar a coleção. Não conhecia essas pessoas, mas sempre escrevia uma carta contando algo, pois não gostava de enviar pelos correios somente os cartões, de modo que, além da troca dos cartões, acabava criando uma relação com elas.

Estudei até a oitava série em uma escola particular, meus pais não tinham condições de pagar uma, mas meu pai trabalhava como bibliotecário nessa escola e, por isso, pude estudar lá por muito tempo, de graça, e depois por um valor pequeno, comparado com a mensalidade completa. Quando eu estava na sétima série, meu pai foi mandado embora da escola e, no acordo, pediu para que eu pudesse concluir o Ensino Fundamental, como era conhecido na época, com as mesmas condições de filha de funcionário. No final do oitavo ano, eu iria me separar das amigas de classe de muito tempo, iria para outra escola, na mesma cidade, mas parecia que a distância seria enorme. A partir daí, começamos, eu e mais duas amigas, a trocar cartas. Eram cartas muito extensas, cheias de muitos detalhes sobre todas as coisas que aconteciam: meus pais, escola nova, pessoas e amizades novas. Havia um capricho e uma dedicação nestas cartas. Era bom escrever para essas amigas sabendo que receberia, mesmo não sabendo quanto tempo depois, uma resposta com a mesma riqueza de detalhes. Isso nos aproximava muito e passamos vários anos nos correspondendo, mas, com o tempo, a frequência das cartas, foi pouco a pouco diminuindo.

Já estava no Ensino Médio e continuava a escrever cartas. A frequência era menor, mas me correspondia com uma amiga de São Paulo, com algumas da antiga escola e com outras da nova escola – mesmo próximas, pois estávamos juntas todos os dias, adquirimos o costume de enviar pelo correio cartas umas para as outras.

A era do computador já se instalara há algum tempo, com quinze anos ganhei o meu primeiro computador, era dia 22 de maio do ano 2000. Descobri a data exata indo revisitar, recentemente, uma caixa de sapato que guardei lacrada por anos identificada como "Agendas e cartas". Já não me lembrava mais dela, e foi uma emoção, ao abrir, ver e relembrar muita coisa que nela estava guardada: três agendas minhas, uma agenda que deixei para que meus amigos escrevessem para mim e muitas cartas e cartões recebidos. Havia ali muita coisa interessante guardada, muitas lembranças gostosas. Não sei quanto tempo fiquei vendo e revendo os objetos e cartas, mas as emoções foram desde gargalhar até chorar. Bom, com o computador em casa, acessível, aos poucos as cartas em papel foram sendo praticamente abolidas do meu cotidiano. Agora tinha internet, podia pesquisar tudo ali, fácil e rápido, e, com a facilidade dos e-mails, com algumas amigas as longas cartas foram então substituídas por longos e-mails. Esses chegavam rápido, mas o tempo de resposta e de elaboração do texto ainda permanecia o mesmo das cartas em papel.

Não sei quando deixei de utilizar as cartas, mas acredito que, com a faculdade, o emprego, a tecnologia, e com a correria da vida adulta, elas foram ficando para trás. Mas me lembro que era bom escrever sabendo que tinha uma pessoa “do outro lado”, alguém que iria ler e responder em algum momento, comentando tudo o que havia sido escrito, e minhas perguntas não ficariam sem resposta. Hoje, com a tecnologia, a troca de informação é muito rápida, praticamente instantânea, e parece que não temos mais o tempo necessário para aguardar a resposta de uma carta.

Ocorre-me agora: estou aqui escrevendo há um tempo, mas nem sequer me apresentei. Sou de uma família grande. Uma família grande e acolhedora tanto do lado do meu pai como do lado da minha mãe. Meu pai e minha mãe tem oito irmãos cada um. Dos dois lados da família tem irmãos que são de criação, uma característica da família é sempre ter um espaço para mais um.

Meu pai perdeu os pais muito cedo e foi criado pelos tios. Por isso,

infelizmente, não tive oportunidade de ter contato com meus avós paternos, mas, por outro lado, tive o prazer de conviver com os tios do meu pai que, por consideração, são mais que avós meus. Quando meu pai e minha tia perderam os pais, meu tio-avô fez questão de assumir a criação deles e, sobre esse episódio, tenho gravada em minha memória uma frase marcante que meu pai sempre diz, referindo-se ao meu tio-avô: “onde comem 9, irão comer 11 bocas”. Numa família que já tem sete filhos, assumir a criação de mais dois é um gesto muito corajoso e nobre. No meio de muitos irmãos, meu pai cresceu e trabalhou na roça, meus tios-avós eram caseiros de algumas chácaras e, para a sobrevivência da família, faziam chouriço e linguiça. Meu pai, trabalhando desde cedo, e com sua própria renda conseguiu fazer uma faculdade. Ele fez o curso de história na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, que hoje se transformou na Universidade de Sorocaba (Uniso). Durante muito tempo, ele trabalhou na Biblioteca Municipal de Sorocaba e, paralelamente, se formou em história. De todos os irmãos, ele foi o primeiro a conseguir uma formação e eu me lembro sempre dos comentários da minha tia-avó, orgulhosa dele e de outros dois irmãos que fizeram faculdade posteriormente. Quando meu tio-avô faleceu eu era pequena, tinha por volta de nove anos, não tenho muitas recordações, mas me lembro dele muito calado, e com um olhar bem expressivo. Já com minha tia-avó pude conviver bastante; quando ela morreu, eu já estava com 27 anos e uma das coisas mais marcantes em relação a ela eram os estudos, a importância que tinha para ela e o incentivo que dava para todos os netos.

Do lado da minha mãe, uma família simples também, todos trabalhavam na olaria para o seu sustento. Além dos cinco filhos, acolheram mais quatro para criar. Tive uma convivência pequena com meu avô, pois minha avó se separou dele e, pelo que sei, ele era bem controlador e machista: as meninas da família não podiam estudar, mulher deveria trabalhar somente em casa, essas coisas... Minha mãe, sendo a filha mais velha, conta sobre as muitas situações em que teve que enfrentar meu avô para poder estudar e trabalhar. Minha avó, após a separação, voltou a estudar e a trabalhar fora para conseguir manter a família, ela concluiu o Ensino Médio e se formou Técnica em Enfermagem. Minha mãe, como ela mesma diz, por não ter muita opção, se formou em Educação Física na Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (Fefiso), como meu avô não concordava com o estudo das filhas, ela teve que pagar a faculdade com seu próprio

salário.

Meu avô materno, antes de falecer, como estava doente, morou durante quatro meses na casa do meu tio, que fica ao lado da casa da minha mãe, esse foi o tempo em que pude conviver com ele e conhecê-lo. Minha avó materna ainda é viva, e todo final de semana a família se reúne na casa dela para o almoço de domingo. É uma fartura, fartura de comida, onde cada um leva um prato e o almoço é formado, e uma fartura de convivência, de afeto e de apoio: almoçamos e passamos praticamente o domingo todo em torno da mesa conversando, brincando uns com os outros e fazendo as refeições.

Estudar, para minha família, sempre foi muito valorizado, ouvi desde criança que conhecimento, uma vez conquistado, nunca era retirado de nós, e por isso a importância dos estudos.

Optei por seguir, em um primeiro momento, o caminho das exatas. Nesse caminho, fui deixando a minha escrita para trás, trocando-a por cálculos e resolução de problemas. Sinto-me à vontade com tudo isso. Mas quando decidi fazer Mestrado em Educação, deparei-me novamente com a necessidade de escrever. Mas que mundo era aquele? A cada disciplina nova que eu cursava, ia me sentindo um peixe fora do aquário e, invariavelmente, no dia das apresentações iniciais, todos estranhavam minha formação e alguns até perguntavam o que eu fazia ali. Em uma das minhas primeiras aulas do mestrado, cheguei à sala de aula e vi um longo exercício de física na lousa, assim que o professor chegou, brincou dizendo que quem não tivesse feito a tarefa de escrita teria que resolver aquele exercício. Lembrando-me da minha dificuldade em escrever, pensei comigo mesma que, se soubesse, escolheria com certeza a resolução daquele exercício, tinha muito mais a ver comigo do que qualquer outra tarefa que o professor já tinha solicitado. Quanta leitura, quanta escrita...

Nesse momento, comecei a esbarrar com frequência na dificuldade em escrever. Não que eu não conseguisse escrever, eu escrevia, porém, tudo muito rápido, objetivo, diretamente ao ponto esperado. Marcos Reigota, que foi meu orientador também no mestrado, pedia-me para escrever sobre um ou dois temas e eu, com muito esforço, escrevia uma página ou no máximo uma página e meia. Levava para ele sabendo que havia conseguido responder o pedido, mas não da maneira que era preciso. Quantas vezes ele sentou comigo e me ajudou a expandir o meu texto; ele me dizia: “você leu tanto, temos que aproveitar isso”. A leitura para

mim não era difícil, conseguia ler rápido e sem grandes problemas, mas falar sobre o que havia lido era mais que um resumo do resumo: resolvia aquilo com um ou dois parágrafos, pois a maioria dos textos que lia dava a impressão de várias páginas dizendo a mesma coisa, embora de maneiras diferente, mas, ainda assim, a mesma coisa, que eu sintetizava em poucas palavras.

Por outro lado, como era difícil escrever sem saber a quem me dirigir. Como poderia escrever um artigo, uma dissertação, sem saber se alguém iria ler, sem saber se tinha ou não alguém “do outro lado” e, talvez o principal, sem a possibilidade de uma resposta. Com muito esforço e dedicação, consegui escrever minha dissertação, não tão confiante como deveria estar, mas sabia que tinha dado o meu melhor e, com a ajuda do orientador, ela atendia os requisitos necessários.

Em 2013, chego finalmente ao doutorado. E escolho mais uma vez a Educação, por vários motivos: pela possibilidade de permanecer na cidade e desenvolver a tese na mesma universidade onde trabalho, podendo assim usufruir de uma nova modalidade de bolsa (bolsa por mérito) criada pela Universidade de Sorocaba (Uniso); por admirar o trabalho dos professores do grupo, especialmente o do Marcos, meu orientador, que vem me incentivando desde então, deixando clara a importância do acesso à academia, do ponto de vista político-pedagógico, para as pessoas que, como eu, vêm da margem; pelo apoio de meus pais e da minha família, que permanecem ao meu lado, e, por último, mas não menos importante, e talvez o principal deles, a importância que o estudo tem na minha vida, tanto no sentido profissional como no pessoal, sabendo também que o título me abrirá novas oportunidades.

A parte prática da minha tese foi muito tranquila de realizar, muito fácil de acompanhar e desenvolver. Mas, novamente, na escrita (sempre ela), surgem as dificuldades: ler alguns autores e escrever sobre o que foi lido, sobre o que foi feito. Que tarefa difícil, sofrida, que me fazia gastar uma boa parte da minha energia antes mesmo de começar a escrever, pois já ficava imaginando a minha dificuldade e, assim, ia postergando a tarefa. Talvez porque, ao escrever, eu ficasse tentando estender ou rebuscar a minha escrita, e isso me esgotava. E depois de feito o texto, me cobrava, achando que não havia conseguido atingir o mínimo necessário. Por que será que isso me dói tanto? Por que não consigo enxergar essa escrita como algo prazeroso a que eu me dedicava tanto quando escrevia cartas para as pessoas conhecidas de quem gostava?

Em um momento do percurso do doutorado, com todas as disciplinas completas, todos os pré-requisitos cumpridos, restava somente o desenvolvimento da tese. Restava a escrita. Começo então a pensar: agora vai ter início a parte em que tenho dificuldade, praticamente um parto a cada texto estava para acontecer.

Tendo que dar conta da leitura de artigos e livros, para com eles elaborar minha tese, alimentada pela ajuda de uma amiga, começo, ao invés de simplesmente escrever sobre um ou outro texto, um ou outro autor, a escrever cartas pessoais para os autores, contando e comentando sobre o que haviam escrito, ou mesmo para um único autor, comentando textos de outros que havia lido, sua importância para mim.

Preciso me adiantar e explicar que as cartas são escritas num tom bem pessoal. A estratégia usada foi criar uma relação de afetividade com os autores, para que eu pudesse me aproximar deles, tirando a enorme distância que, para mim, sempre existiu e me atrapalhou tanto. Com isso, me dei a liberdade de uma aproximação, e posso dizer até mesmo de uma intimidade com os autores com os quais dialoguei. As cartas foram utilizadas, portanto, com um valor pedagógico e metodológico, e não necessariamente para serem enviadas aos destinatários visando obter uma resposta e também por esse motivo não seguem uma ordem cronológica. Lembro-me de ter lido que

As cartas de cunho filosófico [reflexivas], geralmente extensas, eram dedicadas a amigos ou escritas a pedido de amigos. Embora elas trouxessem registrado o nome do destinatário, eram escritas para serem lidas por um público amplo e permitirem a difusão e socialização de idéias. De modo geral, a prática de escrita das cartas familiares visava ora ao deleite (recrear para vida); ora ao ensino (consolar a vida); ora às reflexões sobre ações e sentimentos humanos (conhecer a si próprio). (SILVA, 2002, p. 53).

Em todas as cartas que compõem esta tese me permiti dirigir-me aos autores somente pelo primeiro nome. Alguns dos destinatários eu conheço, temos uma relação de convívio, outros não, mas entendi por bem tratar todos com a mesma proximidade, pelo nome de batismo, e isso em nada diminui a trajetória deles como autores, pesquisadores, e principalmente como cidadãos. Fora do contexto das cartas, no decorrer da tese, esse tratamento muda, momento em que me refiro aos autores que utilizo como a norma pede, sobrenomes e nomes completos, reafirmando que essa proximidade criada foi apenas nas cartas para vencer as barreiras na relação com as ideias dos autores, e estabelecer e enriquecer os

diálogos.

Um dos destinatários, muito presentes nas cartas, foi Paulo Freire, evidentemente sei que Paulo faleceu em maio de 1997 e que não poderia recebê-las e que eu tampouco poderia esperar uma resposta para elas, mas entendo também que me endereçar a ele indica que ele está vivo em suas ideias, em suas obras, e me possibilita ter consciência dessa vivacidade presente em todo seu legado. Assim, conhecendo a sua obra e me aproximando cada vez mais dos seus pensamentos, entendo e acredito na importância dessa troca de correspondência de caminho único, pois na verdade a resposta vem no meu crescimento, na mudança de atitudes e no saber desenvolvido na pesquisa - arrisco-me em dizer que ele provavelmente gostaria muito desse tipo de troca, pois das pessoas que conviveram com ele, sempre ouvi sobre a sua postura generosa em que havia muito espaço para o diálogo.

Pronto, as coisas começam então a fazer sentido. Parece que meu jeito de escrever é esse, preciso me dirigir a alguém, mas alguém que aprecio, que é significativo em minha vida, na minha trajetória. Assim, a cada texto que tenho que dar conta, escolho alguém e escrevo, dirigindo-me a essa pessoa. Tudo ficou mais leve desde então, parece que toda aquela seriedade e enquadramento que eu achava que deveria ter ao escrever um artigo, uma dissertação ou tese, tinham desaparecido. A escrita ficou mais solta e simples e, mais importante, já não doía tanto. Mas essa era apenas uma parte da questão.

Após ter escolhido o caminho das exatas, entendia que, para conseguir me achar, encontrar um espaço dentro das ciências humanas, precisaria deixar a minha matemática de lado, tinha que abandonar o raciocínio lógico. Para mim, a resposta à pergunta “quanto é um mais um?” sempre foi dois, mas percebia que, naquele mundo, no mundo das ciências humanas, teria várias respostas possíveis para uma mesma pergunta. As minhas leituras eram então muito sofridas, demoradas, não conseguia entender e tinha sempre a impressão, com todo respeito e admiração pelos autores, que eles diziam sempre a mesma coisa ao longo do texto todo. Demorei muito tempo para entender que os textos não necessariamente seguiriam um caminho linear, não precisavam obedecer a uma linha lógica, faziam um percurso cheio de idas e vindas, mas, a cada momento, agregavam um elemento, e, nesse processo, eu me perdia. Custei para conseguir encontrar um caminho no qual meu modo de pensar, que encontra prazer na lógica matemática, pudesse me ajudar

a entender o funcionamento dos textos.

Tudo isso era um grande trabalho; eu precisava me esforçar o tempo todo para caber dentro desses lugares desconhecidos, não podendo ser eu mesma. Assim, me empenhava ao máximo, tentando me moldar àquela realidade para conseguir dar continuidade aos meus estudos. Num certo momento e, novamente com ajuda de uma amiga, pensei em uma maneira de encontrar a matemática no texto e, a partir disso, passei a lê-los buscando qual era o problema formulado por aquele autor, qual era o X daquele texto e, conseguindo identificar isso, eu conseguia, a partir desse X, imaginar e aceitar que poderíamos ter várias respostas, vários caminhos. O que mudou? Diria, na companhia de um velho e recente amigo de correspondência, Paulo Freire, que eu estou usando um conhecimento meu, uma prática minha para solucionar um outro problema, mas sem precisar abandonar o que, na verdade, fazia sentido para mim, e assim o esforço para caber, para me moldar, foi diminuindo. Pude começar a apreciar outra vez ler e escrever.

Estou aqui falando do doutorado, mas não contei nem qual é o meu tema e nem a história de como ele foi escolhido. Quando fiz a prova para ingressar no doutorado, o tema escolhido era algo relacionado à pergunta: “Professor, você trabalha ou só da aula?”. Iria desenvolver uma pesquisa sobre professores que têm o lecionar como profissão e professores que exercem uma profissão no dia a dia e encaram o lecionar como um adicional do seu trabalho. No dia da entrevista para o doutorado, uma professora da banca questionou a razão de meu tema não ser a Red Latinoamericana-Europea de Trabajo Social Transnacional, ou Reletran, uma vez que eu já estava envolvida nesse projeto. Em um primeiro momento, eu e o Marcos não achamos que era conveniente esse tema. Continuamos com as atividades do Reletran, e mais pessoas que participavam desse processo questionavam por que esse não era o meu tema. No fim da primeira capacitação, sentamos, Marcos e eu, para conversar, e chegamos à conclusão de que seria importante mudar o tema, pois o Reletran era uma capacitação diferente e fazer a tese sobre essa prática ajudaria nas reflexões sobre ela e na conceituação de alguns temas presentes no curso. Preciso então contar para você, leitor, como foi o meu envolvimento com o Reletran desde o início do projeto aqui em Sorocaba.

Bom, no meio dos meus fazeres, no final de 2012, época em que eu já havia defendido meu mestrado, teve início o projeto Reletran, e fui convidada pelo meu orientador para ajudar na organização. Iniciamos o trabalho com reuniões para

esclarecer o que seria o projeto. Os participantes dessa reunião eram pessoas ligadas de alguma maneira ao professor Marcos Reigota, seus alunos e orientandos, ex-alunos e outros professores da universidade. A cada reunião, esse grupo de pessoas aumentava, e, aos poucos, foi sendo criada uma rede, que nos possibilitou dar início ao processo de organização da primeira capacitação. Nessas reuniões, chegamos a ter sessenta colaboradores dispostos a auxiliar nas capacitações que, num primeiro momento, chamamos "Curso Experimental de Capacitação: Práticas Sociais e Processos Comunitários Sorocaba", pois não tínhamos muito claro ainda o que seria essa capacitação, só sabíamos que iria ser um curso fora dos padrões já conhecidos. O professor Reigota já participava das reuniões internacionais sobre o projeto e fomos construindo o que seria o projeto aqui em Sorocaba, com a parceria da Lua Nova².

Com o andar do projeto, o professor Reigota me informou que, por conta dos processos seletivos do mestrado e do doutorado, não poderia participar da reunião geral do Reletran que aconteceria na Espanha, e que ele gostaria que eu fosse e participasse no lugar dele. Como assim? – me perguntei. Viajar para fora do país? Eu nunca tinha saído do Brasil e ainda não considerava isso como possibilidade dentro dos meus planos; além disso, eu viajaria pelo projeto e, por esse motivo, iria com todas as despesas cobertas. Aquilo para mim era algo ainda muito distante, achava uma enorme responsabilidade participar das reuniões representando o Reigota e ainda com a incumbência de expor o que seria o curso no Brasil, mas, ao mesmo tempo, percebia que era uma oportunidade imensa que não poderia perder. Aos poucos, com as conversas com o professor, a ideia foi ganhando força e a possibilidade da viagem ficando mais concreta. Em novembro de 2012, parti então para Zaragoza, na Espanha, para participar, durante 14 dias, de todas as atividades do grupo geral do Reletran, representando o grupo (*tandém*) da Universidade de Sorocaba. Foi uma experiência e tanto, pela oportunidade de sair do país, encontrar com pessoas de outros países, de outras culturas, que também estavam organizando uma capacitação em seus países, sempre na articulação entre uma universidade e uma organização não governamental local. Esse estímulo para que pesquisadores jovens como eu saiam do país, desenvolvam trabalhos com outros

² A Associação de Formação e Reeducação Lua Nova está em atividade no município de Sorocaba/SP desenvolvendo ações em comunidades em situação de vulnerabilidade com destaque para a questão da drogadição e da exclusão grave.

grupos, é uma marca do modo de trabalhar do meu orientador, faz parte do pensamento e da prática dele em educação – construídos ao longo dos anos no encontro com diversos autores e materializados no grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação. No texto “Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação”, o professor Marcos Reigota traz em detalhes os autores e linhas com as quais o grupo dialoga. Para a construção da minha tese, destaco alguns: Paulo Freire, Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Silvio Gallo, Inês Barbosa de Oliveira, Leandro Belinaso Guimarães, Maria Cecília Focesi Pelicioni, Mary Jane Paris Spink e Peter Spink.

A língua oficial durante o encontro era o espanhol, com a qual tive problemas que não achei que teria. Para mim, acreditava, o espanhol seria fácil, próximo do português, no entanto, levei uns três dias de intenso sofrimento para conseguir me acostumar a ouvir o espanhol, durante os quais eu somente sorria e acenava com a cabeça, pois na verdade eu não entendia mesmo o que eles falavam. Mesmo depois de habituada, era preciso fazer um grande esforço para prestar atenção durante horas e entender o que os outros diziam. Foram dias muito longos de trabalho, ficávamos imersos em atividades com o grupo, desde palestras e treinamentos até exercícios desenvolvidos em cada *tándem*. Foi preciso muita coragem e muita vontade para conseguir participar da melhor maneira possível de todas as atividades.

De volta ao Brasil, a capacitação estava programada para acontecer no segundo semestre de 2013. Divulgamos as vagas, selecionamos os candidatos e marcamos a data de início. Os encontros seriam quinzenais e aconteceriam aos sábados e, a cada encontro, iríamos para locais diferentes, locais estes que foram surgindo e sendo definidos a partir dos contatos e das possibilidades da rede dos colaboradores do curso. O curso, para mim, ainda era uma incógnita, não sabia bem ao certo o que iria acontecer nem como, mas Reigota insistentemente nos lembrava da liberdade que teríamos nessa capacitação, a chance da experimentação, de deixar as coisas irem surgindo e acontecendo e, nesse movimento, darmos sentido ao projeto. Foi uma experiência e tanto poder participar da organização do curso e da realização das atividades, me sentia bem, sem toda aquela burocracia que temos em sala de aula. No curso, era possível estar livre para criar e realizar atividades, experimentar e ver o que podia funcionar.

Na segunda capacitação, que ocorreu no segundo semestre de 2014,

tentamos nos valer basicamente dos mesmos locais onde desenvolvemos a primeira, mas assegurando o espaço para novas atividades e novas experimentações. Assim, fomos também tentando corrigir os possíveis erros da primeira capacitação, mas não como um processo de conserto ou movido por alguma cobrança e sim utilizando a experiência anterior, pensando sobre ela, para tentar fazer com que a segunda capacitação fosse ainda mais proveitosa. A liberdade possibilitada pelo projeto e pelo modo de pensá-lo favoreceu uma troca rica de experiências e conhecimento entre as pessoas.

Escrevendo essa carta, chama minha atenção a importância do conhecimento que cada pessoa tem e a maneira como isso se integra e participa da sua vida acadêmica e do próprio Reletran como um projeto coletivo endereçado para a coletividade.

Bom, penso que consegui contar um pouco sobre mim e o que faço. Por enquanto fico por aqui, espero que você possa me acompanhar, pois pretendo, em cada carta que segue, continuar trazendo minha trajetória pessoal, profissional e, principalmente, como pesquisadora, ao mesmo tempo em que volto meu olhar para os encontros e reencontros acontecidos na segunda capacitação do Projeto Reletran em Sorocaba.

Abraços

De uma jovem pesquisadora

Ariane

Carta de uma pesquisadora em viagem

Escrevo desde Salamanca.

A história começa assim: elaborar um artigo para enviar para o Congresso Internacional do Conselho Europeu de Pesquisas Sociais da América Latina (Ceisal), cujo tema era “Tempos pós-hegemônicos: sociedade, cultura e política na América Latina”, e que aconteceria em julho de 2016, na cidade de Salamanca, na Espanha. Marcos e eu, organizamos mais ou menos os tópicos que seriam abordados no texto, elaboramos um resumo e submetemos ao congresso. O trabalho foi aprovado; agora era necessário, além do resumo, um artigo com os tópicos relacionados. Aí começa o problema: para mim, os tópicos que selecionamos pareciam ser toda a

minha tese, tinha a impressão de precisar dar conta de toda a minha escrita, de todos os assuntos da minha pesquisa em dez páginas. Invariavelmente, quando tenho dificuldades para fazer algo, fico postergando a realização, e era exatamente isso que acontecia com esse texto: era sofrido, me perturbava e toda vez que eu dispunha de tempo para fazê-lo, tudo acontecia: sono, fome, vontade de ir ao banheiro, distração e vontade de deixar isso de lado. Tinha tempo para fazer, mas parecia que aquilo exigia um grande esforço da minha parte e fui adiando. No dia anterior à data máxima de entrega, não havia mais opção, tinha que sentar e fazer o que fosse possível. Fiz e como também sempre acontece quando deixo as coisas para última hora, quando as coisas não fluem, não estava nem um pouco satisfeita com o resultado. Entreguei para o Marcos, para que ele pudesse sugerir as alterações, sabendo que estava ruim, que precisava melhorar bastante. Como o texto iria com o nome dos dois autores, Marcos reorganizou a ordem de algumas coisas e o texto começou a ganhar um outro formato, estava melhor, sem dúvida, mas para mim a sensação de que não conseguiria dar conta de tudo naquele espaço ainda permanecia. Submeti ao congresso e, um tempo depois, a notícia veio: trabalho aprovado para apresentação.

Começa então a segunda parte do problema: ir ou não ir para a apresentação. Essa decisão envolvia muitas coisas e a principal delas era o dinheiro que precisaria ter disponível para a viagem. Marcos me disse que seria muito importante se eu pudesse participar, mas para eu avaliar direito minha condição financeira, não fazer loucura, porque viajar para a Europa não estava nada barato - na época, um euro estava valendo praticamente quatro reais. Fiquei meses nesse dilema, sem saber se iria ou não, se compensava ou não. Já vinha, fazia uns seis meses, guardando dinheiro para a viagem, mas sabia que o que tinha juntado ainda não era suficiente. Conversando com uma amiga, comentei sobre meu dilema e que, se eu conseguisse ir para a Espanha, aproveitaria para conhecer Portugal, que era muito próximo de Salamanca e daria para ir de trem. Ela contou que era seu sonho conhecer Portugal e que, se pudesse, iria comigo. Esse dilema ainda se estendeu por um tempo, até que essa minha amiga recebeu um dinheiro de uma herança e decidiu viajar, assim acabei decidindo me arriscar também e parcelei algumas das despesas. Iria para apresentar o trabalho e conhecer mais alguns lugares.

O planejamento da viagem começou: queríamos ir para todos os lugares e, se possível, em um curto prazo de tempo, conhecer vários países. Fomos ajustando o

planejamento até que decidimos visitar quatro países, fazer uma viagem com mochila nas costas pela Europa com o compromisso de estar na data do congresso em Salamanca. Muita coisa para acertar, reservar, pensar, e fui percebendo que, com o nosso novo planejamento, o que eu calculei que iria gastar aumentou. Mesmo sendo loucura, continuamos os acertos para a viagem.

Minha amiga nunca tinha saído do país e nem viajado de avião, então abriu mão de escolher algumas coisas, já eu, como conhecia alguns caminhos, fui fechando e planejando toda a viagem. Saímos com a convicção de que iria dar tudo certo. O planejamento todo tinha sido feito, cada detalhe tinha recebido atenção e sua devida importância, após muita pesquisa e leitura sobre *hostel*, aeroportos, lugares para conhecer etc. Mas nem tudo sai como o planejado. Logo no primeiro voo, tivemos um atraso de uma hora em São Paulo, e eu sabia que a nossa conexão em Madrid seria de exatamente uma hora. Chegando ao aeroporto de Madrid, que é enorme, e tivemos que passar pela imigração, para finalmente atravessar uma boa parte do aeroporto correndo, com a bagagem de mão pesada, durante 20 minutos, com funcionários do aeroporto gritando, avisando que tínhamos que ir rápido e sinalizando o caminho para não perdermos o voo da conexão. Conseguimos pegar o voo, em uma hora estávamos chegando ao primeiro país, Portugal. Nossa empolgação era grande e muita risada envolvia os pequenos acontecimentos; era bom viajar com companhia; as últimas viagens havia feito sozinha e eu tinha aproveitado bastante, então acreditava que com companhia seria muito melhor.

Chegamos ao primeiro *hostel* que reservamos em Lisboa, parecia mais um recanto espiritual do que um lugar para se hospedar. Nosso quarto não tinha porta e nem parede, as divisões dos quartos eram feitas por lençóis. Isso não era um grande problema, mas, naquele momento, pensei na quantidade de outros lugares onde nos hospedaríamos e o que poderíamos encontrar pela frente, fora a possibilidade de problemas ou de imprevistos. Começaram ali as diferenças de estilo de viagem.

Quando viajo, gosto muito de ler sobre o lugar, sobre o que tem para conhecer, sobre a cultura e sobre o comportamento em geral. Ao decidirmos os lugares para onde iríamos, minha amiga escolheu Portugal por ser um sonho dela e, por isso, organizei a retirada e a entrega do carro que nos permitiria passear com mais liberdade, e disse a ela para ver quais lugares ela gostaria de conhecer, e não me preocupei com esse destino. Como ficaríamos um dia em Lisboa, ao chegarmos lá perguntei a ela quais lugares havia escolhido e ela me respondeu que gostaria de

conhecer Portugal: nenhum lugar específico. Nesse momento, tive a demonstração de que ela não tinha ideia da dimensão da nossa viagem, do quanto poderíamos explorar e conhecer e que, para isso, era necessário um mínimo de planejamento. Nesse momento, brinquei com ela dizendo que Portugal não era Votorantim (uma cidade pequena, vizinha a Sorocaba) e que precisaríamos saber para onde ir para aproveitar mais a viagem no tempo que dispúnhamos. Eu parecia a chata querendo planejar, talvez até controlar tudo, mas tentava fazer isso com o aproveitamento máximo do tempo e dos lugares que iríamos conhecer.

Embora estivéssemos em Portugal, que minha amiga tanto queria conhecer, ela estava ainda presa no Brasil, assegurando-se, com o celular, de se manter dentro do conhecido: estávamos sempre em busca de um wi-fi para que ela pudesse se conectar. Não digo que eu também não me conectava para dar notícias, para enviar fotos e vídeos para meus familiares, mas, para ela, aquilo era constante, uma intensa necessidade de estar conectada a tudo que tinha deixado no Brasil. Numa certa altura, eu, já incomodada com a situação, disse a ela que era ruim ficar buscando em todo lugar conexões liberadas e que o tempo que ela passava no celular me incomodava. Isso a fez sair um pouco do eixo, ela não gostou do meu comentário e perguntou por que eu me incomodava tanto com isso. Respondi dizendo que queria conversar, queria ver os lugares, que se fosse para, a todo o momento, ficar quieta, tinha viajado sozinha. Fui dura na resposta, talvez um pouco grossa, mas iríamos conviver durante vinte e três dias, então não conseguiria ficar sem comentar sobre isso. E apesar da amizade longa, de mais de dez anos, a convivência, ao longo dos dias, trouxe alguns pequenos desencontros. Para mim, era uma experiência nova viajar para longe com companhia, pois não podia impor o meu ritmo e caminhar na minha viagem, como quando viajei sozinha. Quando se viaja com alguém, é necessário tentar enxergar o ritmo, o estilo da outra pessoa. Preocupei-me muito em tentar deixá-la à vontade, mas acredito que, em alguns momentos, não consegui. Tínhamos liberdade uma com a outra para falar o que não estivesse agradando, mas a convivência nem sempre é tão fácil quanto parece: ritmos diferentes, vontades diferentes e maneiras bem diferentes de aproveitar os lugares. Isso não era um grande problema, mas com certeza mudou muita coisa durante a viagem; era interessante poder, através do comportamento do outro, da vivência do outro, olhar para o meu comportamento, para a minha maneira de ser. Creio que eu, com a minha organização, com o meu planejamento, não deixei muita

coisa escapar, um detalhe ou outro para uma viagem em que passaríamos por seis países. Não eram muitas falhas, mas, na minha necessidade de controle, talvez tenha esquecido que, quando envolvemos mais pessoas e situações, não dá para prever ou calcular como as coisas irão ocorrer. Mas fica a pergunta: será que isso é um problema? Não seria essa a parte interessante, a grande riqueza das coisas: o não planejado? Eu via o medo do novo sendo estampado na minha amiga, o tempo todo ela tentava se proteger com o que já conhecia, mas e como eu era perante aquilo tudo? Tinha todo esse desprendimento e vontade do novo como eu imaginava? Peguei-me várias vezes quase negando o novo: experimentar uma comida diferente, fazer algo novo ou de outra maneira, e comecei a me policiar, dizendo para mim mesma: mantenha-se aberta a novas experiências. A insegurança da minha amiga e, talvez, a responsabilidade pela organização da viagem, deram-me a oportunidade de me perceber mais, de perceber os comportamentos que tinha. Sempre ouvi que quando nos incomodamos com algo em alguém de alguma maneira essa pessoa está nos espelhando, está refletindo algo que nos incomoda, que nos afeta. Estava eu preparada para o não planejado? E se não acontecesse como tinha sido planejado, seria de todo ruim? Não tinha o que aproveitar em situações não calculadas?

Bom, muita coisa, durante a viagem, saiu do planejamento, mas isso não quer dizer que deu errado, apenas deu em outra coisa, e acredito que o grande sentido de tudo o que fazemos é saber aproveitar esses outros caminhos; se abrir e enxergar que nem sempre as coisas acontecem da maneira que queremos ou pensamos e que isso não é ruim, porque é uma oportunidade, um espaço para o novo. E apesar de desorganizar a situação e as pessoas envolvidas, tem o lado bom, a possibilidade de fazer mover e buscar produzir sentido para aquela nova situação.

Conhecemos Lisboa, Santarém, Fátima, Porto, e a última cidade de Portugal era Coimbra, onde iríamos pegar o trem noturno direto para Salamanca. O único local onde reservamos carro foi em Portugal, então, a partir de Coimbra, essa regalia iria acabar: dali para frente era mochila nas costas e chinelo no pé, a impressão que eu tinha é que, a partir daquele ponto, a viagem iria realmente começar. No caminho da estação de trem começamos a ter noção do que seria carregar por vários lugares aquelas mochilas, e que mochilas: a minha tinha ficado mais pesada do que eu imaginava, mesmo tendo deixado de levar muitas coisas, mas eu conseguia ajustá-

la ao meu corpo de uma maneira que podia aguentar o peso por um tempo. Já a da minha amiga estava ainda mais pesada, e ela se arrependeu de ter comprado uma mochila, dizia o tempo todo que seria melhor ter comprado uma mala de rodinhas. Desse momento em diante, o peso das mochilas virou um empecilho para a viagem; nos dias de mudança de local, eu sabia que teríamos problemas, e comecei a analisar muito bem as distâncias, os meios de condução, para que o desgaste fosse o menor possível.

Ficamos por mais de seis horas na estação de Coimbra aguardando o nosso trem. Ali já estavam várias pessoas que iriam participar do Ceisal; a todo o momento ouvia um ou outro conversando em português e comentando sobre o congresso. Ali, comecei me dar conta que não era só passeio, estava indo para o ponto principal da minha viagem: a apresentação. Estava com o material pronto, havia preparado uma apresentação no power point com fotos da nossa capacitação que acompanhariam minha fala. Na preparação dessa apresentação, tomei o cuidado de pensar uma maneira em que eu pudesse ficar à vontade durante a apresentação, tornando aquele texto, que me deixava tão insegura e com a sensação de incompleto, uma coisa simples que eu pudesse passar para as pessoas da melhor maneira possível.

Após a noite toda viajando, chegamos a Salamanca, uma cidade do interior da Espanha, pequena, com uma arquitetura muito bonita e bem particular. Nosso hostel ficava muito próximo da estação de trem e, por alguns dias, não iríamos precisar nos preocupar com as mochilas. Naquele dia eu precisava fazer o meu cadastro no congresso, pegar o material, pois a minha apresentação seria no dia seguinte. Fomos até o prédio do cadastro que ficava na praça central da cidade, onde havia uma catedral muito grande, e muitas árvores e flores. Confesso que, ao adentrar na praça, senti dentro de mim aquela sensação de encanto, de olhar algo diferente e sentir algo difícil de descrever, mas que era uma sensação muito boa e, por incrível que pareça, mesmo já tendo passado por vários lugares, essa foi a primeira vez que senti isso. Como é bom chegar em um lugar diferente, que te chama atenção, aquele lugar que parece que você fica que nem bobo olhando tudo e se encantando com cada detalhe, como se fosse uma criança conhecendo algo pela primeira vez. Fiz o cadastro e sentamos na praça para admirar mais um pouco, e começamos a conversar. Confidenciei para minha amiga que ali estava enxergando a importância de estar em outro país para mostrar um pouco do meu trabalho, e ela me disse assim: viajar qualquer um viaja, mas viajar para apresentar

trabalho é para poucos. Naquele momento me emocionei, via ali a importância do incentivo do meu orientador para viajarmos, para levarmos o nosso trabalho para outros espaços; não era só uma viagem, era a oportunidade de poder mostrar em um espaço público o que estava sendo realizado na minha tese. Ficamos um bom tempo ali na praça, papeando, rindo, tirando fotos e admirando o desconhecido.

No dia seguinte, fomos juntas para o prédio onde seria minha apresentação. Logo que cheguei à sala, encontrei com o Marcos – como é bom encontrar com pessoas conhecidas nessas situações –; conversamos e ele me disse que o meu trabalho seria o primeiro a ser apresentado e que eu sabia que ele não ia dizer nada, que somente eu iria falar. Estava um pouco ansiosa, talvez insegura, mas o fato de ele estar ali, junto, mesmo não falando nada, me tranquilizava. As pessoas daquela seção começaram a chegar, eu me sentia um pouco deslocada, não sei se por causa da língua, pois ali todos falavam o espanhol e eu tinha que me esforçar para entender o que diziam. Participavam daquela seção mais três pessoas conhecidas: Claudia Patricia Sierra Pardo, Johannes Kniffki e Christian Reutlinger, todos envolvidos com o Reletran. E o Huarley Mateus do Vale Monteiro, que foi orientando do Marcos, participou também. Bom encontrar com eles.

Havia outras pessoas na sala acompanhando a seção. Eu tinha a possibilidade de apresentar em português, o que me deixou muito mais tranquila. Além das fotos que projetei, levei no meu caderno os tópicos sobre os quais eu ia falar, sentia um frio na barriga, é um pouco difícil escolher as palavras no começo. Devagar, fui ficando à vontade, talvez pela língua ou por conhecer algumas pessoas que ali estavam, talvez por ter montado uma apresentação que me deixava mais confortável ou ainda simplesmente pelo fato de saber sobre o que estava falando, podia apresentar ali, para todos, o nosso trabalho desenvolvido aqui em Sorocaba, a segunda capacitação, todos os lugares que visitamos, isso fazia sentido para mim, pois eu participei e vivi cada momento dos encontros, então as coisas foram ficando um pouco mais simples.

Feita a apresentação, foi aberto espaço para as perguntas. Eu já sentia uma sensação de dever cumprido, quando o Johannes põe a seguinte questão: como vocês trataram o conceito de comunidade? Não esperava por essa pergunta, de algum modo ela não fazia parte do que havia imaginado ou calculado para esse encontro. Tento mentalmente formular uma resposta ou acessar algum momento em que definimos esse conceito, mas não existe, não encontro. Trabalhamos em vários

lugares, várias comunidades, passamos por muitos lugares, conversamos e refletimos sobre muitas coisas, mas o conceito de comunidade não foi trabalhado pontualmente. Nesse momento, Marcos pergunta se vou responder ou prefiro que ele responda, com um certo alívio pedi para ele responder. A resposta foi no caminho dos meus pensamentos, mas provavelmente eu não conseguiria formulá-la daquela maneira. Agora, escrevendo essa carta, posso me arriscar a trazer, com as minhas palavras e com o meu entendimento, o que Marcos disse. De acordo com ele, o conceito de comunidade foi e está sendo construído, não é algo definido, é algo que está em um processo de construção, que vai se formando na medida em que o sentimento de pertencimento vai acontecendo. Nossa, como aquela resposta fazia sentido para mim, não tinha mesmo um conceito fechado, não nos prendemos em definir um conceito ou outro, mas nos preocupamos, sim, durante a capacitação, em fazer e desenvolver atividades sem o engessamento de um conteúdo programático, em construir um conjunto de encontros e atividades que fizessem algum sentido para os participantes e que possibilitassem a reflexão.

Terminada a apresentação, tinha reservado um lugar na roda de carteiras, na parte da frente da sala, que tinha se formado para os participantes sentarem. Uma moça que chegou durante a minha apresentação sentou no meu lugar. Fiquei um pouco deslocada, não tinha mais lugar ali, e como minha amiga estava no fundo da sala, sentei-me perto dela. Durante as apresentações seguintes, Marcos pediu para que nós sentássemos mais próximas, como se fosse um pedido dele de aproximação minha com as pessoas daquela seção. Ainda me sentia um pouco sem lugar, não pertencendo tanto àquele espaço, então fiquei por boa parte no fundo e, quase no final, quando surgiu um espaço, sentei na frente novamente.

Passamos a tarde ali, acompanhando os trabalhos. Das oito apresentações, a minha foi a única em português. Preciso dizer que não compreendo com facilidade o espanhol falado (cada um fala de um jeito a própria língua), ainda mais quando a velocidade da fala é grande, por isso eu despendia um imenso esforço para me concentrar, precisava olhar bem para a pessoa que estava falando para tentar absorver alguma coisa. Como uma língua tão próxima da nossa em alguns momentos parece ser tão distante? Quase no final do dia, o Johannes e o Christian foram apresentar o trabalho deles. Essa apresentação, eu sabia, falaria diretamente sobre o Reletran, então prestei uma atenção maior. Os dois pesquisadores fizeram a apresentação em espanhol, o que só fez crescer a dificuldade com a língua: nem

tudo eu conseguia entender e, para mim, era mais fácil compreender o espanhol do Johannes do que o do Christian. Mas vou me arriscar a comentar um pouco o trabalho deles a partir do meu ponto de vista, do que eu entendi e consegui absorver naquele momento. Eles fizeram uma abordagem mais geral do Reletran, não privilegiaram um *tandém* (grupo) específico, como eu. Discorreram sobre a necessidade inicial de se criar algo novo, falaram bastante sobre o diálogo de saberes, e a importância de ouvir as pessoas. Falaram também um pouco, da perspectiva deles, sobre o resultado do projeto e, no meu entendimento, foi como se concluíssem que o projeto não tivesse dado certo, não tivesse sido o que eles esperavam. Eles encerraram a apresentação com uma frase: os olhos estão abertos, porém não vemos nada. Fiquei intrigada com esse ponto de vista em relação ao projeto, mas também em dúvida sobre se realmente tinha entendido o que eles queriam dizer. Logo após a apresentação, Marcos fez uma intervenção, também falou em espanhol, para mim um espanhol um pouco mais claro, dizendo, segundo meu entendimento, que aquele ponto de vista deveria ser revisto, que seria conclusivo demais dizer que tudo o que foi realizado naquele projeto não teria dado certo, e que seria uma pena considerar que o que aconteceu em tantos lugares não tivesse dado resultado algum, que talvez esse resultado não tenha sido como eles imaginaram ou esperaram, e que por isso dizer que nada foi criado ou que tudo deu errado era muito, porque em cada lugar, muita coisa boa tinha sido criada e feito sentido para as várias pessoas participantes do projeto.

Eu entendo, e agora dizendo com as minhas palavras, que seria precipitado e até injusto dizer que deu errado, que todo o trabalho de dois anos, todos os encontros, todas as pessoas envolvidas não produziram algo significativo. E se, ao invés de buscar um resultado macro, geral do projeto, fossem consideradas as particularidades e as especificidades de cada local, cada região, cada coletividade, cada grupo, cada universidade? Os resultados e as transformações poderiam ser percebidos. Talvez o planejado inicialmente não tivesse acontecido, mas daí a concluir que o projeto não deu resultado vai uma grande distância, pois o projeto, de alguma maneira, transformou algo em cada pessoa e cada grupo participante – e apreender isso é, aliás, a minha pesquisa. Assim quero reforçar a importância do não planejado e seus ganhos na busca da produção de sentidos, na produção de conhecimentos, na construção de novas experiências na formação e na educação.

Bom, havia encerrado minha estadia em Salamanca, mas a viagem ainda iria

seguir – tanto aquela em que percorreria outros países quanto aquela em que construiria minha tese.

Aproveito aqui para contar um episódio, dos muitos que aconteceram na viagem, e que considero valioso para pensar. Lá estávamos eu e minha amiga que não falava nada de nenhuma outra língua e em todo lugar onde chegávamos ela se sentia insegura em relação à comunicação. Acredito que o poder de se comunicar é uma das piores perdas que o ser humano pode experimentar, pois ele se sente preso, se sente perdido em outra dimensão. Minha amiga se sentiu, numa certa altura da viagem, como se estivesse em Marte, tal como eu na primeira vez em que saí do Brasil para participar de uma reunião do Reletran. Senti e pude observar na minha amiga a dificuldade e a insegurança que ela sentia com a língua, e como isso fazia com que ela dependesse de mim em vários momentos: pedir informação, fazer um pedido em algum restaurante, comprar alguma coisa em lojas, comprar passagens para os lugares que iríamos conhecer, enfim, ela foi perdendo esse poder de se comunicar conforme fomos seguindo viagem para outros lugares com línguas diferentes. Não via da parte dela esforço para tentar se comunicar em outra língua, ela dizia que as pessoas tinham que entender o português dela, o que não acontecia. Eu não concordava, achava que, na verdade, o esforço e o entendimento teria que ser da parte dela também, se ela estivesse disposta, de uma maneira ou de outra, a comunicação seria possível.

Num certo ponto da viagem, quando ela já havia perdido inteiramente o poder da língua – estávamos na Holanda –, ela se desesperou: se viu em um lugar diferente, com pessoas diferentes e sem entender nada. Mesmo nós estando juntas, mesmo eu o tempo todo fazendo a intermediação da comunicação, ela saiu do eixo, e decidiu interromper a viagem e voltar para o Brasil. No momento em que essa situação se configurou, eu não entendia bem o que estava acontecendo, pois, em cada lugar, eu tentava me inteirar do que era a cidade, quais eram os costumes que eles tinham, fazia um esforço de algum pertencimento naquele lugar. De uma maneira ou de outra, eu acabava me sentindo em casa em cada *hostel*, em cada cidade por onde passávamos. Ela, talvez pela dificuldade da língua, ou pelo estilo de viagem diferente do que estava acostumada a fazer ou simplesmente pelo estilo pessoal, ou por tudo isso junto, não conseguia: buscava o tempo todo se proteger do diferente, do desconhecido. Mas acredito que, em tudo o que aconteceu, eu acabei colaborando; fazia com que ela tivesse que mudar de lugar e, mesmo com

resistência, se abrisse para as coisas. Essa saída do eixo entra na lista dos não planejados, algo que eu não esperava e não tinha como imaginar que pudesse acontecer, tampouco como reagiríamos. Penso que soube lidar melhor com a situação, dei a ela espaço para pensar no que tinha acontecido e em como iria resolver aquilo. Em um primeiro momento, ela decidiu interromper a viagem e buscar um voo para retornar ao Brasil, eu deixei, acho que cada um sabe até que ponto consegue aguentar ou levar as coisas. Mas ela mesma, sozinha, com o tempo, viu que aquela não era a melhor solução e decidiu continuar a viagem. Acho que esse momento foi necessário, pois pôs em cheque o que tínhamos planejado e pensado sobre como as coisas seriam. Tudo aconteceu de um outro jeito, mas acredito que do melhor jeito que poderia acontecer. Se não tivéssemos vivido situações como essa, não seríamos forçadas a pensar, a enfrentar o que não sabíamos ou não conhecíamos; essa desorganização é muito importante, pois afeta o modo de perceber as coisas e nos tira do lugar, nos tira do seguro, do conhecido. Esse movimento de saber lidar com as situações novas exige um esforço para criar sentido para as coisas, para criar modos de pertencimento, e para isso é necessária essa abertura. Mesmo que muitas das situações sejam impostas, abrem-se novos caminhos e novos conhecimentos são possíveis. Quando viajo, tento não me prender a regras e conceitos já preestabelecidos, tento me manter na abertura para o desconhecido, sei que muitas vezes isso é difícil, mas entendo que é necessário buscar sentido em outras experiências, em outros espaços. E essa abertura não deve acontecer somente com uma viagem para fora do país – claro que essa mudança drástica de local, de língua, de costumes, facilita –, mas no nosso cotidiano: dar espaço para o novo a cada dia, a cada caminho percorrido, a cada aula dada. Não ter medo do desconhecido e manter essa disposição de viajante é primordial, é buscar estar aberto a novas possibilidades o tempo todo. É se abrir para o outro – desde um caminho novo, um lugar novo, um emprego novo ou ao ministrar uma nova disciplina.

Encerro aqui mais uma carta, e espero que possa continuar me acompanhando nessa viagem.

Abraços

De uma viajante

Ariane

Rotas não planejadas

Acredito que fazer pesquisa, construir uma tese e viajar são ações que não conseguem percorrer uma trajetória linear, o tempo todo vivemos alguns desvios de rota, imprevistos, coisas acontecem.

Algumas pessoas tem a necessidade do controle, do planejamento, eu dentre elas. Fazemos planejamentos de praticamente tudo o tempo todo, mas nem tudo se encaixa ou acontece dentro dele. A grande maioria das coisas acontece fora disso. Um atraso, um local diferente, uma pergunta inesperada, uma situação não prevista, são inúmeros os não planejados no nosso dia a dia.

Mas como lidar? A diferença é sempre a nossa reação em relação ao acontecido. O não planejado afeta o nosso estar no mundo, o modo de enxergar as coisas, nos força a criar algo, a agir de um modo com o qual não estamos acostumados.

Acredito que é o não planejado que nos move diariamente. Esses acontecidos que nos tiram da zona de conforto, nos tiram da mesmice, nos tiram da rotina. E ao mesmo tempo em que nos desorganizam, nos forçam a criar novos caminhos e soluções, a usar o que conhecemos, o que sabemos, para procurar uma resposta. Os imprevistos e as novas situações são experiências que nos forçam a produzir novos sentidos para o que se passou conosco. Na realidade, não crescemos, não mudamos se as coisas acontecerem exatamente como planejamos.

Por que falar do não planejado? Da mesma maneira que minha trajetória de vida teve alguns desvios de rota que não foram possíveis controlar, a minha vida acadêmica também teve e tem. A construção da tese se dá num entrelaçamento da minha vida pessoal e profissional, e essa com certeza segue rumos às vezes não planejados. Tudo isso nos convida a olhar para o Reletran de uma outra maneira.

2 CAMINHANDO COMO EM ABBEY ROAD

2.1 Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional

O projeto Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional (Reletran) reuniu, de 2012 a 2014, doze universidades e onze organizações não governamentais na Europa e América Latina com o objetivo comum de desenvolver e implementar programas de formação na área da comunidade e trabalho comunitário (KNIFFKI; REUTLINGER, 2015).

No Brasil, duas cidades participaram do projeto: Divinópolis, no estado de Minas Gerais, e Sorocaba, no estado de São Paulo. Em Sorocaba, foco do nosso estudo, o projeto contou com a participação da Universidade de Sorocaba e a organização não governamental Lua Nova.

O objetivo do projeto Reletran era formar uma rede ligando diferentes universidades, faculdades, instituições e organizações, no campo da prática, em proveito da construção de conhecimento em um contexto transnacional (KNIFFKI; REUTLINGER, 2015).

Em Sorocaba, foram organizadas duas capacitações dentro do projeto Reletran, a primeira, em 2013, e a segunda, em 2014. Desde a primeira capacitação, os colaboradores foram se organizando a partir das redes de conhecimento já existentes: professores da Universidade de Sorocaba (Uniso), participantes do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação (Uniso), bolsistas do Programa de Iniciação Científica, professores de outras universidades da cidade e da região e professores de diferentes áreas de conhecimento da própria Uniso. Para a organização e participação nas duas capacitações, realizadas, respectivamente, em 2013 e 2014, todos os colaboradores atuaram de forma voluntária e, a cada encontro, outras redes de conhecimento foram sendo construídas. A segunda capacitação foi organizada no período de 23 de agosto a 13 de dezembro de 2014, sendo realizados oito encontros quinzenais, sempre aos sábados.

É sobre os encontros deste segundo curso da capacitação que concentramos nosso trabalho investigativo que, no decorrer da tese, serão apresentados, mas não necessariamente seguindo a ordem cronológica em que aconteceram, pois eles foram agrupados por temas e, por esse motivo, irão aparecer ao longo do texto

segundo a sequência dos temas.

Cronologicamente, o primeiro encontro aconteceu no dia 23 de agosto de 2014 na Escola Estadual Benedito Leme Vieira Neto em Salto de Pirapora, onde a colaboradora do Reletran, Carmem Machado, trabalha. O segundo foi realizado no dia 6 de setembro de 2014, na Floresta Nacional de Ipanema, que se localiza no interior do estado de São Paulo, na cidade vizinha a Sorocaba, Araçoiaba da Serra. Em 20 de setembro de 2014, aconteceu o terceiro encontro, na SOS, um abrigo temporário para moradores de rua. O quarto encontro ocorreu em outubro, no dia 4. Esse encontro se deu no Centro Esportivo "Joaquim Martins", no Bairro Brigadeiro Tobias, em Sorocaba. Nosso quinto encontro foi realizado no dia 18 de outubro, na Associação de Convivência Novo Tempo, situada na cidade de Araçoiaba da Serra, também uma cidade vizinha de Sorocaba. No dia 1 de novembro, fizemos o sexto encontro, desta vez na Faculdade de Educação Física de Sorocaba (Fefiso). O sétimo encontro, realizado no Centro de Educação Infantil CEI – 23 Dolores Cupiam do Amaral, no bairro Jardim dos Estados, ocorreu no dia 29 de novembro. Por fim, o último, que deveria ocorrer no dia 13 de dezembro e seria no Viveiro de Projetos, em razão do tempo chuvoso que dificultava o acesso ao lugar, foi realizado no ano seguinte, em 2015, no dia 28 de fevereiro.

Percorremos nesses oito encontros uma grande distância e de modos diferentes, a cada local fomos criando laços, construindo uma rede, e todo esse caminho percorrido vai muito além do que apenas uma distância medida em quilometragem. Mas a maneira como percorremos essa distância em quilometragem também tem sua importância, e isso será contado para vocês mais adiante no texto.

Quadro 1 - Locais e distâncias percorridas

Encontro	Ponto de encontro	Local do encontro	Distância (Km)
1º	Universidade de Sorocaba Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5 - Vila Artura, Sorocaba	Escola Estadual Professor Benedicto Leme Vieira Neto Rua Francisco Roberto Daniel, 298 - J. Bandeiras, Salto de Pirapora	30,9
2º	Estacionamento Supermercado Dia Av. General Carneiro, 914 - Vila Lucy, Sorocaba	Floresta Nacional de Ipanema Rodovia Castello Branco, s/n - Zona Rural, Araçoiaba da Serra	21,8
3º	Universidade de Sorocaba Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5 - Vila Artura, Sorocaba	SOS Sorocaba R. Francelino Romão, 100 - Vila Rica, Sorocaba	15,3
4º	Universidade de Sorocaba Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5 - Vila Artura, Sorocaba	Centro Esportivo "Joaquim Martins" Av. Bandeirantes, 3963 - Brigadeiro Tobias, Sorocaba	4,2
5º	Estacionamento Supermercado Dia Av. General Carneiro, 914 - Vila Lucy, Sorocaba	Associação Novo Tempo Estrada Mun., 381 - Parque Monte Castelo, Araçoiaba da Serra	16,9
6º	Universidade de Sorocaba Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5 - Vila Artura, Sorocaba	Fefiso Rua da Penha, 680 - Centro, Sorocaba	13,9
7º	Universidade de Sorocaba Rodovia Raposo Tavares, Km 92,5 - Vila Artura, Sorocaba	CEI 23 - "Dolores Cupiam do Amaral" R. José Marchi, 456 - Jardim dos Estados, Sorocaba	13,3
8º	Terminal de ônibus de Sorocaba (Terminal São Paulo) Rua Leopoldo Machado, 259 - Centro, Sorocaba	Viveiro de Projetos Estrada da Araçoiabinha, 420 - Sorocaba	15,7
Total			132,0
Total ida e volta			264,0

Fonte: elaborada pela autora a partir de dados da internet

pedagógicas e sociais cotidianas.

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos [...] os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos. (BOURDIEU, 1987, p. 4).

2.2 Do caminho percorrido e do modo de percorrê-lo

Narrativas: uma opção metodológica

A pesquisa tem como base empírica as narrativas dos participantes e colaboradores do referido curso. Após cada encontro realizado, os participantes, assim como os colaboradores, eram solicitados a nos enviar uma narrativa das suas observações sobre o que havia sido discutido e experimentado nas atividades daquela semana. Era do conhecimento de todos que essas narrativas seriam utilizadas na tese.

A opção pela pesquisa narrativa está relacionada com a produção teórica do grupo Perspectiva Ecologista de Educação da Uniso em diálogo com outros grupos e pesquisadores, no Brasil e no exterior, que se dedicam a aprofundar e ampliar essa estratégia metodológica que é também epistemológica e política, enfatizando

[...] o potencial pedagógico das trajetórias e narrativas e o seu potencial político para dar visibilidade às práxis cotidianas e enfatizar que estas práxis devem ser consideradas tanto na elaboração e execução de políticas públicas quanto em processos de formação profissional (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 123).

Nilda Alves (2000) pontua a importância das narrativas do nosso cotidiano ao nos convidar a considerar que a narrativa é o gênero primordial dos seres humanos. Desde a infância, são as histórias que ouvimos e contamos que vão marcando

nosso ser e estar no mundo. De lendas e contos a relatos de vida, são as narrativas que nos constituem por meio da linguagem que, por sua vez, é por nós constituída. São elas, narrativas orais e também escritas, que vão tecendo a memória do que somos, na esfera privada e profissional, nos tempos e espaços de convivência, nas diversas redes em que estamos inseridos.

Narrar histórias é, então, uma vasta experiência humana. Vasta tanto no tempo, pois era assim que os gregos contaram a Ilíada, como no espaço, já que pode ser encontrada em todos os espaços deste planeta, até hoje. Mas, ela é bem mais funcional nos espaçotempos culturais cotidianos, nos quais 'conta' – no sentido de ter importância - tanto a oralidade como a memória oral (ALVES, 2000, p. 5).

Outros autores com os quais dialogamos explicam que as narrativas têm um espaço teórico metodológico bem delineado dentro da educação no Brasil. A pesquisa com narrativas pode revelar, nessa direção, saídas, diagnósticos e caminhos para os seus casos diários (CATUNDA; FORTUNATO, 2011).

Uma outra autora com a qual dialogamos, Inês Barbosa de Oliveira (2010), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), da qual o nosso trabalho mais se aproxima, observa que as narrativas possibilitam a contextualização dos espaços dos acontecimentos e das personagens com as quais aprendemos cotidianamente. Para a autora, “narrar é (re)introduzir a seta do tempo, os espaços dos acontecimentos e as personagens com que aprendemos sabendo que a vida não será resultado apenas da aplicação do já aprendido.” (OLIVEIRA, 2010, p. 16).

Dessa forma, consideramos, com os demais pesquisadores e pesquisadoras que utilizam esse caminho metodológico nos seus trabalhos empíricos, que as narrativas contribuem para a compreensão de múltiplas realidades, cotidianos e ambientes constitutivos da sociedade em que vivemos e que elas expressam possibilidades epistemológicas e políticas. Consideramos ainda que o que potencializa as contribuições das narrativas, sejam elas musicais, imagéticas, textuais ou orais, são os múltiplos olhares e realidades que configuram a sociedade e o que eles expressam, possibilitando, assim, a queda do que a modernidade nos ensinou – normas e regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia entre teoria e prática e de toda a produção feita a partir dessas regras (OLIVEIRA, 2010) – ampliando a realidade social que vivemos e os modos de compreendê-la.

Temáticas Ambientais: uma perspectiva

Ao longo do caminho e da prática das capacitações, as temáticas ambientais têm uma grande importância, e irão permear a tese toda.

Podemos pensar como temáticas ambientais qualquer ato de preocupação ou cuidado que podemos ter para com o meio ambiente. Temos, no grupo de participantes da capacitação, muitas pessoas envolvidas com essas temáticas, por isso em todos os encontros procuramos assegurar sua presença como reflexão/prática de formas variadas, o que será pontuado durante o texto todo.

Portanto, atentar para a quantidade de lixo que produzimos no nosso dia a dia, os tipos de alimentos que consumimos, a quantidade de papel, copos plásticos e sacolas que utilizamos, são pontos importantes. Assim como a intensa utilização de veículos que temos hoje em dia, considerando ainda que a grande maioria dos carros não utiliza a sua capacidade completa, sendo normalmente ocupados por uma única pessoa, o que nos leva a pensar sobre o impacto que isso causa no meio ambiente e, principalmente, em qual é a dimensão da discussão dessas temáticas ambientais em capacitações em cursos de extensão em universidades comunitárias. Uma vez que nossos problemas e necessidades ambientais são muitos, é importante pensar o quanto a universidade acaba se distanciando desses pontos nos seus cursos.

Conforme Emilio Moran, a solução para esses problemas ambientais encontra-se dentro de nós, e está intimamente ligada a nossas escolhas, devendo

[...] começar com o indivíduo e com o compromisso de resistir às forças do consumismo global em favor de uma concepção que vê o planeta como nosso lar – hoje correndo riscos por causa das políticas que não dão valor aos bens e serviços ambientais. (MORAN, 2008, p. 232).

Nesse sentido,

Nós, em lugares específicos, precisamos trabalhar dentro das restrições e das oportunidades proporcionadas pelo ambiente físico, social, econômico e cultural. Por isso, na solução dos problemas ambientais, devemos considerar nosso comportamento não apenas como o “problema”, mas também como fonte de soluções. (MORAN, 2008, p. 24).

Mas isso que chamamos meio ambiente e questões ambientais, a nossa maneira de entendê-los, de nos relacionarmos com eles, de agirmos, vai sendo construído no nosso cotidiano, e aí se inclui o cotidiano escolar. Como diz Godoy (2014, p. 185),

[...] a experiência do espaço escolar ensina às crianças e aos jovens a pensarem e se comportarem de acordo com codificações em relação às quais o ambiente é colocado como anterior às relações, como construção anterior à experiência. Essa imbricação entre ambiente e espaço escolar aparece associada a práticas que pressupõem a adequação dos comportamentos, de maneira que ao ambiente está sempre vinculada uma qualidade ou uma propriedade fundamentada em juízos de valor, tais como: saudável, puro, limpo, agradável ou, em outra escala, perigoso, sujo, inadequado, nocivo ou imoral. (GODOY, 2014, p. 185)

É preciso, portanto, mudar nossa maneira de pensar, abandonar os juízos de valor, para que possamos perceber as coisas, os lugares, as pessoas e suas relações como o que “faz” o ambiente.

Trabalhamos, em muitos estudos, com lugares nos quais havia algo de “natureza”, ou seja, de territorialidades com certas doses de preservação da biodiversidade. Estávamos – mesmo que utilizando referenciais advindos dos estudos culturais que nos faziam questionar o tempo todo o que praticávamos – imiscuídos em uma educação ambiental através da qual queríamos preservar não apenas os ambientes tidos como mais “naturais”, mas conservar, resgatar, manter (seja o verbo que quisermos escrever) coletivos humanos com certas doses de “tradição”. Esta última, tomada por nós como própria a um lugar e a um coletivo humano. (GUIMARÃES, 2012, p. 76)

Estes autores que reunimos aqui nos oferecem não só uma perspectiva mais ampliada de meio ambiente, mas também da própria prática da educação.

Comunidade: um conceito em construção

Comunidade é um conceito que permeou os encontros da segunda capacitação, mas não como um conceito pontual, definido, pronto e sim como construção de uma ideia. Esse conceito, inacabado e dinâmico, vem se construindo à medida que experimentamos o pertencimento nos locais que convivemos, participamos.

Recupero aqui o texto de Huarley Mateus Monteiro e de Marcos Reigota em proveito de uma melhor compreensão do conceito de comunidade tal como o usamos.

Dicho de otro modo, se aplican las experiencias entrelazadas por el movimiento constante, resultando en nuevas relaciones sociales, en nuevas comunidades, con espacios y tiempos no definidos y sin la intención de definición. (MONTEIRO; REIGOTA, 2013, p. 106).

Nesse sentido, o conceito de comunidade por nós trabalhado durante a

capacitação e que tomamos para essa tese permanece em aberto, importando mais o seu processo permanente de construção. Ele toma força conforme, durante a capacitação, vamos atravessando os vários locais e reconhecendo as pessoas que estão ali e suas práticas e com elas refletimos sobre nossa atuação e pertencimento.

Frente a los intentos conservadores y autoritarios para forjar una comunidad singular de “falsos sujetos de derechos y oportunidades iguales”, surge el Brasil diverso, de las márgenes, de los confines, de las enormes desigualdades sociales, económicas y culturales. Otros “sujetos de la historia” (Paulo Freire) entran en juego, enseñan otras nociones y tesis de pertenencia (de clase social, etnia, orientación sexual) y de comunidad. (MONTEIRO; REIGOTA, 2013, p. 105).

Desse modo, não podemos definir comunidade somente pelo espaço geográfico ou por suas fronteiras. As práticas nos locais permitem que as pessoas estabeleçam uma relação entre elas, um compartilhamento, e isso vai muito além do espaço físico, se estendendo para outros locais, outras relações e outros momentos.

Este elemento simbólico transitorio, de un punto a otro y de tesis de comunidades de pertenencias, no es el resultado de una frontera geopolítica, sino de la pulsación, del dinamismo y de los cruces culturales y sociales de las personas y de los grupos situados y en movimiento en grandes espacios urbanos, en las fronteras geopolíticas y subjetivas [...]. (MONTEIRO; REIGOTA, 2013, p. 106).

Assim, mais importante que uma definição, é pensarmos que, com esse compartilhamento e consequente sentimento de pertencimento, abrem-se possibilidades de conquistas desses espaços por pessoas que vêm das margens, ampliando o reconhecimento de si e dos locais onde atuam e participam.

Son estas similitudes y singularidades con que los sujetos anónimos de la historia brasileña contemporánea simpatizan, denuncian y se interconectan los dolores comunes a que fueron sometidas las comunidades de sujetos por las políticas neoliberales. En este proceso pedagógico, político, cultural y social de conocimiento y de reconocimiento de sí mismo y del otro, se construyen comunidades y se amplía la noción de ciudadanía. (MONTEIRO; REIGOTA, 2013, p. 108).

Esse conceito de inacabamento caminha junto com as ideias de Paulo Freire, quando ele diz que nunca estamos prontos, estamos sendo construídos e transformados o tempo todo; nós e os espaços que tomamos como nossos estão em constante mudança, de modo que

[...] o que se pretende investigar, realmente, não são os homens como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento - linguagem referido a realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão de mundo, em que se encontram envolvidos seus "temas geradores". (FREIRE, 1978, p. 103).

Nesse sentido, o conceito de comunidade nunca está pronto, ele vai sendo construído e transformado pela prática, no cotidiano, na medida em que a própria comunidade é praticada a partir dos saberes de cada um. Como escreve Walter Ferreira de Oliveira, um dos organizadores do livro *Pedagogia da solidariedade*, comentando o seminário *Educação e Justiça Social* dado por Paulo Freire:

Há, portanto, que pensar nas maneiras práticas de inserir os grandes temas relacionados à construção de uma sociedade justa, humanizada e solidária no processo de desenvolvimento das pessoas como cidadãos. (OLIVEIRA, 2014, p. 125).

Esse conceito de comunidade além de ser entendido como inacabado, precisa ser entendido em sua amplitude, como bem mostram Huarley Mateus Monteiro e de Marcos Reigota e que se aproximam das colocações de Henry A. Giroux no prefácio ao livro *Pedagogia da Solidariedade*. Nas palavras do autor, para Paulo Freire:

[...] a justiça e a responsabilidade são centrais para honrar a experiência, as vozes e as crenças que os estudantes trazem à sala de aula, e quão importante é não somente afirmar estas vozes, mas também nossa responsabilidade como educadores de apoiá-las para que elas se tornem mais do que são, para expandir o conhecimento que elas trazem para a sala de aula e expandir o senso de comunidade e solidariedade que vai além de suas famílias, aldeias, bairros e mesmo nações. (GIROUX, 2014, p. 125).

2.3 Universidade comunitária, o caso da Universidade de Sorocaba

Ao tentar definir alguns dos conceitos que permeiam a minha tese, como, por exemplo, o que é e como se constitui uma universidade comunitária, deparo-me, em minhas leituras, com uma quantidade grande de leis, de concepções sobre o que é uma universidade comunitária e suas características. A cada texto, diante de tantas leis e diretrizes, me questiono o quanto toda essa legislação é de fato relevante ou faz alguma diferença e o quanto influenciam na real prática das universidades comunitárias.

Acompanhada por estas questões, dúvidas justas quando estamos mais

imersos na prática, vou reunir algumas definições sobre o que é comunitário e como a universidade comunitária se caracteriza. Para começar:

O adjetivo comunitário deriva-se de comunidade e, assim sendo, o termo, para definir uma universidade, pode ser utilizado tanto pelas instituições confessionais quanto pelas instituições laicas, pertencentes a outras ramificações institucionais nascidas das chamadas comunidades regionais, não geridas e/ou mantidas pelo Estado, sem vínculo com igrejas (ou congregações religiosas) e organizações privadas. O termo comunitário pode ser utilizado levando-se em consideração tanto a natureza jurídica da mantenedora (fundação ou associação) quanto a iniciativa organizacional que inspira a missão da universidade (laica ou confessional). (PINTO, 2008, p. 190).

Morosoni e Franco, em artigo voltado para a caracterização das universidades comunitárias, trazem, na fala de alguns gestores, os seguintes pontos:

[...] enorme condição de ação na comunidade: isso se reflete no número de alunos entrando, na receptividade da comunidade por nossos egressos" (E3). "Trabalhar com a comunidade é essencial: [...] se não houver interferência [da universidade] para melhorar o meio, a universidade não pode existir. Então, universidade sem comunidade não acontece (E3, p. 5). (MOROSINI; FRANCO, 2006, p. 61).

Os textos sempre assinalam a diferença entre universidade confessional e universidade comunitária, e Pinto (2008) traz bem pontualmente essa diferença:

Verifica-se, nesse contexto, que a separação entre o confessional e o comunitário existente na LDBEN traz à tona a ideia de que o primeiro termo, por si só, não contém a característica de comunitário, pois as instituições caracterizadas apenas como confessionais nascem com base em doutrinas religiosas. Já a **natureza comunitária precisa ser construída e reconstruída**, ficando clara, no texto legal, a necessidade de participação da sociedade nesse processo e na tomada de decisões. No entanto, pode-se fazer uma combinação entre esses tipos de instituições sem descaracterizá-las, ou seja, os termos podem se unir para melhor definir ou caracterizar uma IES, como a própria Lei estabelece. (PINTO, 2008, p. 189, grifo nosso).

De outra parte, Bento (2014), outro estudioso do papel social da universidade, observa que essa instituição não pode deixar de assumir a sua parcela de responsabilidade pela sustentabilidade e pelo desenvolvimento da comunidade e do contexto no qual ela se insere. Exige-se, portanto, que ela se torne um centro promotor do desenvolvimento cultural, científico, social e tecnológico, tomando posição e formulando propostas, promovendo atividades inovadoras e empreendedoras e apostando na oferta de serviços relevantes para a resolução de problemas locais.

No entendimento de Vannuchi (2004), as universidades comunitárias devem procurar corroborar e revelar, a todo o momento, um conjunto de convicções e de motivações fundamentais na vida cotidiana, relacionados com os conhecimentos, experiências e necessidades da comunidade.

Segundo o mesmo autor, a abertura da universidade, de forma geral, para além dos seus próprios muros, significa possibilitar a entrada e presença dos saberes do povo no seio da vida acadêmica, numa fecunda circulação de acervos comunicantes, todos convergindo para a produção de conhecimento de significação social.

Nesse sentido, a missão de uma universidade comunitária como a Uniso está profundamente relacionada com a vida cotidiana e com a possibilidade de transformação das injustiças sociais. Busquei no site da Uniso a sua missão:

Ser uma Universidade Comunitária que, por meio da integração do ensino, da pesquisa e da extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e Região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos.

Ainda no site da Uniso, temos a Portaria nº 628, de 30 de outubro de 2014, onde a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior institui a Uniso como uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES).

Pinto (2008) apresenta detalhadamente os aspectos históricos das constituições jurídicas das escolas comunitárias, mas, para minha pesquisa, interessa mais particularmente a Uniso, onde as capacitações do Reletran aconteceram. Assim, o mais importante das características em geral das leis é como a Uniso se coloca perante a sociedade e como ela vai se constituindo como uma universidade comunitária.

Para Romaguera e Pimenta (2015), isso se delineia pelo modo como é concebida no interior da organização do Ensino Superior, como é gerida e o que visa.

[...] a UNISO está concebida como Universidade Comunitária [...] tanto pela propriedade como pela gestão, pois é propriedade da comunidade e não do Estado nem de particulares. Por isso, para geri-la, além do Conselho Superior da sua Entidade Mantenedora, presidido pelo Arcebispo da Arquidiocese de Sorocaba e integrado por mais oito membros categorizados da sociedade sorocabana, a UNISO conta com colegiados internos, dentre eles, o Conselho Universitário – CONSU, formado por dirigentes, professores, alunos e funcionários da Instituição, por representantes da sua Entidade Mantenedora, da Prefeitura Municipal, da Câmara Municipal, da

Ordem dos Advogados do Brasil – OAB e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – CIESP. Sendo da comunidade, a UNISO existe para servi-la com eficiência, por meio de um gerenciamento rigoroso e sempre atualizado. (ROMAGUERA; PIMENTA, 2015).

Outro aspecto é que a Uniso, apesar de sua entidade mantenedora ser instituída pelo Bispado de Sorocaba, não é confessional, tampouco é propriedade da Igreja Católica, mas se inspira em valores cristãos (ROMAGUERA; PIMENTA, 2015).

Assim, dentre os aspectos que configuram a missão da Uniso como universidade comunitária, três se apresentam como essenciais: a produção de conhecimentos significativos para a sociedade, a transformação dos seus alunos em cidadãos conscientes e profissionais íntegros, e a intervenção positiva na realidade social (VANNUCHI, 2004). Essa concepção política e pedagógica, como assinala Vannuchi (2004), acompanha e está influenciada pela perspectiva política e pedagógica de Paulo Freire, seja nas opções institucionais, seja na prática educacional, sendo tomadas como objetivo pelo Reletran. Evidencia-se, desta forma, não apenas um dos princípios da vida universitária, que é a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, mas as bases epistemológicas sobre as quais essa relação se fundamenta. (GERMANO; REIGOTA, 2007).

A Uniso vem, ao longo das décadas, fortalecendo-se como universidade comunitária que visa à formação de profissionais que sejam agentes de mudanças sociais e busca o diálogo constante com a comunidade.

Esse propósito, essa ideia vem se transformando de diferentes maneiras ao longo dos anos pela universidade. A prática da universidade comunitária é fazer essa transformação enfrentando os inúmeros desafios administrativos, financeiros e dos processos formativos. Não basta que ela somente atue na comunidade, é preciso que ela consiga, a partir da reflexão, saber como atuar nessa comunidade.

Por essa razão, as capacitações realizadas no projeto Reletran aconteceram em vários espaços dentro e fora da Universidade e, principalmente, em espaços sociais, educacionais, culturais e comunitários da cidade e da região, reafirmando e abrindo espaço para a participação e integração da comunidade nos projetos da Universidade e vice-versa.

Outro ponto importante das capacitações é que todas foram abertas para a comunidade em geral e eram gratuitas. Acredito que essa possibilidade de acesso e

participação é o que vem para afirmar o direito à formação, assegurando que as pessoas não paguem por isso, tendo como compreensão a educação como um direito de todos.

Nas falas de Vannucchi, Germano e Reigota, chama atenção a presença do pensamento freireano, especialmente quando assinalam a importância política da pedagogia freireana nas práticas educacionais e nas opções institucionais: o que fazemos, mas também de que maneira e para quê fazemos.

Há neles, nesses autores, uma espécie de diálogo incessante com Paulo Freire, como se ele sempre estivesse presente.

Movida por essa ideia, essa impressão, procurei dar concretude a esse diálogo e ampliá-lo, dirigindo-me a seus mais significativos interlocutores através de cartas, nas quais narro meu percurso de leitura em busca de apreender conceitos presentes no pensamento de Paulo Freire na sua relação com Uniso e com as práticas que nela nascem.

2.4 Conversas

Conversa com Marcos Reigota: Freire e a Uniso

Sorocaba, 4 de junho de 2016.

Querido professor Marcos,

Escrevo essa carta para lhe contar como está o caminhar da minha tese. Seguindo a sua última sugestão, estou lendo o livro *Paulo Freire ao Vivo*. Como já conversamos sobre as seções que compõem a tese, acredito que esse livro não entre especificamente em nenhuma delas, mas, ao mesmo tempo, acaba participando um pouco de cada. Penso que, nesse momento da minha pesquisa, tudo que possibilitar tomar contato com a pedagogia freireana irá me auxiliar bastante.

Ao buscar o livro na biblioteca, vi que retrata a vinda de Paulo Freire para Sorocaba, por volta dos anos 1980 – o meu primeiro pensamento foi que nessa época eu ainda não tinha nascido, uma sensação de que o pensamento dele já

ocupava um lugar desde há muito tempo. Após refletir sobre esse tempo, li na contracapa que sua vinda estava ligada a um projeto desenvolvido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (ainda antes de se tornar a Universidade de Sorocaba) chamado "Projeto Vivendo e Aprendendo". Este projeto foi constituído por duas exposições introdutórias sobre Paulo Freire, feitas por Wladimir dos Santos e Aldo Vannucchi, três seminários que o próprio Paulo Freire coordenou em Sorocaba, e uma conferência que ele realizou em 1981.

Penso que talvez, nesse livro, eu encontre, mais do que a pedagogia freireana, uma ligação de Paulo Freire com a Universidade de Sorocaba. Para isso, vou começar pelo capítulo um, que o professor Wladimir dos Santos nomeou como "O aspecto metodológico". Ele começa explicando o porquê dessas palestras introdutórias e que a parte que lhe coube foi a metodologia de Paulo Freire, e que tanto ela quanto suas obras têm um vocabulário próprio, sendo que as duas palestras iniciais seriam uma preparação para que os participantes pudessem dialogar e acompanhar os seminários do Paulo Freire. Logo no início, Wladimir dos Santos afirma que é muito difícil separar a metodologia de Paulo Freire da sua posição diante do mundo, pois "Nele tudo se reveste de perfeita unidade e coerência, dificultando separar ou isolar este ou aquele aspecto." (SANTOS 1982, p. 9).

Wladimir dos Santos conta brevemente a história de Paulo Freire, dizendo que é um dos poucos escritores reconhecidos mundialmente e que certamente é o único no campo da Educação a ter essa visibilidade. Logo em seguida, ele divide a Pedagogia em duas grandes linhas: a da essência e a da existência. Explica que a pedagogia da essência é focada no conteúdo a ser passado para o aluno, e que, por ser este educando ainda imaturo, o educador tem sobre ele uma 'autoridade'.

Já a pedagogia da existência é aquela que considera o aluno como a parte mais importante, dá liberdade a ele para participar e ser sujeito da sua própria educação. O educador, nesse caso, sai do papel principal e torna-se um orientador que tem mais conhecimento, não por ser mais, mas por ter uma experiência de vida maior. E continua dizendo que, se aceitarmos essa divisão, é nessa segunda linha que se encontra Paulo Freire, mas que sua metodologia vai muito além do que se pode definir por pedagogia da existência. Diz o autor:

Ele está além das classificações simplificadoras. Ficando propositalmente à margem do sistema institucionalizado, Paulo Freire confere à Pedagogia

uma dimensão política engajada num processo de transformação, enquanto a escola, para ele, é também instrumento de conservação. (SANTOS, 1982, p. 12).

Em seguida, o autor apresenta uma crítica ao sistema educacional institucionalizado, afirmando que este vem mascarado por alguns lemas como "oportunidades iguais para todos", "educação para todos", "estude hoje para ser alguém amanhã", mas na realidade não produz transformação e sim reprodução da cultura e da sociedade. Diz também que o sistema é de exclusão e que está o tempo todo separando, utilizando termos variados para disfarçar a verdade do que faz.

O sistema exclui essas crianças, de maneira sistemática, permanente, porque faz parte da lógica do sistema, de uma escola que é instrumento da sociedade para continuar, para manter a sociedade estratificada, tal como está. (SANTOS, 1982, p. 13).

Wladimir dos Santos diz que Paulo Freire entende que se deve trabalhar fora desse sistema de exclusão. Não fora no sentido de ser fora da escola e sim que um professor crítico, trabalhando nesse sistema, consegue abrir espaços e brechas para o rompimento dessa estrutura. Prossegue a crítica a esse sistema institucionalizado dizendo que ele reproduz uma cultura que corresponde àquela da classe dominante.

Paulo Freire entende que a escola pode ser utilizada como espaço à ação transformadora do intelectual, do professor orgânico. De nada nos adianta ignorar esse grande canal que aí está, que é o ensino institucionalizado, em nossa tarefa de transformadores do mundo, na construção de um mundo melhor, mais justo, mais humano (SANTOS, 1982, p. 14).

Segundo o autor, o homem está *no* e *com* o mundo, tendo grande influência sobre ele, podendo ser agente de transformação dele, mas, para que essa condição de agir como transformador do mundo aconteça, depende da sua relação com a sociedade. Acrescenta ainda que o ideal é que as pessoas alcancem uma consciência crítica, não ingênua, e se mantenham em constante transformação, não aceitando explicações simplistas e nem as palavras dos governantes apenas por estes estarem nessa posição.

A educação tem muito a ver com essa concepção. Se pretendo que as pessoas se libertem para o pensamento crítico, não posso fazer da minha ação educativa um ato de doação, transformando os alunos em meros depósitos. Não posso praticar a 'educação bancária', de que fala Paulo Freire. Tenho que fazer uma educação onde os indivíduos sejam os

agentes de seu próprio crescimento (SANTOS, 1982, p. 17).

Em seguida, o professor subdivide sua fala, abordando o tópico intitulado “Metodologia Freireana”. Inicia explicando que essa metodologia começa na preparação do material, que não existe uma cartilha que possa ser usada em qualquer local ou região, sendo que essa preparação deve levar em conta o universo vocabular dos grupos com os quais se irá trabalhar. Explica um pouco como é esse estilo de alfabetização, utilizado na época por Paulo Freire, e conclui sua parte nessa introdução aos seminários.

Assim encerro o primeiro capítulo do livro *Paulo Freire ao Vivo*. Acredito que a fala do professor Wladimir dos Santos contribuiu para a reflexão sobre alguns pontos. Primeiramente sobre a infância: mais uma vez entendemos que a criança não é uma página em branco que está lá para ser preenchida, mas tem uma história, uma bagagem, por menor que seja o seu tempo de vida. E essa história vai influenciar diretamente a aprendizagem. O segundo ponto diz respeito à invisibilidade, a como o sistema institucionalizado auxilia a deixar os que estão nas margens nos mesmos lugares e também para excluí-los do sistema.

Achei interessante ainda como as narrativas de vida perpassam o texto todo de uma maneira singular, contando a história de vida de Paulo Freire e como isso teve influência sobre todo o seu trabalho e sua obra.

Ainda há muito por fazer, mas estou satisfeita com o caminho que a minha tese tem tomado; consigo enxergar a importância dessas reflexões para a minha prática cotidiana, pois cada conceito novo, questão nova que surge, levo para o meu dia a dia e reflito na prática sobre isso. Entendo que estou em um processo de transformação e o quanto a pesquisa é importante para isso. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar talvez exclusivamente às leituras e à escrita, mas mesmo com a correria da sobrevivência, entre uma aula e outra, uma preparação de aula ou uma correção de avaliação, uma madrugada em claro, encaixo minhas leituras e minha escrita, e entendo o quanto todo esse trabalho enriquece as minhas aulas, o meu cotidiano, o meu olhar sobre o mundo. E nesse momento ecoa em minha mente uma frase que você sempre diz nas aulas: “Educação é um ato político”, e toda essa transformação reafirma e reconstrói as minhas práticas pedagógicas cotidianas. Apesar da correria, às vezes insana, para poder dar conta de tudo e mais um pouco, essa é uma das brechas, um espaço encontrado para romper algumas barreiras

institucionais.

Abraços com carinho,
De sua orientanda,
Ariane

Conversa com Aldo Vannucchi: Pedagogia Libertadora

Sorocaba, 7 de junho de 2016.

Prezado professor Aldo,

Sou professora da Universidade de Sorocaba e estou escrevendo a minha tese de doutorado em Educação. Minha pesquisa percorre caminhos que passam pela pedagogia freireana e a ideia de Universidade Comunitária; e, sabendo da sua aproximação com esses temas, resolvi te escrever para podermos dialogar um pouco sobre esses assuntos. Escrevo essa primeira carta para você sobre o seminário no "Projeto Vivendo e Aprendendo" que integra o livro *Paulo Freire ao vivo*. Tive contato com esse livro a partir da indicação do meu orientador, e estou lendo e tentando encontrar elementos que me ajudem na elaboração e na escrita da minha tese.

Começando o texto, você faz referência ao seminário do professor Wladimir dos Santos, que foi muito útil também para as minhas reflexões. Em seguida, você começa falando da visão de mundo de Paulo Freire que indica uma educação para a liberdade.

O que é a Pedagogia libertadora de Paulo Freire, ele mesmo o diz, no título de um de seus livros, é a 'prática da liberdade'. Não é educação para saber português, latim, matemática, química, física, etc. Isso não é educação. Para ele, educação é [...] a experiência do risco da liberdade. (VANNUCCHI, 1982, p. 21).

Continuando a falar sobre essa educação para a liberdade, você diz que ela não acontece por simples reforma, mas apenas quando se define a educação como libertadora e não como autoritária. Educação libertadora que devemos pensar em todos os níveis, e, como você diz no texto, inclusive no ensino superior:

O problema é saber se a gente, especialmente numa Faculdade, no mundo universitário, se a gente está realmente criando espaços de personalização para cada um ser o que deve ser ou, se a gente está, simplesmente, camuflando a realidade. (VANNUCCHI, 1982, p. 22).

Você segue o texto dizendo que, para alcançar essa educação libertadora, temos que romper com a situação vigente, romper com o que já está pronto, mitologizado. Diz também um pouco sobre os tipos de saberes, enfatizando que não existe saber maior ou menor e sim

[...] vários níveis do saber. Primeiro nível do saber humano é o saber comum, saber vulgar, saber popular. Não existe gente que não saiba alguma coisa, não existe, é um mito a gente chamar alguém para uma escola, seja pré-escola, seja faculdade, com esse apelo: 'Venha, que você vai aprender com quem sabe!' Na realidade, ninguém aprende com quem sabe, na realidade todos sabemos de alguma coisa e em comunhão, cada um é aluno, é professor e é aluno, ao mesmo tempo. (VANNUCCHI, 1982, p. 23).

Continuando o texto, tomo contato com vários mitos que você aponta: do saber, do poder e do ter. E para que a educação libertadora funcione, temos que fugir de todos esses mitos e criar algo novo, possível através da práxis. Aproveito para deixar aqui a sua definição de práxis:

[...] é a ação e reflexão sobre o mundo. Não é só teoria, só ideias, não é também só ativismo, só movimentação, mas é ação e reflexão. As duas concomitantes. Pode haver momentos fortes, mais de ação que de reflexão, pode haver momentos mais fortes em reflexão do que em ação, mas o ideal humano é sempre de ação e reflexão sobre o mundo. (VANNUCCHI, 1982, p. 25).

Uma parte muito interessante do seu texto é quando você fala sobre o existir do ser humano, existir para o qual ele precisa ser capaz de refletir e fazer cultura, transformar a natureza. Você pergunta:

O que é cultura? Aquilo que já supõe o trabalho, a inteligência, a mão, a perspicácia, o esforço humano. Água é natureza; monjolo é cultura. Árvore é natureza; livro já é cultura. Terra é natureza, tijolo já é cultura. Vejam como isso é importante para desmitificar a sociedade e a situação. O pessoal acha que ter cultura é ter diplomas, é ter cursos, é ter livros em casa, é ter muitos estudos, saber várias línguas. Isso não é cultura no sentido exato. Isso é erudição ou, quem sabe, é um tipo de cultura. Cultura é a transformação da natureza, que é viável a qualquer ser humano. (VANNUCCHI, 1982, p. 28).

Você traz a dialética como sendo uma oposição positiva e que na educação essa dialética existe também, principalmente entre o opressor e o oprimido, essa dialética do poder. Em seguida, fala que o processo para se chegar numa educação libertadora é um processo dialético e endógeno, por ser um processo em constante esforço de mudança e que tem que vir de dentro, não está dentro, mas quando despertado, vem de dentro,

[...] e é por isso que é possível a qualquer um, é por isso que qualquer um pode saber, pode fazer, na medida em que ele se engaja nesse processo. Não existe sabedoria exclusiva, só de um tipo de pessoa. (VANNUCCHI, 1982, p. 36).

Aldo, acredito que a maneira como você trouxe os conceitos de Paulo Freire colaborou para as reflexões da minha tese, no sentido, mais uma vez, de pensar os saberes, sua valorização independente do tipo, pois não podemos simplesmente deixá-los de lado, uma vez que não existe alguém que não saiba nada, que não tenha um saber importante para compartilhar, portanto, os que vêm das margens também devem ter voz, pois há algo que somente eles podem dizer.

Agradeço a oportunidade do diálogo e, assim que possível, enviarei outras cartas para você.

Abraços,

De uma professora da Uniso,

Ariane

Conversa com Paulo Freire: Educação, um ato político

Sorocaba, 13 de junho de 2016.

Querido Paulo,

Escrevo-lhe para prosseguir com as reflexões da minha pesquisa, importante deixar claro aqui o quanto seus pensamentos estão contribuindo para a construção dela. Embora fosse meu desejo, demorei para escrever essa carta, pois estamos no final do semestre e, normalmente, essa é uma fase bem intensa e corrida para os professores, toda a burocracia de fechamento de notas e faltas para conseguir

encerrar o semestre e ter as merecidas férias. Nesse semestre, as coisas ficaram um pouco diferentes no meu dia a dia, pois para me manter nas duas escolas onde dou aula, precisei assumir novas disciplinas, disciplinas que eu não tinha ministrado antes. É sempre um grande aprendizado e um desafio uma disciplina nova, porque nos faz rever algumas práticas pedagógicas, parar e pensar em como estruturar melhor aqueles conteúdos e qual a melhor maneira de organizá-los, mas, ao mesmo tempo, demanda bastante tempo para a preparação das aulas, tarefas e avaliações. Nesse semestre, em especial, eu estava semanalmente com doze aulas novas, mas não na quantidade de aulas dadas e sim em disciplinas inéditas que acredito ter conseguido enfrentar bem. Creio que com todas essas tarefas institucionais e mais o doutorado, o maior problema é de fato o tempo, que se torna bem precioso e escasso. São trinta e duas aulas semanais e é sempre necessário um tempo fora de sala para preparação das aulas. Mas talvez este seja o encantamento de ser professor: o cotidiano tem que ser alterado, pensado e repensado o tempo todo, e isso me faz viva, me faz sempre buscar superar minhas dificuldades e tentar fazer o que for possível para o melhor desenvolvimento junto com meus alunos.

Hoje trago para nossa conversa os seminários que você ministrou na Universidade de Sorocaba, em 1980, dentro do "Projeto Vivendo e Aprendendo" e que estão no livro *Paulo Freire ao vivo*. Para mim, é sempre um prazer poder ter contato com uma de suas obras ou com suas ideias, pois elas vêm me ajudando a analisar e a pensar melhor não somente sobre o trabalho desenvolvido no Reletran, foco da minha tese, mas também sobre todo o meu cotidiano como educadora, sobre as minhas próprias práticas.

Antes de tomar contato com os três seminários que você ministrou, refleti sobre as duas palestras introdutórias realizadas pelos professores Aldo Vannuchi e Wladimir dos Santos, sobre a importância, para os participantes desse projeto, dos conceitos trazidos por eles. Começo o texto com a sua primeira fala sobre o quanto, após a sua volta para o Brasil, tem se dedicado a palestras e participações em projetos por todo o país e fico feliz em ver como essa correria, que eu sempre digo, às vezes insana, é comum entre os professores e que, ao mesmo tempo, apesar das dificuldades, acaba sendo prazerosa pelo gostar, pelo dar sentido ao que está sendo feito.

Você começa o seminário dizendo que precisa conhecer novamente o Brasil após o seu retorno, e que faz isso com as leituras, com os seminários e viagens que

realiza, mas também através da mídia, analisando como a publicidade brasileira está, assistindo novelas, vendo os comerciais sempre com uma crítica aguçada. Isso continua sendo importante, pois nos deparamos com um bombardeio enorme de publicidade, de certezas, de verdades que, se não pararmos para analisar, somos tomados e convencidos por eles. Você conta a história de dois comerciais onde aparecem questões de classe, de raça, de gênero, isso em 1980, e que continuam fortes até os dias de hoje.

Estou metido num processo que é muito bonito e que a mim me agrada enormemente - o processo de reaprender o nosso país. Reaprendizagem que não é muito difícil, pois afinal de contas eu sou brasileiro, mas que demanda uma curiosidade permanente, um perguntar-se por tudo, obrigando a um aguçamento da vista, do ouvido, dos sentidos, no que vem a ser o caminho para conhecer. (FREIRE, 1982, p. 48).

E esse trecho, o caso dos comerciais, me faz parar e refletir sobre a necessidade constante desse aguçamento do olhar, pois não podemos deixar as coisas passarem despercebidas por nós, o senso crítico tem que estar o tempo todo ligado, caso contrário somos atingidos por essa onda toda e domesticados por ela. Eu assisto pouco a televisão, com a correria do cotidiano, ela acaba não fazendo parte dos meus costumes, mas é impossível dizer que não assisto uma coisa aqui e outra lá, pois, em vários lugares que frequento, a televisão tem um papel importantíssimo e, pensando sobre esses comerciais, novelas e jornais, vejo o quanto isso ainda reafirma alguns valores impostos aos brasileiros e como o preconceito vem sendo alimentado através desse meio. Lembrei-me dos comerciais de cerveja que sempre me incomodaram, a grande maioria utiliza a mulher como objeto e normalmente no sentido sexual, e isso sempre foi muito forte, e as pessoas em geral, mesmo as mulheres, não se incomodam com isso. Semana passada, assisti uma reportagem sobre uma cerveja comercializada no Brasil que nunca utilizou a mulher nesse sentido para suas publicidades e, para o meu espanto, a diretora executiva da empresa aqui no Brasil é uma mulher e isso me orgulhou muito. Mas, ao mesmo tempo, chama atenção o fato de que ter uma mulher na direção possa eventualmente ser a única maneira de não vulgarizar a mulher. Você é bastante claro ao afirmar que “este é um país racista, um país sexista e um país autoritário, uma classe dominante arrogante, e o machismo é uma expressão dessa arrogância.” (FREIRE, 1982, p. 49).

Logo em seguida, você diz: "A educação, na verdade, é um ato político, indiscutivelmente." (FREIRE, 1982, p. 54). Já ouvi muitas vezes essa frase do meu orientador, desde o início do mestrado, faz alguns anos já. No começo, confesso que não conseguia esmiuçar o sentido da palavra política e isso me deixava bem confusa. Com o passar dos anos do mestrado, as leituras, as aulas, a dissertação, percebo que tudo isso sempre teve esse sentido político. No meu caso, sou a única da família que conseguiu fazer um mestrado. Venho de uma família simples, meus avós não tinham estudo, mas incentivaram os filhos a ter, meus pais, com muitas dificuldades, conseguiram cursar um ensino superior e eu, terceira geração, consegui alcançar um pouco mais, nível de pós-graduação, e isso tudo, com certeza, é um ato político, é uma conquista política, pois minha família não se limitou às condições dadas. Outra dimensão política diz respeito à área em que me formei, projetos mecânicos, um universo predominantemente masculino, e com a educação e a base que recebi da minha família, consegui vencer vários enfrentamentos em relação à questão de gênero. Penso ainda nos meus alunos: muitos moram em cidades há duas horas ou mais distantes de Sorocaba, trabalham durante o dia e viajam todos os dias para conseguir, em uma cidade maior, conquistar o ensino superior; outros trabalham o dia todo e vem direto do serviço para a universidade, e tudo isso são atos políticos, parte de uma luta travada diariamente por muitas pessoas. Acho que consegui, ao longo do tempo, ampliar minha visão sobre essa sua afirmação e, hoje, enxergo o que isso significa: não se trata de uma política partidária e sim de uma luta e uma conquista diária de direitos através da educação.

Respondendo as perguntas que lhe são feitas nesse seminário, que entendo que são perguntas dos participantes, você diz sobre a importância de trabalhar em conjunto, a importância de buscar, dentro da instituição onde se trabalha, pares que também procuram seguir por outra linha e não pela via do autoritarismo e mera reprodução de valores. Você cita o exemplo que até hoje é ensinado para as crianças, que o Brasil foi descoberto e não que foi conquistado, e isso só pode ser mudado se for no coletivo:

Como eu acho que repensar é uma tarefa eminentemente política, não adianta que você sozinho, faça isso; que eu, sozinho, fala isso. Sozinho, só adianta para a gente dormir mais ou menos bem, depois, em casa. Chegar e dizer: "Bem, eu já cumpri a minha tarefa", e dorme! Mas o que a gente precisa é se juntar mesmo para conseguir melhorar, para usar os espaços que estão aí. (FREIRE, 1982, p. 56).

Você traz para o texto o seu pessimismo inicial em relação à possibilidade da sua volta ao Brasil, você imaginava que as mudanças demorariam ainda para acontecer e que você não estaria vivo para acompanhá-las.

Nesse sentido eu tenho os meus sonhos utópicos para a nossa sociedade, e não são de fabricação minha, evidentemente. Você bem citou na sua colocação, ao falar, pelo menos aí, novamente na minha vida de fora, de exílio, mas eu digo que me sinto danadamente feliz porque voltei. E gosto de dizer também o seguinte: nos meus quase dezesseis anos de exílio, Elza e eu não alimentávamos nenhuma (apesar de esperançosos) esperança de voltar ao Brasil. Por quê? Hoje, sim, a posteriori, é que eu estou compreendendo que fui pessimista, mas antes não, porque naquela época, durante grande parte do exílio, nós estávamos convencidos ou, pelo menos, muito desconfiados, de que o nosso limite de existência de vida não coincidia com o limite histórico do que se vê chamar hoje de "abertura"! Em outras palavras, nós admitíamos que iríamos morrer antes. O que vale dizer é que esperávamos um tempo bem maior ainda de aperto! Evidentemente as coisas estão se dando cada vez mais no mundo, de forma surpreendente. Não há dúvida nenhuma! E eu não tenho dúvida nenhuma de que cientistas, os políticos, os sociólogos, precisam, qualquer que seja a escola de pensamento a que se filiem, precisam começar a repensar!. (FREIRE, 1982, p. 62).

Penso, com essas suas palavras, que temos que parar de aceitar, de nos conformarmos com certas coisas, ouço muito professores desesperançosos dizendo: "Ah, não adianta, é assim mesmo, não tem como mudar", e não é assim que tem que ser, cada um tem que além de fazer a sua parte procurar se associar com outros que também estão dispostos a fazer, e há muita gente fazendo diferente e as mudanças são possíveis, sim. Não sabemos quanto tempo será preciso para isso, mas não podemos deixar de lado com a velha desculpa de que não adianta, que esse é o nosso país e que vai continuar assim... Em uma das disciplinas que eu ministrei esse semestre, tem uma aula dedicada à ética e eu me empolguei bastante com esse tema, pois estamos em um momento de questionamento constante da ética e da moral dos nossos políticos. E essa aula rendeu muitos debates importantes e, junto com meus alunos, tentei levar a discussão para o lado de que temos, sim, políticos corruptos, mas que a corrupção não caiu do céu e se instaurou em Brasília, mas que cometemos muitas corrupções diárias e isso acaba se tornando um hábito. Falamos bastante do conhecido 'jeitinho brasileiro' e como isso influencia em todo esse contexto. E a parte que achei muito importante, e aonde eu gostaria de chegar com essa aula, é parar de externar o problema com frases como "o Brasil está assim por culpa dos políticos", "o Brasil não vai para frente mesmo,

olha Brasília”, entre outras frases do senso comum que ouvimos, para pensar as pequenas corrupções diárias que fazemos e das quais aceitamos participar. Houve até uma discussão de que não dá para comparar, por exemplo, um “gato” na televisão, um suborno para um policial, com os milhões que são desviados pelos políticos, e tentei mostrar para eles que tudo tem o mesmo sentido, pois não podemos justificar um erro com outro, não podemos nos permitir fazer errado “porque o Brasil tá um circo mesmo”, e sim admitir esses erros, mudar, ter a consciência da importância dos atos diários para o conjunto.

Chamou-me especialmente atenção, no texto, o momento em que você diz das possibilidades de uma educação diferenciada para as crianças, educação para a liberdade e desafiadora:

É possível e é preciso fazer com as crianças um tipo de educação criadora, desinibidora, uma educação que não limite, nas crianças o direito de perguntar; uma educação que, inclusive, sugira na prática, à criança, que ela jamais morra como criança. [...] A educação que não inibe, não castra, não corta, não cerceia. (FREIRE, 1982, p. 69).

Acredito que essa educação que você afirma é válida não somente para as crianças, serve também para qualquer faixa etária. Em relação a isso, começo a refletir sobre um dos eixos da minha tese que fala sobre infância, infância essa como espaço para experimentação, sem limitação, e valorizando a história da criança nesse aprendizado, e acho que essa educação que você propõe para as crianças vem ao encontro com tudo isso: espaço para criação, para o novo, sem uma cartilha pré-determinada, fixa e rígida, feita para educar crianças por toda parte. Essa educação libertadora deve levar em conta a história e o contexto dessas crianças, dessas pessoas, pois isso muda muito, já que a realidade delas vai afetar diretamente a maneira como lidam com o mundo. Em seguida você traz uma frase sobre isso:

[...] muita gente me tem apenas como um especialista em alfabetização de adultos, o que para mim não seria nenhuma desonra. Mas isso seria limitação, porque eu acho a alfabetização de adultos de uma importância extraordinária, do ponto de vista político e do ponto de vista pedagógico. [...] A minha preocupação é uma preocupação muito ampla, do ponto de vista de uma teoria da Educação, que é também uma teoria política. (FREIRE, 1982, p. 142).

Considerando a parte histórica que você pontua em suas reflexões e a

descrição do método de alfabetização de adultos que você utiliza, me chamou atenção o fato de você sempre respeitar a história e a realidade dos alunos, um exemplo que você apresenta é o de como alfabetizar as pessoas de uma favela sem utilizar a palavra principal que é favela, é contextualizar o aprendizado, é trazer sentido para ele. Isso me fez lembrar de um conceito que a pesquisadora Marta Catunda (2013), aqui da Universidade de Sorocaba, utiliza em seus trabalhos: palavra-asa, encontrar, naquele contexto, naquela realidade, uma palavra que faça sentido, que inicie, que auxilie esse processo.

Terminei de ler os seminários com algumas reflexões: a importância de momentos como esse, abertos ao diálogo, abertos às posições divergentes e que possam de alguma maneira dar espaço às indagações dos educandos e também dos educadores, e aumentar as possibilidades de troca. Isso acontece com frequência, hoje, no ensino superior? Em quais momentos do aprendizado técnico, direcionado, temos espaço para reflexões? São perguntas que me vêm à cabeça e exigem pensar, principalmente sobre a minha própria prática pedagógica. Em que momento, dentro das disciplinas que ministro, deixo espaço para o diálogo com os educandos? São perguntas que venho me fazendo diariamente.

Bom Paulo, sempre muito agradável pode compartilhar um pouco da minha pesquisa com você e refletir com a ajuda dos seus textos. Mais uma vez, agradeço a oportunidade e em breve lhe escreverei mais.

Abraços,
De uma pesquisadora,
Ariane

2.5 Para caminhar junto não precisamos caminhar igual

Um ponto que precisa ser frisado é a maneira como a segunda capacitação do Reletran foi conduzida: sua construção se deu ao longo do tempo, levando em conta o que os participantes já tinham como experiência; em outras palavras, considerou-se os saberes de cada um, e a importância de valorizar uma educação não linear.

Não tínhamos alguém ensinando e outras pessoas aprendendo, mas todos ali ensinavam e aprendiam. Construimos um grupo onde todos tinham voz e os

momentos mais ricos e proveitosos dos encontros eram quando, normalmente sentados em círculo, podíamos compartilhar as experiências vividas por cada um. Ao longo da capacitação, fomos a vários lugares, buscando aproveitar de cada um deles as suas práticas, os saberes locais, no esforço de entender como as coisas aconteciam em cada um dos lugares visitados.

Esse método de trabalho não linear, fugindo do padrão escolar, faz parte do pensamento e da prática de trabalho de Marcos Reigota, que é praticado tanto em sala de aula, na Uniso, como nos encontros do grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação. Acredito que essa liberdade na condução dos encontros possibilita e favorece uma rica e valiosa troca de experiências entre os participantes, e entre eles e o local visitado, em que os diferentes saberes são igualmente valorizados, sendo esta a condição para a reflexão crítica sobre as práticas cotidianas.

Essa maneira de trabalhar alinha-se também com o que a universidade comunitária, no caso a Uniso, deve trabalhar, no sentido de abrir espaço para a comunidade e aproveitar dela também os seus conhecimentos. É como se estivéssemos caminhando com o pensamento de Paulo Freire, que busca dar sentido ao aprendizado, respeitando a bagagem e a história de cada um. Cada localidade, cada morador, mesmo não tendo teoricamente o conhecimento dito da academia, tem um conhecimento rico que não pode ser desprezado, é dessa maneira que a comunidade vai sendo praticada, construída e transformada.

As capacitações realizadas, no formato em que aconteceram, reafirmam, portanto, o papel da universidade comunitária do ponto de vista político-pedagógico.

Nessa perspectiva, o conceito de comunidade não pode ser previamente definido, na realidade, ele acaba sendo provisório, e sofrendo transformações à medida que passamos por vários locais e temos contato com diversos saberes. Esse conceito se altera não porque seja fraco, mas, sim, porque ele tem que ir mudando, caminhando junto com o aprendizado e se transformando com as pessoas. Trabalhar com a ideia de comunitário/comunidade é pensar num conceito coletivo, que nasce do coletivo, que não pode ser fechado, pois está diretamente ligado a uma transformação dos sujeitos e também da coletividade.

Ao longo do texto, vamos olhar para cada encontro realizado na capacitação e traremos cartas escritas para dialogar com os autores que ajudaram no embasamento teórico da pesquisa e também aquelas escritas por alguns de seus

participantes. As cartas que irão aparecer não necessariamente estarão em ordem cronológica, pois sua inserção será feita na medida da sua relevância para a discussão.

Neste caminho, veremos de que maneira o Reletran, no encontro entre diversos autores, pesquisadores e lugares, ressignificou a pedagogia freireana, e de que maneira essa aliança participou ativamente e de modos diferentes da formação de todos que participaram do Reletran – como em *Abbey Road*, capa do disco dos Beatles, onde eles aparecem juntos caminhando, mas não necessariamente da mesma maneira. Penso que seja essa a ideia de Paulo Freire quando pensa a Educação: a possibilidade de vários caminhar, mas todos com os sentidos sempre aguçados.

3 INVISIBILIDADE

3.1 A casa não vista

Figura 2: Imagens do terceiro encontro na SOS



Fonte: arquivo pessoal

A SOS é um abrigo temporário para moradores de rua, localizado na rua Francelino Romão na Vila Rica em Sorocaba. Quando o encontro foi marcado e fui verificar o local, percebi que era muito próximo da minha casa e que eu passava todos os dias na rua de cima e, muitas vezes, na mesma rua onde a SOS ficava e nunca tinha visto e nem ouvido falar sobre ela. Não sei ao certo se eu nunca tinha prestado atenção por pura distração ou se não tinha pensado sobre o assunto, mas não sabia que esse local prestava serviço de acolhimento em Sorocaba.

Vanderlei da Silva, gerente administrativo e financeiro da entidade, nos relatou algumas situações encontradas no abrigo. Segundo ele, a maioria dos

moradores é do sexo masculino; no inverno, o número de ocupantes aumenta e, no verão, sobram vagas. Ele nos contou também que a maior dificuldade que eles enfrentam é fazer com que os moradores sigam as regras do lugar: ter horário para comer e para dormir, não poder levar os animais de estimação que os acompanham na rua, ter que tomar banho todos os dias, não poder consumir bebida alcoólica e nem outros tipos de substâncias químicas, e homens e mulheres ficam em quartos separados. Pergunto-me como seriam as regras ou a ausência delas na rua? Como é a realidade desses moradores de rua? Tarefas rotineiras, tais como horário para comer e banho todos os dias seriam dificuldades para eles? As regras costumeiras seriam “certas” ou em alguns momentos a necessidade e a adaptação falam mais alto? Como seria, para eles, novamente a construção dessa realidade com regras que a sociedade impõe? As pessoas enxergam essas dificuldades ou simplesmente julgam ou ignoram a situação?

Seria a casa ou os moradores de lá e suas vidas invisíveis?

*

O terceiro encontro aconteceu em setembro de 2014. Como o local era de fácil acesso e em Sorocaba mesmo, não marcamos ponto de encontro, combinando de nos encontrarmos todos lá. O dia amanheceu chuvoso, talvez por esse motivo o grupo que participou desse encontro tenha sido pequeno. O local foi o Serviço de Obras Sociais de Sorocaba (SOS) que participa ativamente de projetos que visam melhorar a condição de vida das pessoas que estão sem um local onde se abrigar. Trata-se de um

Serviço 24 horas, aberto e disposto a servir às pessoas que se encontram em situação de rua, migrantes, itinerantes ou que se encontram em tratamento médico. Atualmente uma média de 50 pessoas é atendida diariamente. Todos os dias o SOS recebe a população local que procura auxílio, querendo resgatar sua cidadania. Essa ajuda é dada no sentido de proporcionar condições para que recuperem documentos, recebam medicamentos, ou ainda sejam encaminhados ao atendimento de outras Entidades ou Órgãos Públicos. (SERVIÇOS DE OBRAS SOCIAIS, Portal, s.d.).

Esse encontro só se tornou possível graças ao acordo inicialmente feito entre a Uniso, Lua Nova e a University Alice Salomon Hochschule de Berlin. Na primeira capacitação, realizada em 2012, dos oito encontros dois tiveram a organização sob

a responsabilidade da Lua Nova. Nessa segunda capacitação, Raquel Barros, diretora da entidade, achou conveniente uma maior participação de outras organizações de Sorocaba, por isso convidou Vanderlei da Silva, da SOS, para conduzir esse terceiro encontro, cujo tema era “Direito no terceiro setor”.

Figura 3: Vista do SOS



Fonte: Google Earth

*

Após a apresentação, Vanderlei nos levou para conhecer as instalações da SOS e foi nos contando mais sobre todos os serviços disponíveis. Como dissemos, a SOS funciona como um abrigo temporário para moradores de rua, migrantes, itinerantes ou que se encontram em tratamento médico, que procuram voluntariamente o local, onde recebem moradia, alimentação e atenção às suas necessidades básicas, mas esse morador permanece na SOS em média duas semanas. Nesse período, a equipe analisa a situação dessa pessoa e a encaminha

para os serviços de acolhimento apropriados: clínica para dependentes químicos, abrigos ou outros serviços existentes na cidade. A SOS possui noventa e quatro leitos e recebe mais ou menos sessenta pessoas por dia. Vanderlei foi nos contando que a maior procura ocorre no inverno, época em que as pessoas que moram na rua encontram maior dificuldade em se manter, e que a maioria dos que procuram a entidade é do sexo masculino e tem problemas com drogas. Segundo Vanderlei, o principal problema que eles encontram com os moradores é disciplinar, pois a pessoa que está na rua não está acostumada com regras, e isso, às vezes, faz com que as pessoas acabem abandonando a SOS antes mesmo de serem encaminhadas para qualquer um dos outros serviços disponíveis.

Fora esse serviço de abrigo temporário, eles desenvolvem vários outros trabalhos, dentre eles, em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente, a produção de 10 mil mudas por mês, sendo que a mão de obra para essa produção é dos jovens do Núcleo de Acolhimento Integrado de Sorocaba (NAIS) e de alguns funcionários fixos da SOS.

O Núcleo de Acolhimento Integrado de Sorocaba (NAIS) é um programa criado por meio de uma parceria entre SOS e a Secretária Municipal da Juventude (Sejuv), que tem o apoio do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA). O projeto é voltado para adolescentes que se encontram em situação de conflito com a lei, sempre visando a sua reintegração na sociedade. Todas as atividades do projeto estão amparadas nas intervenções do serviço social e da psicologia. (SERVIÇOS DE OBRAS SOCIAIS, Portal, s.d.)

A parceria com a Secretaria do Meio Ambiente resultou na criação do Projeto SOS ECO - Educação Ambiental, que se

[...] baseia na promoção da educação ambiental e na formação dos jovens em técnicas avançadas de cultivo e plantação de espécies nativas. Desta forma, valoriza-se a conservação e a conscientização da necessidade de proteção do meio ambiente e da biodiversidade na região. Esse trabalho facilita a própria reintegração social dos jovens, principalmente, dos que se encontram em processo de exclusão social. O Projeto SOS ECO visa desenvolver ações ambientais em área de sua propriedade, situada ao lado de sua sede administrativa. Tais ações tem por finalidade ser um espaço alternativo de educação ambiental e trabalho para os usuários dos seguintes projetos sociais desenvolvidos pelo SOS: SOS Albergue, NAIS e PSC (Medida Sócio Educativa de Prestação de Serviço). Mensalmente, o Projeto SOS ECO envia 5 mil mudas de espécies nativas para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Essas mudas são encaminhadas para os presídios de Sorocaba, onde também é desenvolvido projeto de produção de árvores. (SERVIÇOS DE OBRAS SOCIAIS, Portal, s.d.)

*

Após a conversa com Vanderlei, ele nos acompanhou apresentando os vários espaços das instalações da SOS, deixando-nos em seguida. Permaneceríamos ali para o almoço e para a sequência das atividades no período da tarde. Tínhamos a opção de almoçar na SOS mesmo, compartilhando a refeição servida gratuitamente para os moradores de rua, fornecida por um restaurante local, mas pagando o preço de custo. Já havíamos informado o grupo que havia essa opção e o valor seria R\$6,50. Todos os participantes e colaboradores aderiram a essa proposta, e naquele dia almoçamos parmegiana, batata e salada, com direito a suco e sobremesa.

*

Após o almoço, reservamos o período da tarde para uma roda de conversa com outras duas colaboradoras do grupo Reletran, Yoko Oshima Franco³ e Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira⁴.

A roda de conversa caminhou por muitos assuntos, mas os principais foram sobre saúde pública, drogas e usuários, e o trabalho desenvolvido no Centro Regional de Referência de Sorocaba (CRR-UFSCar)⁵, um trabalho de extensão realizado pela Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba.

O CRR-UFSCar-Sorocaba tem um caráter multicêntrico e seu surgimento e desenvolvimento é fruto do trabalho coletivo de professores de diversas IES (Instituições de Ensino Superior) de Sorocaba e região e de profissionais que atuam nas redes de atenção integral aos usuários de crack e outras drogas. Integram esse projeto, além da instituição-sede (UFSCar), a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por meio do Centro de Ciências Médicas e Biológicas (Sorocaba), a Universidade de Sorocaba (UNISO), a ONG Lua Nova e a ONG Pode Crer. (CENTRO REGIONAL DE REFERÊNCIA, Portal, s.d.)

³ Pós-doutora pela Universidade Estadual de Campinas e Universidade de Salamanca. Educadora titular da Universidade de Sorocaba. Faz parte do corpo docente permanente do Mestrado Stricto sensu em Ciências Farmacêuticas da mesma Universidade. Tem experiência na área de Farmacologia e Toxicologia, com linha de pesquisa em neurofarmacologia.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade de Sorocaba. Mestre em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É educadora do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) - Campus Sorocaba, integrante do Grupo de Pesquisa; Saúde Mental e Sociedade; (UFSCAR) do Grupo de Pesquisa Educação, Comunidade e Movimentos Sociais (GECOMS/UFSCar).

⁵ O CRR-UFSCar-Sorocaba é um dos Centros Regionais de Referência brasileiros de formação permanente. É vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação, do campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Visa contribuir no aprimoramento técnico, capacitando os diferentes profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em relação à atenção aos que fazem o uso prejudicial de drogas.

Aquela foi uma oportunidade única de ouvir as duas educadoras contarem sobre suas experiências e poder perguntar, trocar ideias e compartilhar as experiências individuais naquela roda de conversa.

Adriana Rosmaninho, que iniciou o diálogo, nos deu brevemente o histórico do surgimento das drogas e contou um pouco sobre o trabalho que é realizado no CRR-UFSCar. O interesse e a interação do grupo foram grandes, foram trazidos vários casos do cotidiano dos participantes para a conversa e a Adriana comentou e conversou sobre esses casos, fazendo ver a importância de não virar as costas para o tema das drogas e deixando ali algumas concepções e possibilidades para enxergarmos melhor essas questões.

Entende-se que é na dimensão do cotidiano vivido e praticado [...] que se tornam perceptíveis as pequenas brechas a serem investidas e os grandes enrijecimentos a serem desfeitos na relação com o tema das drogas, e que perfazem a urgência desta questão no contemporâneo. Fechar os olhos para isso e para os desafios postos pode significar ignorar uma dimensão fundamental da existência dos sujeitos no mundo, especialmente daqueles mais vulnerabilizados. (OLIVEIRA, 2015, p. 196)

Já Yoko Oshima nos contou um pouco sobre como o trabalho no CRR é desenvolvido a partir da ideia de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP)⁶ onde eles tentam sempre trazer situações práticas para auxiliar no aprendizado.

O período reservado para essa atividade passou muito rápido, e finalizamos com um café no final da tarde oferecido pela SOS.

*

O trabalho desenvolvido na capacitação não é individual, pois envolve uma variedade de pessoas, de locais e de relações. Nesse encontro, tivemos contato com duas situações: de um lado a SOS, que, com todo o seu trabalho, tenta assegurar a permanência e a possibilidade de existência de pessoas em situação de vulnerabilidade; do outro, o CRR-UFSCar, que auxilia no treinamento técnico e na formação de profissionais de várias áreas que atendem as pessoas que fazem uso

⁶ “Os cursos do CRR-Sorocaba tem como proposta metodológica a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), proposta ativa e problematizadora no campo do ensino/aprendizagem e utilizada de forma exitosa em cursos da UFSCar e da PUC de Sorocaba. O referencial teórico e a proposta metodológica do Centro buscam enfatizar a questão dos Direitos Humanos dos usuários de drogas no contexto da formação permanente dos profissionais envolvidos em seu atendimento.” (CENTRO REGIONAL DE REFERÊNCIA, Portal, s.d.)

prejudicial de drogas. Ambas dão atenção a pessoas que, de algum modo, vivem nas margens da sociedade, pessoas que convivem com diversas formas de preconceito, pessoas que não são vistas, ou são mal vistas.

A importância de uma capacitação como a proposta pelo Reletran, ao sair da universidade e buscar conhecer um espaço como a SOS, é trazer para os participantes da capacitação a possibilidade de ver aquilo que não é visto, de fato ver a *casa não vista*, espaço onde são pensadas e desenvolvidas práticas e atividades que não têm uma visibilidade. Esse sair da universidade em direção à comunidade é necessário, pois, para poder refletir sobre uma prática, é preciso ver e conhecer o que está sendo feito e como, e, a partir da prática, refletir.

[...] essas pessoas que se encontram nessa situação, estão por algum motivo que não é "vagabundice ou preguiça" são questões sociais, históricas, políticas e culturais, uma imensidão que não é vista a olho nu. O que nos cabe refletir sobre isso, quantas vezes somos nós os julgadores ou pior, quantas vezes tais pessoas são passadas despercebidas? [...] Essas vivências nos abre os olhos para tantas visões dentro desse caleidoscópio sem lógica que vivemos, que a vontade ao sair dos encontros é de abraçar o mundo. (Participante 1, narrativa de 24/09/2014).

[...] parece que estar na rua é – além dos problemas enfrentados com a bebida, drogas, desemprego e abandono da família –, talvez, um pedido de liberdade. É um atestado de que há quem não se encaixe nas regras, no que está colocado como caminho nesse mundo no momento em que vivemos, é uma crença que é possível trilhar o caminho do que se pode e não do que se deve. Acredito que isso é fundamental para compreender as práticas e processos. Talvez essa prática que conhecemos na aula seja uma com menos escuta, uma prática que impõe uma disciplina e regras para quem optou pela liberdade das ruas... inclusive a impossibilidade de ser abrigado junto com os animais que muitas vezes são a única e fiel companhia... mas não quero invalidar uma prática ou outra, mas talvez elas se relacionem socialmente de formas muito distintas. [...] Acredito mesmo que o aprendizado sobre a escuta para as pessoas e a vida é o maior aprendizado e talvez o que mais é reforçado em mim nesses encontros do Reletran. (Participante 2, narrativa de 27/09/2014).

É preciso não esquecer que o pertencimento começa a se dar apenas a partir do momento em que temos o acesso e a possibilidade de conhecer os lugares e as pessoas, e as trocas de experiências que ali acontecem. É isso que nos permite agir no mundo,

[...] não [...] ser um simples expectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto,

respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo, o da história e o da cultura (FREIRE, 1967, p. 48).

Conhecer a comunidade, conhecer aquele espaço e seu funcionamento, trabalhar com situações referentes àquela realidade, mas também o modo como lá chegamos, como nos colocamos, é pôr Paulo Freire em ação. Todos esses temas como invisibilidade, vulnerabilidade, pertencimento, os que vêm das margens,

[...] precisam ser discutidos com profundidade, não apenas por algumas pessoas dispersas e sem contatos entre si, mas por grupos e instituições voltadas para o estudo das questões contemporâneas que possam desfazer o emaranhado tornando-o um pouco mais claro, tendo em vista, repito, uma atuação política planetária, com base em pelo menos representações sociais mais elaboradas. (REIGOTA, 1999, p. 85-86).

3.2 Margens

Figura 4: Imagens do quarto encontro no Bairro Brigadeiro Tobias



Fonte: arquivo pessoal

No período da tarde, enquanto o grupo fazia uma das atividades, resolvi sair da sala onde estávamos trabalhando para dar uma volta no Centro Esportivo do bairro Brigadeiro Tobias. Bairro antigo de Sorocaba, mas que eu conhecia muito pouco, tendo passado por ele algumas vezes de carro somente. Peguei a máquina fotográfica e saí com o intuito de conhecer o local e tirar algumas fotos.

Ao me afastar um pouco, me dei conta de uma outra realidade. Num primeiro momento, senti medo, estava sozinha com a máquina fotográfica e o celular num bairro conhecido pela sua marginalidade, mas mesmo assim continuei a caminhar e a tirar fotos. Mais a frente, havia uns oito ou dez garotos sentados em alguns bancos conversando e, ao me aproximar, começaram a me observar. Seguindo o caminho

que eu estava fazendo, eu teria que passar na frente dos bancos onde eles estavam. Os meninos não tinham nenhuma atitude que eu pudesse chamar de “suspeita” ou ameaçadora, mas em virtude de alguns preconceitos existentes em mim, me senti receosa e aflita com a situação: pensei que poderia ser assaltada a qualquer momento. Acelerei o passo, passei em frente ao local onde eles conversavam e achei melhor encurtar a volta, seguindo um caminho mais rápido em direção à sala onde o grupo estava. Acredito que aqueles garotos e qualquer outra pessoa que estivesse na praça do Centro Esportivo apenas estava ali, estavam no bairro deles, vivendo a vida deles, eles pertenciam àquele lugar, mas me senti insegura com o diferente, e essa insegurança só passou no momento em que retornei à sala, ao grupo ao qual eu pertencia. Me impressiono como os estereótipos e concepções já preestabelecidos conseguem dar uma determinada reação a certas situações e como tudo isso está muito presente em nós.

*

O quarto encontro ocorreu em outubro de 2014. Esse encontro foi organizado pela Lua Nova, de modo que Raquel Barros, adiante da administração da entidade, decidiu realizá-lo no Centro Esportivo "Joaquim Martins", no Bairro Brigadeiro Tobias, em Sorocaba, com o tema “A comunidade como ator dos processos sociais de mudança”. Brigadeiro Tobias é um bairro afastado, aproximadamente 13 quilômetros de Sorocaba, e com altos índices de criminalidade, onde a associação Lua Nova já realiza um trabalho.

Figura 5: Vista do bairro Brigadeiro Tobias



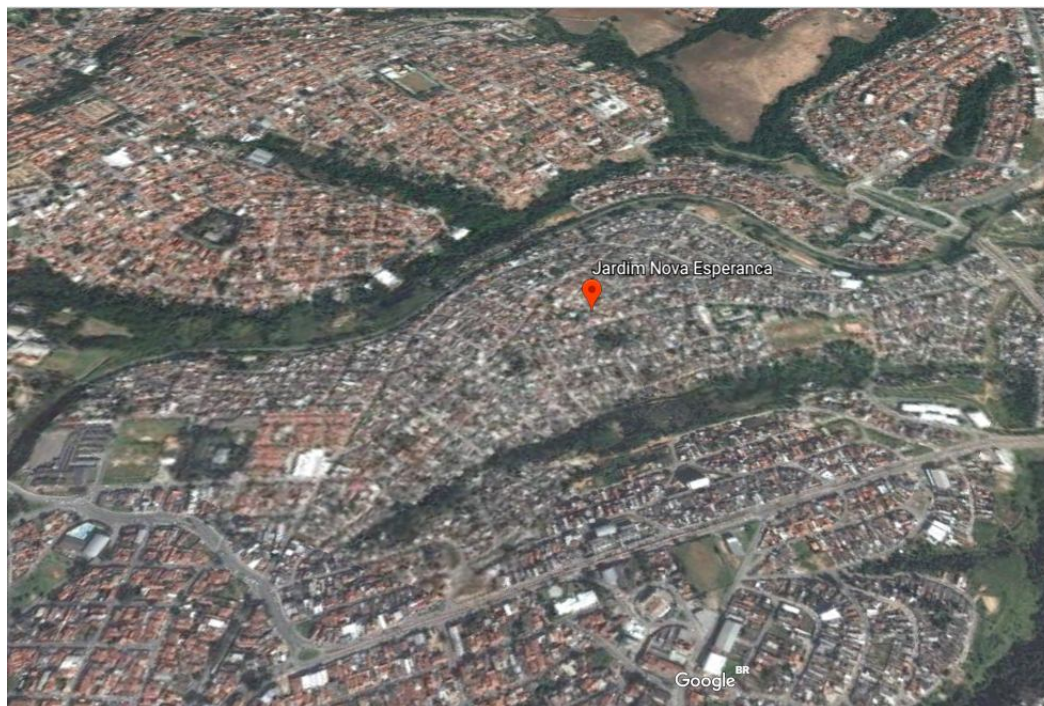
Fonte: Google Earth

Por ser um bairro mais distante, organizamos nossa ida via e-mail e Facebook, e marcamos o ponto de encontro no estacionamento da Uniso para, dali, seguirmos para o local do curso. Nessa ocasião, praticamos a carona solidária, que funcionou muito bem, ainda melhor que na primeira capacitação. Durante o trajeto conversamos sobre vários assuntos: músicas, locais de Sorocaba para sair, sobre a formação de alguns, mas o interessante era que esse momento tinha uma grande informalidade e a troca sempre era muito intensa e espontânea. Assim, a cada encontro, a proximidade entre os participantes foi sendo construída e aumentando.

*

No Centro Esportivo, onde estavam acontecendo várias atividades na comunidade, fomos recebidos pela Raquel. Reunimo-nos numa sala, e ela nos apresentou o trabalho feito pela Lua Nova na comunidade Canta Sapo, no bairro Nova Esperança, que fica mais ou menos a cinco quilômetros do centro de Sorocaba.

Figura 6: Vista do bairro Jardim Nova Esperança



Fonte: Google Earth

Nova Esperança é um bairro marginalizado e discriminado, em Sorocaba, exatamente por sua marginalidade. Raquel nos falou que a comunidade Canta Sapo é um conjunto de redes formada dentro do bairro e que a Associação Lua Nova acredita na transformação do cotidiano desta comunidade, que a mudança tem que acontecer no dia a dia, e o espaço deles tem que ser um espaço de transformação. Comentou ainda que a comunidade é feita de encontros e contato entre as pessoas, de modo que a comunidade é repleta de recursos, e o trabalho da Associação é salientar o que a própria comunidade tem e como pode ser aproveitado, e nunca enfatizar o que nela falta. Disse também que existem espaços comuns na comunidade, como igrejas, centros de umbanda, bares, e que sempre que possível eles tentam se valer destes espaços para as atividades. Mas como todas as comunidades têm seus líderes, sejam formais ou informais - chefe do tráfico, padre, pastores, moradores muito antigos -, para utilizar esses espaços precisam que os líderes apoiem o trabalho, pois se eles não o fizerem, a Associação não consegue trabalhar. Eles chamam os líderes de "nós da rede" e, para fazer a ligação nessa rede, é necessário que esses "nós" concordem e participem do trabalho que será

realizado. Segundo Raquel, quando o líder da comunidade concorda com o trabalho, esses locais são rapidamente disponibilizados, seja um bar, uma garagem, uma igreja, sempre lugares que sejam de fácil acesso (que eles chamam de "drop in"), e o atendimento da Associação já começa. Nesse atendimento, eles tentam praticar a escuta, mas a escuta de verdade, atenta ao outro, para daí prosseguir com os próximos passos, tentando enxergar a real necessidade da comunidade e não chegando com nenhum projeto pronto.

Ela nos conta que quando começam os trabalhos, aos poucos a comunidade vai revelando seus talentos, nascem minorias ativas; para Raquel, não há necessidade de realizar grandes mudanças ou mudanças radicais, pois ela acredita no efeito da articulação entre pequenas mudanças. O trabalhar em rede da Associação se dá de maneira horizontal, não havendo diferença entre o trabalhador da Associação e o morador da comunidade, dessa maneira vão se criando muitas redes subjetivas que são importantes para o processo de mudança.

A criação dessas redes ajudam os sujeitos a se identificar, e ao mesmo tempo, a se enxergar como parte de uma totalidade, tendo assim uma compreensão crítica dela e da sua importância. Nas palavras de Paulo Freire,

[...] a questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada (FREIRE, 1978, p. 96).

Na sequência, foi aberta uma roda de perguntas e em seguida dessa conversa sobre a comunidade Canta Sapo, ela partiu para uma dinâmica em que colocou várias imagens no chão, e pediu para que, em dupla, os participantes escolhessem duas figuras e conversassem sobre o que cada uma delas significava para cada um. Depois pediu que se juntassem em duas duplas e trocassem informações sobre o que cada um achava de cada figura, e no final abriu uma grande roda onde todos puderam expor e comentar todas as figuras. Nesse momento, ela falou sobre as representações que cada um fez sobre as imagens a partir de suas experiências.

Ela propôs uma nova dinâmica, chamada Abrigo Subterrâneo, em que os participantes foram divididos em quatro grupos, e tinham que escolher, dentre alguns perfis hipotéticos, salvar cinco destes indivíduos de uma catástrofe mundial, e estes que seriam salvos teriam a responsabilidade de reconstrução de uma nova sociedade.

Quadro 2 - Perfis hipotéticos da dinâmica

- () Um violinista, com 40 anos, narcótico viciado.
- () Um advogado, com 25 anos, HIV +.
- () a mulher do advogado, com 24 anos, que acaba de sair do manicômio. Ambos preferem ficar juntos no abrigo, ou fora dele.
- () Um sacerdote com 75 anos
- () Uma prostituta, com 34 anos.
- () Um ateu com 20 anos, autor de vários assassinatos.
- () Uma universitária que fez voto de castidade
- () Um físico, 28 anos, que só aceita entrar no abrigo se puder levar consigo uma arma.
- () Um declamador fanático, com 21 anos.
- () Uma menina de 12 anos, e baixo Q.I.
- () Um homossexual, com 47 anos.
- () Um excepcional, com 32 anos, que sofre de ataques epiléticos

Essa dinâmica foi bem polêmica, pois cada um trouxe consigo valores de certo e errado e, dentre aqueles perfis, cada um escolhia o que para si seria melhor para a construção de uma nova sociedade. Além de valores, entrou também a questão de julgamentos e discriminação. Os participantes tiveram muita dificuldade em escolher somente cinco dentre as possibilidades, discutindo as contribuições que cada um dos perfis poderia trazer para essa nova sociedade. Alguns achavam importante, por exemplo, ter um sacerdote, outros achavam que era dispensável, alguns pensavam somente em perfis que pudessem possibilitar a reprodução da espécie, outros esbarraram em preconceitos em relação ao homossexualismo, à

prostituição, ao uso de drogas.

A esse respeito, a participante 1 comentou que “Foram dinâmicas divertidas e que mostram cada vez mais a interação do grupo como um todo, na dinâmica do “fim do mundo” foi mais difícil, porque escolher pessoas entre úteis e não úteis é bem perturbador.” (Participante 1, narrativa de 09/10/2014).

Foi enfatizado que, para trabalhar com comunidades em situação de vulnerabilidade, é preciso sempre tentar descobrir o que existe de bom na comunidade, não ir no problema, pois a pessoa só troca o que tem de bom.

*

Fizemos uma pausa para o almoço. Nesse encontro, por causa da distância do bairro e por não ter certeza se haveria locais de acesso fácil para refeição, combinamos novamente que cada um levaria um prato e fizemos nosso almoço comunitário.

*

Retornando do almoço, Raquel fez uma palestra sobre o conceito de Rede subjetiva. Ela usou a seguinte definição: “Conjunto de pessoas e suas interconexões que uma pessoa identifica como importantes e significativas em sua vida.” Nesse momento, ela mostrou a técnica usada com os dependentes químicos que é identificar e conhecer a rede subjetiva dele. Cada um dos participantes elaborou um exemplo construindo a sua própria rede subjetiva, para mim, foi bem interessante parar e analisar que não necessariamente apenas a família participa dela: a rede subjetiva vai muito além disso, envolvendo vizinhos, pessoas do trabalho, da escola e de todos os locais dos quais participamos. Finalizou dizendo que a pessoa que enfrenta problemas com uso abusivo de drogas só consegue sair dessa situação quando amplia a sua rede subjetiva conectando-a com outras redes, com pessoas que não fazem parte do círculo de vícios.

Toda essa conversa sobre rede subjetiva, identificação e sua construção se aproxima do conceito de rede de conhecimentos de Nilda Alves, com o qual o grupo Perspectiva Ecologista de Educação, liderado pelo professor Marcos Reigota, também trabalha. Para a autora,

Tecer conhecimento em rede, no entanto, é a forma possível para indicar como, sempre, o conhecimento foi criado nos contextos cotidianos do viver humano, mesmo quando para se fazerem, a ciência e o poder econômico precisaram dizer que essa forma de criar conhecimentos era inferior e que os conhecimentos práticos que criavam só existiram enquanto não fossem

superados pelo de poder. Esses conhecimentos práticos/de uso receberam a denominação genérica de senso comum, não se reconhecendo neles a sua diversidade, multiplicidade e complexidade, nem as possibilidades de mudança, em alguns casos, e de sua persistência, em outros. Hoje, creio que já podemos concordar com o fato de que essa denominação é insuficiente para descrever e falar de todos os conhecimentos cotidianos. (ALVES, 2000, p. 30).

*

Raquel encerrou a sua parte do encontro e aproveitei o tempo restante para conversarmos sobre o trabalho de conclusão do curso de capacitação. Não desejávamos um trabalho convencional, em que seria entregue um texto como geralmente se faz. Conversamos sobre a liberdade na elaboração desse trabalho de conclusão que poderia ser algo prático, uma atividade em alguma comunidade, poderia ser ainda em formato de vídeo, fotos, teatro. Na verdade, deixamos os participantes à vontade para a construção deste trabalho seguindo a mesma linha de liberdade trabalhada e praticada nos encontros. Todos os grupos deveriam começar a pensar no que seria feito, demos um tempo para que eles se dividissem e comesçassem a discutir o que fariam. Eu e a Carmem nos disponibilizamos para conversar com os grupos e dar início a algumas orientações. Encerramos nosso encontro por volta das dezessete horas, nos organizando novamente nas caronas para facilitar o retorno para a universidade.

Esse encontro nos ajudou a refletir sobre a rede que foi sendo formada durante a capacitação, e a amplitude dela. Quando estamos em contato com uma comunidade, não temos como escolher quem pode e quem não pode participar daquele grupo, por isso a importância do reconhecimento de todos os saberes que estão ali, de um grupo onde todos possam participar e tenham a sua importância reconhecida. Isso deixa claro o que seja comunidade e a prática comunitária.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os alunos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 1996, p. 33).

A importância da colocação de Paulo Freire e das falas da Raquel fica

evidente na fala da Participante 1 quando ela diz que “entrar em contato com a comunidade e vivenciá-la é a melhor forma de conhecer para agir” (Participante 1, narrativa de 09/10/2014).

3.3 Luz e sombra

Figura 7: Imagens do quinto encontro na Associação Novo Tempo



Fonte: arquivo pessoal

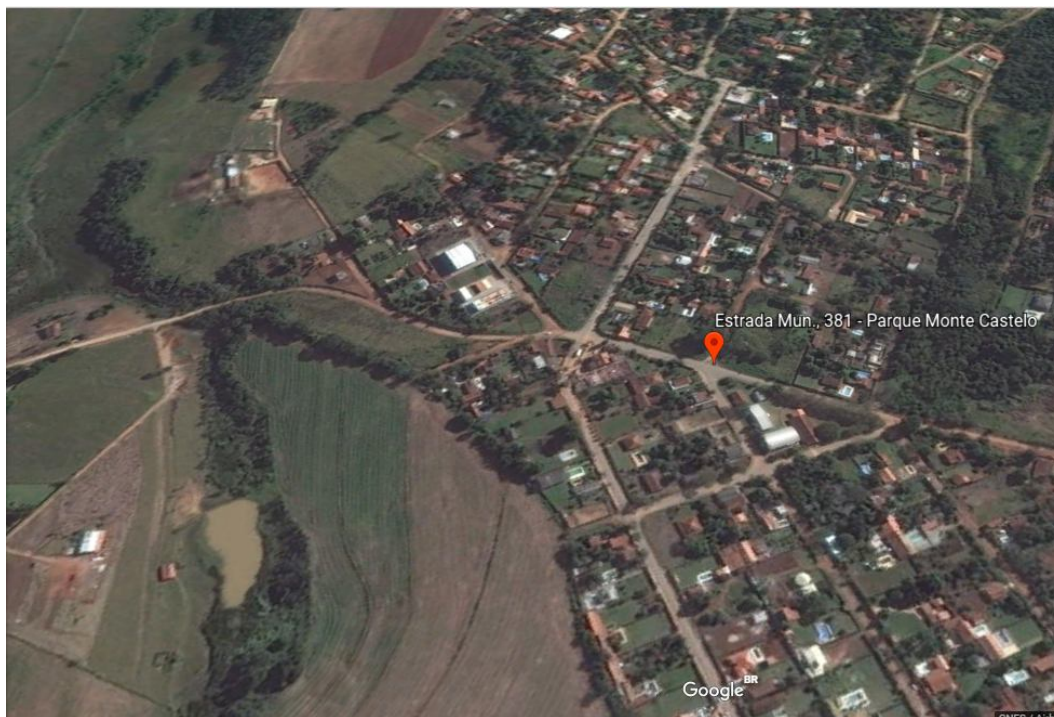
Sentei para construir uma narrativa para abrir esse encontro, assim como fiz com os outros, mas dessa vez foi diferente: não consegui escrever. Pensando sobre o que e como poderia escrever essa narrativa, resolvi consultar o dicionário buscando a diferença entre habitar e residir. Habitar, que vem do Latim habitare, é “viver em, morar”, relacionado com “habere”, que é “possuir, ter, manter”. Já residir, vem “residere”, que significa morar, permanecer. Acreditava que essas definições me ajudassem a encontrar um caminho para essa narrativa, mas a narrativa não

saiu como deveria sair e, ao invés disso, as palavras me despertaram algumas perguntas: naquela casa, os moradores são chamados de residentes, moram lá, mas será que eles têm aquele espaço como realmente sua moradia? Há muitos tipos de casa: tem a casa não vista, tem a casa bonita, vistosa, organizada, tem a casa onde cada um mora, a casa comum, a minha, a sua casa. Uma casa vistosa, bonita, organizada não deixa de ser vista e observada, mas será que ainda assim seus residentes não seriam igualmente invisíveis? Nessa invisibilidade não haveria algum tipo de abandono ou exclusão? Um condomínio fechado que atende todas as condições e necessidades, não separa seus moradores, de uma maneira ou de outra, do restante da sociedade? O que são afinal deficiências intelectuais? A dificuldade ou a não possibilidade de se comunicar, escrever ou se locomover? Quantos de nós, muitas vezes, não se veem nessas condições? Fiquei tentando entender por que no caso desse encontro a narrativa não saiu e me veio o pensamento de que da mesma maneira que os residentes vivem ali, naquele mundo fechado, talvez uma bolha separada da sociedade, eu também, nesse encontro, me fechei: me fechei no sentido de estar naquele espaço delimitado e me permitir entender o cotidiano e como as coisas ali acontecem. Mas ao mesmo tempo, pode ser que o encanto da grandeza e da estruturação do local não me permitiu pensar para fora dali. Como se eu não tivesse experimentado nada além daquele espaço; praticamente como se eu tivesse ficado fechada ali junto com aqueles residentes. Não acredito ter sido uma experiência ruim, de maneira alguma, e também não acredito que o texto abaixo tenha respostas para todas as minhas perguntas, mas entendo que ele irá ajudar a pensar, a refletir sobre as questões que vão surgindo em minha cabeça.

*

Nosso quinto encontro foi realizado em outubro de 2014. Esse era um encontro que eu, particularmente, aguardava ansiosa, pois na capacitação anterior tivemos oportunidade de conhecer a oficina de dança da Associação de Convivência Novo Tempo situada na cidade de Araçoiaba da Serra, uma cidade vizinha de Sorocaba.

Figura 8: Vista da Associação Novo Tempo



Fonte: Google Earth

A Associação Novo Tempo trabalha com pessoas portadoras de deficiências intelectuais. No momento da nossa visita, havia quarenta residentes e seis que passavam somente o dia, retornando a noite para casa. Como na capacitação anterior, pudemos conhecer um pouco do trabalho realizado pelo terapeuta ocupacional Fabio Arthuso, mas apesar de já nesse primeiro momento me encantar com o trabalho dele, restaram muitas dúvidas e questionamentos na minha cabeça: como funciona essa associação? Será um local de abandono ou terceirização para os pais? Como essas pessoas com deficiência intelectual são tratadas? Tem estrutura adequada? E esse encontro me deu a oportunidade de responder algumas dessas perguntas, e acredito que de uma maneira muito interessante, na prática.

Pudemos ter conhecimento e acesso a essa associação por meio da amizade da Carmem Machado com o Fabio Arthuso, então a Carmem já conhecia o trabalho feito pela Associação e avaliou com o Fabio mais essa possibilidade de construção de rede. Na primeira capacitação, ocorrida em 2013, apenas assistimos a apresentação de dança *Luz e sombra*, criada e dirigida pelo próprio Fabio com a participação dos residentes da Associação. Agora, nesse encontro, teríamos a oportunidade de conhecer o trabalho de toda a Associação.

*

Nosso ponto de partida para essa atividade foi no estacionamento de um Supermercado na Avenida General Carneiro, as 8h da manhã. De lá, juntos, fomos até Araçoiaba, onde encontramos o Fabio no centro da cidade, guiando-nos até o local da Associação.

Chegamos lá por volta de oito e meia. Era um lugar grande, muito estruturado, um ambiente gostoso e aconchegante. Fabio nos acomodou na recepção onde alguns residentes fizeram um breve contato conosco, curiosos com nossa presença. Em seguida ele nos apresentou alguns funcionários da Associação e ali nos contou um pouco da história de seu surgimento. O Seu Vasco, idealizador e fundador da Associação, aos seus 46 anos teve um acidente com seu filho que na época tinha 11 anos, em razão do acidente o menino ficou com dificuldades intelectuais, e a grande preocupação do Seu Vasco era quem cuidaria dele e como, depois de sua morte. Fabio nos contou que Seu Vasco idealizou a Associação no ano de 1993, sendo inaugurada quatro anos mais tarde, em 1997. A intenção de Seu Vasco foi, desde o início, fazer daquele local um espaço ainda melhor que a própria residência dos pais, e o grande desafio era administrar o cotidiano de todas esses moradores, desenvolvendo atividades que pudessem ajudar no desenvolvimento de todos, mas que isso sem fugir da rotina normal de qualquer residência. Fazer da Associação a casa daqueles que nela residiam, era essa a ideia.

A Associação é particular, porém sem fins lucrativos, todo e qualquer lucro que gera é investido ali mesmo em benefício dos próprios residentes. Após a apresentação feita pelo Fabio, nos dividimos em três grupos, para que as funcionárias pudessem nos apresentar o lugar. Aos poucos, toda aquela sensação de abandono foi sumindo... Cada canto, cada cômodo, cada espaço tinha sido bem pensado e organizado. Tudo muito colorido, alegre, havia vida ali.

Tive a sorte de estar no grupo onde um dos residentes, um jovem, nos acompanhou na visita às dependências da Associação. Ele, muito ativo, agitado, fez questão de ir dizendo o que fazia, como fazia e como as coisas aconteciam ali. Os participantes ouviam com muito prazer o que era contado e explicado pelas funcionárias sobre como as coisas aconteciam e as complementações feitas pelo jovem.

Cada ambiente era bastante organizado e identificado de uma maneira que os residentes pudessem fazer, dentro das possibilidades de cada um, as coisas sozinhos, então sempre havia nomes com fotos para facilitar a identificação dos residentes. Por exemplo, na porta da oficina de reciclagem, tinha um quadro com as fotos dos residentes indicando quem iria utilizar a sala em cada dia da semana.

Caminhando e conversando, fomos entendendo como funciona o espaço e como é a rotina dos residentes. Eu observava além das instalações que eram realmente organizadas, foi o carinho e a atenção que as funcionárias para com os residentes, que contam com terapeutas ocupacionais, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, profissionais de arte e as cuidadoras. Eles dispõem de vários espaços de convivência, pista de caminhada, diversas oficinas de arte, lavanderia, estufa, piscina, espaço para equoterapia, criação de animais e um amplo espaço com ar livre.

No fim da visita, encontramos os outros grupos no galpão, localizado mais ou menos no meio do terreno ocupado pela Associação. O galpão era composto por duas meias paredes nas laterais, permitindo que a luz natural entrasse no espaço. Nele, foram colocadas cadeiras de plástico para sentarmos, e a apresentação de dança *Luz e sombra* aconteceu na parte central. Tudo começa com funcionárias e residentes em cena segurando gaiolas vazias nas mãos e eles perguntam: O que tem na sua gaiola? Essa pergunta já inquieta o pensamento: o que será que tenho na minha gaiola? O que tem ou tenho aprisionado aqui dentro? As cenas continuam, com músicas e movimentos muito sensíveis.

Dentre todas as cenas a que mais me chamou atenção foi uma, no meio do espetáculo, em que uma das funcionárias dança com um dos residentes que utiliza uma cadeira de rodas. Num primeiro momento, parece que ela está dançando sozinha, mas ela estabelece uma conexão, um contato visual tão grande com ele que suas reações, durante a dança, são perceptíveis: movimentos e risos que deixam clara a sintonia e a beleza daquela dança.

Ao finalizarem a apresentação, o grupo Reletran foi convidado para entrar em cena e dançar uma música com eles, enquanto dançavam, eu, muito emocionada, preferi fotografar, e fui observando a emoção que tomou conta de todos que dançavam: aquela cena virou uma grande festa.

Encerramos aquele momento e nos organizamos para ir até o refeitório para o almoço. No caminho, pensava quanto os pequenos gestos e momentos são valiosos

para nossas vidas e como aqueles residentes, mesmo não sendo aquela a casa onde nasceram, conseguem criar suas redes subjetivas e, assim, passam a pertencer ao lugar onde vivem, à comunidade que inventam.

*

Após o almoço, compartilhado com os residentes e funcionários, todos misturados e distribuídos em mesas para seis pessoas (momento de bastante conversa sobre a dança e tudo que tinha sido visto), nos reunimos numa sala para conversar com o Fabio e com algumas funcionárias da Associação que também participaram da apresentação de dança. Fabio começou sua fala nos contando que o projeto inicial para conseguir a vaga de Terapeuta Ocupacional na Associação era realizar uma dança no espaço externo, que ele chama de arena, utilizando objetos do cotidiano. Ele conseguiu a vaga e brincou que ficou praticamente três anos apenas rolando com os residentes, e foi convidado pela coordenadora para fazer uma apresentação aos pais na festa de encerramento, no ano de 2010. Um pouco nervoso com essa apresentação, começou a desenvolver as cenas com os residentes, nascendo aí a montagem *Luz e sombra*. Ele foi percebendo aos poucos, que quando colocava objetos nas cenas, a resposta dos residentes era melhor. Então ele foi inserindo objetos para referenciar as cenas, pois estes ampliavam os movimentos. Inicialmente o projeto era chamado de *Projeções ou transparências luz e sombras*, e Fabio nos mostrou fotos e vídeos das primeiras apresentações. A partir de um curso que ele fez, começou a ter novas ideias e a discutir sobre um novo espaço para ensaiarem. Baseado na série Matisse, ele foi inserindo os guarda-chuvas, gaiolas, apitos, luzes, sombras, passarinhos. Já as funcionárias começaram a participar dos ensaios para ajudar e, aos poucos, foram se envolvendo também no projeto. Falando sobre sua participação, uma das funcionárias diz: "Que o cotidiano dela se ampliou muito após a participação na apresentação e que se morresse naquele momento se sentia satisfeita!". Era muito visível o envolvimento e a dedicação de todos aqueles funcionários. Abrimos a fala para os participantes da capacitação do grupo e foram muitos comentários positivos sobre a Associação, o trabalho que eles desenvolvem, sobre a apresentação de dança e sobre os funcionários.

O que mais resta para pensar sobre uma casa onde tudo é muito bonito,

organizado, e com condições para que os residentes morem ali e se desenvolvam? Realmente, não se pode questionar o funcionamento da casa ou a sua organização: cada espaço que eu conhecia, via na prática que toda aquela metodologia realmente funcionava, mas, ao mesmo tempo, pensava em quantas pessoas podiam ter acesso a esse tipo de serviço, de suporte. O valor que os familiares pagavam para manter um residente ali era muito alto, então era o recurso financeiro das famílias que permitia e lhes dava essa possibilidade.

Mas mesmo com todo suporte e participação da família na vida daqueles residentes e com todas as condições necessárias para a realização da vida e do cotidiano dos residentes, ainda me pergunto: não seria este um tipo de condomínio que acaba fechando e isolando do convívio familiar e do convívio social? Essa colocação não pretende ser uma crítica ao trabalho realizado na associação, mas uma reflexão sobre os tipos de benefício e possibilidade que o recurso financeiro permite. Mas e quem não tem recurso financeiro? Lembrei-me de uma conversa que tive com minha mãe, ela é professora de uma escola estadual, que tem, por exemplo, uma sala com quarenta alunos. Destes alunos, dois ou três precisam de condições diferenciadas, mas com a chamada inclusão, eles ficam junto com os outros alunos, e o professor, sem nenhum tipo de treinamento ou preparo, tem que se organizar para trabalhar com todos. Neste grupo de alunos com laudos, alguns são portadores de deficiências intelectuais ou físicas, e não dispõem do recurso financeiro necessário para que tenham acesso a todo e qualquer tipo de serviço ou atividades diferenciadas. No entanto, essas crianças participam do convívio social, tanto da escola como da família, mesmo com todos os problemas ou dificuldades que possam existir.

Esta mesma inquietação, que considero importante levar em conta, está presente na fala de duas participantes:

Uma das minhas sensações finais foi de agradecimento por existir um espaço que se preocupa com as atividades de rotina dessas pessoas e que elas têm a chance de ter qualidade de vida associada à diversão que também é inserida no espaço. A outra é a indignação pela grande parte da população com deficiência que não tem acesso a esse tipo de trabalho. A frase que se formou na minha mente foi: vivemos em um sistema que não se preocupa, na sua grande maioria, em proporcionar bem estar e experiências às pessoas, mas busca a lucratividade em todas as suas atividades. (Participante 3, narrativa de 24/10/2014).

A Associação Novo Tempo é um espaço para reverberar outras relações, onde as pessoas com deficiência intelectual possam se sentir cuidadas,

onde seus familiares possam confiar em deixá-las mais sós (e ao mesmo tempo acompanhadas...), porém, é um lugar para poucos, para os que tem condições financeiras suficientes de financiar uma estadia que tem um custo bem alto. Além disso, tem o lance - que tem sido discutido muito atualmente - de diminuir o contato social e a vivência da realidade desse mundo-torto em que estamos inseridos. (Participante 2, narrativa de 20/10/2014).

Ainda refletindo sobre os residentes, lembrei-me que, durante a visita, as funcionárias nos contaram que alguns residentes saem do espaço da Associação para realizar algumas atividades como ir ao supermercado, à missa ou a algum evento que esteja acontecendo na cidade. Uma importante atividade para esses que delas podem participar e ter essa possibilidade, mas, ao mesmo tempo, tem os escolhidos, os com menos dificuldades, que podem realizar essas atividades externas e portanto participar da vida na sociedade. Por outro lado, não são todos que conseguem, e como essas atividades são acompanhadas pelos funcionários da Associação, não sei até que ponto se permite a real participação dos residentes e como eles alteram ou influenciam o comportamento das pessoas desses lugares que frequentam, atendentes, outros clientes, ou pessoas que também participam desses eventos.

Existem muitas pessoas que são portadoras, de alguma maneira, de dificuldades nos afazeres do cotidiano: pessoas que não se locomovem com facilidade, que não falam, que não lêem, que não enxergam, que não ouvem. Fico me perguntando, como serão os enfrentamentos dessas pessoas convivendo na sociedade? Pela complexidade do assunto e de variáveis não consigo responder a essa e nem as outras questões que venho colocando, mas posso tomar Paulo Freire e sua obra e perceber que, na verdade, ele não trabalha com o termo inclusão, porque seu pensamento, seu legado tem outro ponto de partida: o homem tem que se reconhecer e para isso ele precisa agir no mundo, participar da realidade sem distinção.

Esse encontro me fez sair do mundo e entrar em um novo mundo, fechado nele mesmo, e me deu possibilidades de refletir no esforço de buscar o entendimento. Assim, trago algo do pensamento de Paulo Freire que retirei de sua tese apresentada no Concurso para a Cadeira de História e Educação - Escola de Belas Artes de Pernambuco, em Recife, em 1959, que diz da nossa diferença comum e da nossa presença no mundo:

A possibilidade humana de existir - forma acrescida de ser - mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje. O aqui do ali. Essa transitividade do homem faz dele um ser diferente. Um ser histórico. Faz dele um criador de cultura. (FREIRE, 2001, p. 10).

3.4 Conversas

Conversa com Paulo Freire: o início

Sorocaba, 20 de maio de 2016.

Prezado Paulo,

Acredito que deve estar achando estranho receber uma carta minha, afinal de contas nem nos conhecemos, mas como me disseram que você sempre trata muito bem seus alunos e seguidores, resolvi arriscar. Te escrevo para dialogar um pouco com você sobre minha tese de doutorado em Educação, que desenvolvo na Universidade de Sorocaba. Além de doutoranda, sou também professora da Uniso, há oito anos, onde leciono disciplinas técnicas nos cursos de Engenharia e Arquitetura. Junto com esse trabalho, dou outras disciplinas no curso de Tecnólogo de Fabricação Mecânica no Senai. Bom, este ano completo meu terceiro ano de doutorado, portanto já com as disciplinas finalizadas, e estou no momento efetivo da escrita sobre a capacitação que realizamos na Uniso.

Uma das coisas que tentamos desenvolver nessa capacitação é a ressignificação da sua pedagogia, ressignificação da Pedagogia de Paulo Freire. Essa é uma capacitação experimental, estamos na segunda realizada aqui em Sorocaba e pelo grupo Reletran, há outros países também desenvolvendo capacitações que tendem para o mesmo caminho. Tentamos, em nossos encontros, fugir, sair do modelo padrão de curso, de sala de aula, assim, realizamos um curso itinerante em que cada encontro foi feito em um local.

A minha tese foi dividida em várias seções, e cada uma dessas seções tem um eixo principal, e todas elas têm como um eixo maior o conceito de universidade comunitária – pois a Uniso é uma universidade comunitária e acreditamos que esse é um dos motivos dessa capacitação poder ser realizada aqui. Tenho muito para te

contar sobre os nossos encontros. Se pudermos estender a nossa conversa em outras cartas, terei o maior prazer em lhe contar. Bom, a seção em que estou trabalhando no momento é a que tem como eixo principal a questão da invisibilidade e nela estou trabalhando com alguns caminhos: diferenças, preconceitos e margens. O livro escrito por você que acredito vai me ajudar a pensar nesses caminhos é *Educação e mudança*, e é sobre ele que quero conversar com você. Separo esse livro e faço a leitura para tentar extrair dele algo que vai definir o que trago na minha seção como invisibilidade, como os que vêm das margens. Faz algumas semanas que esse livro tem me acompanhado no corre-corre do dia a dia de professora, pois, como te contei, leciono em dois lugares, tenho trinta e cinco aulas por semana, e o doutorado e as minhas leituras permeiam esse cotidiano.

Começo a minha leitura tentando dar conta do primeiro capítulo que tem como título "O compromisso do Profissional com a Sociedade". Nesta primeira parte do texto, suas palavras me fazem voltar para o título e pensar melhor sobre ele: compromisso de quem com quem? Como você mesmo diz no livro, o compromisso só é definido quando junto com essa palavra tem o profissional, dessa maneira fica claro de quem é esse compromisso. E o complemento dele define a quem esse compromisso é endereçado: para a sociedade, não para qualquer um.

Seguindo o texto, começo a ver como você traz a importância de olhar para esse compromisso e a entender que o título, com essa frase, não foi colocado de qualquer jeito, escolhido aleatoriamente. E, logo em seguida, você traz a pergunta: quem pode se comprometer? E nesse momento divago um pouco sobre essa pergunta e acabo chegando às coisas, às pessoas, aos locais com os quais e onde me comprometo. Sou comprometida com minha família, com a minha gata, com meus amigos, com a minha profissão, com meus alunos e com mais uma série de coisas que desenvolvo, mas, seguindo esse pensamento, sei que cada um desses compromissos têm diferenças, têm intensidades e importâncias diferentes. Paro um pouco com as minhas divagações e volto para o texto, onde, em seguida você traz a resposta: "A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir" (FREIRE, 1979, p. 16).

Continuando no texto, você, Paulo – posso te chamar assim? Me desculpe se não, mas já me sinto à vontade para isso –, coloca que esse ser que tem que ser capaz de agir e refletir é o próprio homem e que para isso não pode ser distanciado da prática, sendo essa a maneira humana de existir. Não se pode ter ação e reflexão

fora da relação homem-realidade, homem-mundo e é nessas relações que o homem pode ou não desenvolver suas ações e suas reflexões, tendo assim a possibilidade de alcançar o pleno exercício da maneira humana de existir.

Seguindo suas reflexões, trago um trecho que me chamou atenção: "Os homens alcançam a razão dos obstáculos na medida em que sua ação é impedida. É atuando ou não podendo atuar que se lhes aclaram os obstáculos à ação, a qual não se dicotomiza da reflexão. E como é próprio da existência humana a atuação-reflexão, quando se impede um homem comprometido de atuar, os homens se sentem frustrados e por isso procuram superar a situação de frustração" (FREIRE, 1979, p. 18). Para complementar esse trecho, você assinala que o homem que é impedido de atuar e refletir fica totalmente ferido e que o compromisso com a humanização do homem é uma responsabilidade histórica que não pode ficar só na teoria, tem que ser vivido realmente na prática e para isso não se pode ter o posicionamento neutro diante das situações, pois essa neutralidade reflete um medo de se engajar completamente, de se comprometer com a realidade.

Você coloca ainda que para analisar o compromisso do profissional com a sociedade não se pode deixar de lado que esse profissional antes de tudo é um homem e deve ser comprometido por si só. O compromisso desse profissional já assumido como homem que não pode fugir da solidariedade na procura da humanização vem sendo somado com a dívida que ele assume ao fazer-se profissional. Esses dois compromissos acabam caminhando juntos, quanto mais ele se compromete com o profissional se capacitando, sistematizando as experiências, utilizando o patrimônio cultural, mais está sendo acrescida a responsabilidade desse profissional como homem. Trago, para ajudar o meu pensar sobre tudo isso, as suas palavras: "Não deve julgar-se, como profissional, 'habitante' de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos 'ignorantes e incapazes'. Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os 'perdidos', que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno." (FREIRE, 1979, p. 21). Seriam esses "ignorantes e incapazes" os que habitam ou vem da margem? Seriam esses os invisíveis que estou buscando entender melhor?

Você afirma, no texto, que o compromisso não pode ser um ato passivo e carregado de humanismo e que esse compromisso profissional só é válido quando

tem um fundamento científico, tendo o profissional que se aperfeiçoar constantemente e conseguir ter uma visão crítica do mundo, enxergando-o não em departamentos e sim na sua totalidade. Em relação a essa totalidade, trago suas palavras: "Deformados pela acriticidade, não são capazes de ver o homem na sua totalidade, no seu que fazer-ação-reflexão, que sempre se dá no mundo e sobre ele. Pelo contrário, será mais fácil, para conseguir seus objetivos, ver o homem como uma 'lata' vazia que vão enchendo com seus 'depósitos' técnicos. Mas ao desenvolver desta forma sua ação, que tem sua incidência neste 'homem lata', podemos melancolicamente perguntar: 'onde está seu compromisso verdadeiro com o homem, com sua humanização?'" (FREIRE, 1979, p. 23).

Ainda debruçada no seu texto e tentando fazer as associações com o eixo principal desta seção, entendo o que você diz sobre a nossa sociedade que acaba perdendo sua identidade ao importar técnicas e tecnologias sem se preocupar em contextualizar culturalmente, isso acaba criando e dando espaço para profissionais alienados que não distinguem o ano calendário do ano histórico. E que dessa maneira, alienado, o homem inseguro e frustrado só consegue ver as coisas pela superfície, não consegue ver seu interior e, sendo assim, como se comprometer?

Para finalizar esse pensamento, trago novamente suas palavras: "Estamos convencidos que o momento histórico da América Latina exige de seus profissionais uma séria reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulte sua inserção nela. Inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Compromisso com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem." (FREIRE, 1979, p. 25).

Continuando com minhas reflexões e busca do entendimento do que seriam e quem seriam os da margem, os invisíveis, acredito que não consigo ainda ter a clareza necessária sobre isso nesse momento em que escrevo, mas que pensar sobre o compromisso do homem, sobre a solidariedade e sobre a humanização é um ótimo caminho para seguir com estas reflexões. Pretendo continuar com a leitura ainda em busca de uma melhor compreensão dos pontos principais do meu eixo, mas acredito que já tenha encontrado algo e seu texto me ajudou muito nessa reflexão. Ainda não comecei a escrever sobre o eixo, então vamos ver como ele ficará!

Espero não ter te cansado com esse diálogo e que possamos estabelecer

uma continuidade na nossa conversa, no sentido de trazer seus textos e suas reflexões para dentro da minha tese, da minha pesquisa, e também de lhe narrar o meu caminho como professora e pesquisadora.

Paulo, se a sua leitura chegou até esse ponto, só tenho a lhe agradecer muito pela atenção e pedir mais uma vez licença para que possamos continuar o nosso papo.

Gratidão!

Abraços

De uma professora

Ariane

Conversa com Paulo Freire: o invisível e o inacabado

Sorocaba, 23 de maio de 2016.

Querido Paulo,

Está sendo muito bom podermos prosseguir com nossos diálogos. Você não imagina a importância que eles terão para mim e para minha tese. Agora, sempre que possível, irei te escrever para conversamos um pouco sobre meus trabalhos.

Continua a minha busca em seu livro *Educação e mudança*. Estou no segundo capítulo, que se chama “A Educação e o Processo de Mudança Social”. Logo no início, você retoma o inacabado do ser humano. Gosto muito desse conceito, a primeira vez que tomei contato com ele foi através do seu livro *Pedagogia da Autonomia* e acho muito interessante esse viés de pensamento. E quando paro e reflito sobre minha vida, sobre mudanças no âmbito pessoal e profissional, vejo a importância e a concretude desse inacabado. Ainda bem que esse inacabamento existe, pois temos a possibilidade de abertura de horizontes e possibilidades para o nosso próprio crescimento. Para definir com as suas palavras a importância desse inacabamento, tomo a liberdade de citar você: “Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? de onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser

inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação" (FREIRE, 1979, p. 27).

E indo mais fundo no sentido desse inacabamento, você traz no livro que o homem, sabendo disso, deve ser o sujeito da sua própria educação, não podendo ser objeto dela, por esse motivo você afirma que ninguém educa ninguém. Seguindo esse raciocínio, o texto faz a relação do saber com a ignorância, dizendo que não existem educados e não educados e sim níveis de educação partindo do ponto de vista de que todos estão se aluno e também que há saberes diferentes. Uma fala sua muito importante é: "Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo" (FREIRE, 1979, p. 29). Essa passagem me faz lembrar de muitos professores que tive, que tinham um saber imensurável, porém não sabiam compartilhá-lo, inferiorizando, rebaixando e desestimulando aqueles com quem trabalhavam. Como também me recordo, nesse caso com mais clareza, de outros professores que conseguiram fazer fluir de uma maneira muito mais leve e menos vertical os seus conhecimentos e dessa maneira, sem um palanque de distância entre professores e alunos, a relação e o aprendizado se dá de um modo muito mais tranquilo e eficaz.

O próximo tópico do texto é amor-desamor. Nesse momento percebo os antônimos nos subtítulos e como eles fazem sentido. Antes da leitura me pego pensando: amor? Será possível falar em amor na educação? E lembro-me de uma frase que eu uso: "Eu amo dar aula!", e completo, "por mim faço isso o resto da minha vida!" Relembrando essa minha frase, sempre dita em conversas sobre profissão, sobre escolhas de vida, penso que, sim, podemos falar em amor na educação, não um amor melancólico e talvez até utópico, mas em um amor real, palpável, prático, que se traduz nas ações diárias, no cotidiano de professores e alunos, e esse amor que favorece o processo em que estamos de nos educar. "Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita." (FREIRE, 1979, p. 29).

Continuando com as suas reflexões, chego na seguinte frase: "Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto

ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os alunos sejam eles mesmos." (FREIRE, 1979, p. 32). Nesse momento, procuro nas minhas memórias em quais momentos essa restrição aconteceu, momentos em que a repetição tornou-se regra e que não havia espaço para a criação. Ao mesmo tempo, Paulo, olho para minhas práticas pedagógicas e penso que em vários momentos não consigo abrir esse espaço para a criação, pois muitas vezes esse espaço vem contra alguns conteúdos extremamente técnicos e regrados que devem ser transferidos para os alunos. Como lidar com esta falta de espaço para a criação?

Prosseguindo com a minha leitura, chego numa parte onde você compara uma sociedade em transição com uma sociedade fechada e uma sociedade alienada. Em um primeiro momento, achei muito interessante as comparações, mas pensei em deixar fora do texto. Mas olhando com mais calma, penso que não dá para analisar a invisibilidade, pensar sobre aqueles que vêm das margens sem pensar em qual sociedade vivemos. Você traz algumas definições, no texto, da nossa sociedade latino-americana, dizendo que é uma sociedade em que o ponto de decisão econômica acaba ficando fora dela e que acabamos fornecendo a matéria-prima para consumir o produto manufaturado com custos de importação e sendo controlado pela sociedade matriz. Você traz também, e acredito que ajuda muito nos meus pensamentos, que a conservação e a busca de um *status*, *status* este que, em suas palavras, é ganho geralmente por herança e não por valor ou capacidade, faz com que essa sociedade, fechada, desenvolva todo um sistema educacional para manter esse *status*. Após toda a análise que você faz de sociedade-matriz e sociedade-objeto, destaco essas palavras: "Nestas sociedades nenhum pai gostaria que seus filhos fossem mecânicos se pudessem ser médicos, mesmo que tivessem vocação de mecânicos. Consideram o trabalho manual degradante; os intelectuais são dignos e os que trabalham com as mãos são indignos. Por isso as escolas técnicas se enchem de filhos das classes populares e não das elites" (FREIRE, 1979, p. 34-35).

Termino essa parte do texto pensativa. Continuarei a leitura para tentar abrir mais caminhos para pensar sobre os eixos centrais das minhas seções. Muitos colocações sobre *status* e sobre verticalidade na educação rodeiam minha mente....: "O professor ainda é um superior que ensina a ignorantes" (FREIRE, 1979, p. 38). O *status* do professor é melhor que o do aluno? E como fica o *status* dos que não tem

conhecimentos letrados? E acredito que a maior pergunta dessa parte do texto para minha tese é: os invisíveis, os das margens seriam esses sem qualquer *status* perante a sociedade, ou seu *status* é esse: ignorantes porque não sabem o saber dos que sabem?

Paulo, seus textos têm colaborado e muito com a organização das minhas ideias para a tese, estou adorando a oportunidade desse diálogo e, como sinto que você me permitiu, vou continuar escrevendo e dialogando com você sobre os meus temas.

Mais uma vez, gratidão!

Abraços

De uma pesquisadora

Ariane

Conversa com Paulo Freire e Marcos Reigota: como me tornei visível

Sorocaba, 24 de maio de 2016.

Querido Paulo,

Mais uma vez lhe escrevo para contar sobre minhas pesquisas e reflexões com a tese de doutorado. Me desculpe não serem tão frequentes minhas cartas, mas o meu trabalho ocorre entre uma aula e outra e nas noites após as aulas. Me pergunto se sou aluna, professora ou pesquisadora, e chego à conclusão de que sou todas essas em uma só e que não posso parar o trabalho para me dedicar exclusivamente à minha tese, mas que de uma maneira ou de outra o meu próprio trabalho, meu cotidiano, acaba sendo parte da minha pesquisa. E consigo associar isso ao pensamento do inacabado: sou uma aluna que tenta se educar o tempo todo, uma professora que pesquisa e uma pesquisadora professora. Durante a semana, todos os meus períodos são preenchidos e organizados, e tento segui-los para conseguir cumprir todos os compromissos daquela semana.

Tenho algumas seções ainda para dar conta na minha tese, mas, por enquanto, continuo no eixo da invisibilidade. Para pensar um pouco mais sobre ela, hoje, trago para o nosso diálogo um texto de Marcos Reigota, meu professor e

orientador, e um admirador e propagador do seu trabalho. Talvez vocês tenham tido a oportunidade de se conhecer pessoalmente, gosto de imaginar que sim, tamanha é sua importância para ele e também para nós. Inclusive, foi sugestão do Marcos que fizesse minha pesquisa incluindo estudos sobre a sua teoria, tentando ressignificá-la nas capacitações realizadas na Universidade de Sorocaba. Comecei a ter contato com seu pensamento através dele, através das aulas das quais participei no mestrado e no doutorado. Aulas essas que tinham uma leveza toda especial, um tom informal que deixava os alunos mais à vontade, sem nenhum grau de hierarquia imposto. Dispostos normalmente em círculo, onde todos têm possibilidade de falar o que pensam a partir das leituras, as aulas passavam como numa conversa, como essa que nós temos por carta, e ninguém percebia o horário; se deixasse, ficaríamos ali horas e horas. Havia lugar para nosso dizer sobre inúmeros assuntos.

Bom, o texto que trago para nossa conversa é "A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens", do próprio Marcos, um texto que, desde a primeira vez em que tive contato, me tocou muito, pois de uma maneira ou de outra me identifico e me enxergo nesse lugar, e sinto como se tivesse sido escrito também para mim. Acredito que este é um texto que, junto com as leituras que faço das suas obras, irá me auxiliar muito neste eixo.

Marcos começa o texto se referindo aos muitos alunos e alunas que vêm de vários locais, às vezes muito distantes e, após enfrentarem muito tempo nas viagens e por conseguirem estudar com muito esforço e privações, chegam, como pedras que rolam, no mestrado em educação. Marcos traz no texto as dificuldades que esses alunos e alunas têm para pronunciar os nomes dos autores internacionais que são utilizados como bibliografia básica nas disciplinas, autores esses dos quais muitas vezes sequer ouviram falar, e isso é dado a eles como se fosse uma obrigação, um pré-requisito de conhecimento para o ingresso no mestrado, para o pertencimento na comunidade acadêmica. "Ouvem calados as insistentes referências sobre uma classe social da qual eles fazem parte, mas não se identificam no discurso de classe média alta, branca, heterossexual, cosmopolita e intelectualizada dos professores e professoras doutores, que os coloca como seres apáticos, meros reprodutores da ordem social e capitalista." (REIGOTA, 2010, p. 2). Os alunos, e nesse momento me incluo nesse texto, se sentem perdidos sem conhecer esses autores ditos obrigatórios e, por mais que se dediquem ao entendimento e a essas leituras, não conseguem dar conta de todos os autores e

ideias que (supostamente) já deveriam conhecer. "Os autores e livros 'do mestrado' carregam com eles um outro poder simbólico: o de obrigatoriedade inevitável. Como livros e autores 'sagrados' colocam aqueles que os desconheciam até então, em condição de subalternidade" (REIGOTA, 2010, p. 2).

Em seguida Marcos critica esse ambiente que impõe dessa maneira alguns autores a esses alunos sem ao menos saber quem são esses alunos, qual a sua trajetória e que histórias e conhecimentos trazem em sua bagagem, e segue com argumentos para mostrar a importância desses conhecimentos, dessas histórias que carregam uma importante contribuição política e pedagógica.

Ao dar espaço à reflexão e re-elaboração de si, de sua trajetória, como cidadão, como cidadã, professor e professora, estudante, mestrando/a e futuro pesquisador/a da educação, os que vêm das margens se redescobrem, se identificam, como sujeitos políticos que enfrentam os mais diversos preconceitos e privilégios de classe solidificados na sociedade brasileira. (REIGOTA, 2010, p. 3).

Esses que vêm das margens, segundo Marcos, revelam sonhos individuais e familiares quanto à escolaridade, em que alguns membros da família muitas vezes não aprenderam a ler e nem a escrever, e que aquele esforço todo para conseguir um título de mestre é um bem coletivo. Junto com esses sonhos trazem suas leituras e suas preferências artísticas e culturais que em nada se aproximam dos autores sagrados mas que se aproximam do cotidiano de cada um deles.

São esses sujeitos que, ao se virem como cidadãos e cidadãs, como profissionais indispensáveis, como estudiosos/as e pesquisadores/as do cotidiano escolar, passam a olhar seus alunos e alunas e interagir com eles de forma diferente, alteram suas práticas pedagógicas, desobedecem os pacotes institucionais, os discursos ideológicos e interesses partidários explícitos que chegam até os professores e professoras e que os querem como simples reprodutores. Não, isso não. Não mais. O ambiente escolar em que vivem e atuam se transforma. Com a presença delas e deles os programas de pós-graduação já não são mais os mesmos. (REIGOTA, 2010, p. 4).

Os autores ditos obrigatórios ajudam nesse processo de transformação, mas são as reflexões deles e dos colegas com quem trocam experiências em corredores, pontos de ônibus e caronas que realmente transformam as suas práticas.

Para finalizar o texto, Marcos traz um conceito à tona, o de bio:grafia. Como orientador, ele sempre fez questão de que seus orientandos colocassem no trabalho a sua própria história, a sua trajetória de vida. Mais uma vez me identifico e me vejo

no texto, recordo no mestrado a minha dificuldade em trazer a minha trajetória para o texto, pois sempre aprendi que quem escrevia ou a história de quem escrevia era algo à parte, separado do texto e sem muita importância. Preciso te contar, Paulo, o tamanho da minha resistência e como fugi disso como aluna do mestrado. Quando fiz a disciplina com o Marcos, tínhamos que realizar uma apresentação do que era o nosso projeto e em que pontos estávamos na pesquisa, mas, antes disso, era necessário fazer uma breve bio:grafia. Na minha primeira apresentação, eu estava incomodada com essa bio:grafia e não tinha entendido porque tinha que falar sobre isso com o professor e com todos os meus colegas de trabalho; para mim, isso não fazia muito sentido. Meio perdida e sem saber como fazer o que era pedido, fui para a frente da sala e fiz um rápido e corrido relato sobre a minha vida, mas fiz de uma maneira tão objetiva que parecia mais a descrição de um currículo para uma vaga de emprego do que qualquer outra coisa e, para finalizar rápido e conseguir falar do meu projeto, ainda disse assim: "Pronto, agora vamos ao que interessa", aliviada por ter achado que havia conseguido dizer o que precisava, mas ansiosa para dizer o que ainda no meu pensamento era o que realmente importava. Após minha apresentação, Marcos fez um longo discurso dizendo da importância da bio:grafia e porque ele a pedia e iria continuar pedir durante as aulas. Eu, um pouco envergonhada, entendi o sentido do que ele disse, mas parecia ainda pouco convencida de que minha história, quem eu era, seria importante para o meu trabalho. Em outra apresentação, um pouco mais à vontade para falar sobre minha bio:grafia, disse que eu era funcionária da Uniso e disse isso mais de uma vez. O professor Marcos gentilmente me disse que eu não era funcionária da Uniso, e sim que era professora da Uniso, e deveria me reconhecer como tal. Conforme fui desenvolvendo a dissertação, participando das apresentações, tentando construir minha bio:grafia e ouvindo a dos meus colegas, fui realmente entendendo a importância e a relevância dela. Na minha dissertação, deixei para escrevê-la por último, pois sentia que tinha que estar convencida e realmente ter entendido tudo aquilo. Com o tempo, ouvindo as histórias dos colegas e refletindo, falando e escrevendo sobre a minha própria história, consegui enxergar que meu trabalho só existia por causa dela, da minha história de vida, da minha bagagem familiar e meus passos até chegar ao mestrado em educação. Somente eles permitiam que a minha pesquisa existisse, era esse meu caminho que possibilitava a minha presença ali. Compreendi também que essa bio:grafia não é uma história à parte, não é algo

desinteressante, mas anda ao lado da minha pesquisa, das minhas práticas, dando sustentação para elas. Quando realmente compreendi tudo isso, consegui escrever a minha bio:grafia e entender que ela deveria, sim, fazer parte, e que sem ela meu trabalho não faria sentido, meu caminho não faria sentido.

Voltando para o texto, Marcos diz da luta que enfrenta em algumas bancas, onde ele, juntamente com seu orientando, é questionado sobre a bio:grafia fazer parte da dissertação e não estar nos anexos. Marcos coloca também que, nesse processo todo, ficam explícitas as dificuldades com a língua portuguesa e com as regras e normas de trabalhos científicos, mas essas dificuldades acabam ficando para trás diante de todo o esforço e das reflexões feitas nas dissertações. Coloca ainda a definição de alguns autores de que a ampliação da cidadania é o resultado da produção de sentido, e este é o valor maior da bio:grafia. Marcos termina o texto dizendo sobre a diferença que esses pesquisadores fazem nos seus locais de trabalho e que irão ajudar na ampliação do conceito de cidadania e na ressignificação da escola.

Se o ambiente universitário brasileiro se abrir ao pensamento e contribuições dos que vêm das margens e ouvir delas e deles o que trazem como experiência, reflexão original e contribuição teórica em sintonia com o tempo histórico e com a sociedade em que vivemos, possivelmente haverá uma renovação do pensamento pedagógico e político brasileiro e nossas universidades e programas de pós-graduação não serão mais espaços privilegiados de expressão de subalternidades voluntárias frente aos autores, colegas e instituições de além-mar, de Brasília, etc... e tal. (REIGOTA, 2010, p. 5).

A produção de sentido, para mim, hoje, está muito explícita na importância e necessidade de encontrar, construir um sentido do aprendizado para que esse faça realmente parte do aluno: o professor e o aluno. Não adianta passar conceitos, teorias sem que eles se aproximem do cotidiano do aluno e do professor. Tento, dentro das minhas limitações e minhas possibilidades, criar esse sentido e favorecer os alunos para que possam em alguma medida fazer a mesma coisa.

Paulo, acredito que esse texto do Marcos só se torna possível pela trajetória de vida que ele construiu na educação e tenho para mim que, com certeza você, e suas teorias fazem parte disso.

Mais uma vez agradeço esse espaço para o nosso diálogo e, em breve, escreverei mais cartas a você.

Abraços

De uma aluna

Ariane

3.5 De tudo que há para ser visto

Ao longo do capítulo três reúno três encontros: a casa não vista, margens e luz e sombra; e em cada um deles trago um ou mais tipos de invisibilidade. Ao pensar sobre esses três encontros e as diferentes invisibilidades me vem a pergunta: como fazer para enxergar tudo o que há para ser visto?

Não tenho uma resposta para essa pergunta, mas acredito em alguns caminhos que podem ser percorridos. Um deles é respeitar as histórias de cada um buscando o sentido do aprendizado, sem deixar de lado ou menosprezar o que aquele sujeito traz consigo, sua bagagem, sua história. Abandonar a ideia de que o ensinamento vem pronto e pode ser simplesmente depositado no aprendiz. Respeitar e também utilizar a sua própria história para se buscar e com isso a primeira ação: se enxergar e conseguir aceitar o que é e a partir disso se posicionar como cidadão, se enxergar como um sujeito inacabado, um ser aberto a outras perspectivas, à transformação.

Se tivéssemos sujeitos acabados não teríamos educação. Nesse sentido, o inacabamento dá a cada sujeito a possibilidade de reflexão sobre si mesmo e de posicionamento no mundo. Assim, não temos alguém superior que ensina e um inferior que aprende, mas, sim, sujeitos que têm um saber relativo diante de outros cujo saber é igualmente relativo, pois foram construídos nas relações que fomos criando ao longo de nossas vidas, nossas redes de conhecimento e de afeto.

Outro caminho também importante é se abrir-se aos que vêm da margem, aos que vêm de qualquer tipo de margem, seja as da deficiência física, intelectual, seja as de classe, seja as de gênero, e outras muitas, muitas delas juntas. Considerando o inacabamento do homem e a percepção e valorização do seu conhecimento, é preciso haver espaço em todos os espaços para esses que vêm das margens, e é preciso dar importância também ao seu conhecimento, ao que têm a dizer, à sua trajetória de vida. É preciso vê-los, é preciso ver. Com Paulo Freire poderíamos dizer que ainda precisamos seguir lutando para sair de uma educação bancária, para caminharmos para uma educação libertadora.

4 INFÂNCIA

4.1 *Sentiver*: Criando sentidos

Figura 9: Imagens do encontro na Escola Benedito L. Vieira Neto



Fonte: Arquivo Pessoal

Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade e convivência
(Paulo Freire)

A escola onde a Carmem trabalha como professora de artes localiza-se em um bairro no início da cidade de Salto de Pirapora vizinha a Sorocaba. Chegando pela principal rodovia de acesso à cidade, a escola se situa num bairro do lado direito, bem próximo a rodovia. Um bairro de periferia bem simples, afastado do centro da cidade, com mais casas do que comércio.

A escola ocupa o quarteirão todo, praticamente toda murada, um muro não tão alto e tomado por pichações. Na rua pela qual tivemos acesso à escola tinha dois portões, um social, pequeno, com grades abertas por onde era possível visualizar uma parte da escola. Através da grade via-se uma construção, aparentemente eram salas de aula. Próximo a esse portão, havia outro maior. Adentrando o portão do lado direito ficava um pequeno estacionamento e do lado esquerdo a entrada principal da escola que dava para o pátio. Logo na entrada havia algumas árvores antes do pátio. Esse pátio era coberto e atrás do estacionamento um bloco de salas de aula de dois andares. Do lado esquerdo do pátio de entrada, havia um outro pátio, porém grande e descoberto. Nele havia no meio construções em círculos, três ou quatro. A primeira delas não tinha nada, parecia que já tinha existido algo ali que fora tirado. Nas outras, havia plantas.

No final desse pátio descoberto, ficava a sala de artes, que era diferente de uma sala de aula tradicional: colorida, sem carteiras, apenas cadeiras dispostas em círculo, almofadas e panos no chão, onde era possível se acomodar mais a vontade. Nas paredes viam-se muitas intervenções, de um lado, recortes de alguns autores e de atividades de artes desenvolvidas com as turmas, na parede oposta janelas que davam para o fundo da escola, do outro lado, alguns armários e materiais de artes e na parede em frente, onde havia pôsteres com grafites bem coloridos elaborados pelos alunos. Passando pela sala de artes, no fundo do pátio descoberto, um corredor estreito dava para um espaço atrás das salas de aula, um espaço grande, arborizado, onde, beirando as janelas das salas, via-se um corredor com algumas cadeiras e, separando esse corredor da área arborizada e gramada, havia uma grade quadriculada.

Sendo esse o primeiro encontro, algumas questões vinham a minha cabeça: será que todos vão entender o esquema itinerante do curso? Será que foi uma boa decisão fazer o primeiro encontro fora da cidade de Sorocaba? Começo a me lembrar da capacitação anterior, de todos os lugares onde fomos, todas as caronas solidárias que praticamos, os almoços coletivos que fizemos. Naquela ocasião, o curso foi estruturado para que o primeiro encontro acontecesse na Uniso, e nesse encontro daríamos as instruções sobre os próximos, que seriam feitos em outros lugares. Dessa vez, tudo foi feito de outra maneira e o primeiro encontro já seria em outra cidade, mas lembro-me também que isso faz parte da proposta pedagógica da capacitação: que todo e qualquer desencontro acaba de uma maneira ou de outra

enriquecendo.

Mas por que em Salto de Pirapora?

*

Figura 10: Vista aérea da Escola



Fonte: Google Earth

Marcamos como ponto de encontro a Uniso Cidade Universitária, próximo a saída da cidade, nos dividimos nos carros disponíveis e partimos em comboio para o local do encontro do Reletran, na cidade vizinha, Salto de Pirapora.

Enquanto guiava, pensava no ambiente escolar em um sábado, imaginando uma escola vazia. Mas chegando lá, logo na entrada, vi um cartaz onde estavam enumeradas diversas atividades que iriam acontecer na escola e, dentre elas, estava a apresentação do grupo *Sentiver* e do grupo Reletran. Mesmo diante desse cartaz, ainda permanecia com a ideia fixa de uma escola no sábado sem movimento algum.

Ao entrar pelo portão maior do estacionamento, já avistamos um grupo de alunos em roda, jogando capoeira. Logo em seguida, do lado direito do pátio, havia outro grupo de estudantes, acompanhados de um monitor, tocando alguns instrumentos. Estava acontecendo também duas exposições: uma sobre o caminho do lixo e uma mostra de poesias. A escola estava movimentada, muitos alunos, professores e familiares participando e se envolvendo na programação daquele dia - somente depois fui descobrir que a atividade do Reletran participava do "Um dia na

escola do meu filho", do qual toda a comunidade era convidada a participar.

Não esperava aquela movimentação e a efetiva participação dos alunos, familiares e da comunidade em geral: a escola tinha vida e também era aproveitada nos finais de semana.

Carmem Machado⁷, colaboradora do Reletran, nos recepcionou na chegada e, aos poucos, fomos encontrando os outros alunos do curso que já estavam na escola e nos reunindo na sala que reservaram para um café. Por meio da União de Organizações Não Governamentais (UniOng) de Sorocaba, que tem o cadastro de todas as ONGs ativas, encaminhamos um e-mail convidando todos os integrantes para nossos encontros.

Escolhemos a Escola Estadual Benedicto Leme Vieira Neto justamente porque a Carmem trabalha lá como professora de artes e tem um grupo chamado Ponto de Luz, integrado por crianças do Ensino Fundamental, que criou o espetáculo de dança chamado *Sentiver- inspiração, conteúdo e leveza*. Na primeira capacitação do Reletran, no primeiro encontro, a apresentação de dança foi feita na Uniso e agora, nesta segunda, resolvemos ir até a escola para prestigiar a apresentação no seu local de surgimento.

*

O *Sentiver* é um espetáculo de dança contemporânea dirigido pela Carmem. Os alunos que ela acompanha desde a sexta série utilizam brincadeiras populares como dança das cadeiras, amarelinha e cobra cega para compor o espetáculo. Utilizam também folhas secas, árvores, galhos, papéis, água e guarda-chuvas. O espetáculo, a dança vai se desenvolvendo e, a cada cena, a música de fundo vai mudando e conduzindo os alunos no desenrolar do espetáculo. As cenas foram surgindo por incentivo da Carmem, e foram criadas pelos próprios alunos, e assim o espetáculo foi ganhando corpo.

Sentiver foi o nome que sugeri para o espetáculo. Eles aprovaram a ideia, disseram que era assim que eles se sentiam quando estavam na sala de aula, olhando pela grade a liberdade que os pássaros, o ar, o sol e até as plantas tinham naquele ambiente. Eles queriam mostrar que era possível trabalhar e produzir com liberdade. Esse seria o momento propício para que

⁷ Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba, atriz e intérprete em dança contemporânea, diretora, coreógrafa.

todos tomassem consciência de como era estar dentro da sala de aula, trancados, com grades nas janelas. Nesse momento em que todos estariam presentes, no momento da apresentação, eles/elas se posicionaram através da prática/teoria/prática, e provaram, com suas ações/reflexões, que a aprendizagem pode acontecer em diferentes espaços. (MACHADO, 2014, p. 209).

Como fizemos em vários encontros, pedimos para que cada aluno/colaborador levasse um prato e uma bebida, e fizemos café e almoço comunitário. Como muitas pessoas são de outras cidades, saíram cedo, assim fizemos uma pausa para um café antes de iniciar o encontro. Nos reunimos na biblioteca da escola, um lugar não muito arejado, onde tinham separado uma mesa para usarmos.

Nesse primeiro contato entre os alunos foi bem interessante observar que boa parte deles já se conhecia, confesso que se eu não tivesse participado do processo de seleção dos candidatos poderia até dizer que eles haviam sido escolhidos e não selecionados. Notei que, na verdade, boa parte deles era ativista, já trabalhavam em alguma causa que acabava sendo causa em comum, por isso já se conheciam, e por esse motivo estavam buscando capacitações parecidas, e também por isso tinham sido selecionados, mais uma vez a sintonia, o propósito em comum aparecia.

*

Muito interessante ver novamente as meninas do grupo, aquela empolgação, aquela animação de mais uma vez se apresentar, agora com um grande diferencial: apresentar na escola deles, no ambiente deles, pois tudo aquilo faz parte do dia a dia das crianças.

Fomos para o fundo da escola, seguindo por um corredor. Ao final, havia um espaço gramado, onde nasceu o espetáculo, separado do prédio por uma tela de arame. Ficamos atrás dela. Ali sentada, me perguntava: Quem estava preso? Nós ou eles? Por que aquele espaço era separado da escola? As crianças pareciam não poder ter acesso àquele parte gramada. Estas mesmas questões aparecem na fala de um dos participantes:

O cenário da apresentação já contrastava as contradições do ambiente escolar. Os espectadores foram posicionados dentro de uma área cercada por grades, dificultando a observação, alguns expectadores inconformados com a impossibilidade de apreciar adequadamente o espetáculo balbuciavam e movimentavam-se tentando melhorar a perspectiva. Porque as escolas públicas se parecem com presídios? Não é a escola uma

instituição transmissora de cultura, de interação, de desenvolvimento? Porque um ambiente que liberta é cercado de grades? O controle, limitação e inflexibilidade impossibilitam a apreciação (da vida). (Participante 6, narrativa de 28/08/2014).

Estavam presentes na apresentação de dança nosso grupo do Reletran, familiares das meninas do grupo e a comunidade. Assistir a apresentação de dança *Sentiver* sem se emocionar é quase impossível, a primeira vez foi muito emocionante, mas a segunda tinha o toque especial por estar no local original de criação. O espetáculo era leve, rico em detalhes, sutil. Não havia falas, apenas som, elementos e movimentos que acompanhávamos.

Enquanto as crianças se preparavam para a apresentação, recordava-me da primeira vez em que assisti. Na época, a Carmem me pediu um relato, que era mais ou menos assim:

"É difícil descrever o que eu senti assistindo o espetáculo Sentiver. Eu seria a fotógrafa, mas no início a Carmem veio e disse: arranjei uma pessoa para fotografar, quero muito que você assista. Sentei, num lindo sábado ensolarado para, no meu pensamento, assistir ao espetáculo. Ao iniciar, comecei a me encantar com os movimentos simultâneos das crianças, o som, a dança, os elementos e me peguei sentindo o espetáculo e não mais assistindo. Me emocionei muitas vezes com a leveza das crianças que casam perfeitamente com o cenário, com a música, enfim tudo muito organizado, mas ao mesmo tempo com uma leveza, uma diversidade de movimentos... eu estava encantada com tudo aquilo! A parte que mais me emocionou foi quando vi todas as crianças vindo em direção à plateia e fiquei me perguntando: "O que eles estão fazendo?". Quando então uma linda garota se posicionou do meu lado com uma foto na mão e começou a contar o momento daquela foto. Foi impressionante, impossível conter a surpresa, a emoção, as lágrimas... como um simples gesto de aproximação e narrativa da vida daquelas crianças pode ser tão gigantesco e me emocionar tanto? Fui levada para as minhas memórias, as minhas narrativas, a minha história de vida. Um espetáculo mágico, encantador, difícil de ser descrito, mas facilmente sentido. Amei, e todos, professora, alunos, pais estão de parabéns!!!"

Ariane – Agosto 2014

Quando dei por mim, a apresentação já tinha começado, e um momento em especial me chama muito atenção. Na realidade, é o momento que mais me emociona, quando as meninas vêm até o público com uma foto da sua infância e começam a contar o que é aquela foto, como, com quem e aonde ela estava e o que aquela foto traz de recordação para ela - *“Essa foi a primeira vez que fui na casa da minha vó, eu estava com a minha mãe e meu pai”*. As meninas, ao longo do espetáculo, usam elementos da infância, brincadeiras infantis, de modo que as memórias sobre a sua própria história já estão a mil e, no momento em que uma delas se aproxima, trazendo sua história, sua narrativa, aquilo fica muito mais intenso e, para mim, pelo menos, impossível conter as lembranças. As histórias e recordações da minha trajetória vêm à tona de uma maneira muito viva e, junto com a beleza do espetáculo, me fazem chorar uma segunda vez.

Após a apresentação de dança, nos reunimos, os alunos participantes do *Sentiver*, os familiares e o grupo Reletran, para conversar. A primeira pergunta que surgiu partiu das alunas do grupo de dança: *“Porque as pessoas que assistem choram?”*. E vários de nós respondemos que é uma apresentação muito bonita, que emociona, que toca, que os movimentos são muito gostosos e sincronizados e que não tem como conter a emoção, por isso o choro. Essa foi a resposta dada naquela época, lendo o que eu escrevi, me arrisco a dizer que, na verdade, as pessoas se emocionam porque acabam de uma maneira ou de outra sendo remetidas a sua própria infância, tanto do que não viveram, como coloca uma das participantes ao dizer *“Senti saudade de viver o não vivido.”* (Participante 7, narrativa de 01/09/2014), quanto ao que se perdeu no tempo, como lemos abaixo.

Naquela manhã [...] fui levado a minha meninice pela representação daquelas meninas sobre a infância, retornei aos meus sentimentos mais sutis, sentimentos das descobertas de menino. A felicidade de estar naquele tempo e espaço mais uma vez tomou meu jardim interior e continuei regando as flores da memória. (Participante 4, narrativa de 30/08/2014).

Outra pergunta que chamou atenção partiu de uma aluna do grupo Reletran para os pais das participantes do grupo de dança: *“O que mudou na vida da sua filha depois da participação no grupo?”* O pai de uma delas faz questão de responder, e se emociona enquanto fala. Agradece muito a professora Carmem pela oportunidade da filha dele poder participar do grupo e diz que mudou muita coisa, o

comportamento em casa, na escola, e que, hoje, graças ao grupo de dança, a filha dele é outra, e que só tem a agradecer ao grupo e a professora. A fala desse pai ressoa na colocação de um dos integrantes do curso ao observar que “A participação familiar (mãe, pai, irmãos, sobrinhos, cunhados, etc.) demonstrada através dos depoimentos mostra a importância da integração escola x comunidade.” (Participante 3, narrativa de 29/08/2014).

Em seguida, as alunas comentaram sobre as crônicas de Milton Hatoum que a Carmem vinha utilizando nas aulas, brincaram que, às vezes, a professora esquecia, e elas cobravam que tinha que ter a crônica, caso contrário não teria aula. Uma delas comentou sobre a crônica “Escorpiões, suicidas e políticos”, onde o autor faz um paralelo entre os escorpiões e os políticos atuais.

Vida contra morte... Eles não têm saída. Ou morrem queimados ou se suicidam. E preferem o suicídio à imolação. [...] Eles são mais corajosos que os nossos políticos corruptos. Nenhum desses políticos se suicida; aliás, roubam e dançam, sem medo de tropeçar. Mas são venenosos, vis, perigosíssimos. Se ao menos fôssemos governados por escorpiões... (HATOUM, 2013, p. 102).

Esse comentário dos alunos foi feito em 2014, muito antes de todos esses acontecimentos políticos ocorridos no Brasil. Se lá a corrupção já chamava atenção, atualmente isso tem um impacto muito maior em nosso cotidiano. Penso o quanto todos esses acontecimentos afetam diretamente a vida dessas meninas e das crianças em geral: muitos pais perdendo emprego e perdendo direitos, além da deterioração das escolas e dos programas de ensino.

Professor Marcos Reigota perguntou sobre o que elas gostariam de ser, umas disseram que não sabiam, uma delas disse que queria ser professora de artes como a Carmem, outra disse que queria ser psicóloga e logo foi conversar com uma das alunas do curso Reletran que fazia psicologia.

Tivemos várias outras perguntas, mas o que me marcou muito e foi bonito de observar, foi o orgulho dos pais ao ver suas filhas participando daquele projeto e a importância da arte na educação e na formação da pessoa. O fato de a apresentação ter acontecido na escola permitiu que mais pais participassem, prestigiassem os filhos, pois, às vezes, por causa da correria e do local das apresentações, muitos deles acabam não conseguindo estar presentes. Nesse

momento, aquela pergunta sobre o local do encontro foi respondida. Afinal, como poderíamos ter esse contato com os familiares se a apresentação fosse em outro lugar? Essa foi a oportunidade para estarmos todos juntos, alunas, pais, pesquisadores, partilhando um momento do cotidiano e experimentando aquelas infâncias.

Esse momento serviu para afirmar a importância da participação dos familiares nos eventos ocorridos na escola e o valor que isso tem para as estudantes, valor evidenciado por uma das participantes que comenta sobre o

[...] empoderamento da fala das meninas na roda de conversa depois da apresentação. A fala continha autonomia e liberdade, proporcionada pelo projeto “Sentiver – inspiração, conteúdo e leveza”, o qual instiga essas potencialidades. (Participante 2, narrativa de 27/08/2014).

*

Quando todos foram embora, fizemos uma pausa para o almoço coletivo, que também foi na biblioteca da escola. Outro momento de integração entre o grupo, momento informal onde tínhamos a oportunidade de nos aproximar e conversar com todos os integrantes. Nessa capacitação em especial o grupo caprichou no cardápio, tínhamos 3 ou 4 alunos que eram vegetarianos e gostavam de cozinhar, então nos encontros onde tínhamos almoço comunitário, sempre apareciam tortas, bolos e alimentos diferenciados vegetarianos. Confesso que minha alimentação não é tão saudável assim, mas nos encontros me permiti experimentar esses novos sabores e combinações.

Desde lá, venho tentando me permitir novas experiências em várias áreas da minha vida. Experimentei tipos diferentes de filmes, de passeios, de atividades e de comidas e bebidas. Tentei algumas mudanças como caminhar até a feira próxima de casa todos os sábados, dar a volta caminhando no quarteirão da minha casa, experimentar sopa, cerveja artesanal, chás e outras rotinas. Todas as experiências foram muito válidas, algumas não permanecem, parece que não se encaixam com meu estilo de vida, outras permanecem, um pouco tímidas, mas acredito na importância dessa abertura para o novo, dessa abertura para o diferente e o quanto isso ajuda ampliar o horizonte do pensamento e da escrita, enfim, amplia o sentido e a visão em relação à vida.

*

Voltamos para a sala de artes, que é um espaço diferente de uma sala convencional: sem carteiras, apenas cadeiras, almofadas no chão, pinturas e colagens na lousa e nas paredes, parecia que havia ali espaço para a liberdade dos alunos. O Professor Marcos Reigota fez uma apresentação para todos e comentou um pouco sobre o surgimento do curso Reletran, explicando a primeira capacitação e porque estamos realizando a segunda em Sorocaba. Disse que essa capacitação também acontecerá em vários outros países e que em cada um deles conta com uma universidade e uma organização da sociedade civil que trabalham juntas, no nosso caso é a Universidade de Sorocaba e a Lua Nova.

Perguntamos porque e como os alunos ficaram sabendo da capacitação. Alguns comentaram que fizeram a inscrição por indicação de ex-alunos, alguns receberam convite da Uniong e outros viram no site da Uniso e já estavam procurando algum curso nessa linha.

A Professora Maclovia Correa⁸, que participou intensivamente da primeira capacitação Reletran, frisou que o Reletran continua, que a rede foi criada, os laços foram criados. Comentou como exemplo da criação da rede, que sendo de Curitiba, está em Sorocaba e não fica mais em hotel, vem e fica na casa do Carlos, um aluno da primeira capacitação, pois ela e o marido ficaram amigos do Carlos e sua esposa depois da primeira capacitação Reletran.

Nesse intervalo para o almoço, a professora Maria Cecilia Focesi Pelicioni⁹ e seu marido chegaram de São Paulo para participar também.

A professora Maria Cecilia se juntou a nós voluntariamente e, para aproveitar sua presença, o Professor Marcos Reigota abriu um espaço para que ela fizesse uma exposição do trabalho que desenvolvia na Universidade de São Paulo (USP). Na época, ela trabalhava na área de saúde coletiva com ênfase em Educação em Saúde e Educação Ambiental, e expôs alguns projetos que coordenava na USP. Os

⁸ Pós-doutora em educação ambiental e patrimonial na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutora em política científica e tecnológica no Instituto de Geociências da Unicamp-SP. Educadora permanente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, atua na área de Letras, em ensino de línguas, privilegiando Línguas Estrangeiras Modernas, e no Programa de Pós-graduação em Tecnologia da mesma Universidade.

⁹ Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. É Educadora Associada da Faculdade de Saúde Pública na mesma Universidade. Atua na área de Saúde Coletiva, privilegiando Educação em Saúde e Educação Ambiental.

participantes fizeram algumas perguntas sobre o trabalho desenvolvido por ela e estabeleceu-se ali uma conversação mais tarde comentada por um dos participantes que disse:

O método do encontro foi o que mais chamou minha atenção: a relação informal estabelecida entre palestrante, mediador e alunos/as, que, dispostos em círculo proporciona o contato visual entre todos sem a sensação hierarquizada tão comum da educação formal. A linguagem utilizada pela professora, que com tantos títulos, faria até mesmo um analfabeto compreender o sentido das palavras que estavam sendo projetadas; achei sensacional. (Participante 7, narrativa de 01/09/2014).

Em seguida, encerramos o primeiro encontro e nos organizamos novamente nas caronas para o retorno para Sorocaba.

*

Enquanto estive na escola, não pude deixar de observar as pichações na área externa e na área interna.

Conversei com a Carmem sobre a história e ela me contou que, grande parte das pichações haviam acontecido nas férias, e que ela tinha feito um trabalho com os alunos sobre a pichação "foda-se a escola". Após essa pichação, os alunos a completaram com "p/ quem"? e os próprios alunos, ao redor dessa pichação, foram respondendo a essa pergunta: "Foda-se a escola para quem?". Em um primeiro momento eu não reparei que a frase tinha sido feita em duas partes separadas e nem que as frases ao redor eram respostas à pergunta feita. Observando melhor, comecei a identific  -las ali no muro, e encontrei algumas bem interessantes. Com auxílio de um vídeo publicado na internet pela turma dos Alunos do 3  A do Ensino Médio de 2014 desta escola, segue abaixo algumas respostas pichadas no muro:

Foda-se a escola a quem limita a escola a uma pichação.

Foda-se a escola para quem pensa que a escola não serve para nada, e frequent  -la à perda de tempo.

Um "foda-se" para quem acha que "foda-se" a escola.

Para aqueles que se enganam com a ideia de liberdade e apontam a escola como uma opressora.

Para todos aqueles que desvalorizam aquilo o que se ensina e acham que todos têm a mesma opinião.

Para quem vive em desilusões e não acorda para um mundo realístico Para quem não quer um futuro digno de ser lembrado.

Para quem acha que pichação dá futuro, pois a escola é só para os fortes.

Para aquele que não acha que a escola é importante para sua vida Foda-se a escola para quem não tem nenhum conhecimento.

Para aqueles que creem que danificar um patrimônio público seja algo proveitoso.

Para aqueles que não se importam com o próximo, com o outro.

Para pessoas ignorantes, inconscientes que a escola é um lugar de respeito.

Para quem não se importa com a educação que o governo tem a nos oferecer e nega a própria sabedoria.

Para ninguém, pois o verdadeiro culpado não está presente e o sistema está colhendo o que plantou.

"Foda-se a escola p/ quem?"

Achei muito interessante o trabalho da professora Carmem, nos faz parar para refletir sobre vários pontos. Como usar o que os alunos sabem? Como utilizar a liberdade de expressão? Como trabalhar uma situação desta sem julgamento de certo e errado? Como trazer para a prática pedagógica o cotidiano dos alunos? Como dar sentido ao que os alunos fazem na escola? Como utilizar um ato visto como vandalismo para que os próprios alunos reflitam e exerçam a cidadania? Muitos professores poderiam trabalhar e inserir essas práticas em suas disciplinas, mas são poucos os que têm coragem de fazer diferente.

Como diz Paulo Freire (s.d.), "Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!"

4.2 Espaço-tempo da criança

Figura 11: Imagens do sétimo encontro na CEI 23



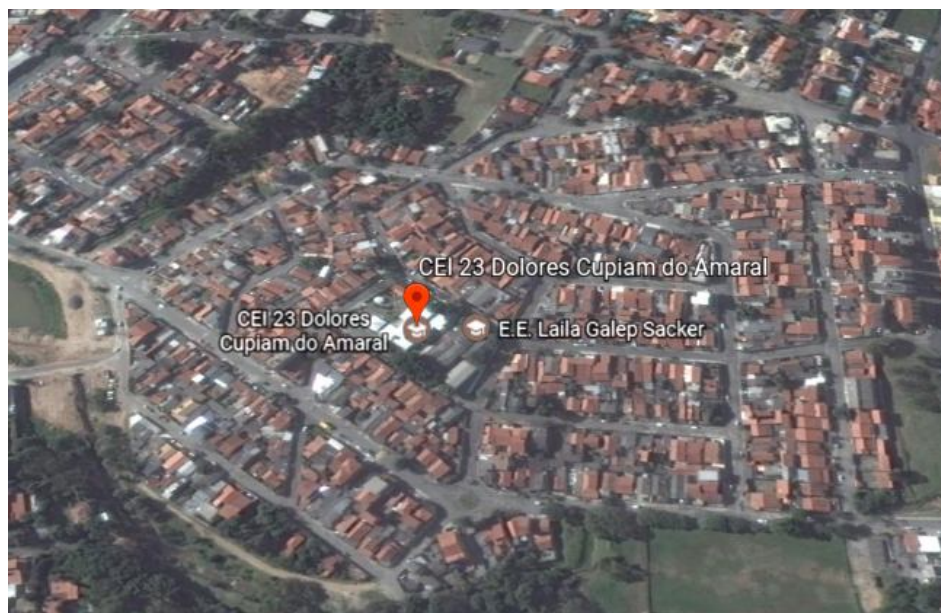
Fonte: arquivo pessoal

O ambiente da escola era muito agradável, ao entrar, remeteu-me muito à visita que fizemos, na capacitação anterior, na creche da Vila Sabiá, onde a Kátia também era diretora. Não conhecia esta CEI antes da entrada da Kátia, mas acredito que a liberdade que ela possibilita para que as professoras trabalhem, transforma o ambiente escolar. Vila Sabiá, onde se localiza a CEI-78, creche da capacitação anterior, é um bairro marginalizado em Sorocaba, já a creche CEI-23 está localizada no bairro Jardim dos Estados, em Sorocaba também, mas em um bairro de classe média. É impressionante a similaridade entre as duas creches, tudo muito colorido e inúmeras opções de espaços e brinquedos interativos para as crianças. As salas de aula são repletas de atividades e possibilidades; mesas, cadeiras, brinquedos, livros estavam dispostos de acordo com o tamanho das crianças, e cada sala tinha

espaços e brinquedos diferentes, dependendo da idade das crianças. A área externa da escola era tão encantadora quanto a parte de dentro, com uma grande área gramada, um jardim, que as crianças podiam usar. Ao contrário da Escola Benedito Leme Vieira Neto, onde assistimos a apresentação do espetáculo Sentiver, não havia grades impedindo o acesso das crianças. Havia também uma horta cercada por garrafas pets, além de brinquedos como gangorra, escorregador, gira gira, túnel e casinhas. Lembro-me, na capacitação anterior, do comentário do André Yang, dizendo que o filho dele estudava numa escola particular que não oferecia nem um terço das possibilidades que a creche da Vila Sabiá oferecia. As duas CEIs visitadas eram municipais. Me agrada a ideia de pensar que temos a possibilidade de transformação do ambiente, dos funcionários e das possibilidades oferecidas para as crianças independente de a escola ser particular ou municipal. Fico feliz de poder fazer essa comparação entre as duas escolas onde a Kátia trabalhou, e perceber que, mesmo com a diferença de localização, ambas oferecem as mesmas oportunidades para as crianças.

*

Figura 12: Vista da CEI 23



Fonte: Google Earth

O sétimo encontro ocorreu em novembro de 2014 no Centro de Educação Infantil CEI – 23 Dolores Cupiam do Amaral no bairro Jardim dos Estados. Tivemos

a possibilidade de conhecê-la porque a Kátia Regina Pereira¹⁰, também colaboradora do projeto Reletran, é diretora desta CEI, e abriu as portas para que pudéssemos lá estar.

Não marcamos ponto de encontro dessa vez, pois entendemos que o local era de fácil acesso, mas deixamos endereço, opções de ônibus e mapa para que todos pudessem se localizar e chegar ao local. Nesse dia, começamos nossas atividades um pouco mais tarde, pois o grupo custou a chegar.

Iniciamos as atividades com a liderança da Melissa Branco¹¹, em roda nos apresentamos e fizemos alguns exercícios de alongamento, do qual participaram o nosso grupo, alguns funcionários, pessoas da comunidade, algumas crianças que estudam na escola e seus pais e a Companhia Semeando Encanto¹².

Melissa propôs um trabalho em que construiríamos borboletas a partir de de garrafas pet, aproveitando para explicar sobre reciclagem e sobre as cores das garrafas. Todos se envolveram bastante na atividade, via-se a mesma empolgação nas crianças e nos adultos. Enquanto esperávamos as borboletas secarem, nos acomodamos para assistir uma apresentação musical da Companhia Semeando Encanto. Eu já tinha ouvido falar da companhia, mas nunca tinha tido a oportunidade de vê-los, e gostei muito da apresentação, em que usavam música e teatro, envolvendo adultos e crianças numa grande brincadeira, para falar sobre sobre animais em extinção, reciclagem e água.

Encerramos essa atividade com uma roda e a “dança do pinguim”. Realizamos mais uma etapa da nossa borboleta e partimos para a área externa, onde a equipe do Grupo de Trabalho Ambiental Jerivá¹³ desenvolveu uma oficina na

¹⁰ Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. É diretora da CEI 23 e desenvolve projetos de educação ambiental com as crianças, seus familiares e comunidade em parceria com órgãos da Prefeitura (como Zoonoses, Centro de Saúde, Museu e Zoológico), Uniso, Ongs e outros.

¹¹ Tecnóloga em designer de interiores, atuante na área de construções sustentáveis e produção de produtos de eco designer. Idealizadora do grupo; Borboleta Violeta Arte & Cia; que atua com arte-educação musical, teatral e ambiental.

¹² A Companhia Artística Semeando Encanto nasceu em meados de 2008 na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. Atuamos com pesquisa e prática de atividades relacionadas a arte-educação, cultura popular e meio ambiente. Através da realização de oficinas culturais, apresentações e exposições artísticas e processos de aprendizagem participativos para diversos setores e todos os públicos.

¹³ Em 2004 no Parque do Matão em Votorantim, reuniram-se pessoas de diferentes setores da sociedade, ongs e demais organizações para a construção de um Fórum Ambiental na Cidade de Votorantim. Dentre conquistas importantes desse Fórum tivemos: criação da Secretaria de Meio Ambiente de Votorantim em 2005, encontros regionais, participação em movimentos socioambientais. Integrantes desse Fórum resolveram dar uma personalidade jurídica para a ONG GTA Jerivá, o qual

qual elaboramos um vaso com garrafa pet e em seguida plantamos alface nele, atividade feita com a mesma empolgação e atenção despendida na da borboleta que, agora, finalizávamos. Melissa disponibilizou palitos para fazermos a base da borboleta e miçangas para enfeitar o corpo a antena. Várias pessoas do grupo uniram as duas atividades, e colocaram a borboleta enfeitando o vaso de alface.

*

Encerramos as atividades do período da manhã e fomos para o almoço preparado e oferecido pela escola e servido no pátio da escola, tal como é feito cotidianamente para as crianças. O cardápio do almoço foi strogonoff de frango, arroz, batata palha e uma salada de alface com tomates, e estava muito saboroso - as cozinheiras estavam preocupadas se íamos gostar da comida, só receberam elogios. Aproveitamos aquele momento, como sempre, para conversar e rir, aproximando o grupo. Estava um dia ensolarado, mas não muito quente. Do pátio onde estávamos, apesar de não ter vista para a área externa da escola, chegava uma brisa agradável. As mesas onde almoçamos me faziam lembrar daquelas de picnic, e, naquele momento, fiquei imaginando a festa que a criançada devia fazer nos dias normais de almoço. Eu não tive isso na minha época, pois a escola onde estudei não oferecia merenda, por isso cada criança comia o que levava de casa ou o que comprava na cantina da escola.

*

Seguindo as atividades, nos acomodamos no pátio da escola para ouvir um pouco sobre a trajetória de vida da Kátia; ela nos contou como foi o trabalho na creche na Vila Sabiá e que chegou num ponto em que ela sentiu a necessidade de deixar outra pessoa a frente e buscar novos desafios, por isso pediu a transferência de escola. Contou também sobre o trabalho que vinha sendo realizado na CEI, em que tentava seguir a mesma linha do que fora feito na creche, deixando professoras e funcionárias mais à vontade para trabalhar, desenvolver projetos e acompanhar

um dos fundamentos da mesma é colaborar com as demais ongs locais através de verbas federais e estaduais, bem como projetos a serem apresentados em diversos setores.

isso tudo de perto.

Os alunos, interessados no trabalho da Kátia, fizeram perguntas e comentários sobre a escola, a trajetória dela e como ela conduz a CEI hoje. Uma das participantes resume com clareza a importância e o impacto do encontro na escola:

Entrar na CEI Dolores Cupim do Amaral foi adentrar em um local que respira vida. É incrível como as práticas de professores como o Éder e a Kátia podem transformar o espaço das escolas e as relações entre as pessoas e esses espaços. Práticas comunitárias e sensíveis... que possibilitam abertura para que os corpos se coloquem de outras formas, criem, transbordem sentimentos e vontades... É aconchegante como todos que trabalham no colégio parecem participar da construção coletiva. (Participante 2, narrativa de 02/12/2014).

Em seguida, abrimos espaço para a Carmem Machado mostrar o trabalho que seus alunos haviam preparado especificamente para um concurso, eram vídeos que deveriam ter obrigatoriamente um minuto abordando temas diversos. Aquela foi uma oportunidade para Carmem mostrar os trabalhos de seus alunos, já que nenhum deles havia sido selecionado para a final do concurso, e ouvir a opinião dos integrantes do curso. Os vídeos traziam diversos temas: movimentos realizados na escola, locais possíveis para dormir, espaços do bairro, entre outros. Gostei muito dos vídeos apresentados, eram criativos e tinham qualidades. Para comentar sobre o concurso e como os vídeos eram analisados, Carmem chamou para conversar Paulo Bruno Pistili Rodrigues¹⁴, que havia participado como jurado daquele concurso.

Paulo nos contou um pouco sobre os trabalhos que desenvolve e também sobre o projeto que desenvolve na UfsCar de Sorocaba gravando vídeo com os alunos sobre vários temas, comentando o nível de envolvimento dos alunos nesses projetos e como ele trabalha os conflitos que acabam surgindo. Sobre o concurso, ele disse ter ficado admirado de os vídeos dos alunos da Carmem não terem sido selecionados e que o método de avaliação consistia em cada jurado dar suas notas, mas que não sabia como seria feita a atribuição das notas finais para a classificação dos vídeos, e complementou elogiando muito dois dos vídeos dos alunos da

¹⁴ Bolsista da Universidade Federal de São Carlos, trabalhando em projetos que englobam articulação de redes e novas tecnologias.

Carmem. Seguimos conversando e comentando o trabalho e encerramos as atividades deste dia por volta das 17 horas.

4.3 Bio:grafia entre janelas

Figura 13: Imagens do segundo encontro na Flona



Fonte: arquivo pessoal

A Floresta Nacional de Ipanema, a Flona de Ipanema, como é conhecida, é uma Unidade de Conservação Federal, administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, do Ministério do Meio Ambiente, e faz

parte dos municípios de Iperó, Araçoiaba da Serra e Capela do Alto, cidades vizinhas a Sorocaba, distante dela uns 15 km.

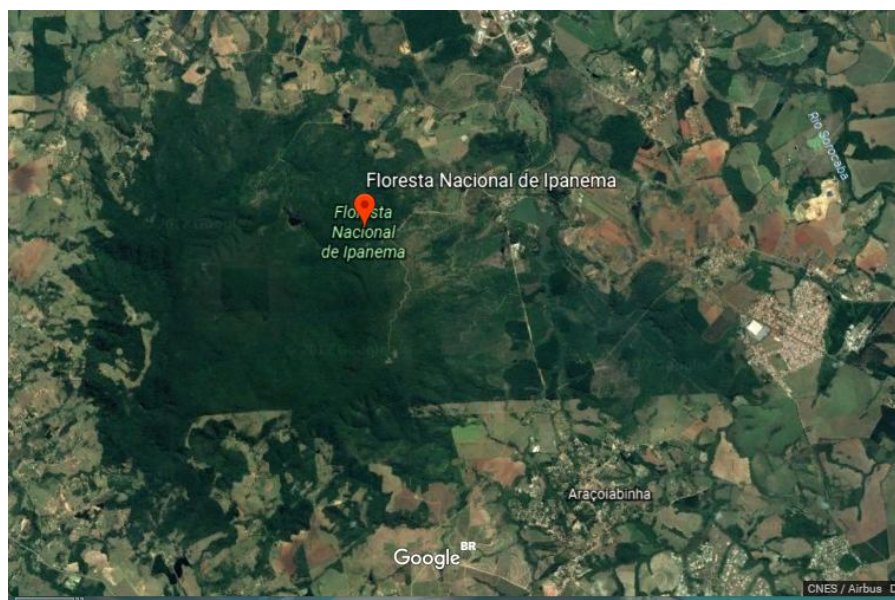
A missão da Flona de Ipanema é proteger, conservar e restaurar os remanescentes de vegetação nativa do domínio de Mata Atlântica, especialmente o Morro Araçoiaba, e seus ambientes associados, seus atributos naturais, históricos e culturais, promover o manejo florestal, o uso público e ser referência em integração socioambiental, pesquisa e disseminação de conhecimentos. (INSTITUTO CHICO MENDES, Portal, s.d.).

Ao se dirigir para lá, pela entrada principal, passa-se pelo perímetro urbano de Araçoiaba e, aos poucos, a paisagem vai se alterando. Ainda um pouco distante da Flona, no caminho, pode ser visto, ao longe, no final da estrada, o morro de Ipanema; um morro grande, todo coberto por árvores e vegetação da Mata Atlântica. Quanto mais nos aproximamos da entrada da Flona, mais perceptível a diferença da paisagem. Chegando na entrada principal, uma construção antiga, um arco de tijolinhos faz as vezes de um portal, que pode ser visto de longe e anuncia o mergulho no outro universo.

A Flona, além de ser uma reserva da Mata Atlântica, é também um sítio histórico que abrigou a primeira fábrica de ferro do Brasil na época Imperial. Ao adentrar nela, segue-se por uma estrada de terra, rodeada pela Mata Atlântica, passamos por uma ponte, de onde é possível observar um lago, chegando assim na primeira construção. Os prédios, um de cada lado, são utilizados por estudantes para pesquisas e estudos.

A Flona é uma área de preservação, sendo assim, tudo que tem dentro dela não pode ser retirado ou alterado. Absolutamente nada pode ser retirado, nem ao menos uma pedrinha, tudo deve ser mantido tal como se encontra.

Figura 14: Vista da Floresta Nacional de Ipanema



Fonte: Google Earth

Em setembro de 2014, nos encontramos às 7h no estacionamento de um supermercado na Avenida General Carneiro em Sorocaba, que é uma avenida bem conhecida, de fácil acesso e caminho para a Flona. Lá nos dividimos nos carros e praticamos a carona solidária.

Estávamos em cinco pessoas no carro que eu dirigia. Os assuntos que surgiam eram diversos: preferências musicais, viagens, expectativas sobre o encontro e comentários sobre a Flona. Com o grupo anterior, durante a primeira capacitação, eu já havia feito um encontro nesta Unidade de Conservação e desenvolvido atividades parecidas com as que faria com esse novo grupo. Nessa capacitação, no primeiro encontro realizado na escola em Salto de Pirapora, nem todos os participantes puderam ir, assim alguns deles ainda não se conheciam.

Naquela época, o encontro com o pernoite na Flona aconteceu no quarto sábado, e com esse novo grupo a vivência ocorreu no segundo encontro, por questões de calendário. A expectativa era alta, pois, sendo apenas o segundo encontro, o grupo se conhecia muito pouco. Como seria passar um final de semana todo de convivência e imersão com esse grupo cujas afinidades ainda não tinham sido “afinadas”?

No carro, as conversas sinalizavam as expectativas; os quatro alunos que estavam comigo contavam sobre suas outras experiências na Flona e também sobre

o que esperavam desse final de semana. Um deles disse que havia ido à Flona quando criança, mas não tinha gostado muito por causa dos pernilongos que o morderam todo e que, depois disso, o contato com a natureza foi escasso, por isso esperava muito desse final de semana na Floresta. O outro dizia que ia muito a Flona quando adolescente, que já tinha feito as trilhas, mas que nunca fez a trilha noturna e nem viu o nascer do sol de lá. O terceiro aluno disse que não conhecia a Flona, mas que sempre teve vontade de conhecer. E o último dizia pretender se desligar da tecnologia para poder aproveitar ao máximo o final de semana.

*

Enviamos e-mail e fizemos contato via grupo do Facebook com todas as orientações sobre este encontro, que exigiu que fossemos mais detalhistas, pois teríamos almoço no assentamento, pernoite, trilha, alimentação do sábado a noite e do domingo de manhã, e vestuário adequado para a trilha, passeio em que assistiríamos o nascer do sol. O André ficou responsável por essa parte de organização dos detalhes, enquanto eu e os outros colaboradores ficávamos no apoio.

Dentre os detalhes, havia o valor do almoço e da trilha, que tivemos que passar para o grupo. Valores... esse sempre foi um ponto sobre o qual o professor Reigota nos chamava atenção: a capacitação é gratuita, toda e qualquer colaboração tem que ser voluntária e opcional. Tomamos muito cuidado com isso, já que era um grupo novo, e explicamos que o almoço e a trilha eram opcionais: o almoço seria oferecido por um grupo de mulheres moradoras de um assentamento que iríamos visitar vizinho à Flona, e custaria R\$ 18,00 por pessoa. Já a trilha Afonso Penha seria feita no domingo de manhã e custaria, para cada participante R\$ 6,50, valor que pagaria o guia acompanhante¹⁵.

*

¹⁵ Orientamos os participantes a realizarem o pagamento diretamente para as pessoas responsáveis. Almoço foi pago para as moças do assentamento e a trilha para o guia acompanhante.

Chegamos à Flona, fomos recebidos pela Adriana Teixeira¹⁶ colaboradora do Reletran, que já desenvolve trabalhos na Floresta Nacional de Ipanema - ela tem um ateliê de arte na Floresta e realiza várias intervenções com a comunidade que frequenta o local, e com os moradores e trabalhadores de lá. Após o cadastramento dos veículos e a liberação do nosso acesso a Flona, ela nos encaminhou para a “Sala das Trilhas”, onde fomos recebidos pelo coordenador da Floresta Nacional de Ipanema, Alexandre Zanoni.

Ao reunirmos todos na sala, onde aconteceria a nossa primeira atividade, fiquei atenta ao grupo. Para minha surpresa, e dos outros colaboradores, a afinidade e o envolvimento dos participantes foi grande e mais natural do que imaginávamos. Rapidamente eles se dividiram em grupos menores, conversando sobre vários assuntos, e já combinando quem iria cozinhar e como seria a divisão dos quartos. O grupo tinha uma sintonia visível: parecia que todos já se conheciam.

Acomodamo-nos na sala - adoro observar a facilidade com que o grupo se adapta a qualquer ambiente -, não havia cadeiras na sala, e sem que o Alexandre pedisse, rapidamente todos se acomodaram no chão e em círculo. O Alexandre nos contou um pouco a história da Flona, falou sobre a importância dessas áreas de conservação, contou um pouco do histórico daquela área e da sua importância ambiental para a região. Falou sobre a relação que temos com a natureza, o esgotamento dos recursos naturais, a verticalização das cidades e suas consequências. A conversa com o Alexandre foi muito boa, seria possível ficar horas ouvindo-o falar sobre a Flona, sobre o comportamento dos visitantes e as questões ambientais que ele abordou.

Algo que me chamou atenção e me fez refletir foi o que ele contou sobre as escolas municipais e estaduais de Sorocaba, Votorantim, Araçoiaba que agendam visitas regularmente à Floresta Nacional de Ipanema. Relatou algumas histórias das crianças, do comportamento delas e disse que o problema, hoje, é tratarmos a natureza, o meio ambiente, como algo externo a nós, como se não fizéssemos parte dele. Assim, as famílias resolvem passar o domingo em contato com a natureza para reabastecer as energias, vão para um local distante da sua residência, entram em contato com a natureza e voltam para o seu mundo, como se fossem coisas

¹⁶ Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Tem experiência e ênfase nas áreas de: Economia, Educação Escolar, Meio Ambiente e Artes.

separadas, como se pudéssemos dividir o meio ambiente. E finaliza sua fala pontuando que, enquanto não nos apercebemos de que fazemos parte do meio ambiente não nos sentiremos responsáveis pela sua preservação.

A consciência ambiental se manifesta como uma angústia de separação e uma necessidade de reintegração do homem na natureza. A ecologia, como organização sistêmica da natureza, aparece como paradigma capaz de preencher o vazio que deixa a ciência moderna para reordenar o mundo. (LEFF, 1999, p. 117).

*

Após a conversa com o Alexandre, nos dividimos e nos dirigimos para as duas casas tombadas como patrimônio da Flona, que Adriana havia reservado para que passássemos a noite. Após guardamos nossos pertences, nos reunimos na “Casa do Pesquisador”, uma das casas onde dormiríamos, para que Adriana explicasse ao grupo as regras do lugar.

Logo em seguida partimos para o assentamento, localizado há uns 10 minutos de carro da Flona, por uma estrada de terra. O contato com o pessoal do assentamento foi feita pela Adriana, que tinha sido professora de algumas mulheres de lá, e que havia combinado, além do almoço, uma roda de conversa para que pudéssemos entender a história do assentamento e as condições em que eles vivem.

Na conversa com o Alexandre, ele nos informou que assentamento de famílias junto à área de preservação federal, que é o caso da Floresta Nacional de Ipanema, era proibido. Mas que o que existia ali e que iríamos visitar tinha sido invadido um dia antes de aquela área ser declarada como área de preservação, e por esse motivo esse assentamento não poderia ser retirado.

O Assentamento Ipanema, como é conhecido, é um local bastante simples, mas muito aconchegante. Fomos recebidos pelas moradoras e nos organizamos novamente em círculo, agora em cadeiras. Era notável a vergonha, talvez até uma certa insegurança que elas demonstravam ao nos receber. A Adriana fez as apresentações e disse que gostaríamos de ouvi-las, e que estávamos ali para conhecer um pouco da história do assentamento e da história de vida delas.

Aos poucos elas foram se soltando, ficando mais à vontade. Quando uma delas começou a contar a história do assentamento, como tinha sido a invasão,

como eles viviam, como eram as condições de trabalho, fui sentindo e vendo a força feminina naquele grupo e o empoderamento que elas tinham na relação com aquela área. Foi impressionante e bonito de ver como elas se posicionam pela comunidade, algo perceptível em algumas falas, como: “preciso estudar, me formar professora e voltar dar aula para a comunidade”, ou “vou fazer agronomia para melhorar as condições das nossas plantações”, dentre outras tantas; aspecto que chamou dos participantes, que comentaram:

[...] eu já esperava mulheres fortes, mas o emponderamento delas realmente me tocou. A concepção de unidade, de parte do todo, de agir para a comunidade são ações que merecem ser destacadas, num momento da atualidade onde cada umbigo não quer saber dos umbigos alheios. (Participante 1, narrativa de 08/09/2014).

É muito especial notar como duas mulheres do assentamento [...] acreditam que podem estudar e se apropriar desse conhecimento para aproveitá-lo em seu próprio território, tanto na escolha pela pedagogia como pela administração - essa última ainda mais forte para mim, pois é notável a falta de pessoas comprometidas com as práticas sociais que tenham conhecimento administrativo para auxiliar a gerir outras formas de organização. (Participante 2, narrativa de 10/09/2014).

Elas nos contaram sobre as dificuldades que enfrentam no assentamento: como o fornecimento de água, problema que enfrentam desde o início com poços insuficientes, bombas que não resolvem o problema ou má operação dos próprios moradores, desperdiçando os recursos. Outro problema que eles encontram é nos cultivos, pois tomam empréstimos em dinheiro, investem e não têm condições de transportar a produção para realizar a venda, ou ainda quando não conseguem produzir em razão da condição da terra. Tudo isso resulta em que as condições de vida ali sempre foram precárias.

Contaram também da dificuldade para se organizar, apesar das tentativas, pois há, no interior da comunidade, uma divisão, uma disputa que acaba atrapalhando o avanço e a solução dos problemas que eles encontram no assentamento.

Elas nos disseram também que querem mudar a visão dos jovens que pensam que viver na roça é ruim, elas desejam mostrar para os jovens, filhos delas e dos outros da comunidade, que eles podem melhorar o local onde vivem e que não precisam, para melhorar de vida, ir para a cidade. Disseram que ouvem dos

jovens: "Aqui não é cidade", e achei essa afirmação muito forte, deixando visível o quanto isso as incomoda e o quanto elas lutam para transformar esta postura.

Após a fala de duas moradoras do assentamento, abrimos a roda de perguntas para o grupo Reletran, que participou intensamente com muitas questões e demonstrando, em geral, muita indignação em relação à atitude de descaso do poder público para com aquela comunidade. Encerramos a nossa conversa por causa do horário, não fosse isso ela se estenderia por muito tempo, e fomos para o almoço que elas mesmas tinham preparado para nós.

Almoço com gostinho caseiro, comida de mãe ou de vó, comida simples mas saborosa: arroz, feijão, frango ao molho, muita salada e suco. Todos se deliciaram, não tinha um do grupo que não elogiasse a comida. Para completar o deleite com a refeição, após o almoço tomamos um café fresquinho acompanhado de torta de banana, tudo muito saboroso, rendendo comentários e elogios e pedidos de receita.

*

Retornamos para a Flona no início da tarde. Eu e a Carmem éramos as responsáveis pela próxima atividade, que denominamos de bio:grafia.

Eles são registros solicitados e escritos em contextos específicos que definimos como BIO:GRAFIAS. Outro aspecto fundamental na definição das bio:grafias: são as características do seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos. (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 128).

Pedimos para que cada um do grupo saísse sozinho pela Floresta e trouxesse alguma coisa que remetesse a sua infância. Enfatizamos para que explorassem o espaço da Flona e que, se possível, aproveitassem esse momento para ter contato de verdade com a sua própria história. Demos quinze minutos para esta parte da atividade, e marcamos de nos encontrar embaixo de uma árvore, próxima a uma das casas onde nos hospedamos.

Já tínhamos separado as imagens de brincadeiras de criança e combinamos, naquele momento, de pedir para cada um contar qual era o objeto que havia escolhido e por que remetia à infância. Num determinado momento, em que a pessoa contava a história, pedíamos para um outro participante fazer intervenções. Aquele que estava contando a sua história, mesmo sendo “atrapalhada” pelo outro

integrante do grupo, deveria seguir fazendo a sua narrativa. No começo, as intervenções eram muito tímidas, leves: cócegas, levantar o braço, mexer no cabelo. Mas ao longo da brincadeira, as pessoas foram se soltando e as intervenções foram aumentando: folhas em cima da pessoa, cambalhota, fazer o narrador se levantar, pular, amarrar lenço nos olhos. Essas intervenções faziam com que a pessoa perdesse a sequência da história que estava contando ou mesmo parasse de contar, de alguma maneira as intervenções atrapalhavam o narrador.

Além dessas intervenções, em um certo ponto da narrativa que estava sendo feita, eu entregava uma imagem de alguma brincadeira infantil e perguntava se representava algo na infância dela. Nesse momento, mais uma vez, recebia uma interferência externa sobre sua narrativa, sobre sua história, o que forçava a pessoa a mudar a narrativa, a sequência do que estava dizendo sobre seu objeto, para atender a minha solicitação. Pedimos para todos do grupo realizar sua narrativa e fomos nos surpreendendo com a grande brincadeira que a atividade foi virando. No final, sem que tivéssemos combinado nada antecipadamente, o último do grupo que contou sua história iniciou um “pega-pega” e, quando vimos, estavam todos envolvidos no jogo, cuja importância aponta:

A “brincadeira” de pega-pega no final confirmou a troca positiva, o estreitamento dos laços afetivos e a conquista da confiança coletiva nos processos sociais que se desenrolavam. (Participante 4, narrativa de 10/09/2014).

Terminamos o pega-pega e sentamos embaixo de uma árvore para o encerramento da atividade. Tomei a palavra e tentei estabelecer uma relação com o discursos das mulheres do assentamento, com o objeto que remetia à infância, com a história de cada um e com as interferências externas que recebíamos. Comentei um pouco sobre o quanto deixamos a nossa história de lado, como, quando crianças, damos muita importância a nós, à nossa história e, conforme crescemos, vamos sofrendo muitas interferências, algumas delas tão fortes que não conseguimos trazer a nossa história a tona, como se, em algumas situações ou momentos, tivéssemos que negar o que somos, a nossa procedência, a nossa história, a nossa trajetória. Em que momentos podemos falar e sermos ouvidos? Como professora tenho dado esse espaço para meus alunos? Lembro-me de bell

hooks¹⁷:

Como professora, reconheço que os alunos de grupos marginalizados têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido ouvidas nem acolhidas, que eles discutam fatos - aqueles que todos nós podemos conhecer -, quer discutam experiências pessoais. Minha pedagogia foi moldada como resposta a essa realidade. Se não quero que esses alunos usem a "autoridade da experiência" como meio de afirmar sua voz, posso contornar essa possibilidade levando à sala de aula estratégias pedagógicas que afirmem a presença deles, seu direito de falar de múltiplas maneiras sobre diversos tópicos. (HOOKS, 2013, p. 114).

Falei um pouco sobre a minha experiência no início do mestrado com a bio:grafia, sobre a imensa dificuldade em me posicionar, em mostrar e colocar a minha história para a turma. Comentei que a minha criação sempre me induziu a deixar minha história de lado, pois o importante é o conhecimento técnico, é o conteúdo e não quem está por trás daquele conteúdo, assim, quando me deparei com a situação de ter que escrever sobre minha história, foi muito difícil no começo, mas a partir do momento em que eu entendi que o que eu produzia, o que eu construía só existia exatamente por causa da minha história, da minha trajetória de vida e, sim, ela era importante, ficou tudo muito mais tranquilo. Pedi a eles para pensar quando havia sido a última vez em que eles tiveram espaço e oportunidade para contar sua bio:grafia, em qual local isso tinha sido possível.

A importância da bio:grafia é que

Esses procedimentos e essas formas de narrar a vida e os conhecimentos podem contribuir para a revalorização das vozes / conhecimentos / práticas sociais daquelas populações historicamente excluídas enquanto sujeitos de culturas e de saberes, ampliando as possibilidades sociais de superação das monoculturas que caracterizam a sociedade contemporânea em benefício de relações mais ecológicas entre os diferentes conhecimentos, culturas e formas de expressão (SANTOS, 2004 apud OLIVEIRA 2010, p. 169).

Abrimos uma roda de conversa para os comentários, e encerramos a dinâmica com a leitura coletiva do artigo do Professor Marcos Reigota, "A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens".

Quem são essas pessoas que vêm das margens? Que histórias e conhecimentos trazem? Como chegaram ali, como permanecem e como saem de um curso de pós-graduação em educação? Essas questões exigem uma reflexão sobre si, sobre o ser no mundo, suas relações sociais, seus sentimentos em relação aos mais diversos ambientes e possibilidades de intervenção, de participação e de existência. Afinal, perguntava

¹⁷ bell hooks é uma identidade criada pela autora e é grafada tudo em minúsculo.

Nietzsche, como é que alguém se torna aquilo que é? Essa condição do instante presente se perpetua? Se altera? Se refaz? Se reproduz? Instiga e desestabiliza o sistema econômico e o sistema de produção e difusão de capital simbólico? A exposição pública da trajetória escolar e pessoal dos que vêm das margens, elaborada por eles mesmos, contribui para se entender e teorizar sobre a educação contemporânea brasileira? (REIGOTA, 2010, p. 3).

*

Em seguida, fomos para o ateliê da Adriana Teixeira que coordenou a próxima atividade. Antes de iniciar, por conta do horário, fizemos uma pausa rápida para o café, já era o fim do dia e, apesar do cansaço, todos pareciam desejar continuar as atividades. Assistimos, então, um vídeo do artista plástico Frans Krajcberg, e a Adriana contou um pouco da sua experiência com esse artista e, seguindo a atividade, nos concentramos no ateliê dela para uma pintura coletiva. Adriana disponibilizou uma tela e tintas e essa pintura seria realizada de maneira livre e conjunta; bastou um iniciar a pintura, para que o grupo se soltasse e a construção do trabalho coletivo fosse se moldando. Alguns usaram os pincéis disponíveis, outros, as mãos, alguns usaram outras partes do corpo e a pintura foi tomando forma de uma maneira diferenciada, pois não tinha o trabalho daquele ou do outro, e sim parte de um, parte de outro que só faz sentido no coletivo.

*

Quando encerramos nossas atividades já passava das 19h30, e as pessoas que não iam pernoitar na Flona foram embora. Dividimo-nos nas casas disponibilizadas para banho e marcamos o jantar em uma das residências, às 21h. Nesse momento, já havia sido escolhido o grupo que iria cozinhar, as pessoas se candidataram voluntariamente para preparar o jantar para o grupo todo. Na outra residência que tínhamos disponível para nós, fizemos uma fogueira, por conta do frio, e em volta dela ficamos por horas reunidos, conversando, brincando, rindo. A Flona é um lugar mágico, muito bonito, mas para mim, particularmente, o céu é o que mais chamava atenção, tanto de dia quanto de noite. Não tem como descrever a sensação do momento de contemplar o céu estrelado, um estrelado completamente diferente do que é possível enxergar na cidade. Ficamos em volta da fogueira até de madrugada.

*

Às 4h da manhã, a Adriana passou nas duas residências acordando a turma para se preparar para a trilha noturna e o nascer do sol. Fomos de carro até o local próximo ao mirante e, juntamente com o guia, adentramos a trilha "Afonso Sardinha"; o grupo, apesar do horário, da escuridão e do frio, se divertia muito na trilha. Na primeira capacitação havíamos feito essa trilha após o nascer do sol, mas nessa resolvemos fazer o inverso, para ter a oportunidade de entrar na mata ainda no escuro. No primeiro momento, a escuridão assusta, mas os olhos vão acostumando e as luzes das poucas lanternas que tínhamos foram nos ajudando a completar a trilha. A sensação de fazer a trilha antes do amanhecer foi bem interessante, parece que com o contato visual reduzido o ouvir fica muito mais aguçado. Completamos a trilha e, quando estava quase clareando, nos dirigimos para o mirante para assistir o nascer do sol. Momento incrível, uma visão deslumbrante, uma sensação de pequenez e grandeza ao mesmo tempo. Do mirante, pudemos ver grande parte de Sorocaba, o Morro Ipanema e algumas partes de cidades vizinhas. Assistir às mudanças de cor do céu e o surgimento do sol foi realmente uma oportunidade única.

Retornamos para as residências e começamos a organizar as coisas para encerrar as nossas atividades daquele final de semana. A empolgação e a animação da turma era tamanha que podíamos passar o domingo fazendo atividades, mas tínhamos nos programado para encerrar o encontro após a trilha e o nascer do sol. Fizemos mais um café e por volta das 10h30 tomamos o caminho de volta para casa.

4.4 Janelas entreabertas¹⁸.

Certa vez ouvi uma história muito curiosa que contava sobre um grupo de estudantes em sua aventura de passar um final de semana descobrindo e

¹⁸ Essa narrativa trago uma história acontecida na capacitação, mas que, para preservar as pessoas envolvidas, escrevi de uma maneira lúdica com nomes fictícios.

conhecendo uma reserva da mata atlântica num sítio histórico da região. O grupo era heterogêneo, várias idades, muitas profissões, vários objetivos, mas ao mesmo tempo tinham uma sintonia, uma harmonia que era de transparecer a qualquer um que tivesse contato com eles. Professores, colaboradores e alunos se confundiam o tempo todo, a troca de conhecimentos e informações era mútua e espontânea e, ao longo do dia, vários momentos de aprendizado, descontração, reflexão iam acontecendo. O sítio era patrimônio histórico, muito grande, vários locais para exploração. Num intervalo de descanso, após o almoço, o grupo teria um momento de pausa para em seguida continuar as atividades propostas, assim um grupo menor de alunos não saciados de conhecimento resolveram aproveitar esse momento para continuar a exploração do local e saíram em caminhada. Nessa caminhada muitas reflexões e observações. Como um local como esse não é conhecido e explorado pelas pessoas da nossa cidade, um comentava. Outro dizia, como é que não aproveitamos esse local para diversão, para trazer a família e ter esse maravilhoso contato com a natureza. Um terceiro do grupo observava, olhem essas casas, estão caindo, como é o descaso do nosso governo com a conservação desse patrimônio. Iam caminhando e conversando, cada um expondo sua opinião quanto aos pontos observados e a troca de ideias e a divergência de opiniões gerava cada vez mais a reflexão sobre aquele local. Encontraram umas casas onde o abandono parecia ainda maior, uma delas podia se observar a natureza agindo, árvores cresciam dentro dela e ali se misturava o concreto das paredes, a madeira das portas e janelas e as árvores que foram crescendo e se apropriando daquele local. O pequeno grupo deslumbrado com aquela mistura de sensações e emoções que aquele local despertava, foram explorando e adentrando o local cada vez mais. No quintal de uma das casas, existia ali, muitas janelas quebradas, soltas pelo chão. João, uma pessoa com olhar voltado para as artes exclamou: Lindas preciosidades aqui, jogadas, sendo comidas e acabadas pelo tempo, penso que com um pouco de trabalho e carinho uma delas poderá virar um lindo enfeite para sala da minha casa. Maria, encantada com a ideia, continua: nossa, o tamanho das divisões dessa janela encaixa perfeitamente com vasos de flores, essa velha janela poderia se transformar num colorido jardim vertical com vários tipos de flores, podendo deixá-la entreaberta e, ao abrir completamente a janela, as flores surgiriam, seria o renascer da vida e da função e utilidade dessa janela. José ouvindo aquela conversa e analisando as janelas diz, essas raridades serviriam para várias coisas, mas não podemos nos

esquecer que aqui tudo é patrimônio histórico, não podendo ser alterado, aqui tudo é de todos e não é de ninguém, não temos direito de alterar o que aqui está. João, encantado com a ideia e já imaginando aquela janela trabalhada e decorada em sua sala começa a sua argumentação: José, entendo que aqui é do governo, mas olha esse descaso, olha como tudo aqui parece estar largado a tempos e ninguém dar a mínima para qualquer coisa que esteja aqui, se isto aqui fosse importante para alguém não estava tudo largado, jogado às traças como as coisas estão por aqui. Maria um pouco em dúvida e dividida entre as opiniões de João e José diz, melhor não mexermos, vamos deixar as coisas aqui como estão. Pensa um pouco, já imaginando as suas flores coloridas naquela janela completa: podemos consultar a coordenadora do nosso grupo antes de levarmos as janelas, de repente, ela nos autoriza e assim levamos essas raridades e damos melhores destinos para elas. Alguém do grupo sinaliza que o tempo que eles tinham para descanso está acabando e que seria melhor eles voltarem para encontrar com o resto do grupo. Enquanto o grupo vai se retirando do local, João diz para Maria que já que estão longe, vai aproveitar e levar duas janelas e encontrando com o restante do grupo pedirá autorização para a coordenadora quanto à remoção e utilização delas. Maria um pouco desconfortável com a situação, concorda e acompanha João nessa missão.

O pequeno grupo volta ao local de encontro, a outra parte do grupo já está se organizando para a próxima atividade e o restante do dia foi tomado de novos desafios e encontros propostos para aquele final de semana. No dia seguinte, após as atividades desenvolvidas no período da manhã, o grupo já se organizava para deixar o local, Maria pergunta para João: conseguiu a autorização com a coordenadora? João respondeu, sem problemas, já guardei as janelas no carro. O grupo com muita animação e história para contar daquele final de semana repleto de descobertas começa a se despedir e combinar as próximas aventuras juntos.

Na segunda-feira seguinte ao encontro do grupo, a coordenadora recebe uma mensagem de seu supervisor avisando que o patrimônio público do sítio histórico tinha sido alterado por uma pessoa do grupo dela desse último final de semana. A coordenadora, assustada e sem saber o que tinha acontecido, vai até o sítio para conversar com o seu supervisor. Ao receber as informações do que havia acontecido no final de semana, ela informa ao seu supervisor que irá resolver imediatamente a situação e que as medidas cabíveis, como um processo administrativo, não

precisariam ser tomadas, pois ela iria identificar o que tinha acontecido e fazer com que o grupo devolvesse ao mesmo local o que tinha sido retirado. Inquieta e incomodada com a situação, a coordenadora conversou com os outros responsáveis do grupo naquele final de semana e acabou descobrindo o que foi desviado e por quem. Chateada com o ocorrido, fez contato com João e Maria para que pudessem conversar sobre o que havia acontecido. Marcaram um encontro no próprio sítio histórico de maneira que pudessem fazer a devolução das janelas. Maria estava desconsolada com a situação, não tinha conseguido enxergar a gravidade daquele ato e acreditou que a inocência e a vontade de dar vida para aquela janela tinha colocado ela nessa situação. João também estava chateado com a repercussão dada, e ainda inconformado com a necessidade de deixar novamente aquelas preciosidades no chão se decompondo juntamente com a natureza. Houve uma longa conversa sobre o que é patrimônio público, sobre a gravidade daquele ato precipitado e como aquilo poderia influenciar e pôr em xeque o trabalho de todos que ali estavam. A devolução das janelas foi feita com um misto de sentimentos em cada um deles, e para o grupo ficou mais um ponto para reflexão para o encontro seguinte.

4.5 Cartas para a infância

Infância na obra de Paulo Freire

Sorocaba, 04 de maio de 2015.

Querida prima Gis,

Demorei, mas consegui finalmente te escrever!

Quanto tempo faz que não nos falamos! Hoje, antes de te escrever, comecei a me recordar da nossa infância, das muitas brincadeiras, experiências e histórias para contar. Sabe o que me deu uma saudade imensa? As nossas fugidas para a chácara que tinha ao lado da casa da vó; íamos lá para subir na árvore e comer

manga ou para pegar amora no imenso pé de amora que tinha lá. Lembra como fazíamos? Eu ficava embaixo do pé com a camiseta esticada enquanto você subia e chacoalhava o pé para as amoras caírem, quando fazíamos isso, minha mãe sempre ficava muito feliz com a sujeira das nossas roupas...!

Como andam as coisas? Espero que estejam todos bem.

A minha vida está uma correria este semestre! A crise chegou na Universidade também, na Uniso estou com 4 aulas a menos e com uma disciplina nova. Já no Senai, ainda consegui manter a mesma quantidade de aulas, porém tive que pegar uma disciplina nova que não tem nada a ver com a linha de disciplinas com as quais trabalho: Gerenciamento Estratégico de Recursos Humanos, agora não sou mais de exatas, sou de humanas...! Na verdade, aceitar essa disciplina era a única maneira de me manter no Senai. O problema é que tenho que estudar muito, preciso me dedicar bastante para montar as aulas, procurar vídeos, exercícios ou tarefas que envolvam os alunos, pois, além da disciplina, estou com uma turma bem complicada, difícil mesmo. Mas, graças a Deus, o semestre está acabando e, meio que aos trancos e barrancos, estou dando conta. Além das aulas, estou no doutorado, como já te contei, e esse ano é o ano chave, venho me dedicando bastante às leituras e escritas, e encontrar um tempo no meio disso tudo para descansar e me desligar está um pouco complicado. Mas no meio dessa bagunça, acredito que estou me saindo bem, melhor do que eu imaginava!

Como você me pediu na última carta, vou te contar um pouco sobre as coisas que ando lendo. O último texto que li é sobre uma pesquisa, uma investigação que alguns pesquisadores da Unesp estão fazendo, a partir das obras de Paulo Freire, sobre a infância.

O nome do texto é “Por uma pedagogia da infância oprimida: as crianças e a infância na obra de Paulo Freire”. Os autores falam que Freire, como professor e pesquisador, não teve a infância como objeto principal dos seus estudos e sim adultos das classes populares, mas o fato de a infância não ter sido o foco principal da sua pesquisa não quer dizer que a contribuição dele para o tema não possa ser significativa. Eles dizem que a importância de Paulo Freire está em sua enorme contribuição geral, pois o tempo todo ele se referencia à própria infância e, nesse contexto, podemos pensar numa Pedagogia da Infância Oprimida. Nas obras, segundo os autores, Freire sempre acaba se referindo à infância e a importância que ela tem para ele, como, por exemplo, nesse trecho: “Eu acho que uma das coisas

melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim.” (FREIRE, 2001, p. 101). Diz ele sobre a pedagogia “que tem que ser forjada com ele e não para ele”, quando ele fala *ser forjada com ele*, refere-se ao oprimido, que este deve também participar dessa pedagogia. No texto, os autores nos aproximam do conceito de inacabado, eixo central da obra *Pedagogia do Oprimido*, e do conceito de infância que Agamben utiliza, que afirma ser a infância não apenas uma etapa cronológica da existência, mas também uma condição da existência humana.

Os autores dizem que Freire é uma referência importante nas questões contemporâneas, por isso é fundamental pensar sua contribuição para uma *Pedagogia da Infância Oprimida*. Eles ainda mostram outros pontos relevantes abordados na obra de Freire, dentre eles, o ser humano como histórico e inacabado, e que a educação será sempre e necessariamente um ato político, a não dicotomização do mundo entre objetivo e subjetivo, e que a construção deve ser fundada no reconhecimento das diferenças, da importância do corpo e do afeto, sem distanciá-los dos determinantes de classes sociais, além da crítica a uma ética de mercado e da defesa de uma ética universal do ser humano em processo de permanente construção.

O método de pesquisa deles é investigar, rastrear, encontrar nas obras escritas, somente nos livros, a palavra criança ou infância ou algo que, sem mesmo a presença dessas palavras, remeta a esse universo. Para isso, eles dividiram a obra de Freire em cinco períodos. No primeiro período, irão analisar as obras produzidas antes do exílio. No segundo, as obras de 1964 a 1980, quando ele ficou no exílio. O terceiro, depois do exílio, em 1980, até a saída dele da Secretaria de Educação de São Paulo, em 1991, e o quarto, após 1991 até a morte dele em 97. E, finalmente, o quinto período, em que irão analisar as obras póstumas publicadas por Ana Maria Araújo Freire. Neste texto, sobre o qual te falo eles trabalharam a obra *Educação e atualidade brasileira*, que se situa no primeiro período de análise. Eles elaboram um breve resumo da obra, trazem alguns textos que fazem referência de algum modo à infância e alguns comentários a respeito. Um comentário que achei importante te mostrar aborda o

[...] fato hoje reconhecido de que as crianças, embora ainda silenciadas na escola e em outros ambientes, têm muito a dizer sobre o mundo, conhecimento este que não fazia parte, em meados do século passado, do ideário pedagógico. Outro aspecto a ser considerado é que a concepção de

infância, tal como a concebe Agamben (2005) e que assumimos nesta pesquisa, também não fazia parte das reflexões pedagógicas da época. (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 9).

A uma seção do texto, eles dão o título “Infância como condição da existência humana... uma perspectiva freiriana?”, e fazem uma crítica às pesquisas que são realizadas sobre a infância, mas que ainda não dão voz, não ouvem as crianças. Começam essa parte com algumas frases ditas por crianças: “A professora só grita”. (criança de 4 anos – Educação Infantil), “Meu pai bateu na cabeça da minha mãe”. (criança de 3 anos – Educação Infantil), “Minha mão dói de tanto escrever”. (criança do 1º. ano do ciclo I do ensino fundamental) “Vou pescar estrelas”. (criança de 2 anos durante brincadeira simbólica – Educação Infantil), e comentam que essas frases exemplificam as vozes das crianças que são lançadas à espera de interlocutores, e que esses efetivamente olhem para elas e as escutem, e estejam disponíveis para o diálogo.

Diálogo esse que implica, como afirma Freire (1996), em amorosidade e humildade de nos reconhecermos inacabados, abertos ao mundo, portanto, sempre aprendizes. Que implica, sobretudo, em respeito ao outro e a si próprio. Diálogo este, que na maioria das vezes, não acontece dentro do espaço escolar. Neste contexto, as falas das crianças quase sempre se perdem, ou são abafadas, esquecidas, ironizadas... (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 10).

Essa investigação sobre a infância ainda é muito nova, teve início na década de 1970, mas a maioria entendendo a infância, a criança como um “vir a ser” e a responsabilidade do adulto de prepará-lo.

Os estudos mais recentes, mais contemporâneos, apresentam a criança com um ser que pensa, cria e recria a partir das experiências e da interação com as outras crianças e adultos. Esses trabalhos

vêm buscando construir um outro olhar para a criança, que não é nem tábula rasa nem natureza pura, e sim um ser humano, que possui um corpo, uma história, diferentes saberes, diferentes modos de compreender o mundo, que cria, sonha, chora, fala, pensa, aprende, sofre, se alegra, se encanta... Um olhar a partir dela e não para ou sobre ela, onde seja escutada, onde possa falar, onde possa ser reconhecida como sujeito da e na história, portanto, produto e produtora de cultura. (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 11).

Os autores afirmam ainda que, em pleno século XXI, a criança ainda ocupa um “não lugar”, que poucas pesquisas têm crianças como protagonistas principais, e que o olhar é sempre sobre elas e não com as crianças, o que significa um olhar

pré-concebido para elas e suas produções. O mundo é pensado pelo e para o adulto e as crianças ficam submetidas ao "adultocentrismo" e continuam sendo preparadas para as séries posteriores e para o mercado. Os autores citam outros dois autores, Leal e Larrosa, que têm uma visão contrária a essa, dizendo que:

Criança e a infância, portanto, não são passíveis de aprisionamento; haverá sempre aquilo que é singular, único e original. É fato que, enquanto seres sócio-históricos carregamos algo que é de continuidade, teremos que percorrer um longo processo de socialização; mas também carregamos algo de novo, de enigmático; e que sendo assim rompe com as supostas certezas que temos de nós mesmos, do mundo, das crianças, da infância. Por que então, não nos permitir ser tocados pela criança e desta forma nos deixar levar também pelo desconhecido? Vê-la como "um outro"? Aprender com ela? Acreditamos que, para isto, faz-se necessário (re)significar a idéia de infância, procurando entendê-la para além de uma etapa cronológica da vida, vê-la como condição da existência humana. (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 12).

Eles falam também sobre a infância ser algo que não nos abandona, que na verdade acaba nos acompanhando para a vida toda. Não tem como ser um ser humano somente e inteiramente adulto, pois há uma parte da infância que permanece.

Novamente, os autores trazem Agamben para o texto dizendo que a Infância, experiência e inacabamento se encontram aqui, fazendo um paralelo com as condições de inacabamento e que isso nos torna abertos ao mundo e que somos autores da história. Eles afirmam também que

[...] é possível, pois dizer que se para Agamben há história porque há infância, para Freire há infância devido à condição de inacabamento do ser humano. Assim, a infância no sentido agambeniano, é uma das manifestações do inacabamento do homem e, portanto, uma das expressões de esperança. (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 13).

Depois dessa parte do texto, eles tecem alguns comentários sobre a educação bancária, expressão criada por Freire, e a opressão das crianças.

Ao final do texto os autores comentam que essa opressão é uma maneira de combater a mudança e é usada para manter a sociedade tal como ela está. E esse combate aparece nas escolas, academias, nas agendas superlotadas, na violência, na fome, nas drogas, na exploração infantil e na aceleração do consumismo capitalista, e que tudo isso continua a silenciar as crianças, deixando-as à margem das pesquisas, das políticas, enfim, da direção da sua própria vida. Concluem o texto,

[...] defendendo que as crianças sejam protagonistas de sua/nossa história,

é que reconhecemos na obra de Paulo Freire um referencial teórico importante para a análise das condições de vida das crianças e, neste sentido, para a constituição de uma pedagogia comprometida com a infância oprimida; pedagogia esta que nos possibilite abertura suficiente para termos para com as crianças um olhar de respeito às suas singularidades, necessidades e direitos. (SANTOS NETO; ALVES; SILVA, 2008, p. 15).

Espero que você tenha conseguido entender um pouco do que estou estudando. Esse é um texto que achei muito interessante, e me traz algumas reflexões: a obra de Freire é muito ampla e acredito que ela pode ser entendida ou usada em várias dimensões, não somente sobre adultos, que era o principal foco do estudo dele, mas também sobre crianças e qualquer outra faixa etária. Não necessariamente precisamos delimitar os conceitos por Freire deixados como sendo para um ou para outro, pois são, sim, conceitos abertos que podem ser utilizados numa dimensão bem mais ampla.

Tomara que você tenha gostado do assunto dos meus estudos dessa vez. Prometo que em outras cartas vou contando sobre outros textos e livros em que estou trabalhando.

Estou ansiosa para receber sua carta com notícias de todos e sua opinião sobre o texto.

Fica com Deus, se cuida e manda um super beijo para todos aí!

De sua prima

Ariane

A memória, a infância e o brincar

Sorocaba, 09 de maio de 2015.

Querida Gis,

Estou escrevendo novamente para você e ainda ansiosa por uma resposta. Recebeu a minha carta anterior? Enviei faz mais ou menos um mês e ainda não recebi a sua resposta, acredito que sua vida também deve estar bem corrida, afinal de conta vivemos em loucas rotinas parecidas.

Como estava lhe devendo notícias e já fazia tempo, resolvi compensar esse

tempo lhe escrevendo novamente. Estou curiosa para saber notícias suas e do pessoal daí. Essa distância acaba deixando as notícias desatualizadas, mas quero saber de tudo e de todos. Promete que assim que possível, me responde?

Por aqui as coisas, graças a Deus, continuam bem, tudo muito parecido com a carta anterior, com a novidade que resolvi e vou conseguir viajar em julho. Lembra aquele congresso na Espanha que disse para você que enviei um trabalho? Foi aprovado. O fato de ser aprovado já foi bem comemorado, mas agora, depois de muita programação e análises financeiras, vou conseguir ir para apresentar. Estava um pouco desanimada para ir, por causa do tempo fora e do valor que vou gastar, que não é pouco, mas uma amiga, a Cintia, que namorou o Fio, lembra dela? - então, ela meio que na loucura resolveu ir também. Quando contei que ficaria numa cidade perto de Portugal, ela se animou e acabamos nos organizando para conhecer outros países, além da Espanha e de Portugal. Estamos bem animadas, vou fazer a apresentação no congresso, e aproveitar para passear um pouco. Pretendemos passar por quatro países, tudo agora depende da organização de datas e valores. O destino inicial e final já decidimos, chegaremos em Lisboa, Portugal, e o destino final será Santorini, na Grécia. Sim, um bem longe do outro! A briga sobre para onde ir foi grande, mas a vantagem é que se locomover na Europa é bem tranquilo e mais barato, acredito que organizando direitinho conseguiremos conhecer praticamente todos os lugares que desejamos.

Como você me pediu na sua última carta, vou contar sobre uma outra leitura que estou fazendo, essa também trata da infância, pois esse é um dos eixos que estou preparando para a minha tese. Se você estivesse por perto, com certeza passaríamos muitos noites conversando sobre todo o esquema e planejamento do meu doutorado. Lembra como fazíamos quando criança? Deitávamos de luz apagada na beliche, pois já estava na hora de dormir, e ali, cochichando, ficávamos horas e horas, era muito divertido. Só era ruim quando o Fio, nosso primo, tinha que dormir no quarto com a gente, ele não deixava a gente conversar, ficava se intrometendo na conversa e atrapalhava tudo.

Mas vamos conversando e sempre que possível lhe escrevo falando sobre um assunto ou outro.

Esse texto que estou lendo chama-se "Memória, infância e brincar em escritos de Walter Benjamin: Cultura Lúdica, processo de formação e prática docente". Ele foi escrito por um pessoal da Unesp que está realizando esse estudo em cima da

obra do Benjamin. Eles dizem que os escritos de Benjamin sobre a memória do brincar e as relações existentes entre infância, cultura e história na sociedade contemporânea são pioneiros. Os autores desenvolvem a pesquisa no material resgatado após a morte de Benjamin, onde ele revisita a própria infância.

Começa o texto com alguns pressupostos do autor:

Sob a lógica das lembranças podemos reparar e ver o que se manifesta no outro e fora de nós. É nessa perspectiva que atribui importância à história do brinquedo e à memória do brincar, estabelecendo relações entre cultura, infância, experiência, narrativa, história e memória, promovendo interações entre a criança (contemporânea) e seu mundo através da memória de sua infância. (ALVES; SILVA; OLIVEIRA, 2011, p. 47).

Benjamin, segundo os autores, traz a infância como categoria central da história, ajudando-nos a compreendê-la pela forma como vemos a infância, dando-lhe uma identidade própria.

Num tópico do texto, destacam uma reflexão de Benjamin na qual ele diz que o passado de um adulto prepara o seu presente e ao mesmo tempo amplia as fronteiras desse presente, porque não importa o que viveu e sim como é a recordação dessa vivência. As memórias não são representadas por uma linha homogênea e linear, porque nesse entendimento o que importa é a intensidade e não a cronologia.

Para Benjamin (1987), a importância dos brinquedos e brincadeiras infantis está no direcionar o modo do adulto de se colocar em relação ao mundo da criança. Uma frase muito interessante, que não encontrei outra maneira de lhe dizer é: “A memória do brincar é, portanto, um substrato que pode estabelecer liames entre passado e presente, entre distintas realidades espaciais e temporais, individuais e sociais.” (ALVES; SILVA; OLIVEIRA, 2011, p. 47).

Segundo os autores, Benjamin adorava brinquedos e traz, na sua obra, a importância deles e também uma crítica à didatização dos brinquedos, ao autoritarismo da idade que acaba subjugando as crianças.

Alves, Silva e Oliveira (2011) explicitam ainda a crítica benjaminiana sobre a sociedade de consumo, na qual os objetos lúdicos artesanais foram substituídos por brinquedos fabricados industrialmente, reconhecendo também o declínio da simplicidade dos brinquedos e se preocupando com a artificialização e a produção em escala industrial que despreza a natureza particular de cada um. Os brinquedos saíram, portanto, de pequenos objetos feitos por artesãos para se tornarem maiores

e desprovidos de identidade. Benjamin (1987) afirma e deixa claro sobre a criatividade das crianças:

Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. (ALVES; SILVA; OLIVEIRA, 2011, p. 50).

Benjamin, na perspectiva dos autores, aponta que o importante não é o brinquedo em si, mas o conteúdo imaginário e simbólico do universo infantil que caracteriza a atividade lúdica. Dizendo ainda que a experiência de brincar possibilita o domínio de si e o acesso ao outro, criando um mundo próprio, habitual, intenso e renovado. Podendo esse objeto-brinquedo ser a extensão do próprio corpo, confundindo-se com ele como sujeito.

Segundo o autor, nos objetos as crianças reconhecem o mundo pelo olhar delas e representam papéis que vão de professor, pais à moinha de vento, trem ou caminhão, sendo que a intenção não é só a cópia do mundo dos adultos e sim a recriação de uma nova e particular relação: criar seu próprio mundo das coisas.

Nessa obra, Benjamin traz a experiência histórica de um menino sensível num cotidiano cheio de revoltas e desejos coletivos vividos em Berlim, durante o Segundo Império. Os autores dizem que essa narrativa seria autobiográfica, embora o próprio Benjamin não a tivesse categorizado como tal. Em *Infância em Berlim por volta de 1900*, o autor compartilha com o leitor o universo infantil com uma riqueza grande de detalhes e vai amarrando essas lembranças como se fosse um quebra-cabeças. Nessa parte do texto, os autores trazem da obra de Benjamin alguns trechos do livro em que ele parece se referir ao seu passado através de imagens, sons, aromas e metáforas, ora próximas, ora distantes.

Alves, Silva e Oliveira reúnem as reflexões do texto concluindo em proveito de uma visão da infância como não complacente, não infantilizada, não simplista e nem reducionista, considerando que o estudo das obras de Benjamin instigam a pensar e ver o mundo de uma maneira mais ampla e mais profunda.

Esse foi um texto bem complicado de ler e de te contar um pouco. Em alguns trechos, os autores usam palavras difíceis, que me fazem ler mais de uma vez e, às vezes, mesmo assim, não consigo entender, e é preciso voltar e ir parte por parte, para tentar extrair algo. Gostei de poder tomar contato com um pouco da obra de Benjamin, mas confesso que fiquei curiosa para ter acesso à obra diretamente, pois

penso que, às vezes, apesar da facilidade de estudar um autor através de estudos feitos por outras pessoas, esse estudo acabe ficando limitado e talvez marcado pela leitura dos próprios autores, perdendo um pouco a originalidade da obra principal. Outra coisa que está presente no título, e que me chamou atenção, mas na verdade tem pouco no texto, é o processo de formação e a prática docente, esse assunto está no título mas acredito que poderia ter sido mais abordado no texto. Concordo sobre a importância da memória e sua influência sobre a vida do adulto e sobre a valorização da infância, pois não podemos menosprezar essa fase como se fosse somente aquela de recebimento de ensinamentos. Acredito também que cada indivíduo é único, e traz uma bagagem enorme que precisa ser levada em conta. Podemos olhar os adultos dando valor para toda sua história, não deixando de lado a infância e nenhuma outra fase pela qual ele passou.

Aguardo sua carta com as notícias de todos, pois a saudade já está grande! Espero que consiga me escrever em breve.

Fica com Deus! E sempre dê minhas lembranças para a turma toda!

Beijos e abraços

De sua amiga

Ariane

Infância e alternativas curriculares

Sorocaba, 14 de maio de 2015.

Estimada prima,

Como você está? Quero saber notícias de todos.

Aqui com a família, graças a Deus, está tudo bem!

Adorei receber a sua carta. Ri muito com as lembranças que trouxe sobre a nossa corrida para a limpeza da casa antes do horário da vó chegar! Passávamos o dia brincando e quando faltavam quinze minutos para o horário da vó chegar do serviço, corríamos para lavar as louças, limpar a mesa, e com minutos de sobra, ainda sentávamos em frente da TV para esperá-la, para que ela tivesse a impressão de que estávamos ali há tempos. Lembra das coleções

de papel de carta? Passávamos a tarde organizando as pastas e trocando papel de carta, tínhamos muito zelo por eles. E a época das tampinhas? Ficávamos a tarde toda assistindo desenhos na TV e fazendo as tampinhas, eram tampas para produtos de limpeza. Íamos a um bar, próximo a casa da vó, para buscar os sacos das peças com as tampas separadas, e fazermos o serviço, que na verdade era experimentado como uma brincadeira: tirávamos a rebarba da tampa, fazíamos o furo e no final encaixávamos o tubo plástico nela. Nos pagavam por cada saco com as tampas montadas, e o dinheiro que ganhávamos com isso era muito pouco, mas era todo gasto em doces e papéis de carta.

Bom...o semestre já passou da metade! Esse semestre as coisas estão corridas por aqui, estou com aulas na Uniso e no Senai, mas como te disse na outra carta, estou com muitas disciplinas novas. Os alunos diminuíram muito nos dois lugares, então estamos passando por reestruturação. Na Uniso a estratégia foi juntar as turmas, agora não tenho mais turmas de uma única engenharia, mas somente turmas misturadas, alunos de quatro ou cinco cursos juntos na mesma sala. Já no Senai, neste semestre, não teve vestibular, por isso não abriram novas turmas, e foi preciso reorganizar as disciplinas e os professores. Com isso, para me garantir um tempo a mais, aceitei uma disciplina que é dada no último semestre: Gerenciamento Estratégico de Recursos Humanos. Uma disciplina que não tem nada a ver com nenhuma outra que já ministrei, mas esse era o único caminho para conseguir me manter empregada. Estou estudando bastante, isso demanda muito tempo, pois tenho que pesquisar os conteúdos, montar aulas, exercícios e provas, e todo o dia, antes das aulas, eu pesquiso mais sobre o assunto para ter exemplos e situações reais para debater com os alunos, e passo um bom tempo selecionando vídeos que possam ser úteis para a aula. Essa disciplina tem dez aulas por semana, então dois dias, pelo menos, tenho que dedicar para essas aulas. Na Uniso, estou com uma disciplina nova também, mas um outro professor que já ministrava essas aulas antes passou material para mim, então fica um pouco mais fácil, pois pego o material pronto, estudo e acrescento algumas coisas.

E junto com tudo isso tem o doutorado, estou na fase da escrita e para mim essa é a fase mais difícil, pois exige muito tempo e dedicação para as

leituras e tempo para parar, me concentrar e conseguir escrever. Acho que estou dando conta, mas a semana fica realmente puxada, tenho reservado os períodos da semana toda, uma programação fechada! Então, qualquer imprevisto ou acontecimento, já bagunça tudo. Semana passada, um caminhão de madeira caiu bem na saída da Universidade, com isso o trânsito ficou todo parado e como só temos uma opção de saída, acabei ficando presa por mais de uma hora no trânsito, saí da Universidade às onze e meia e consegui chegar em casa por volta da uma da tarde. Com isso, atrasou toda a minha quarta-feira, que acabou ficando ainda mais corrida.

Como conversamos, em cada carta eu vou te contar um pouco das minhas leituras para o doutorado. Como te disse, estou trabalhando uma parte da minha tese em que falo sobre a infância, e também sobre a produção de sentido e a experimentação, para isso estou lendo o texto da Inês Barbosa de Oliveira, professora e pesquisadora da UERJ, intitulado "A produção cotidiana de alternativas curriculares". Em linhas gerais, ela aborda os caminhos alternativos que professores utilizam para encontrar frestas dentro dos currículos impostos e conseguir ampliar o universo trazido para a sala de aula.

Muitos autores, nos últimos anos, têm escrito sobre os currículos obrigatórios da educação. A grande maioria deles é crítica, mas, em estudos mais recentes, já se discute a ideia de compreender esse currículo e conseguir utilizá-lo de uma maneira positiva, ao invés de somente criticá-lo.

Apesar do engessamento do currículo, temos muitos professores utilizando e ao mesmo tempo o enriquecendo a partir das frestas, para trabalhar com alunos de uma maneira mais rica, mais completa. Inês destaca uma fala muito importante sobre isso:

Dialogar com os saberes presentes nas inúmeras alternativas curriculares cotidianas que vêm sendo desenvolvidas em nossas escolas é a condição fundamental para que possamos interrogar as diversas realidades, no sentido de buscar a compreensão dos componentes curriculares presentes nessas propostas cotidianas, que se, por um lado, não são estruturadas e explícitas como as oficiais, trazem dimensões da vida humana que recuperam o papel dos sujeitos nas práticas educativas, o que é fundamental para o desenvolvimento crítico e cidadão. (OLIVEIRA, 2001, p. 1).

Inês traz a ideia de Michel de Certeau para quem essas práticas não são

novas, pois sempre foram utilizadas como meio de sobrevivência dos grupos sociais subalternizados, que precisam procurar espaços para burlar as regras impostas.

A autora diz que muito tem se discutido sobre os conteúdos formais de ensino com propostas de organização ou introdução de novos conteúdos, mas essas mudanças podem ser entendidas como novas tentativas de controle sobre a diversidade dos saberes cotidianos na escola ou uma tentativa de manter a ordem trazendo somente uma nova roupagem para o conteúdo antigo. Diz ainda que, em qualquer um dos casos, o que fica claro é a distância e a falta de diálogo entre os que tomam para si essa responsabilidade e os que realmente atuam nas salas de aula. Uma fala que a autora trás do professor Miguel Arroyo me chama muita atenção: "As grades curriculares são não só para que o conhecimento escolar permaneça na escola, mas também para que os saberes de fora não entrem na escola." (ARROYO, 2000 apud OLIVEIRA, 2001, p. 4). Nessa fala, fica nítida a ideia de que esse engessamento, essa padronização é uma forma de controle, pois ao mesmo tempo em que diz garantir a entrada e a permanência do conhecimento escolar tem força para deixar de fora o conhecimento informal, de modo que os saberes cotidianos ficam excluídos, como se não tivessem importância.

Inês mostra no texto o espaço cotidiano como um espaço possível para serem criadas estratégias de aprendizagem, além do conteúdo imposto pelos currículos e que, para entendermos essas situações que acontecem, é preciso ir além do simplesmente saber o que foi feito, é necessário conhecer a realidade e a história de vida dos participantes. São inúmeras as invenções cotidianas que os professores trazem para alterar as propostas curriculares e essas alterações, do ponto de vista formal, podem ser consideradas apenas adaptações ou inovações, mas esse professor consegue modificar a relação professor-aluno e trazer inúmeros saberes para além daqueles da disciplina; saberes esses singulares e particulares, mas que transformam a construção da rede de cada aluno. A passagem abaixo, importante, exemplifica o que foi dito:

Pensar em alternativas curriculares a partir dessa forma de percepção nos encaminha para um diálogo sem preconceitos com os professores que, estando nessas escolas, produzem saberes e criam currículo

cotidianamente. Compreender concretamente essas múltiplas e complexas realidades que são nossas escolas reais, com seus alunos, alunas, professores e professoras e problemas reais, nos coloca, deste modo, diante do desafio de mergulhar nestes cotidianos, buscando neles mais do que as marcas das regras gerais de organização social e curricular, outras marcas, da vida cotidiana, dos acasos e situações que constituem a história de vida dos sujeitos pedagógicos que, em processos reais de interação, dão vida e corpo às propostas curriculares. (OLIVEIRA, 2001, p. 5)

No texto, Inês apresenta uma entrevista feita com um coordenador de matemática da rede estadual de Nilópolis, e alerta para a importância dos conhecimentos além do currículo e sobre como isso influencia diretamente a vida deste professor e, conseqüentemente, a prática docente do entrevistado.

O texto traz trechos da entrevista muito interessantes, que apontam algumas coisas: a importância do saber informal e como isso implica a história de vida dele, todos os ensinamentos da mãe e a convivência com os irmãos, e também o valor que o entrevistado dá para a educação na escola pública - ele foi beneficiado por essa educação e hoje faz questão de continuar participando e colaborando com esse ensino.

A entrevista é muito rica e mostra estratégias utilizadas pelo entrevistado, desde utilizar o teatro num curso de reciclagem de professores até uma atividade que leva os alunos ao supermercado para fazer compras, mostrando a expansão do universo dos alunos, saindo da sala de aula e agregando ainda mais valores e conhecimentos. Outro ponto marcante na entrevista é a maneira como ele trata os alunos, sempre incentivando, cuidando da autoestima e incorporando novos conceitos, utilizando os saberes cotidianos. O entrevistado encontra um jeito para que a matemática faça sentido para os alunos, fazendo realmente parte da vida deles. Ele dá um exemplo: melhor trabalhar números decimais somando dinheiro, coisa palpável e conhecida dos alunos, do que ficar na lousa dando nome e tentando inserir esse conhecimento.

Para encerrar meus comentários sobre esse texto, trago uma fala da Inês:

Os saberes ocultados pelos currículos oficiais e excluídos da escola oficial ganham força e assumem um lugar de destaque na prática curricular [...], o que caracteriza não apenas uma inovação curricular real como também o caráter reticular da sua formação e dos saberes e valores que pôde tecer ao longo de sua vida, tanto nos espaços formais de aprendizagem quanto na vida cotidiana ou em reflexões solitárias. O trabalho por ele desenvolvido favorece a valorização desses múltiplos espaços/tempos nos quais aprendemos e nos formamos, se constituindo, portanto, como uma prática curricular mais democrática e aberta a multiplicidade de aspectos que

envolvem a vida e as aprendizagens dos alunos. (OLIVEIRA, 2001, p. 15)

Achei muito interessante esse texto, e me remeteu a muitos professores que eu conheço e com os quais convivo e que realizam grandes esforços para abrir essas frestas, esses espaços, conseguindo trazer para seus alunos muito mais do que está no currículo, incorporando conhecimentos e saberes que realmente fazem parte do cotidiano e fazem sentido para os alunos. Apesar do esforço e da dificuldade que esses professores encontram, eles persistem, pois é possível fazer diferença e produzir mudanças na vida desses alunos.

Vamos continuar trocando cartas, está sendo muito bom e assim que possível, aguardo a sua visita para podermos conversar mais.

Beijos e abraços

De sua prima

Ariane

4.6 Como pertencer?

Umas das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os alunos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia

Reuni aqui três encontros que remetem de alguma maneira à infância. As possibilidades que as crianças tiveram, tem ou terão é um ponto que chama atenção. Em uma escola para crianças, temos cores, lugares e espaços com acessos liberados, já em outra temos um espaço gramado, com árvores, mas que fica separado da escola, fechado e com grades e as crianças não têm acesso.

Eu entendo que a possibilidade do brincar vai sendo retirada da criança conforme ela vai crescendo. A CEI que visitamos tinha brinquedos e espaços

disponíveis para as crianças, já a escola do ensino fundamental e do ensino médio tinha o espaço disponível, mas com grades e sem ou com muito pouco acesso para os alunos. Conforme a criança vai crescendo o tempo de brincar e o espaço de brincar vai sendo reduzido, e sempre tem um adulto por trás pensando e decidindo como as coisas são.

O currículo escolar impõe o que cada criança, em cada fase precisa. A idade das crianças vai avançando, começa o processo de alfabetização e o currículo vai progressivamente tomando todo o espaçotempo do brincar. até ser produzido finalmente um adulto, um indivíduo que não brinca mais.

No decorrer da capacitação, principalmente na Flona e na CEI, reencontramos esse espaço do brincar. Na CEI, juntamente com a Companhia Semeando Encanto, pudemos cantar, dançar e fazer cirandas. Na Flona, tivemos a oportunidade de reviver um pouco de nossas infâncias, além de tentar rememorar as brincadeiras, inclusive encerrando as atividades com um pega-pega generalizado e brincando em volta da fogueira. Essas brincadeiras fizeram/fazem parte do nosso brincar de quando pequenos, e permanecem convidativas e divertidas, mas com pouco ou nenhum espaço no nosso cotidiano. Na realidade, quando penso em brincadeiras, penso num espaço para todos, um espaço que possibilita o exercício da afetividade, a relação entre as pessoas em que não há diferenças e separações. Esse universo da brincadeira é mais livre, mais democrático, mais acolhedor, onde todos tem a possibilidade de dele participar e de construí-lo.

A importância da infância é imensurável, e penso que com ela caminha o sentimento de pertencimento, pertencimento a um grupo, a uma comunidade, uma coletividade, a uma sociedade, sentir-se parte de algo - e como isso faz toda a diferença. Uma participante faz um comentário valioso nesse sentido

A meu ver o objetivo principal da dinâmica era para que as pessoas pudessem se enxergar como sujeitos e agentes históricos de sua própria história e da história geral. Gerar o sentimento de pertencimento ao contexto que a envolve e ter a certeza da importância de sua história, a qual está intrinsecamente ligada aos seus afazeres profissionais e sociais. (Participante 3, narrativa de 10/09/2014).

As observações da participante podem ser evidenciadas nos gestos, falas e momentos ali vividos. Na Flona, as moças do assentamento falam sobre a

dificuldade da permanência: problemas com água, com a alimentação e com a produção para a sobrevivência. E também sobre a necessidade de mostrar para os jovens que não precisam ir para a cidade buscar as coisas, ali é o lugar deles. Mas pertencer não é ser dono, é ser parte. Quem tem um modo de vida agrário, ligado a terra, dá a essa terra valores próprios, ela tem um significado diferente, não é só propriedade, é sobrevivência do conhecimento da terra, das plantas, há um saber ali, há muitos saberes. Por exemplo, no almoço que tivemos no assentamento, a torta de banana servida como sobremesa, além de render muitos elogios, despertou o interesse e vários participantes do grupo pediram a receita da torta e essa receita foi compartilhada, isto é, foi compartilhado o saber que a torta carrega nela, pois tudo que foi servido era produzido no próprio assentamento.

Já o Alexandre Zanoni, coordenador da Flona, na roda de conversa, comentou que as crianças e as famílias que visitam a Flona entendem aquilo como algo separado, onde se vai para passar um dia ou o final de semana e retornar para a vida normal, como se aquele lugar não pertencesse à vida das pessoas, como se não pertencessemos a ele: são coisas separadas, em que o dia dia é marcado pela pressa e por um olhar voltado para si e não para o entorno.

Alexandre ressaltou que vivemos na “urgência do agora”, ancorada no individualismo exacerbado, ela reina absoluta, portanto não se consegue pensar no amanhã e respeitar aquilo que não é somente seu, mas sim coletivo. (Participante 5, narrativa de 08/09/2014).

Muitos dos que moram na cidade reduzem o meio ambiente a árvores e plantas: o meio ambiente está longe. Essa separação, essa divisão onde sociedade e cultura é uma coisa e natureza é outra, é feita no pensamento, criando, assim, uma dificuldade em estabelecer uma relação com o meio ambiente que nos envolve e sobre o qual agimos (brincando, fazendo torta, plantando, conversando, criando e trocando).

Por isso, trago aqui a definição de meio ambiente formulada pelo professor Marcos Reigota:

[...] lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam

processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (REIGOTA, 2007, p. 154).

Penso que a infância, as brincadeiras tem envolvimento com o sentido de pertencimento e com a experimentação. Experimentamos relações, sentimentos e produzimos sentido com as brincadeiras sem nos preocuparmos com o tempo, como uma das participantes.

Concluo neste segundo encontro a beleza dos momentos sem pressa, do direito ao pensar, direito a construir novos horizontes e buscar o entendimento para viver com o natural, para a resistência ao imposto pela sociedade de consumo e assim pensar a tentativa de inovar nas práticas pedagógicas. Me encanta muito a diversidade de pontos de vista e que caminha junto com o respeito pela opinião alheia. (Participante 3, narrativa de 10/09/2014).

Crianças partilham brinquedos e espaços sem grandes problemas, conforme isso vai se perdendo, a experiência se empobrece, pois só vamos tendo possibilidade de nos relacionarmos com coisas úteis e com aquilo de que somos proprietários.

Quando vamos perdendo esse sentido de compartilhamento, caminhamos para o egoísmo, onde algo só é importante se for útil e se for “meu”, assim, perdemos aos poucos também o sentido de coletividade. A narrativa “Janelas entre-abertas” nos fala disso. Quando algo é retirado de um espaço público, de um espaço de conservação, que é um patrimônio de todos, o sentimento em relação àquilo é de não utilidade. Está ali, é de todos, mas não é útil, por isso pode ser retirado e levado para um espaço supostamente mais importante - a casa das pessoas - transformando-se em propriedade delas para ser “útil de verdade”. A janela é vista de uma dimensão equivocada de abandono, ou de não utilidade. É preciso tentar entender que naquele espaço até as ruínas das edificações pertencem à história daquele lugar e por isso não podem ser apagadas, para que a história não seja deixada para trás.

O ato em si nos põe para pensar, inclusive pensar em que atitudes tomar em relação a isso. Após o acontecido, o posicionamento e a maneira de tentar lidar com a situação por parte dos colaboradores da capacitação fez toda a diferença; tivemos o cuidado de não expor as pessoas, não deixar isso virar assunto ou conversa durante os encontros, buscando agir da maneira mais

professora possível: não simplesmente fazendo a devolução das janelas ao patrimônio histórico da região, mas, sim, conversando, explicando e dando espaço para o posicionamento do outro também, procurando mostrar a importância do pertencimento e que pertencemos a várias redes: família, igreja, comunidade acadêmica, entre outros, e em cada uma delas é preciso respeitar e entender o modo de agir nesses espaços e sua importância.

5 CORPO

5.1 Aninhamento

Figura 15: Imagens do sexto encontro na Fefiso



Fonte: arquivo pessoal

Começo aqui trazendo do dicionário a palavra ninho: estrutura ou abrigo que as aves constroem para si e para os seus ovos e crias, lugar que dormem certos animais, abrigo, refúgio, casa, cama, conforto, amparo, toca, covil... Acho que isso

traduz esse dia: encontramos ali o conforto, o amparo para o corpo que não é lembrado, o corpo que tem que ser deixado de lado todos os dias como se ele não tivesse importância. No exercício da escápula que a Carmem fez, por sorte, fui usada como exemplo: fiquei de costas para o grupo, e ela foi mostrando como era para um fazer no outro, massagear as escápulas do colega, mostrando para ele a extensão dela, mexendo os braços, soltando a escápula, liberando e libertando os movimentos. Tudo isso fazia parte do exercício de preparação para o voo. Particularmente nunca tinha percebido o quão grandes são minhas escápulas e o quanto elas participam de muitos dos meus movimentos, foi uma sensação de ter descoberto grandes asas, como se até então eu nunca as tivesse usado. Com essa descoberta, parece que agora sei que com elas posso voar, voar longe... enquanto o exercício era realizado, eu sendo o exemplo e torcendo para que aquele momento de libertação não acabasse, ao fundo Marta tocava a craviola que ajudava a embalar o voo. A sensação de liberdade era maravilhosa!

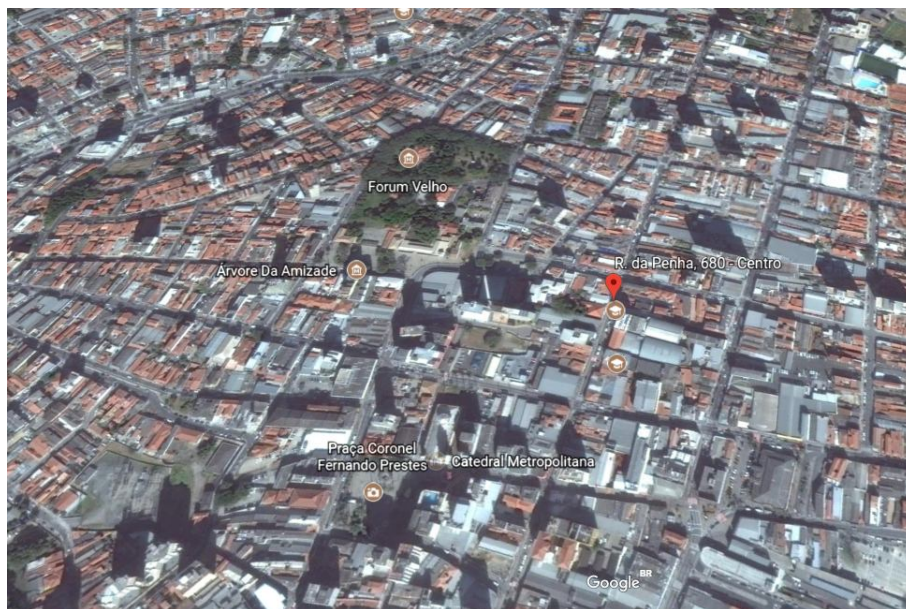
*

O sexto encontro aconteceu em novembro de 2014. Esse encontro ocorreu Faculdade de Educação Física de Sorocaba (Fefiso). Pudemos nos reunir na Fefiso porque o diretor Maurício Massari¹⁹ também colaborador do projeto Reletran e ex aluno do Professor Marcos Reigota. Para este dia no período da manhã as atividades ficaram por conta da Marta Catunda²⁰ e da Carmem, muito arte prometida para aquela manhã de sábado. Como a Fefiso se situa no centro da cidade de Sorocaba, não marcamos nenhum ponto de encontro, nós reunimos diretamente lá.

¹⁹ Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba Uniso. É Diretor e docente da Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba - FEFISO. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Política Educacional.

²⁰ Pós-doutoranda em Educação na Linha Cotidiano Escolar na Uniso. Desenvolve inúmeros projetos, programas culturais comunitários, apoio a redação de livros e catálogos ligados à arte, cultura, ao meio ambiente e estudos de ambiência e/ou paisagem sonora e música.

Figura 16: Vista da Fefiso



Fonte: Google Earth

*

Fomos recebidos pelo Maurício na parte da manhã que disponibilizou o espaço que ficamos no período da manhã e ele participou somente no período da tarde. Marta pediu ao grupo que fizesse uma roda com todos de mãos dadas e nesse momento se apresentou e logo em seguida tocou uma música com a craviola. Eu fiquei de fora só observando a inquietação dos pés dos alunos nessa roda: O que será que eles pensam? Porque será essa inquietação deles? Será que eles tem ideia do que será o encontro? Eu, particularmente naquele momento sabia muito pouco sobre o que iria acontecer, somente o nome “Aninhamento” – Conexões Coletivas Corporais, mas vindo da Carmem e da Marta, normalmente me surpreendo.

Ao final da apresentação da Marta, Carmem assumiu o grupo fazendo um exercício de alongamento com bolinhas de tênis nos pés, no plexo solar, depois os movimentos foram para o chão. Depois disso, Carmem fez um exercício com a escápula, onde eu fui usada como exemplo para que o grupo pudessem, em duplas, irem repetindo os exercícios feitos. Após esse exercício feito nas duas pessoas da dupla, a Marta começou tocar a craviola ao fundo para que após a descoberta das escápulas todos pudessem fazer movimentos de vôo.

O vôo do grupo foi lindo, após ambos do grupo liberaram as escápulas, ao som da craviola tiveram um tempo para um dança-vôo onde, eu de fora, observava o quanto esse grupo se entregava, o quanto se libertava e conseguiam aproveitar aquele momento.

Após esse vôo coletivo, teve uma atividade com a bola em dupla, uma dança onde a dupla não podia deixar a bola cair sem que pudesse utilizar as mãos.

*

Dando continuidade a essa atividade, Marta explica um pouco sobre os ninhos dos pássaros, ninho aberto e ninho fechado e dividiu o grupo em dois dando a escolha de quem queria construir cada ninho. Com panos disponibilizados para a construção do ninho, ensaiaram, construíram o ninho e depois, ao som da música da Marta, fizeram novamente a construção do ninho e eu fiz a gravação da construção do ninho aberto e do ninho fechado.

O aninhamento me possibilitou experienciar propostas mais livres de conhecer à mim e ao outro. E entender que as atividades podem ser propostas sem muitas palavras, mas o toque e a colaboração trazem um elo forte entre as pessoas. (Participante 3, narrativa de 05/11/2014).

Afoguei-me, novamente, na piscina de concreto do cotidiano! Me afoguei em mim mesmo, nos meus afazeres, dilemas, num futuro fora do meu controle e tanta coisa mais que aprisiona minha mente que esqueci completa e totalmente da totalidade do meu corpo! Esqueci da minhas escápulas, como pude fazer isso?! Ser tão arrogante com meu corpo, comigo! E esquecer que as tenho, esquecer que sou pés, braços, esquecer... (Participante 4, narrativa de 09/11/2014).

Encerramos a atividade na parte da manhã, e como no centro da cidade temos muitas opções para almoço, não combinamos o almoço comunitário, resolvemos almoçar em um restaurante vegetariano que tem na mesma rua da Faculdade.

*

Retornando do almoço, nos reunimos numa sala para conversar com o Maurício Massari e sua aluna Milena. Maurício nos contou um pouco sobre a Faculdade, falou da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (ACMs) que a

Faculdade de Educação Física faz parte, falou do papel das ACMs no mundo, explicou que é uma Instituição Filantrópica social onde tem que ter no mínimo 30% de bolsas para os alunos, comentou um pouco sobre os projetos de Intercâmbio onde o objetivo é formar liderança e empoderamento juvenil. Nos contou também sobre o trote solidário, onde os calouros e os alunos antigos vão fazer doação de sangue e complementa dizendo que nada disso é projeto social, isso não tem uma divulgação, tudo isso faz parte da missão, da essência da ACM. Um comentário do Maurício que me chamou bastante atenção é a luta contra a ideia que Educação Física trabalha somente o corpo, ele comenta sobre trabalhar corpo, mente e espírito e numa resposta a busca do padrão de beleza de corpo físico ele responde: "É uma busca imbecil por um corpo padrão que não existe..."

A aluna do quinto semestre de Educação Física, Milena, contou sobre o trabalho que desenvolveram na disciplina de inclusão, onde trabalharam com imagens construídas pelos próprios alunos e depois expuseram para toda a Faculdade. Surgiram vários temas, história, cultura africana e capoeira.

Abrimos uma roda de perguntas para o Maurício e a Milena e depois disso, uma conversa sobre as atividades feitas no período da manhã. Foi impressionante os comentários sobre as atividades da manhã, como aqueles movimentos, aqueles exercícios acessaram emoções e sentimentos reprimidos nos alunos. Comentários sobre a separação que temos de corpo e mente. Agradecimentos sobre o vôo e a redescoberta do corpo e da mente. Muita emoção em um comentário que a aluna dizia que chegou ficar de cama, muito tempo travada e hoje tinha conseguido acessar movimentos que nunca mais tinha conseguido fazer, muito emoção e alívio. Outro comentário que devemos nos colocar em nós por completo, e não meu pé ou qualquer outra parte do corpo, e sim eu sou o pé, eu sou a mão, me enxergar como inteiro. O corpo berra, o corpo diz muito, só pararmos para ouvir. Outra aluna comenta que o curso proporciona acessar muita coisa que está esquecida, parada e até coisas que ela nem sabia que existia. Outra do grupo, também muito emocionada, diz que a sociedade não está em prol do outro, questão do outro com o toque, que ela se sente uma estranha no mundo por ter uma outra visão e o quanto faz falta ter esse contato, esse toque com as outras pessoas. Mais uma vez observo a entrega e a sintonia do grupo.

Marta explicou detalhadamente o ninho aberto e o ninho fechado, o porquê de os pássaros escolherem esse tipo de ninho, e também contou sobre sua pesquisa com pássaros.

Ao final dessa roda de conversa, mais uma vez conversei com eles sobre o trabalho final do curso e demos um tempo para eles se reunirem nos seus respectivos grupos e conversarem sobre o trabalho. Nesse momento, eu, Carmem e Marta nos disponibilizamos para orientação dos trabalhos. Encerramos nosso encontro por volta das dezessete horas.

5.2 Conversas com Paulo Freire

Consciência do aprender

Sorocaba, 15 de agosto de 2016.

Querido Freire,

Escrevo novamente para você dando continuidade às reflexões para a minha tese. Entramos em um novo semestre na Universidade, a cada seis meses meus horários, minhas turmas e algumas disciplinas mudam. Gosto dessa quebra de rotina, ela me alimenta, mas as primeiras semanas são sempre de adaptação e organização. Esse semestre, por causa do fechamento de turmas na Universidade, meu horário ficou bem picado e, com isso, tenho que ir para lá mais vezes por semana, o que acaba tomando mais do meu tempo. Já no outro local onde trabalho, a quantidade de aulas diminuiu, mas precisei, outra vez, pegar uma nova disciplina para ministrar. Todo semestre tento reestruturar e renovar as disciplinas que já venho ministrando, mas no caso de disciplinas novas, há uma demanda de tempo maior, uma dedicação a mais para organizar e montar todo material de aula. Gosto disso também, uma disciplina nova me força a buscar novos caminhos e a estudar mais.

Para a nossa conversa de hoje, gostaria de comentar o texto "A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire" dos autores Paulo César de Oliveira e Patrícia de Carvalho, que vai alimentar os pensamentos do eixo da tese que chamei de eixo corpo. Em torno desse eixo, busco refletir sobre a importância do corpo e como tornar o corpo consciente.

Os autores começam o texto trazendo a sua ideia central, que eles dizem passar por toda a sua obra, sobre a necessidade de consciência do aprender: "ninguém educa ninguém, os homens aprendem comunitariamente" (Freire, 1978, p. 68), no sentido de dizer que os saberes são trocados, são construídos coletivamente e que é exatamente esse processo coletivo que favorece a autonomia do aluno. Junto com esse conceito, tem-se então a necessidade de consciência por parte do homem nesse processo e a sua prática.

O ponto de partida para a sua reflexão sobre a consciência e a conscientização é a constatação do jogo dialético das relações homem-mundo. É nesta ação dialética que ocorre a tomada de consciência, por parte do homem, de sua ligação umbilical com o mundo. É na ação, na práxis, no trabalho, que o homem toma consciência de si, do mundo e dos outros. (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 220).

Os autores continuam o texto trazendo a importância de considerar o homem como corpo consciente, e que na relação homem-mundo um não precede o outro, mas acontecem simultaneamente. Para os autores, a consciência do homem é sempre ativa, é sempre consciência de alguma coisa e para que o homem passe da consciência ingênua para a consciência crítica, é preciso um trabalho educativo crítico. Em relação a isso, retomam uma reflexão sua:

[...] o que nos parecia importante afirmar é que o outro passo, o decisivo, da consciência predominantemente transitivo-ingênua para a predominantemente transitivo-crítica, não se daria automaticamente, mas somente por efeito de um trabalho educativo crítico com esta destinação. Trabalho educativo advertido do perigo da massificação, em íntima relação com a industrialização, que nos era e é um imperativo existencial (Freire, 1967, p. 62).

Logo em seguida, eles se detêm no termo conscientização, primeiramente, explicando que não foi invenção sua e sim resultado de uma reflexão de um grupo de professores e que você tomou para si utilizando em seus textos por muito tempo. Em seu sentido original, segundo os autores,

[...] conscientização implicava ação, isto é, uma relação particular entre o pensar e o atuar. Uma pessoa que se conscientiza é aquela que é capaz de descobrir (desvelar) a razão de ser das coisas. Essa descoberta é

acompanhada de uma ação transformadora, isto é, de uma organização política que possibilite a ação. Tanto o professor quanto o povo se conscientizam mediante um movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação interior e a subsequente ação no processo da luta libertadora. (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 224).

Logo em seguida, trazem para o texto a definição de conscientização encontrada em seus textos, assim apresentada:

A conscientização é, para Paulo Freire, o desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização comporta, pois, um ir além da (apreensão) fase espontânea até chegar a uma fase crítica na qual a realidade se torna um objeto cognoscível e se assume uma posição epistemológica procurando conhecer (FREIRE, 1980, p. 290).

No texto, há um enfoque sobre o ato de conscientizar, que sempre leva para a prática, envolve um dinamismo, “tomar consciência de”, por isso essa ideia vem sempre acompanhada da consciência do mundo, consciência em relação a alguma coisa, sendo esse conceito não podendo trabalhar sozinho. Em seguida trazem uma frase sobre conscientização que me chamou atenção: “Conscientização é um processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre a sua existência.” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 224), que reafirma o caminho para a consciência crítica possível somente através de um processo pedagógico que realmente de a possibilidade e espaço para o pensamento, não sendo um processo engessado, já pronto.

Oliveira e Carvalho preocupam-se em caracterizar o processo de conscientização, destacando que essa deve ser mais do que somente mostrar e descobrir a realidade, mas um processo que ultrapasse o saber teórico e se constitua como prática, para que se possa transformar essa realidade. Para os autores,

O conjunto do processo supõe uma opção ideológica por parte do sujeito, opção que alimentará o dinamismo do processo de transformação e integração do sujeito no mundo, que contribuirá na organização dos homens para a transformação da realidade desumanizante. Esta opção deixa claro ao homem que ele não será em plenitude se o outro não realizar a sua vocação de ser mais (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 227).

Finalizando o texto, os autores concluem que essa conscientização crítica despertada tem a possibilidade de ajudar as classes oprimidas a buscar a libertação

através de uma educação diferenciada, uma educação diferente da educação bancária.

O processo conscientizador é uma contribuição para a dinâmica da libertação do homem, em que a educação vai se convertendo em instrumento das classes oprimidas para subverter os privilégios. Educação e conscientização são, portanto, uma contribuição à transição como ações culturais libertadoras e como rupturas das práticas domesticadoras da educação bancária. São dois momentos de um mesmo processo em que a educação politiza e a política educa. (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 229).

Esse texto possibilitou o contato com o conceito de conscientização e, a partir dele, o pensar sua relação com o corpo, pensar a importância dele a partir do momento em que ele se torna consciente.

Agradeço mais uma vez a possibilidade dessa conversa e, em breve, enviarei mais cartas com outras reflexões.

Abraços de uma professora,

Ariane

Corpo e aprendizado

Sorocaba, 20 de agosto de 2016.

Querido Paulo,

Mais uma vez lhe escrevo para contar as minhas reflexões cotidianas e da minha tese. Essa semana pensei muito sobre o meu posicionamento em sala de aula como professora e gostaria de compartilhar isso com você Paulo, pois sua pedagogia e sua obra fazem despertar em mim muitas coisas. Uma delas é o questionamento sobre estar em um ambiente escolar, conseguir seguir todas as regras impostas de conteúdo, de notas e todos os indicativos que a instituição nos cobra e ainda sim dar espaço para o aluno, para a criação, para o novo, para despertar nele o interesse e a vontade sobre alguns conhecimentos. Bom Paulo, eu trabalho normalmente com disciplinas bem técnicas, específicas das áreas da mecânica, como Desenho Técnico e Resistência dos Materiais e essas disciplinas acabam me engessando um pouco em relação aos conteúdos a serem cumpridos, como conseguir transformar esse conteúdo algo que faça sentido para os alunos?

Muitos são teóricos, técnicos e trazem um enquadramento bem específico. Me questiono muito e tento praticar o máximo da teoria da autonomia, da liberdade mas confesso que esbarro o tempo todo nessas especificidades, técnicas e prazos e conteúdos a serem cumpridos. Como suprir isso? Como conseguir dar autonomia e ao mesmo tempo cumprir com todos os protocolos que nos são cobrados diariamente? Bom Paulo, eu não sei se consigo isso, mas tento sempre utilizar tudo que venho lendo e tentar diminuir a distância da teoria com a minha prática pedagógica. Não é fácil, não mesmo. Quando entro em uma instituição e começo a pensar em tudo o que tenho que seguir: uniforme, horário de entrada e saída, controle sobre os alunos, controle sobre prazos, conteúdos e avaliações, confesso que muitas vezes me sinto acuada, me sinto como se fosse forçada a vigiar os alunos e não é isso que eu gostaria de fazer! Mas como transgredir isso? Como conseguir manter o meu trabalho e ao mesmo sentir e ter um espaço para trabalhar da maneira que eu gostaria? É um dilema diário... e muitas coisas me ajudam, como, por exemplo, o bom relacionamento que tenho com alunos, isso eu sei que é um grande passo, pois tenho conversa direta com eles, sem um grau de hierarquia que muitos professores que eu conheço utilizam. Acredito que a minha idade e o meu perfil de pessoa ajude um pouco nessa questão e facilite a minha disponibilidade de troca com os alunos, alguns me contam sobre suas dificuldades, sobre sua família e sobre outras questões e isso me deixa sempre contente, pois de uma maneira ou de outra sei que essa relação está sendo alimentada com uma certa liberdade, pois o professor não precisa se colocar num pedestal, há uma distância do aluno, acho isso desnecessário e acredito que consigo conduzir bem. Por outro lado, quando me deparo com as questões de cumprir ordens de uma ou de outra instituição vem questionamentos e até decepções em tudo o que acabamos sendo induzidos ou forçados a fazer, me sinto mal, por exemplo, em ter que cobrar algumas coisas dos alunos: desde um uniforme, uma quantidade de presença ou uma nota mínima em uma avaliação. Muitas coisas que sou obrigada a cobrar do aluno eu não concordo, e isso me deixa sempre num grande dilema. Mas venho tentando refletir bastante e abrir alguns espaços, algumas brechas que preciso, em primeiro lugar, para mim, como professora e pessoa; para que possa lidar com algumas coisas e tentar com isso propiciar alguma liberdade para os alunos. Quando entro nesses questionamentos, nessas reflexões, sempre me trazendo muitas dúvidas, lembro-me de uma fala que o Silvio Gallo fez, certa vez, em uma roda de

conversa na Universidade quando um professor perguntou a ele como fazia para se manter no sistema, se o melhor caminho era se negar a tudo e se rebelar. Silvio responde, não com essas palavras, mas no sentido de que não adianta se rebelar com tudo, que dessa maneira você estará fora do sistema, ele diz que a melhor maneira é obedecer para se manter no sistema e, dentro dele, abrir espaços para algumas mudanças. É nessa perspectiva que tento me manter, entender que preciso estar ali e ali dentro conseguir criar novos caminhos para alguma transformação, transformação essa que tem que começar comigo e ser expandida para meus alunos. Suas reflexões vêm me ajudando muito nesse sentido, em encontrar o tipo de educação que eu quero propagar, têm ajudado a rever as minhas práticas pedagógicas diárias e a tentar introduzir nela toda essa teoria que eu admiro tanto, mas que ainda não consigo que faça parte totalmente do meu cotidiano. É um grande dilema, mas o primeiro passo já foi dado, e acredito que é ao tentar entender o que se passa e ao refletir sobre isso que as transformações acontecem, nem que sejam mínimas, mas estão sempre acontecendo; buscando que todo o conjunto faça parte dessas mudanças.

Trago para nossa reflexão, hoje, um texto da Nilda Alves, uma professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), chamado *Cultura e Cotidiano Escolar*. Ainda estou trabalhando o eixo corpo, esse eixo em que tento pensar a importância desse corpo na educação. Nilda começa o texto com um pequeno histórico sobre o que são as pesquisas nos/dos cotidianos e, nesse histórico, chama atenção exatamente o que trouxe para a discussão no início dessa carta:

Para Stenhouse, os professores, à medida que vão questionando suas diversas práticas, identificadas, conhecidas e analisadas através de processos de pesquisa, são os que podem efetivar intervenções no cotidiano das escolas, desenvolvendo alternativas às propostas oficiais. (ALVES, 2003, p. 64).

A autora traz esse histórico e junto com ele vai mostrando como no Brasil começa a se relacionar cotidiano escolar com cultura. Nilda continua o texto explicando que irá trabalhar neste artigo com algumas imagens, sem a preocupação de dar conta se essas imagens são obras de arte ou não, mas, sim, para buscar as pistas deixadas nessas imagens que trazem a relação entre cotidiano e cultura.

Vou utilizar as imagens que ela traz para o texto e tentar fazer uma ponte entre ela e o eixo da minha pesquisa sobre o qual me debruço, que é o corpo. Uma

das imagens é chamada *Buscando inspiração*, de Robert Doisneau, que mostra dois garotos na escola em meados do século XX, sendo que um está espiando a lousa do outro, tentando talvez buscar uma resposta que ele não tinha e o outro nesse momento olha para cima, como se tivesse buscando alguma inspiração. Nilda discute os artefatos que aparecem nas fotos, eu, por minha vez, atento ao corpo e tento pensar desde quando somos treinados para nos mantermos sentados na carteira, quietos e olhando para frente. Como e quando esse treinamento vem sendo feito e o esforço que é desprendido para manter a sustentação desse corpo na cadeira, debruçado sobre o caderno por muito tempo. Tento me recordar da época de escola, sempre fui muito rápida na execução das tarefas e, assim, eu terminava a tarefa e saía andando pela sala, conversando com um, ajudando o outro; quando menor, não conseguia me manter por muito tempo parada na posição exigida. Lembro-me das reuniões de pais em que eu era elogiada, mas sempre com a ressalva de que era muito falante, que não conseguia me manter quieta por muito tempo e me lembro também de uma professora que usou a expressão “ela tem faniquito”, expressão usada no interior para dizer de alguém que não tem parada, não tem sossego. Não consigo me lembrar como e quando fui conseguindo me manter por mais tempo quieta, por mais tempo na posição que se denomina ‘posição para o aprendizado’. Será mesmo que o melhor modo de aprender é parado, com o corpo imobilizado e sendo forçado, na verdade, a deixar esse corpo de lado, deixar esse corpo esquecido, deixando vontades de lado como ir banheiro, ter fome, sede, pois aquele não é o momento certo? Como se desdobra o treinamento deste corpo do parque com brinquedos ao ar livre até o estar sentado na sala de aula fechada?

Pensando ainda nesse corpo que é forçado o tempo todo para se fazer caber dentro dos espaços delimitados, lembro dos meus alunos: a grande maioria deles trabalha e estuda, e é perceptível o esforço empregado para se manter em sala de aula, se manter com o mínimo de energia para conseguir absorver algo daquele momento. Quando estou explicando algo, vejo o corpo deles se comunicando comigo, não é preciso dizer nada, somente analisando a linguagem do corpo consigo visualizar muitas coisas: desde o aluno que está interessado, acompanhando minha explicação, até o que está se esforçando ao máximo para se manter acordado; os corpos vão me sinalizando como está o andamento da aula. Quando vejo um aluno que está se esforçando para acompanhar a aula, mas o corpo não responde mais, ele já perdeu o controle e não consegue deixar esse

corpo consciente, está, literalmente, somente de corpo presente, não tem energia mais para desprender e conseguir absorver algo, realizar alguma troca quanto ao que é conversado, em um momento oportuno, assim que é possível, chego até ele e peço para ir lavar o rosto, tomar uma água, dar uma volta, para tentar novamente alguma possibilidade de participação.

Continuando nessa linha de pensamento, além de analisar o comportamento e a resposta dos corpos dos meus alunos, penso também em todo o controle que temos que exercer, pelo menos em uma das instituições onde leciono, em que o professor tem que verificar se o aluno está uniformizado, cobrar do aluno chegar e sair no horário exato da aula, verificar se está com calçado correto, se não tem algum brinco ou piercing, não deixar aluno fora da sala de aula, e tantas outras coisas mais. Penso que todo esse controle está sempre relacionado com o corpo, esse que é uma ferramenta do cotidiano, pois precisamos dele para desenvolver nossas atividades, mas somos o tempo todo forçados a ignorar as reações desse corpo, como se fosse necessário padecer para que o aprendizado possa acontecer.

Com esse pensamento, consigo fazer um paralelo com as atividades que desenvolvemos no Reletran. Em todos os nossos encontros trabalhamos essa relação entre o corpo e o espaço de uma maneira completamente diferente: sentávamos no chão ou em algum outro lugar que fosse do agrado, nos distribuíamos nos espaços que percorríamos e tentávamos respeitar esse corpo. Dentro daquele grupo, tentávamos encontrar um espaço em que nos sentíssemos à vontade, sem ficar o tempo todo delimitando espaços e tempos e sim acolhendo e entendendo as diferenças e deixando que isso aparecesse. Deixar o corpo livre, deixá-lo aparecer, participar e ser consciente de toda a experiência. Era isso que interessava.

Outras duas imagens que a Nilda põe no texto traz irmãs em fase de aprendizado. Em uma delas, a irmã mais velha ensina tricô para a mais nova e, na outra foto, a irmã ensina a menor a escrever. Nilda comenta então sobre o aprenderensinar que é desenvolvido no cotidiano, e que já vamos para a escola com uma bagagem desse aprendizado trazido de casa.

[...] mostram o papel que os diversos membros da família, no caso irmãs mais velhas, têm nos tantos processos de aprenderensinar que desenvolvemos nesse contexto cotidiano. O que nele aprendemos entra na escola encarnado pelos que aí vão. (ALVES, 2003, p. 70).

Analisando as duas fotos do ponto de vista do corpo, as irmãs que estão aprendendo ensinando o tricô têm uma proximidade muito grande, já as duas que estão no processo de alfabetização estão distantes. Pensando essa distância e essa proximidade para a escola, temos a distância criada entre o professor e o aluno como aparente condição do ensinar/aprender, em alguns casos, além da distância, ainda se cria um pedestal, como se o professor por si só já tivesse um grau elevado perante o aluno.

Com o Reletran, além da não formalização e da não padronização dos encontros, tivemos espaço para a relação entre os colaboradores do curso e os participantes, esse espaço, esse canal ficou sempre aberto, fazendo-se presente inclusive nas narrativas dos participantes:

O método do encontro foi o que mais chamou minha atenção: a relação informal estabelecida entre palestrante, mediador e alunos/as, que, dispostos em círculo proporciona o contato visual entre todos sem a sensação hierarquizada tão comum da educação formal. (Participante 2, narrativa de 09/11/2014).

Minha expectativa para participar do curso aumentava a cada instante, por saber que os desconhecidos combinam carona, que os desconhecidos fazem um lanche comunitário, exemplo de coisa que fazemos com os amigos ou no máximo conhecidos. (Participante 4, narrativa de 11/11/2014).

Voltando ao texto, a autora finaliza enfatizando a importância que o estudo do cotidiano tem e ressalta novamente a relação desse cotidiano com a cultura.

Os pesquisadores e as pesquisadoras que atualmente buscam compreender a relação cotidiano e cultura, parafraseando Malraux, não estão inventando nem o cotidiano, nem a cultura, nem a relação entre eles. O que buscam fazer é compreender sua riqueza, diversidade e complexidade, em primeiro lugar. Isto só pode ser feito invertendo a tendência dominante (tanto à direita como à esquerda) de minimizar o cotidiano, seja ignorando-o, seja entendendo que é preciso “superá-lo”. (ALVES, 2003, p. 72).

Bom Paulo, essa foi a reflexão que os seus textos e esse texto de Nilda Alves me possibilitaram, somando-se à minha pesquisa. Vou terminar a carta por aqui, é uma hora da madrugada e tenho aula amanhã cedo, por isso preciso ouvir o meu corpo e encerrar as reflexões de hoje. Mais uma vez, agradeço, em breve lhe escreverei novamente.

Abraços fraternos de uma aprendiz,

Ariane

Oprimido, amarelado e mofado

Sorocaba, 05 de setembro de 2016.

Amado Paulo,

Escrevo-lhe para partilhar minhas pesquisas e meus pensamentos. Mais uma vez, quero que saiba da grande importância que seus ensinamentos e pensamentos tem para o meu trabalho, e a diferença que fazem não somente para a minha pesquisa, mas para a minha prática cotidiana. Continuo no eixo corpo da minha tese, eixo este que eu acreditava seria fácil de ser produzido pela simplicidade do tema. Estou, a cada leitura, a cada reflexão, enxergando esse corpo cada vez mais consciente e presente em tudo que fazemos, deixando de lado a separação corpo e mente e tentando refletir pensando num todo. Para essa carta, trago o livro *Pedagogia do Oprimido*, de sua autoria, vendo a importância dessa obra para a construção do seu pensamento e também para pensar nesse corpo oprimido, nesse corpo que tenta o tempo todo se fazer caber em alguns espaços preestabelecidos.

Vou te contar como está sendo a leitura desse livro: em um determinado momento do doutorado, eu me vi na necessidade de ter alguns livros que seriam os principais dentro do estudo que eu pretendia desenvolver. Já que eu iria trabalhar bastante com esses livros, resolvi comprar, assim ficaria mais a vontade com a leitura, não dependendo de tempo de empréstimo e devolução na biblioteca. Mas como a vontade de comprar de livros é sempre grande e nem sempre o orçamento corresponde, costumo comprá-los usados, em um *site* que reúne vários sebos do país. Entro no *site*, escolho o livro que desejo e ele me dá as opções dos sebos onde o livro se encontra disponível e apresenta também o estado de conservação em que ele se encontra. No caso do livro *Pedagogia do Oprimido*, não havia grandes informações sobre a sua conservação e como não tinha também muitas opções de sebo, escolhi o mais barato dentre os disponíveis e comprei. O livro chegou intacto, com todas as páginas, sem rasura ou escritos, mas ele veio todo mofado, amarelado, mostrando bem o tempo que tem de uso. Sabe Paulo, tenho um problema com cheiros fortes, sofro de alergia e, quando entro em contato com

alguns odores, meu nariz coça e espirro e o olho lacrimeja. Desse modo, esse amarelo mofado vem prejudicando um pouco a minha leitura, já que não consigo ficar muito tempo com o livro em mãos em um lugar fechado. É muito bom quando tenho tempo, durante o dia, para a leitura, pois consigo ler na rede, no quintal, um dos meus lugares favoritos da minha casa, e sendo em lugar aberto, o amarelo do livro não me incomoda. Mas infelizmente, na correria das aulas – como já lhe disse, trabalho em dois lugares e a todo semestre meu horário muda e esse semestre, por causa das mudanças que vem ocorrendo nas universidades, as minhas aulas foram divididas em menores quantidades, porém mais espalhadas, então a minha grade ficou ainda mais bagunçada e ocupada do que no semestre passado –, o tempo disponível que tenho para minhas leituras é a noite, e esse cantinho especial externo da minha casa não me permite leituras noturnas, e acabo fazendo um grande esforço para conseguir me manter próxima do seu livro amarelado.

Bom, no início do livro você faz observações sobre a desumanização dos opressores que é reafirmada na injustiça, na exploração, na opressão e na violência sobre os oprimidos, e que esta deve ser combatida no anseio da liberdade, da justiça, da luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada. Mas nessa luta pela libertação, os oprimidos devem buscar a humanização para todos e não somente para uma parcela.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação - a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sente idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 1978, p. 30).

Você segue dizendo que essa luta busca a libertação, mas a libertação não chegará por acaso e sim pela prática de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento de se lutar por ela. E prossegue afirmando que a preocupação do trabalho apresentado no livro é mostrar alguns aspectos da Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele. Ao ler a palavra forjar, paro e reflito sobre um processo mecânico que se chama forjamento, esse processo mecânico, que eu conheço desde a faculdade, é constituído de um conjunto de operações que chamamos de conformação mecânica e essa acontece num esforço

de compressão sobre um determinado material, para que ele tenha, a partir desse esforço, o mesmo contorno em que foi comprimido. Forte, para mim, pensar nessa pedagogia como uma pedagogia forjada, mas quando começo as reflexões sobre o corpo, sei que precisamos dele para desenvolver todas as nossas atividades, mas o tempo todo somos forçados a ignorar toda e qualquer reação desse corpo, é como se fosse necessário esse esforço, esse forjamento, para que o aprendizado possa acontecer. Fazemos esse esforço, essa moldagem do nosso corpo o tempo todo, nos esforçamos para que este corpo se adeque ao formato dado do local onde estamos, exatamente da mesma maneira que um material é forçado a ficar com o perfil da ferramenta ou do molde com o qual esta sendo forjado. Lembro-me das minhas aulas, quando explico o processo de forjamento, que é um processo feito na pancada, na porrada, forçado, exatamente da mesma maneira que somos oprimidos, em várias situações, pelos opressores.

Em seguida você diz que os oprimidos acabam trazendo neles também o opressor e somente a descoberta e a reflexão crítica podem auxiliar nessa busca da pedagogia libertadora.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que "hospedam" ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram "hospedeiros" do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica - a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1978, p. 33).

Continuando o texto, você descreve o que é o reconhecimento da situação de opressão e como o oprimido tem que criticamente enxergar e se conscientizar dessa situação, para que, em uma primeira oportunidade, ele não utilize sua liberdade para oprimir outras pessoas, para não passar de oprimido a opressor. Você cita o exemplo de camponeses que são promovidos a capatazes e, a partir daí, se tornam ainda mais duros opressores dos antigos companheiros do que o patrão mesmo era.

Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na "razão" desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. (FREIRE, 1978, p. 35).

Seguindo o texto, você continua a discussão sobre a dualidade do oprimido, ao ter nele mesmo o oprimido e o opressor, e para que essa dualidade seja superada é necessário que se conquiste a consciência crítica dessa opressão e que essa aconteça na prática, através da luta pela libertação.

A práxis, porém, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. (FREIRE, 1978, p. 40).

Você apresenta no texto dois momentos distintos pelos quais a pedagogia do oprimido deve passar. Um primeiro momento é o da consciência necessária, tanto do opressor quanto do oprimido, e um segundo momento é aquele em que toda essa estrutura opressora sai de cena e dá espaço para uma transformação, para uma pedagogia para todos, pedagogia dos homens.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1978, p. 44).

Continua com as reflexões afirmando que só é possível uma real libertação, uma verdadeira pedagogia para a liberdade, se esses postos de oprimido e opressor deixarem de existir, pois ela não pode ser somente uma troca de lugares, em que quem era oprimido, passa a oprimir. Essa passagem me fez recordar um curso organizado na universidade em que os professores da casa ministravam aulas para outros professores e, em uma das aulas, o professor chama atenção daqueles que no momento eram seus alunos e um professor diz para ele ficar tranquilo, que era assim mesmo, mudou de lado na sala, não tinha como, voltaria a ser aluno. Esses modelos estão muito introjetados em nós, como se mudar de lado justificasse não participar ou até mesmo atrapalhar o outro que tentava de alguma maneira propiciar uma troca de conhecimentos. Como se uma simples mudança de lado, este ou aquele, desse o direito de ter outro comportamento, inferior ou superior, e ainda haver justificativa para isso..

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua "incapacidade". Falam de si como os que não sabem e o do "doutor" como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 1978, p. 54).

E nessa opressão, o corpo está o tempo todo envolvido. Penso no caso de um aluno que não consegue parar em sala de aula, de falar ou de mudar de lugar, vemos que é o corpo dele que não consegue se moldar, pede movimento, pede o sair do lugar e, normalmente, o professor insiste para que esse corpo volte à posição original, que esse corpo se esforce para se conter, se moldar. Como se a única maneira de o aluno aprender fosse essa, no sofrimento, no esforço o tempo todo para caber.

Continuando o primeiro capítulo do livro, você encerra dizendo que busca da pedagogia libertadora tem que ser uma tarefa realizada em conjunto, e que só é possível buscando a consciência da luta de libertação.

Professor e alunos (lideranças e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. A alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seu refazedores permanentes. Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento. (FREIRE, 1978, p. 61)

Essas foram as reflexões que o seu texto me ajudou a construir. Pretendo continuar com a leitura e assim obter mais recursos para as reflexões das próximas cartas. Mais uma vez lhe agradeço esta oportunidade de troca e já estou ansiosa para a próxima escrita.

Abraços carinhosos de uma aluna,

Ariane

Tempo que temos

Sorocaba, 12 de setembro de 2016.

Querido Paulo,

Estou aqui, mais uma vez, escrevendo para você. Esses dias minha reflexão mais insistente foi quanto ao tempo que temos disponível para realizar pesquisa. E quando eu falo no plural, 'tempo que temos' é pensando em todos os professores pesquisadores que conheço e que vivem praticamente a mesma situação: aulas em dois ou três lugares e, nessa correria de um lado para outro, acabam encontrando ou tendo que inventar brechas para desenvolver uma pesquisa. Nessa semana conversei com um professor do ensino superior que, neste semestre, precisou dividir suas aulas em cinco lugares, e me espantei quando ele comentou sobre a quantidade de aulas, e constatei que era praticamente a mesma quantidade que eu tenho, mas dividida em apenas dois lugares. Penso então em todos os meus colegas que passam pela mesma situação que eu, espremer, organizar o tempo e desenvolver pesquisa no curto intervalo em meio a toda a rotina maluca que somos obrigados a cumprir. O problema não é ter muitas atividades e sim a necessidade, para se manter, para sobreviver e pagar as contas, de se sujeitar a essa enorme correria diária, semanal. O outro ponto, é que professor não tem como não levar “serviço para casa”, normalmente precisa dispor de um tempo, às vezes até maior, fora de sala de aula, para preparação de aulas, de exercícios e avaliações, e para a correção destes também. Então, não é só as vinte, trinta aulas presenciais semanais, mas também uma boa quantidade de horas a mais para conseguir desenvolver e cumprir todas as suas obrigações. Agora, estamos chegando ao fim do segundo mês desse semestre e com ele começam as avaliações e trabalhos para correção e a luta diária, constante, para organizar o tempo e conseguir dar conta de todas as atividades extra-aulas. Veja, isso não é uma reclamação, pois não há problema algum em desenvolver essas atividades, em estar em sala e desenvolver pesquisa, mas o grande desafio é conseguir organizar tudo isso durante a minha semana e ainda conseguir espaço para me dedicar e me concentrar na pesquisa. Mas acredito que, com o passar do tempo e a aquisição de mais experiência e

bagagem, eu possa escolher outros caminhos que me possibilitem ter um tempo um pouco menos corrido para realizar pesquisa.

Hoje, continuo com os pensamentos e reflexões do seu livro *Pedagogia do Oprimido*, trazendo para esta carta o segundo capítulo. Você começa esse capítulo definindo e analisando as relações professor-aluno dizendo que estas apresentam uma relação narradora e dissertadora, e que isso torna o falar da realidade como algo parado, estático, e que ainda pode ser totalmente alheio a qualquer experiência do aluno, e vem se construindo com a tarefa do professor de encher, preencher os alunos com os conteúdos dessa narração.

Segue o texto dizendo da sonoridade dessa educação dissertadora que é praticamente uma memorização mecanizada desse conteúdo narrado. Traz como exemplo: “Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém”, completando que o aluno repete e repete isso até memorizar, sem ao menos conseguir pensar e analisar o verdadeiro sentido disso. Me atento e faço questão de mencionar o rodapé onde você escreve, lembrando que essa edição que utilizo do livro é do ano de 1978: “Poderá dizer-se que casos como este já não sucedem nas escolas brasileiras. Se realmente estes ocorrem, continua, contudo, preponderantemente, o caráter narrador que estamos criticando”. (FREIRE, 1978, p. 66). Tenho comigo que ainda hoje, em 2016, essa afirmação permanece válida, pois isso ainda acontece e muito na educação brasileira. Neste momento, recordo-me da minha educação escolar e de quantas coisas eu era forçada a repetir como um papagaio até que ficasse gravado na minha memória: tabuada, fórmulas, planetas do sistema solar, capitais dos países e estados, continentes e componentes químicos. Recordo-me de quantas vezes fui cobrada a decorar algumas coisas para uma avaliação, por exemplo, e quanto delas simplesmente se esvaiu com o tempo, sem ao menos ter uma oportunidade de reflexão. E hoje, será que não faço com meus alunos a mesma coisa? Paro aqui e me dou a liberdade de pensar sobre minha prática pedagógica e os momentos em que acabo repetindo esse caráter narrador da educação: a grande maioria, senão todas, as disciplinas que eu lecionava até o semestre passado eram práticas: Desenho Técnico, Desenho Auxiliado por Computador, Engenharia de Fabricação, Resistência dos Materiais, Fundamentos da Mecânica Industrial, Metrologia e Elementos de Máquinas, e nessas disciplinas o conteúdo é muito técnico, específico, e normalmente é dado a partir de exercícios e regras repetidas até que essa confecção dos exercícios seja desenvolvida da melhor maneira

possível. Não deixa de ser uma repetição, eles praticam bastante até conseguirem reproduzir aquilo da mesma maneira. Deixo registrado aqui que entendo a importância da teoria e a importância da prática, mas trago algumas preferências de conteúdo como professora. No semestre passado, em razão das mudanças e da diminuição da quantidade de aulas, acabou sendo necessário acrescentar outras disciplinas um pouco mais teóricas – Gerenciamento estratégico de Recursos Humanos e Organização e estruturação de empresas – e no começo tive um pouco de resistência a essas disciplinas, por serem totalmente diferentes do que eu já estava acostumada, além de mais teóricas. Lembro-me que eu dizia assim: “eu não me aguento falando durante quatro ou cinco aulas, quanto mais os alunos”. Com essas disciplinas, além de eu ter que estudar e me dedicar muito fora da sala de aula para conseguir dar conta dos conteúdos, tive que desenvolver outras técnicas e práticas durante as aulas, encontrar uma maneira de os alunos poderem participar e trazer para a sala de aula suas experiências, para que elas fizessem parte e paralelo do conteúdo das disciplinas. Não dizendo que as outras, mais práticas e técnicas, não tivessem esse espaço, tinham, mas, acredito eu, que era um pouco mais reduzido. Nessas disciplinas ditas teóricas tive que me esforçar e trazer para a sala de aula a minha experiência de vida e com isso encorajar os alunos a trazer e compartilhar também as experiências deles. Isso é muito interessante e venho tentando a cada dia, a cada conteúdo, fazer com que isso seja cada vez mais frequente em minhas aulas; vejo, hoje, que estou tentando mudar o perfil de repetição que havia em mim e deixando que os alunos tragam a sua experiência e essa sirva para as reflexões e aprendizados dentro da sala de aula, tendo em vista que todo conhecimento é necessário, é válido, é importante e, quanto mais esse conteúdo puder ser construído em paralelo com as situações reais de vida, minha e dos alunos, mais farão sentido. Penso que você, Paulo, mais do que ninguém, pode entender o que tento dizer e a importância disso.

Voltando para o texto, você apresenta a definição de educação bancária:

Em lugar de comunicar-se, o professor faz "comunicados" e depósitos que os alunos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos alunos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. [...] Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Professor e alunos se arquivam na

medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber (FREIRE, 1978, p. 66).

Com essa definição de educação bancária, você segue dizendo que, a partir desse modelo, se institui que quem sabe é o professor e quem não sabe é o aluno. A partir desse pressuposto, o aluno precisa então abrir um espaço para que o professor vá enchendo e preenchendo com o seu conhecimento. Essa educação é reflexo de uma sociedade opressora que cultua a “cultura do silêncio” e continua estimulando esse tipo de contradição: professor é o que educa e os alunos, os que são educados; professor é o que sabe, os alunos, os que não sabem. Pensando sobre essa opressão e a necessidade de espaço no aluno apenas para ser preenchido, não posso deixar de lado o corpo, que é ainda o eixo que estou desenvolvendo. Onde e como fica esse corpo em relação a esse “depósito” que você menciona?

O corpo participa de toda essa opressão, pois precisamos dele para desenvolver nossas atividades, mas somos o tempo todo forçados a ignorá-lo para que esse depósito possa acontecer. Essa reflexão me fez recordar de um professor que eu tive na faculdade que exigia que em suas avaliações as respostas fossem exatamente iguais às do livro; se, por algum motivo, você tentasse formular a resposta com palavras próprias, ou escrever da maneira como tivesse entendido, era considerado errado. Assim, para se dar bem nas avaliações dele, era realmente necessário reproduzir fielmente o que o livro utilizado naquela disciplina trazia. Recordo-me muito bem do tempo que eu despendia lendo, relendo e decorando aquele livro, e como eram fortes as expressões disso no meu corpo: o cansaço, o incômodo com a posição em que estava sentada, o incômodo ao segurar por horas aquele grande livro de uma maneira que ficasse um pouco menos desconfortável, e o tempo longo em que eu precisava me forçar para permanecer nessa briga de estar ali, lendo e relendo, e relendo aquele livro. Agora, pensando, lembro-me do professor, da maneira como ele dizia que precisávamos saber aquele livro, do tempo e do esforço físico que eu precisava para cumprir essa tarefa, mas confesso que não lembro sequer o nome da disciplina, e aquele conteúdo que decorei e acabei reproduzindo fielmente nas avaliações, fechando com uma média boa no final do semestre, foi perdido. Ele existe em minha memória corporal apenas como cansaço. Penso quantas outras vezes o meu corpo participou (e ainda participa) tão fielmente dessa opressão, desse esforço para caber e conseguir se adequar a uma situação.

Seguindo o texto, você vem afirmando o quanto esse tipo de educação bancária reforça o opressor, que vai inserindo e preenchendo o aluno, dele tirando a possibilidade de reflexão, impondo-lhe cada vez mais uma passividade que anula ou minimiza o poder criador dos alunos e afirmando, assim, cada vez mais, a situação de dominação.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão "bancária" da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quando mais se exercitem os alunos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 1978, p. 68).

Você continua a crítica a essa educação dizendo que ela tem um caráter paternalista, em que os oprimidos são assistidos, recebendo assim a definição de marginalizados, "seres fora de", e que a solução estaria em deixar essa condição para se tornarem "seres dentro de". Mas, na realidade, esses tidos como marginalizados, que são oprimidos, jamais estiveram "fora de" e que a solução não estaria em integrar, em incorporá-los nessa estrutura que continua oprimindo-os e sim em transformar para que eles possam ser "seres para si" e que por não ser esse o objetivo dos opressores, a educação bancária acaba lhes servindo. Destaco aqui mais uma nota de rodapé em você anota: "Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do Poder, daí a dificuldade que tem um professor dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo" (FREIRE, 1978, p. 71). Algo fundamental, porém, pode e deve ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo. Eu observo, nessa nota, uma dica, um caminho para que os professores possam tentar desenvolver algo diferente da educação bancária instituída, em que

[...] os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe [portanto] à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção "bancária", tanto mais "educados", porque adequados ao mundo (FREIRE, 1978, p. 72).

Você prossegue o texto fazendo outras análises sobre a educação bancária e a opressão que ela produz, indicando que a educação não pode ser tratada dessa maneira, buscando a alienação, se o que é pretendido é a liberdade e o desenvolvimento do senso crítico.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 1978, p. 77).

Na sequência, você apresenta o contraponto à educação bancária, que seria a educação para a liberdade, uma educação como prática problematizadora, dando assim um caráter diferente daquele do professor- narrador e do aluno-depósito, superando, assim, a contradição professor-aluno.

Desta maneira, o professor já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o aluno que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1978, p. 78)

O que mais chama atenção nessa busca da prática da liberdade que você aponta em seu texto é a questão do sentido, a busca por algo que o aluno já tem, já conhece para, por meio dela, abrir espaço para novos conhecimentos, e dessa maneira é mais simples (e mais desafiador) e mais palpável para todos, professor e aluno.

De fato, lembrando-me de minha trajetória escolar, sempre preferi matérias e assuntos que faziam sentido para mim, normalmente eram disciplinas mais práticas, por exemplo, sempre gostei muito de matemática, pois a resolução de um problema podia ter vários caminhos que davam no mesmo resultado. Aquilo para mim tinha uma lógica, fazia sentido. Outra disciplina que gostei e com a qual me identificava bastante era física, tudo aquilo tinha uma sequência e uma explicação, e isso me deixava mais confortável. Agora, disciplinas mais teóricas não me chamavam atenção, não gostava de ficar decorando e repetindo as informações. Não sei se o problema ou a dificuldade eram meus, mas as disciplinas mais práticas e lógicas me instigavam a me esforçar mais para entender e, a partir desse entendimento, tudo ficava simples. Hoje, tento, em minhas aulas, na minha prática pedagógica, trazer isso para os alunos, mas admito que nem sempre é possível e, em alguns conteúdos mais específicos, o esforço para que isso aconteça é muito maior. Destaco essa sua fala:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária” são possuídos pelo professor que os descreve ou os deposita nos alunos passivos (FREIRE, 1978, p. 79).

Esse destaque da sua fala me faz reportar à capacitação desenvolvida pelo grupo Reletran. Tentamos o tempo todo fazer com que esse conhecimento fosse construído em grupo, conjuntamente, considerando desde os locais visitados, que foram sendo pensados e definidos a partir da rede de conhecimentos de alunos e colaboradores, até as atividades desenvolvidas que, em grande parte, eram realizadas em conjunto. Acredito que um ponto marcante, e que está presente nas narrativas recebidas dos alunos, é que não se criou uma diferença entre quem ensinava e quem aprendia: estávamos todos juntos buscando construir um conhecimento coletivo.

Você traz uma discussão sobre a consciência dizendo que “consciência e mundo se dão ao mesmo tempo” e que essa é necessária para que a educação libertadora, problematizadora, possa ter espaço e o senso crítico possa ser desenvolvido. E essa educação, dessa maneira, feita para dar espaço ao aluno e deixar que ele consiga analisar, criticar, não serve para o opressor, por isso não é praticada.

Fechando as reflexões deste capítulo, é preciso dizer que toda essa opressão está diretamente ligada ao corpo, de maneira que é preciso deixar claro que essa consciência também é necessária ao corpo, torná-lo consciente, pois ele participa diretamente de todo esse processo.

Agradeço mais uma vez a oportunidade de reflexão, auxiliada pelo seu legado e da sua pedagogia. Tenho certeza que está sendo de grande importância para todo o desenrolar da minha pesquisa e, ainda mais importante, para a minha prática pedagógica. Em breve escreverei outras cartas.

Abraços de uma professora

Ariane

O diálogo e a dialogicidade na educação

Sorocaba, 19 de setembro de 2016.

Amado Paulo,

Escrevo mais uma vez para você continuando a minha pesquisa no desenvolvimento da minha tese de doutorado e preciso destacar mais uma vez a importância que suas reflexões estão tendo não somente no meu trabalho, mas como isso está refletindo diretamente no meu cotidiano, nas minhas práticas pedagógicas cotidianas. Quanto mais me aproximo da sua obra, Paulo, mais tenho feito paralelos com minha prática docente. Venho passando, há uns três semestres, por mudanças no tipo de disciplina que ministro, para lhe explicar essa diferença, essas mudanças, Paulo, preciso contar um pouco da minha trajetória como professora. Já adianto: nunca quis dar aulas! Na minha família, há muitos professores, minha mãe, vários tios; cresci ouvindo-os contar e muitas vezes reclamando da docência, e eu tinha comigo uma convicção: não seria professora. Pensava em várias outras profissões, mas não cogitava a hipótese de lecionar. Por motivos financeiros e familiares, deixei de lado a possibilidade de cursar biologia marinha, pois teria que me manter fora da cidade durante os estudos e provavelmente para trabalhar, pois Sorocaba, cidade onde nasci e moro até hoje, não é uma cidade litorânea. Então resolvi procurar aqui na cidade algum curso que era oferecido gratuitamente e encontrei a Faculdade de Tecnologia de Sorocaba – Fatec; busquei então os cursos disponíveis e escolhi o de Projetos Mecânicos, sem muito saber o que aquele curso oferecia, mas era gratuito e em Sorocaba. Após algumas tentativas no vestibular, comecei a cursar e a me inteirar do que era o mundo da mecânica, me sentia confortável nele, apesar de não o conhecer muito bem. Após um ano de curso, comecei a estagiar na área, em uma indústria, e me vi diante do que seria minha profissão, eu e o computador em um escritório ou sala fechada o dia todo. Eram desenhos e projetos o dia inteiro e toda aquela rigidez de uma indústria japonesa, onde eu trabalhava. Pensava comigo que não gostaria que isso fosse a minha rotina diária para o resto da vida, queria encontrar um caminho para que eu pudesse utilizar os conhecimentos da faculdade em algo mais dinâmico, menos solitário e rotineiro. No final da faculdade, e ainda sem saber quais caminhos

seguir após o término, em uma conversa com um professor, ele disse da possibilidade de trabalhar na própria faculdade como auxiliar docente. Naquele momento, pensei que não queria dar aulas, e ele me explicou que essa função seria somente nos bastidores: montar apostilas, preparar laboratórios e material de aula. Achei bem interessante e me inscrevi para o concurso. Passei e comecei a trabalhar como auxiliar na mesma faculdade onde me formei; gostava bastante, pois o trabalho era bem tranquilo, o horário flexível e eu mantinha contato diário com muitas pessoas. Em menos de um mês como auxiliar, meu coordenador me informou que teríamos cursos extracurriculares de *softwares* de desenho fora do horário de aula e que esses seriam ministrados pelos auxiliares. Em um primeiro momento, relutei, mas como seria parte da minha função também, acabei aceitando e abri as inscrições para a primeira turma. Não me senti à vontade com aquilo, achava responsabilidade demais e imaginava que um professor deveria ser o responsável e não eu. Comecei minha primeira turma e, ao me apresentar, ainda estava bem insegura com a situação. Mas, a partir do momento em que comecei a explicar, a seguir o passo a passo dos exercícios que tínhamos para fazer, aquilo fluiu, o nervosismo ficou de escanteio e me senti muito bem em poder mostrar um pouco o meu conhecimento do software e em perceber que os alunos conseguiam acompanhar; o desenvolvimento deles era evidente. A partir desses cursos extracurriculares, consegui enxergar em mim o que eu sempre relutei, a docência. E conforme o tempo foi passando, tive a certeza, Paulo, de que se pudesse, faria isso para o resto da minha vida, sem problema algum. Depois de um tempo como auxiliar, um professor amigo me indicou para aulas de desenho na Universidade de Sorocaba (Uniso). Conversei com o coordenador da área de engenharia e, concorrendo com algumas outras indicações, consegui algumas aulas de desenho técnico. Eu tinha vinte e três anos quando comecei a atuar como professora mesmo, e, a partir daí, aos poucos, fui ampliando as disciplinas que ministro, sempre com muito estudo. Desenho Técnico, Desenho Técnico Auxiliado por Computador, Resistência dos Materiais, Elementos de Máquinas, Fundamentos de Mecânica Industrial, Engenharia de Fabricação, Metrologia, todas disciplinas bem técnicas, bem práticas, onde minha metodologia de trabalho em sala de aula era ensinar as técnicas, as normas, e, em seguida, os alunos as praticavam em exercícios. Não costumava falar muito na frente da sala, explicava de uma maneira sucinta e ia acompanhando a turma, atendendo as dúvidas individuais. Esse estilo de aula

sempre me agradou, pois nunca gostei daqueles professores com disciplinas teóricas que falavam bastante e não tinha nada prático. Com a redução das aulas, diminuição das turmas, acabaram surgindo algumas oportunidades de ministrar disciplinas novas. No momento em que se colocou a decisão de aceitar uma disciplina diferente ou ficar sem aula, não pensei duas vezes, e venho aceitando algumas disciplinas teóricas e um pouco fora da minha formação: Gerenciamento Estratégico de Recursos Humanos, Organização e Estruturação de Empresas, Metodologia Científica. E essas novas disciplinas me forçam a pensar numa nova prática pedagógica, pois não eram exercícios práticos, não eram normas a serem seguidas, e sim teorias que deveriam ser discutidas. E preparar e trabalhar sobre essas disciplinas me dá um grande trabalho fora da sala de aula, pois preciso despendar bastante tempo para pesquisar, estudar sobre os assuntos, para me sentir segura na aula, e preciso parar e rever toda a minha metodologia de trabalho. Paralelamente a essas mudanças, venho desenvolvendo a pesquisa de doutorado e utilizando as suas reflexões para isso. Então fui introduzindo nas minhas aulas mais espaços para discussões, espaço para que os alunos trouxessem as próprias experiências e para que elas sejam discutidas e trabalhadas em sala. Fui forçada, ao mesmo tempo, também a trazer experiências próprias sobre os assuntos para discussão. Enfim, com um pouco de esforço, venho tentando realmente trabalhar com o que os alunos vivem, com a sua própria bagagem, e relacionar, fazer paralelos com os conteúdos das disciplinas. Ainda não tenho total segurança nessa prática, mas hoje enxergo como precisei mudar a minha prática e como agora, dessa maneira, ela faz ainda mais sentido para mim e para as minhas convicções sobre o que é um processo de aprendizagem. Quando paro e analiso as outras disciplinas técnicas que também continuo ministrando, vejo que estas também foram afetadas, aos poucos vou transformando e modificando, deixando mais palpável para mim e conseqüentemente para meus alunos. E lhe digo tudo isso, Paulo, porque seus estudos e suas obras estão sendo primordiais para essas mudanças.

Trago, para continuar com as minhas reflexões, o terceiro capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido*. Logo no início você sinaliza que vai trazer reflexões sobre o diálogo e a dialogicidade na educação. Você prossegue afirmando que para que a palavra tenha sentido é necessário que seja vinculada à prática e a transformação do mundo.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta, problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1978, p. 92).

Você continua o texto dizendo que o diálogo, a palavra é que faz o homem se reconhecer como homem e se reconhecer no mundo.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1978, p. 93).

Em seguida, você aponta os aspectos que são necessários para que possa haver a criação de um diálogo: amor, humildade, fé nos homens. E você traz isso no texto não de uma maneira romântica ou ilusória e sim estabelecendo paralelos para aproximar esses aspectos do diálogo, e mostrando a importância de cada um deles para que esse diálogo possa existir.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidialogicidade da concepção "bancária" da educação. (FREIRE, 1978, p. 96).

Seguindo o capítulo, a partir destes aspectos, você pontua que o diálogo não pode ser ingênuo, que deve ser crítico e, além disso, deve sempre respeitar a bagagem pessoal daquele que se considera aluno. Não é possível a prática de uma educação libertadora, oposto do que os opressores querem, se esta educação não estiver circundando a realidade daquele povo, daquelas pessoas. Reforço, aqui, nesse ponto, o educar fazendo sentido para o aluno, o utilizar ferramentas e conhecimentos que ele já tem e, a partir disso, construir uma educação diferenciada, uma educação que realmente faça sentido para ele, que não seja somente uma mera repetição e depósito de informações alheias aos seus conhecimentos.

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que podemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política, acrescentemos. O que temos que fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que,

por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (FREIRE, 1978, p. 101)

Em suas reflexões, você faz um contraponto entre o animal que não tem consciência de si e o homem que tem consciência de si e de sua atividade, você termina essas reflexões com a frase: "Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um 'corpo consciente', vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade" (FREIRE, 1978, p. 106).

Paro aqui para analisar a expressão "corpo consciente" e estabelecer um pequeno paralelo com o meu eixo de discussão nesse momento, o corpo. Como tornar esse corpo consciente? Nesse momento, volto a lembrar de nossas atividades desenvolvidas no Reletran, em várias das atividades que realizamos o corpo não era obrigado a ficar sentado em uma cadeira virado para frente e isso se refletia em todo o transcorrer do curso. Lembro-me de depoimentos emocionados dizendo há quanto tempo esse corpo não era percebido. O quanto somos carentes de contato, pois ao longo da vida esse contato se torna restrito, sempre podado, e vamos deixando o corpo de lado, como se ele não tivesse importância. No Reletran, exercícios simples de movimentação de corpo, contato com o outro, despertavam na grande maioria muitas emoções, pois parecia que aquele corpo podia se perceber livre de toda opressão experimentada cotidianamente.

A certa altura do livro, você traz o conceito de "temas geradores", analisando como se deve trabalhar a contextualização na realidade daquele grupo e o mais próximo da prática, para que seja possível sair da educação bancária, vencer a opressão e almejar uma educação libertadora.

É importante reenfatar que o "tema gerador" não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o "tema gerador" é investigar [...] o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é a sua práxis. (FREIRE, 1978, p. 101).

No meu entendimento, é o que vou tentar trazer aqui, Paulo, o diálogo tem que existir e ele deve se aproximar da prática, da realidade do aluno, sendo somente dessa maneira possível fazer com o que a educação faça parte do seu cotidiano e tenha sentido para ele, isto é, conhecendo e utilizando a sua própria bagagem de conhecimento para agregar novos conceitos e conhecimentos, não por imposição,

mas pela aproximação com a realidade das pessoas – de maneira a possibilitar que elas tenham consciência de sua existência no mundo e possam pensá-la criticamente.

Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os professores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade. (FREIRE, 1978, p. 120).

Você segue o texto apresentando alguns exemplos de trabalhos realizados com camponeses e vejo o direcionamento do esforço sempre para contextualizar o que vai ser aprendido, extraíndo dos alunos, da realidade deles, as questões a serem trabalhadas, a serem problematizadas. Fazendo, assim, em primeiro lugar, com que eles sintam a importância do seu conhecimento, e, a partir disso, exercitem a liberdade necessária para a consciência crítica perante as problematizações.

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1978, p. 141).

Como sempre, tomando suas reflexões, tento criar pontes, relações com a seção da minha pesquisa em questão que é o corpo. Em que momento podemos deixar esse corpo aparecer? Acredito que somos disciplinados desde crianças a contê-lo, e essa contenção faz parte da opressão a que você se refere, pois é necessário que o corpo se mantenha quieto, se mantenha sob ordens para que esse “depósito” da educação bancária possa acontecer. A liberdade do corpo ameaça essa opressão, por isso a disciplina, o fazer caber o corpo, que precisa o tempo todo ser treinado, desde a infância.

Assim, Paulo, termino mais um capítulo da grande obra que você nos deixou e que vem me ajudando a trabalhar não somente as questões e os eixos da minha tese, mas também a refletir e transformar a minha prática. Acredito que o mais importante da pesquisa, em primeiro lugar, é a transformação do próprio pesquisador. E, a cada dia que passa, a cada nova proposta que trago para a sala de aula, vejo que isso vem acontecendo comigo e tenho me esforçado cada vez mais para que a minha prática não se distancie da teoria que venho estudando e que vem aderindo mais e mais ao meu cotidiano.

Abraços de uma pesquisadora,

Ariane

Aqueles que amamos nunca morrem...

Sorocaba, 03 de outubro 2016.

Querido Paulo,

Estou há uma semana sem lhe escrever, a tristeza tomou conta de mim e não conseguia fazer muita coisa. Diminui o ritmo, pois perdi minha companheira de escrita, minha gatinha Nina. Ela me acompanhava todos os dias/noites durante os meus estudos e, independente do lugar da casa onde eu estivesse, ela sempre estava ao meu lado. Nas madrugadas de leitura e escrita tinha sempre sua companhia, ela deitava ao lado do notebook, usando-o de travesseiro, esse era o local preferido, mas quando não buscava o quentinho do computador, deitava na casinha que ficava ao lado da mesa e lá ficava por horas e horas me acompanhando. Às vezes, faço minhas leituras na rede, com já te disse, e lá ela também me acompanhava. Esteve comigo ao longo de dez anos, e lutou contra uma doença no rim.

Lembro-me que quando morava com meus pais. Desde criança, só tive animais de estimação que tinham pouca interação – peixes e passarinhos –, não me recordo de ter sentido falta de qualquer um deles. Aos vinte e um anos de idade, resolvi sair da casa dos meus pais, para, na época, morar com um ex-namorado; e, menos de um mês depois de ter saído de casa, a Nina apareceu na empresa onde eu trabalhava. Simplesmente apareceu por lá, e eu e mais algumas pessoas da empresa começamos a alimentar e a cuidar dela. Íamos almoçar e saíamos do refeitório com carne, frango, alguma comida picadinha no bolso para dar para ela. A gatinha ficou uma semana na empresa, e após um feriado, em que eu não tinha ido trabalhar, fui procurá-la e a encontrei muito assustada e machucada. Não pensei duas vezes, naquele mesmo dia coloquei-a numa caixa e, de moto, levei-a ao veterinário. Na época, meu discurso era: “vou cuidar e depois encontro alguém para

ficar com ela”. Mas não teve como, me encantei e acabei eu mesmo ficando com a gatinha. Então ela foi minha primeira experiência mesmo com um animal, com uma companheira.

Sempre ouvi que gatos não dão bola para dono, que não interagem e são egoístas. Com a Nina, desde pequenininha, foi muito diferente, ela cresceu grudada comigo, mesmo tendo mais pessoas na casa, ela me elegeu como a dona, não sei se para eu cuidar dela ou se para ela cuidar de mim. Mudei de casa duas vezes, terminei a faculdade, separei do namorado, viajei, mudei de emprego, comecei a dar aulas, enfim, posso dizer que ela me acompanhou ao longo dez anos em todas as grandes e importantes mudanças da minha vida. Sempre soube que ia ser muito difícil quando o ciclo dela se encerrasse, mas preciso confessar, Paulo, que não imaginava que ia ser tão difícil. Sei que é só um bichinho, não posso tratá-la como pessoa, e racionalmente é muito fácil entender isso e também que eu não tenho poder nenhum de mudança em relação a essa situação, mas o vazio que impera no meu coração e na minha casa ainda são muito grandes. Quando chego, no final do dia, ainda espero que ela venha me encontrar na porta, continuo a procurá-la na cama durante a noite, e ainda vou conferir se a água, a ração e o jornal que ela usava estão ok. Eu sinto, e meu corpo sente a falta dela. Não sei se todo mundo entende, acredito que cada um encare perdas de uma maneira diferente, alguns podem achar loucura ou exagero, mas dentro de mim sei bem como tudo isso vem acontecendo. Dizem que o tempo cura, não sei se é bem isso, mas acredito que o tempo vai acomodando essa tristeza, dando espaço, e vai ficando a saudade e as boas lembranças.

Minhas atividades rotineiras fora de casa continuam, afinal de contas, a vida não para, mas, em casa, no momento em que realmente paro e tento ler e escrever, momento esse em que fico comigo mesma, é inevitável essa tristeza. Quando ela se foi, pensei em nunca mais ter um bicho de estimação, pois não queria mais sentir aquela dor. Mas acomodando as coisas, os pensamentos, vi que era egoísmo da minha parte, primeiro por querer que ela estivesse aqui e depois dando mais importância para o lado ruim do que para o lado bom. Foram dez anos de muitas histórias, muitas manias e muita cumplicidade, então o saldo é muito mais positivo do que negativo. Acredito, sim, ter ainda espaço para outros companheiros, mas quero antes disso acomodar meu coração e ter um espaço novo para construir uma outra relação. Sempre que alguém conhecido perde um ente querido, gosto de usar

a frase "Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós", não sei de quem é a frase, mas para mim faz muito sentido e sempre me traz um conforto. Alguns podem achar bobagem e dizer que era só uma gata, mas só eu e ela sabemos o valor dessa relação que criamos nesses dez anos gravados eternamente na minha memória.

Abraços de uma pesquisadora,
Ariane

O corpo que tenta caber

Sorocaba, 10 de outubro 2016.

Querido Paulo,

Mais uma vez lhe escrevo para compartilhar as minhas experiências como professora, pesquisadora e aprendiz. Essa semana tive uma nova experiência como professora, comecei a ministrar uma disciplina para os alunos de pós-graduação de uma das instituições onde trabalho. É um desafio, pois as aulas da pós tem um formato um pouco diferente do que estou acostumada na graduação, conteúdo um pouco mais livre, sem as exigências de avaliações, e em uma disciplina que nunca ministrei por isso preciso me dedicar bastante para conduzir as aulas. A disciplina é metodologia científica e é ministrada no sábado à tarde. Preparei a primeira aula dessa semana tentando conduzir a disciplina de uma maneira um pouco mais prática, para que ficasse mais leve para mim e também para os alunos. Senti no primeiro momento uma grande resistência da parte deles, e o primeiro questionamento foi: "Porque essa disciplina no currículo da pós?" Então argumentei e mostrei para eles a importância e como eu iria conduzir a disciplina. Esse tipo de questionamento não é comum na graduação, mas em minhas aulas sempre tento mostrar a importância daquele conteúdo para os alunos. Esquematizei a aula tentando tirar deles o conteúdo de pesquisa que iríamos trabalhar, a resposta foi diferente do que eu imaginava, mas acho que bem satisfatória. Eu pensei e sugeri a eles pesquisar conteúdos mais leves e divertidos, sem a exigência de direcionar ao

assunto da pós, mas eles terão, ao final do curso, que entregar um trabalho de conclusão e, como isso é exigido para a formação deles, achamos melhor tentar trabalhar um pouco mais direcionados a esse trabalho, para poder auxiliá-los na execução. Foi interessante, pois de qualquer maneira, mesmo não sendo o que eu tinha imaginado, atendia à necessidade deles, era algo que realmente fazia sentido, mesmo que fosse uma exigência para a formação. Na conversa sobre como deveriam conduzir as pesquisas, informei que deveriam pesquisar algo que lhes fizesse sentido, algo que de fato os interessasse dentro do grande campo que a pós abrange. E senti uma resposta positiva da grande maioria dos alunos ao entenderem que teriam a liberdade de escolher dentro da área de automação o que fosse mais interessante para eles. Alguns se incomodaram com essa possibilidade de escolha, disseram que preferiam que fosse um tema determinado e isso me chamou bastante atenção. Estamos tão acostumados e treinados o tempo todo a ter caminhos certos a seguir que nem todos conseguem lidar com esse espaço, com essa possibilidade de escolha. Como são poucos alunos, consegui, após indicar alguns sites para pesquisa, sentar com cada um deles e conversar sobre as intenções de pesquisa. Foi um momento bem bacana, consegui ouvi-los e ajudar um pouco nessa decisão do tema do trabalho e o mais interessante foi que, mesmo os que não gostaram dessa liberdade de escolha, acabaram entendendo a importância disso. Acho que esse vai ser mais um espaço importante para eu inovar as minhas práticas pedagógicas e com certeza toda a minha pesquisa e todo o contato que estou tendo com as suas ideias, Paulo, estão me inspirando e ajudando muito.

Hoje trago para a minha reflexão o último capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido*, ainda estou dentro do eixo corpo, tentando identificar como essa opressão afeta o corpo.

Você começa o capítulo retomando o ponto que "os homens são seres da *praxis*" e que esse fazer é ação e reflexão, e que a prática dominadora tenta diminuir a verdadeira prática do oprimido, diminuindo, assim, o espaço que ele poderia ter para pensar e refletir sobre sua ação.

As massas populares não tem que, autenticamente, "ad-mirar" o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador. O quefazer deste não pode, por isto mesmo, ser dialógico. Não pode ser um quefazer problematizante dos homens-mundo ou dos homens em suas relações com o mundo e com os homens. No momento em que se fizesse dialógico, problematizante, ou o dominador se haveria convertido aos dominados e já

não seria dominador, ou se haveria equivocado. E se, equivocando-se, desenvolvesse um tal quefazer, pagaria caro por seu equívoco. (FREIRE, 1978, p. 147).

Continua o texto trazendo que o oprimido deve, na revolução da liberdade, tentar ser crítico e buscar o diálogo, pois ele tem nele o opressor hospedado e, se não refletir sobre a ação libertadora, tende a buscar uma libertação individual, sendo que ao se libertar, torna-se um opressor.

[...] A dialogicidade entre a liderança revolucionária e as massas oprimidas, para que, em todo o processo de busca de sua libertação, reconheçam na revolução o caminho da superação verdadeira da contradição em que se encontram, como um dos pólos da situação concreta de opressão. Vale dizer que devem se engajar no processo com a consciência cada vez mais crítica de seu papel de sujeitos de transformação. (FREIRE, 1978, p. 148).

Segue o texto ressaltando a importância e a necessidade do diálogo com a classe oprimida, afirmando que só com esse diálogo é possível instaurar uma sociedade de homens em processo permanente de libertação. Em seguida, você divide o texto em alguns tópicos – conquista, dividir para dominar, manipulação e invasão cultural –, para explicar o que chama de "A teoria da ação antidialógica e suas características". Começando pelo item conquista, você aponta a necessidade da conquista, conquista essa no sentido de sempre ter um sujeito que conquista e um objeto conquistado. Então o opressor transmite para o oprimido, via meios de comunicação em massa, as falsas conquistas que esse pode alcançar e interioriza nele conteúdos alienantes.

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta "ordem" respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários - mas ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: "doce de banana e goiaba" é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o "sabe com quem está falando?" é ainda uma pergunta dos nossos dias. [...] O mito de que as elites dominadoras, "no reconhecimento de seus deveres", são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus. O mito da propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade "ontológica" destes e o da superioridade daqueles. (FREIRE, 1978, p. 163).

O próximo item é “dividir para manter a opressão”, e pode ser resumido no sentido de que, para a opressão ser alimentada, é necessário fazer com que os oprimidos se dividam, garantindo assim a continuidade do poder. A ação dos opressores não pode deixar que os oprimidos se unam, pois isso seria um grande risco para a manutenção da opressão, portanto o meio mais seguro para o opressor se manter é fazer com que os oprimidos continuem se dividindo e se segregando.

O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos. Desde os métodos repressivos da burocracia estatal, à sua disposição, até às formas de ação cultural por meio das quais manejam as massas populares, dando-lhes a impressão de que as ajudam. (FREIRE, 1978, p. 165).

Seguindo, você traz informações sobre o item manipulação, que é bem fácil de entender porque é essencial para que a opressão possa existir. A liderança opressora usa vários tipos de manipulação para se manter no poder e uma que devemos destacar é o assistencialismo.

É que estas formas assistencialistas, como instrumento de manipulação, servem à conquista. Funcionam como anestésico. Distraem as massas populares quanto às causas verdadeiras de seus problemas, bem como quanto à solução concreta destes problemas. Fracionam as massas populares em grupo de indivíduos com a esperança de receber mais. (FREIRE, 1978, p. 177).

E por último você comenta a invasão cultural, a importância da inferioridade como uma maneira de moldar, de dominar econômica e culturalmente o invadido.

Uma condição básica ao êxito da invasão cultural é o convencimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca. Como não há nada que não tenha seu contrário, na medida em que os invadidos vão reconhecendo-se "inferiores", necessariamente irão reconhecendo a "superioridade" dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andas como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo (FREIRE, 1978, p. 179).

Para contrapor essas ações antidialógicas, você traz a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural. Começando pela colaboração, ao contrário das ações antidialógicas, temos aqui uma ação em que os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração. Aqui há espaço para uma liderança revolucionária, mas uma liderança que não queira ser proprietária das massas populares, mas, sim, que todos juntos tenham um objetivo em comum: a libertação.

A comunhão provoca a co-laboração que leva liderança a massas àquela "fusão" [...]. Fusão que só existe se a ação revolucionária é realmente humana, por isto, simpática, amorosa, comunicantes, humilde, para ser libertadora. (FREIRE, 1978, p. 201).

Unir para a libertação é ação que se contrapõe diretamente ao dividir para dominar. Para que isso possa acontecer, é necessário aos oprimidos se enxergarem como são, a sua importância, e conseguir cortar o cordão umbilical que os liga aos opressores, se reconhecendo, através da consciência e da prática, como instrumentos da transformação da realidade opressora em uma realidade libertadora.

Reconhecem-se, agora, como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador. Descobrem que, como homens, já não podem continuar sendo "quase-coisas" possuídas e, da consequência de si como homens oprimidos, vão à consciência de classe oprimida. (FREIRE, 1978, p. 206).

No item organização fica clara a necessidade da busca pela unidade no sentido de entender que esse esforço de libertação é uma tarefa comum a todos e que só poderá ocorrer se houver uma organização não *das* massas e sim *com* as massas populares.

[...] a organização, implicando em autoridade, não poder ser autoritária, implicando em liberdade, não pode ser licenciada. Pelo contrário, é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiras que ambos, como um só corpo, buscam instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza. (FREIRE, 1978, p. 211).

Encerrando o capítulo você fala sobre o valor da síntese cultural, que é o dar espaço para a própria realidade dos oprimidos e não simplesmente aceitar a realidade imposta pelos opressores. É o povo conquistar o espaço para inserir sua realidade, não mais como objeto e sim como sujeito do processo históricos.

Você encerra o texto dizendo que falou o livro todo de uma coisa óbvia, mas que deve sempre ser dita, pensada e repensada, até chegar à prática de uma verdadeira ação libertadora. Me chama atenção a frase final do texto: "Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar." (FREIRE, 1978, p. 218). Esta frase, para mim, representa a sua intenção ao tratar do assunto em enxergar caminhos e possibilidades para a libertação, que só

vai acontecer se houver esperança, amor, colaboração, união e reconhecimento e valorização do oprimido.

Agradeço mais uma vez a oportunidade de reflexão que seus textos me trazem e em breve escreverei mais cartas, prosseguindo a minha pesquisa.

Abraços de uma professora,

Ariane

Aprender a transgredir

Sorocaba, 07 de novembro 2016.

Querido Paulo,

Está é a última carta que te escrevo sobre o eixo corpo. Ainda estou terminando a leitura do livro *Ensinando a transgredir*, da bell hooks, e tive um pouco de dificuldade em estabelecer um paralelo entre os escritos dela e o corpo. Mas percebi, no livro, que ela traz, em vários momentos, o assunto corpo quando ela trata da opressão sofrida por ser mulher e negra, pois aí temos também um corpo oprimido.

No capítulo “Eros, erotismo e processo pedagógico”, ela coloca que os professores raramente existem como um corpo, como se eles precisassem o tempo todo passar despercebidos, como se fosse necessária uma cisão entre corpo e mente e, ao entrar em sala de aula, o que deve estar presente é apenas a mente.

Os professores raramente falam sobre o lugar de Eros ou do erótico em nossas salas de aula. Formados no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Crendo nisso, as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar a atenção para o corpo é trair o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e do sexo masculino. Mas os nossos antecessores não brancos eram igualmente ávidos por negar o corpo. A faculdade predominantemente negra sempre foi um bastião da repressão. O mundo público do ensino institucional era um local onde o corpo tinha de ser apagado, tinha de passar despercebido. Quando me tornei professora e sentia vontade de ir ao banheiro no meio da aula, não tinha a menor ideia do que meus antecessores faziam nessa situação. Ninguém falava sobre a relação entre o corpo e o ensino. O que fazer com o corpo na sala de aula? Tento me lembrar dos corpos de meus professores universitários e não consigo me

recordar deles. Ouço vozes, rememoro detalhes fragmentários, mas me lembro de pouquíssimos corpos inteiros (HOOKS, 2013, p. 253).

Lendo esse capítulo, tentei igualmente me recordar do meu percurso escolar e se tinha alguma recordação dos corpos dos professores. Fiquei um tempo buscando essa memória e não encontrei, as memórias foram parecidas com a da escritora: vieram nomes, situações que aconteceram, vozes e maneiras de falar, mas não imagens de corpos. Não só não as tenho, como também não tenho lembranças de proximidade com esses professores. Quando os busco na minha memória, eles parecem estar sempre bem distantes, como se não pudesse haver nenhum tipo de proximidade com eles, como se houvesse um pedestal, esse onde o professor se coloca sempre acima e numa grande e aparentemente necessária distância em relação aos alunos. Ao buscar essas lembranças do tempo da escola, me vem a figura do meu pai, sempre muito presente quando se tratava da escola. Estudei por muito tempo na escola onde ele trabalhava como bibliotecário, então ia e voltava com ele. A presença dele é bem forte e não só nesse trajeto, mas também no acompanhamento das tarefas e atividades que tinha para fazer em casa. Ele sempre me acompanhou e ao mesmo tempo sempre me cobrou bastante, dizia da importância que tinha em estudar e ainda mais do valor que eu deveria dar para aquela escola, pois era uma escola particular e eu só tive a oportunidade de estudar ali porque ele era funcionário. Lembro-me dele dizendo algumas frases: “muitas crianças gostariam de ter essa oportunidade”, “você só estuda, então tem que se dedicar a isso”. Quando tirava nota boa, ele dizia: “não fez mais que sua obrigação”. Na época, para mim, como criança, o que ficava mais forte e marcante era a cobrança, até mesmo por um viés negativo, mas, hoje, consigo enxergar a diferença que esses ensinamentos fizeram na minha vida, e como a atenção e dedicação dele em relação aos meus estudos sempre foram grandes. Em meio a essa recordação, continuo tentando buscar minhas lembranças sobre os professores que tive, não tenho muitas, mas tenho a sensação de que as disciplinas nas quais eu mais me desenvolvi e das quais gostei mais são aquelas em que simpatizei com os professores. Isso é bem interessante, pois mesmo com essa distância entre mim e eles, algo neles me despertou simpatia e afeição.

Paulo, não sei já te disse isso, desculpe se me repito, mas comecei a dar aulas com vinte e três anos. Sentia-me, na época, muito nova para aquilo, mas

gostava bastante da possibilidade de ensinar algo a alguém. Quando iniciei as aulas, tentei me manter próxima dos meus alunos, mas, ao mesmo tempo em que queria estar próxima, tinha medo de permitir essa proximidade e perder o controle da situação. Perder o controle no sentido de ser uma professora nova, mulher e com pouca experiência, e se essa proximidade fosse grande talvez não conseguisse ter o respeito necessário dos alunos. Encontrei um trecho da bell hooks que explica mais ou menos esse meu comportamento:

Hoje em dia, nem o ensino nem o aprendizado são muito apaixonados na educação superior. Mesmo quando os alunos anseiam desesperadamente pelo toque do conhecimento, os professores têm medo do desafio e deixam que sua preocupação com a possibilidade de perder o controle sobrepuje seu desejo de ensinar (HOOKS, 2013, p. 263).

Preocupava-me bastante com a roupa a vestir, o modo de me comportar e agir com os alunos, e, no começo, quando eu encontrava algum aluno fora da sala de aula, ficava meio sem jeito, meio sem saber como agir, pois normalmente os encontrava em lugares como bares, shows, baladas, e me sentia um pouco constrangida com a situação, como se eu não pudesse ter uma vida fora da faculdade. Mesmo com esse receio, procurei tratar os alunos com muita gentileza e carinho. O tempo foi passando, fui me acostumando e enxergando a situação com um pouco mais de naturalidade, e tentando deixar esse contato com os alunos mais natural, mais aberto, mais livre. Acredito que, de uma maneira ou de outra, consigo não deixar que se instale essa distância tão grande em relação a eles, pois, dentro das possibilidades de tempo, conversamos bastante, abro espaço para ouvi-los e eles me procuram para conversar, até mesmo sobre problemas e situações da vida deles.

Ao ler esse capítulo do livro da bell hooks, me chama atenção quando ela traz para discussão a afetividade, que ela chama de paixão, e mostra como essa paixão, não no sentido sexual da palavra e sim no sentido afetivo, é posta de lado na sala de aula.

Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos e paixões, em algum lugar isolado – depois da aula (HOOKS, 2013, p. 253).

E ela discorre no texto sobre como é tratada essa paixão em sala de aula e como os professores que se permitem isso são vistos:

Espera-se que os professores universitários publiquem trabalhos científicos, mas ninguém espera ou exige deles que realmente se dediquem ao ensino de um modo apaixonado que varia de pessoa para pessoa. Os professores que amam os alunos e são amados por eles ainda são “suspeitos” na academia. Parte dessa suspeita se deve à ideia de que a presença de sentimentos, de paixões, pode impedir a consideração objetiva dos méritos de cada aluno. Mas essa noção se baseia no pressuposto falso de que a educação é neutra, de que existe um terreno emocional “plano” no qual podemos nos situar para tratar a todos de maneira igualmente desapassionada. Na realidade, sempre existiram laços especiais entre professores e alunos, mas tradicionalmente eles eram exclusivos e não inclusivos. Permitir a manifestação de sentimentos de carinho e da vontade de promover o crescimento de determinados alunos na sala de aula – de expandir e abraçar a todos – vai contra a noção da privacidade da paixão. (HOOKS, 2013, p. 262).

Pensando nessa afetividade, busco em suas obras, Paulo, algo que me ajuda a pensar nisso. Encontro na *Pedagogia da Autonomia*, no capítulo 3, intitulado “Ensinar é uma especificidade humana”, a seguinte afirmação sobre a afetividade:

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os alunos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 1996, p. 159).

Sendo chamada de afetividade, de alegria, como você coloca, ou de paixão, como bell hooks coloca, o que importa é que não podemos tratar esse corpo separado dos sentimentos, não podemos oprimir esse corpo a ponto de não sentir nada ou quase nada dentro de sala de aula. Somos seres humanos tanto no aprendizado quanto no ensino, por isso essa afetividade não só pode como deve existir em sala de aula. Escrevendo isso, recordo-me das inúmeras vezes em que me vejo envolvida em conversas com meus alunos em que o riso é permitido entre uma troca ou outra de experiências.

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 1996, p. 160).

Recordo-me ainda de alguns dos meus professores e de alguns professores com quem convivo como colegas de trabalho e dos comentários que ouço dos alunos. Vejo que o professor autoritário, que se coloca acima e distante dos alunos e trata essa relação com muita frieza e rigidez acaba, na verdade, dificultando o processo de conhecer, pois cria uma barreira que afeta diretamente esse processo. Como você mesmo diz, “A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.” (FREIRE, 1996, p. 159).

Agradeço mais uma vez por essa oportunidade de troca que temos tido, em breve lhe escrevo novamente.

Abraços de uma professora,
Ariane

5.3 Corpo consciente e consciência crítica

É preciso pensar o corpo não como algo separado da mente, do restante do mundo, pois o corpo é o concreto do nosso ser, e com ele experimentamos o cotidiano. Como podemos separá-los se o corpo, na verdade, é sempre o primeiro que sente toda e qualquer situação? Se há uma mudança, algo diferente acontecendo, a primeira resposta vem dele, do corpo; se estamos em algum lugar onde não nos sentimos à vontade, o corpo recua, o corpo reage se acuando, desejando não estar ali. O corpo tem a capacidade de sentir tudo, antes mesmo de a nossa consciência ser alcançada. E como nosso corpo é treinado desde criança a obedecer, a ocupar somente o espaço que lhe é dado – na escola, desde pequenos, somos condicionados a nos limitar a ficar sentados numa cadeira, com uma carteira na posição correta – aprendemos a conter as reações do corpo, a não dar ouvidos a ele, e sem corpo não há como pensar criticamente nossa realidade.

Uma das participantes da capacitação chama atenção para a importância da

[...] possibilidade de olhar para si também enquanto corpo, de se expressar também com o corpo, de se ouvir e de se comunicar não só com a fala e o pensamento, mas materializar em movimento... (Participante 2, narrativa de 10/11/2014).

É fundamental não esquecer que os efeitos dos preconceitos em geral também tomam o corpo, uma certa relação com ele. “Isso não é para menina”, “mulher não deve se comportar dessa maneira”, ou aqui ou ali “não é lugar apropriado para a mulher estar.”

E percebemos o quanto nos calamos. O quanto calamos nossos corpos e nossas vozes no cotidiano. O quanto é preciso se expressar e se colocar diante desse mundo. Aprendemos que um dos ensinamentos mais fundamentais desse curso é que precisamos nos dar o direito à fala, à expressão. É esse impedimento - que para nós mulheres parece ainda maior, visto pela quantidade de mulheres que transbordaram em choro nesse encontro – que parece ser a opressão maior das formas que são colocadas como modos de ser e estar nesse mundo. (Participante 2, narrativa de 05/11/2014).

Lembro-me que quando entrei na Faculdade de Projetos Mecânicos, percebi primeiramente em meu corpo o que seria estar ali, naquele mundo considerado exclusivamente masculino. Na aula inaugural, o professor palestrante, em um momento da sua fala, citava os cursos e os alunos da plateia levantavam a mão para dizer que aquele que ele tinha elencado era o curso escolhido. Quando ele indica Projetos Mecânicos, eu, sentada lá no fundo, levanto a mão empolgada, sem ao menos reparar nas outras pessoas que também levantaram a mão, e nesse momento o professor fala: “só homens, bom, esse curso não é mesmo para mulheres”. A minha primeira reação foi corporal: senti o corpo esquentar e avermelhar, e, em seguida, pensamentos invadiram a minha cabeça, impedindo-me de participar daquela aula inaugural. Meu corpo inquieto e incomodado demonstrava a insatisfação com aquele comentário. Durante o curso todo, enfrentei outras situações como esta, que fizeram meu corpo reagir, em que a expressão “sentindo na pele” realmente fez sentido, tornando evidente aquela recusa, aquela “anormalidade” em ser mulher na área da mecânica. Eu poderia trazer aqui inúmeras situações em que o corpo é o primeiro que sente e reage, e também como somos o tempo todo condicionados a fazê-lo se adequar em uma ou outra situação, amputando aquilo que sente.

Como podemos abrir espaço para esse corpo, torná-lo consciente de si mesmo e do mundo, fazendo com que ele caiba nas várias situações do cotidiano? Como o corpo pode acolher as diferenças, desde as físicas até as de atitudes e

modos de ser? Estas perguntas são importantes, pois sem o corpo, ele também oprimido, não temos como chegar a

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que "este constitui uma parte da pessoa humana" e que a "pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se" [...] (FREIRE, 1978, p. 217).

Creio que para "inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens" (FREIRE, 1978, p. 217) é preciso abrir espaço para o corpo e para os conhecimentos produzidos pelo sujeito, é preciso, reconhecer a existência dos sujeitos de todas as maneiras.

Penso que, para mim, em relação à questão do corpo, o momento mais intenso durante a capacitação, e que chamou minha atenção, foi o sábado de atividades desenvolvidas na Fefiso. No período da manhã, a Carmem desenvolveu com alunos atividades que iam de alongamentos, reconhecimento do corpo e do espaço e contato entre os alunos, e essas atividades foram a preparação para a seguinte, que era a construção dos ninhos. No período da tarde, tivemos um momento em que, em círculo, deixamos espaço para que todos colocassem as sensações experimentadas nas atividades feitas durante a manhã. Lembro-me que a grande maioria dos participantes fazia relatos emocionados, alguns dizendo não saber quando havia sido a última vez em que tinham parado e prestado atenção no corpo, que fizeram movimentos que há muito tempo não faziam, e discutimos sobre o quanto somos obrigados a deixar esse corpo de lado, como se não tivesse importância alguma. Lembro-me de um comentário de um dos participantes que dizia mais ou menos assim: *"Não é a minha mão ou meu pé, e sim sou eu, esse é meu corpo e preciso dele"*.

Aquela roda de conversa refletia a opressão sofrida pelos corpos que ali estavam e a emoção vinha da consciência desse corpo e da sua possibilidade de liberdade.

6 ESCUTANDO AS ASAS DOS PÁSSAROS

6.1 Linha do tempo

Figura 17: Imagens do Encontro no Viveiro de Projetos

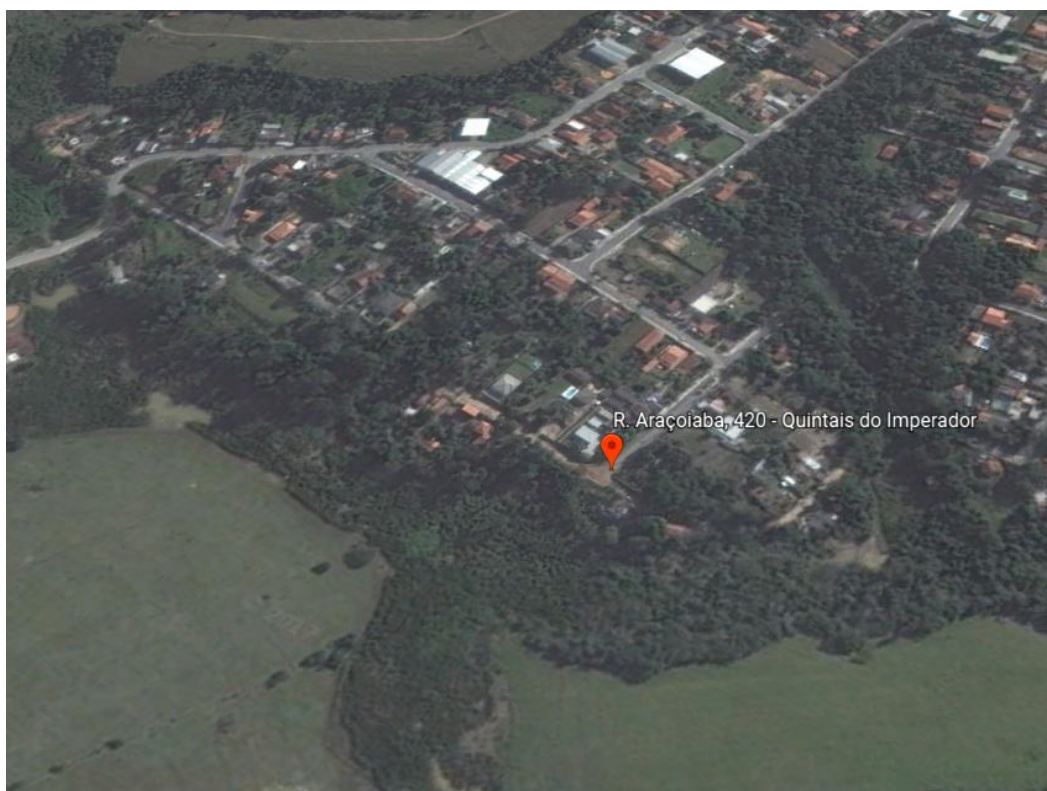


Fonte: Arquivo Pessoal

Escutei atentamente uma história da mitologia grega sobre as moiras. As moiras eram três irmãs responsáveis por determinar o destino dos deuses e dos seres humanos. Eram três mulheres um pouco sombrias, que fabricavam, teciam e cortavam aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Para isso, elas utilizavam a Roda da Fortuna, que é o tear usado para se tecer os fios. As moiras decidiam o destino individual de todos, dando voltas na roda da fortuna posicionando o fio da vida do indivíduo na parte mais privilegiada (topo) ou na parte menos privilegiada (fundo), e essa divisão, topo e fundo, explica os períodos de boa e má sorte das pessoas, no sentido dos momentos mais desafiadores e difíceis e daqueles onde tudo parece fluir.

*

Figura 18: Vista do Viveiro de Projetos



Fonte: Google Earth

O último encontro deveria ocorrer em dezembro de 2014 e seria no Viveiro de Projetos. A sede do Viveiro de Projetos é uma chácara situada próxima de estrada de terra, de difícil acesso e bem afastada, que fica entre a cidade de Sorocaba e Iperó. No dia previsto para o encontro, choveu a noite toda. Acordei por volta das cinco horas da manhã preocupada se deveríamos cancelar ou não o encontro. Por volta das seis da manhã, o André, que também já conhece o Viveiro e a estrada, me ligou e em conversa, por segurança, achamos melhor cancelarmos o encontro. Fiquei responsável por avisar via e-mail e Facebook e o André faria o mesmo por telefone. Conseguimos até por volta das seis e meia da manhã avisar todos do cancelamento do encontro.

Conseguimos remarcá-lo apenas para fevereiro de 2015. Nesse intervalo, os participantes se dedicariam ao trabalho de conclusão de curso, assim fiz algumas orientações com cada grupo para ajudá-los nessa finalização.

Nos encontramos no terminal São Paulo por volta das oito horas da manhã. Para minha surpresa, quando cheguei praticamente o grupo todo já estava lá, acredito estavam ansiosos com o reencontro, alguns deles eu não via desde o ano anterior. Naquele sábado, estava um dia lindo, muito sol, temperatura agradável, perfeito para irmos ao Viveiro.

*

Fizemos um comboio até lá e, ao chegarmos, fomos recebidos pelo Marcel Frezza²¹, que é o responsável pelas atividades desenvolvidas no Viveiro. Combinamos para este encontro um lanche comunitário, considerando a distância entre o Viveiro e a cidade. Tomamos um rápido café e fomos para o galpão, onde o Marcel se apresentou, falou um pouco do Dragon Dreaming²² e conduziu a primeira atividade que ele nomeou de linha da vida.

Ele explicou que esta atividade era mais completa, mas que ele iria resumi-la por conta do tempo, então contou a história das moiras, da mitologia grega. Entregou-nos pedaços de barbante que representavam a linha do tempo da nossa

²¹ Graduado em publicidade e propaganda e pós graduado e sustentabilidade integral. Participante do projeto Viveiro de Projetos.

²² Dragon Dreaming é um sistema integrado e um método completo para a realização de projetos criativos, colaborativos e sustentáveis. O Dragon Dreaming é para sonhadores e pragmáticos, para os guerreiros e esperançosos, para os otimistas e idealistas, filósofos e amantes da natureza.

vida. Escrevemos em post-its três pontos positivos e três pontos negativos de cores diferentes que correspondiam a momentos de mudança da nossa história. Atrás deles, marcamos os sentimentos que aquele acontecimento tinham gerado e, feito isso, colamos no barbante. Colocamos também a marca do meio da nossa vida, o nascimento e a idade atual. Todas essas referências foram colocadas mais ou menos no tempo proporcional dentro dessa nossa linha da vida. Fizemos o ritual do nascimento, recebendo de três pessoas a linha da vida e depois colocamos os pontos que o Marcel havia pedido. Nesse momento foi muito interessante, parar e ver a minha vida diante dos meus olhos, pensar como aqueles fatos marcantes acabaram determinando muita coisa, muitas escolhas que acabei fazendo, interessante também perceber o tempo que passou e o tempo que, teoricamente, ainda tenho.

*

Depois que todos estavam com a linha da sua vida pronta, escolhemos uma dupla e um local reservado onde contamos um para o outro nossas vidas, mas esse contar foi feito em terceira pessoa e, nesse momento, a outra pessoa deveria praticar a escuta sensível, que é o escutar de verdade, mas somente escutar, sem o direito de interferir ou perguntar nada sobre o que estava sendo contado. Escolhi o André como parceiro e fomos para a casa da árvore, um dos lugares que mais me agradou no Viveiro, pois ter uma casa na árvore é um sonho de infância. Comecei contando a minha história, e era estranho e difícil contar coisas tão importantes para mim em terceira pessoa. Na realidade, foi muito emocionante olhar minha vida “de fora” e explicar como tudo foi tomando um rumo em razão daqueles acontecimentos anotados nos pequenos papéis. Já muito emocionada, terminei a minha história e me posicionei para fazer a escuta da história do André. Aquela era segunda capacitação em que trabalhava junto com ele na organização, nos reunindo sempre aos sábados, quinzenalmente. Mas, naquele momento, percebi que não sabia nada dele, que não tinha praticamente nenhuma informação sobre ele, além das construídas ali no curso. Com muita emoção, ele também contou sua história em terceira pessoa, nos abraçamos num gesto de conforto, sem nenhuma palavra, mas com a sensação de que se nada daquilo que escrevemos nos post-its tivesse acontecido, coisas boas e coisas ruins, não estaríamos ali: aquilo tudo era a nossa história.

*

Ao sinal combinado com o Marcel, um toque do tambor, voltamos a nos reunir no galpão. Ele não deu muito tempo para conversa e já passou a próxima tarefa: escolher um lugar e ficar sozinho por uns quinze minutos, mas sozinho mesmo, com os próprios pensamentos e com a paisagem do Viveiro, e assim que o tambor voltasse a soar, voltaríamos a nos reunir no galpão. Escolhi um local não muito distante dali por causa das plantas e flores, e fiquei observando o céu, como sempre meu ponto de observação preferido, e a paisagem ao longe. Dali, dava para enxergar o morro Ipanema, o mesmo que também contemplamos da Flona, e toda a vista privilegiada do Viveiro. Fiquei ali, sem me preocupar com o tempo, quando então vi muitos pássaros no céu voando na direção do local onde eu estava. Naquele momento, ouvi um barulho que nunca tinha ouvido antes: o som do movimento das asas dos pássaros. Aquele som novo fez voltar toda a emoção da minha história de vida contada a pouco ao André, e os pensamentos e sentimentos borbulhavam em mim. Após um tempo, que particularmente não sei dizer se foi aquele combinado, ouvi o tambor e retornei ao galpão.

Marcel nos contou que essa última atividade é chamada de imersão na natureza e, normalmente, no curso de Dragon, é muito mais longa: as pessoas ficam sozinhas no meio da mata por volta de doze ou vinte e quatro horas para poder ter realmente esse tempo consigo mesmas, para organizar os pensamentos, coisa que, normalmente, no dia a dia, acabamos não fazendo ou fazendo com interferências externas. Marcel explicou sobre o ato de sentar em círculo, para que não houvesse líderes e todos pudessem se ver, e falou sobre o bastão da fala, foi com ele que os comentários sobre as atividades do período da manhã foram acontecendo. Comentários profundos, eu ainda emocionada, só consegui compartilhar sobre o novo som que tinha ouvido, e nada mais além disso. Antes do almoço, o Marcel apresentou para o grupo os espaços disponíveis no Viveiro.

Fomos para o almoço, a mesa com as comidas compartilhadas foi colocada do lado de fora da casa do Viveiro, e cada um se serviu e encontrou um local para se acomodar e fazer sua refeição. Dessa vez, havia uma grande variedade de opções vegetarianas. No período da tarde, reservamos um tempo para uma roda de

conversa com Bruno Franques²³, mas como ele chegaria um pouco mais tarde, usamos este intervalo para conversar um pouco mais sobre os trabalhos de conclusão de curso e sortear uns brindes (camiseta e botons) que o Professor Marcos Reigota havia trazido do último encontro com o Grupo Internacional Reletran.

Bruno Franques, chegou por volta das quatorze horas, iniciamos a conversa, momento em que ele foi apresentando a sua trajetória, os projetos com os quais está envolvido, como o Fórum Social Sorocaba, Amaranto Orgânicos, Colégio Viver em Cotia e os trabalhos realizados no Viveiro de Projetos, e sobre sua militância.

Poder olhar para a minha própria vida através da linha do tempo e a oportunidade de ouvir sobre a linha do tempo de um colega ajudou a ampliar minha visão e percepção sobre mim mesma e sobre uma pessoa que estava o tempo todo perto, mas que nunca eu tinha enxergado daquela maneira.

As atividades na parte da manhã e a conversa com o Bruno Franques na parte da tarde reafirmam as possibilidades que aquele espaço comunitário nos traz: um viveiro de saberes daqueles que estão ali participando, onde se cultiva sonhos, com o uso de ferramentas colaborativas, buscando experimentar, pesquisar e criar encontros para fortalecimento de redes, multiplicando conhecimentos e possibilidades.

6.2 Elefantes no ar

Sorocaba, 13 de setembro de 2017.

Queridos participantes e colaboradores do Reletran,

Ao longo desse trabalho de muitas páginas, pude expor e comentar vários momentos que tivemos no Reletran. Sei que alguns são únicos e, por mais que eu tenha tentado contar, só quem participou sabe o impacto das atividades e dos locais que visitamos, e o que realmente mudou ou tocou cada um.

Decidi escrever essa carta a vocês para podermos dialogar um pouco mais sobre algumas questões presentes no Reletran. Um assunto sobre o qual falei muito

²³ Sociólogo. Mestre em Educação pela UFSCar Sorocaba, na linha de pesquisa Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. É produtor cultural, pesquisador, educador, cientista social, comunicólogo, designer, artista multimídia, ecologista, articulador político e ativista social.

ao longo do meu trabalho é a carona solidária. Nós que a praticamos em todos os encontros sabemos da facilidade e dos momentos gostosos que essas caronas possibilitaram e qual a importância disso, mas para o meu trabalho era preciso criar uma maneira de mostrar que a carona solidária tem outras dimensões que também são importantes. Como podemos medir o impacto ambiental que teve a carona solidária? O impacto ambiental dos momentos agradáveis que passamos não é possível ser medido, fica por conta das muitas sensações que cada um experimentou, mas tem algo além disso que de alguma maneira dá para ser mensurado. Fiquei um tempo pensando sobre isso e decidi utilizar a matemática, que eu tanto gosto, para tentar demonstrar de uma maneira um pouco mais concreta esse outro impacto.

Na primeira parte do capítulo, Caminhando como em Abbey Road, fiz uma tabela com todos os locais dos encontros e a distância total em quilômetros percorridos durante a capacitação; entre indas e vindas, foram 264 quilômetros. Comecei os cálculos pensando em valores de combustível, então vejamos: em média um carro popular faz 15 quilômetros com um litro de gasolina e, em média também, o preço por litro é R\$ 3,30, com isso, para um carro percorrer os 264 quilômetros irá gastar aproximadamente 18 litros, totalizando R\$ 60,00. Em cada encontro, aproximadamente, tínhamos 30 pessoas participando, entre colaboradores e participantes, assim, se cada um fosse com o seu carro teríamos 30 carros percorrendo essa distância, totalizando 540 litros de gasolina, no valor aproximado de R\$ 1.800,00. Com a carona solidária, tínhamos então 5 pessoas por carro em média, reduzindo a quantidade de carros de 30 para 6, e o consumo de gasolina de 540 litros para 108, no valor de R\$ 360,00, o que significou uma redução de 80%.

Com esse cálculo, temos uma ideia de quanto, financeiramente, conseguimos economizar praticando a carona solidária. Mas eu queria ir além disso, queria ver quanto isso representa “em termos de ar”, isto é, quanto de poluentes nós deixamos de emitir ao não utilizar cada um a sua própria condução. Para tentar trazer isso, comecei pesquisando as substâncias poluentes que um veículo pode emitir, e os principais são: Monóxido de carbono (CO), Hidrocarbonetos (HC), Dióxido de enxofre (SO₂), Aldeídos (CHO), Dióxido de carbono (CO₂), Óxidos de nitrogênio (NO_x) e Material particulado (MP).

Encontrei na Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades um artigo chamado “Emissão de gases poluentes por veículos automotores em área urbana”,

onde eles fazem um estudo sobre os gases emitidos por cada tipo de carro e chegam a um valor aproximado de quanto dióxido de carbono (CO₂), conhecido como gás carbônico, cada carro emite por quilômetro rodado. Segundo o cálculo, a cada 7,5 quilômetros um carro comum a gasolina emite 0,0663 GgC (Giga grama de Gás Carbônico). Mas, afinal de contas, o que é Giga grama? Grama nós sabemos, é uma unidade de medida que faz parte do nosso cotidiano. Já o Giga é um prefixo do Sistema Internacional que multiplica a unidade base por 10 elevado a nona potência, isso significa multiplicar por 1.000.000.000 (um bilhão), resumindo: 1 Giga grama representa a grama multiplicada por um bilhão.

Vou fazer o cálculo pensando em um único carro percorrendo a distância de 264 quilômetros utilizando os valores da pesquisa da revista que consultei. Fazendo uma regra de três com os quilômetros percorridos na capacitação, temos uma emissão de 2,33376 GgC por carro. Achei interessante o cálculo, mais ainda queria algo mais palpável, algo que desse uma visão mais ampliada e concreta do que compunha o ar. Pensando que Giga grama não é uma unidade de medida comum, transformei-a em toneladas, para tentar obter um valor mais próximo do que conhecemos. Para começar a conversão, cheguei que 1 Giga grama corresponde a 1.000 toneladas, assim, ainda utilizando a regra de três, obtemos 233.376 toneladas de partículas emitidas por um carro para percorrer os 264 quilômetros. Tentei imaginar o que são essas toneladas. Pensei então em algo grande, que fosse medido em toneladas. Considerei animais grandes e me vieram alguns a cabeça, e fui pesquisar. O animal considerado mais pesado é a baleia. Não achei bacana pensar em baleias no ar, continuei pensando em animais grandes. Poderia ser hipopótamo, rinoceronte, urso, mas optei por elefante. Mas por que elefante? Ele não tem nada com a emissão de gás carbônico por carro, é claro, mas é um animal grande que facilita para imaginarmos o que são essas partículas, por isso fiz essa associação, para que essa noção fique um pouco mais clara. Achei interessante pensar em 'elefantes no ar'. Quanto será que um elefante pesa? Pesquisei em diferentes sites e, em média, um elefante asiático ou da savana pesa 6 toneladas. Continuando o cálculo, temos então mais ou menos 38.896 elefantes no ar. Como elefantes andam em manadas de 15 indivíduos, isso resulta, aproximadamente, em 2.593 manadas de elefantes. O que quer dizer que, ao percorrer a distância de 264 quilômetros, cada carro solta no ar essa "quantidade de manadas de elefantes". Se pensarmos que utilizamos 24 carros a menos na capacitação, já que fomos em

carros compartilhados, temos uma grande redução na emissão de poluentes. Resumindo essa conta maluca, posso dizer que ao praticarmos a carona solidária nas capacitações, deixamos de emitir no ar 62.232 “manadas de elefantes” de gás carbônico, sem contar, é claro, os outros poluentes. Vocês conseguem imaginar a dimensão disso? O que nós não vemos quando andamos de carro? Então agora imagine o céu coberto de elefantes.

Espero que vocês tenham conseguido acompanhar essa matemática um pouco original. Os números nos ajudam a enxergar algo que existe, mas que não é visível, e permitem quantificar o que, sendo existente, não percebemos. Os elefantes e suas manadas nos permitem imaginar o que não vemos toda vez que utilizamos o carro. Na realidade, não emitimos apenas esses “elefantes”, nós “respiramos os elefantes” o tempo todo, de certa maneira temos “manadas” em nós.

Portanto, cada vez que nos movemos de carro, algo é alterado na composição do ar. Da mesma maneira, em todos os encontros da nossa capacitação, cada vez que movemos as pessoas para cá e para lá, fazendo atividades, refletindo, conversando, comendo, rindo, algo também muda. O que importa então é a qualidade do que muda.

Outro ponto bastante comentado ao longo da tese foram os nossos lanches comunitários. Acredito que, para além da confraternização, tivemos muitos momentos de compartilhamento e trocas: troca de receitas, de experiências, histórias de vida, impressões; um espaço aberto onde todos podiam experimentar algo diferente. Eu, muitas vezes, me surpreendia com o cardápio vegetariano e com a variedade de possibilidades de combinações para tortas, bolos e chás. Em quase todos os encontros, essa foi uma prática adotada e acredito que foi muito valiosa, sempre havia uma boa variedade e todos podiam fazer seu lanches, sem grandes problemas. Essa maneira de comer junto, para mim, é muito familiar: minha família, em almoços de domingo, reuniões e festas, sempre pratica essas refeições comunitárias, em que cada um trás um prato e compartilhamos tudo. O que é essa prática do comer junto? O que partilhamos quando praticamos isso? Quando penso em minha família, me vem o partilhamento de afetividade, pois além de compartilhar a comida, nos reunimos em torno da mesa e ali acontecem as conversas, histórias do dia a dia, piadas e brincadeiras. Permanecemos por muito tempo nessa troca, que se inicia na alimentação, mas vai muito além desse momento. Quando me recordo dos nossos lanches, penso que o compartilhamento é o mesmo, também há

conversas, histórias, risadas e, nesse momento, se dá uma grande aproximação entre os participantes. No momento do lanche comunitário, as conversas, histórias, as próprias comidas e suas receitas contam da vida de cada um, de suas preferências, de suas crenças, de seus saberes e de suas famílias: uns não comem carne, outros já comem sem problema algum, alguns preferem cozinhar doces, outros salgados, outros simplesmente (onde eu me encaixo), preferem comprar a comida para compartilhar. O compartilhamento da comida nos proporcionou muita coisa no Reletran: comer a comida feita pelas mulheres do assentamento da Flona, não só feita por elas, mas com elas e suas crianças; comer a comida servida aos moradores de rua na SOS; comer a mesma comida que é servida para as crianças na CEI, acredito que comer juntos é poder partilhar de alguma maneira um pouco da vida, da realidade de cada um.

Nós que estivemos nos encontros pudemos ter uma noção de cada um dos lugares por onde passamos. Como era o bairro e o entorno dele, conseguimos conhecer um pouco da região e do local daquele encontro. Mas e aqueles que não participaram? Para tentar trazer algo disso para o texto, utilizei na abertura dos encontros algumas imagens do local da capacitação. E, além disso, utilizei o Google Earth, capturando a imagem de satélite, com o objetivo de mostrar para o leitor um pouco do local que visitamos. Mas por que isso? Penso que, para quem não participou do encontro e não conhece os locais visitados, o nome do lugar apenas um nome, não diz nada efetivamente do que pode ser aquele local. E quanto menos conhecemos o lugar, mais a imaginação toma conta e assim é possível imaginar tudo. Mas nem sempre o que imaginamos corresponde à realidade. Não estou dizendo que essa imaginação é ruim, mas tentei de alguma maneira trazer algo que ajudasse a enxergar o lugar e seu entorno e a alimentar essa imaginação de outra maneira, com outras coisas. Com as imagens do Google Earth, não temos a visão de tudo, mas podemos enxergar um pouco a densidade demográfica do local, se existe área verde ou não, o que permite ter uma outra ideia do que há ali. Acredito que as imagens ajudam a pensar sobre aquele lugar. O mapa não mostra as pessoas, os fazeres de cada um, nem as atividades que realizamos em cada lugar, enfim, não mostra os cotidianos das pessoas, mas mostra um pouco de onde tudo isso se passou. Então os mapas não mostram tudo, mas juntando fotos e mapas acredito que nos ajudam um pouco na aproximação da experiência.

Tirei muitas fotos de cada encontro, e após cada um compartilhamos algumas no grupo que temos no Facebook. Ao selecionar as imagens para o texto, preocupei-me que fossem das atividades coletivas, onde aparece o grupo trabalhando. Tentei traduzir em imagens o que considero importante nos encontros: a informalidade presente nas rodas de conversa, nos círculos de pessoas sentadas na grama, no chão, enfim, aquilo que na capacitação dizia respeito a ter vez e voz. No texto, coloquei algumas imagens juntas antes de cada encontro, não as espalhadas pelo texto para que não ficasse a impressão de que aqueles momentos coletivos foram pontuais, pois na verdade não foram, eles aconteceram o tempo todo; na verdade, as imagens, desta maneira, ajudam o leitor a ter uma ideia do que compunha o universo daquele encontro.

Lembram que a cada encontro eu pedia narrativas para vocês? Elas foram de grande importância para a escrita da tese. Usei partes destas narrativas em meu texto, mas tive o cuidado de não identificar de quem eram. O que eu fiz com elas: li todas e trouxe para o texto alguns trechos onde o que vocês escreveram dialogava com as ideias que minha escrita apresentava.

Eu não sei vocês, mas eu, quando lembro dos encontros que tivemos e dos momentos que passamos, sinto a afetividade e amorosidade do grupo, e creio que isso possibilitou a liberdade e o espaço que construímos juntos para a troca e o aprendizado, em comunidade. Acredito que esse comunitário, esse estar em comunidade como bem comum, deve ser levado em conta e praticado o tempo todo. Trago comigo essa experiência como uma grande oportunidade de abertura de pensamento e principalmente abertura ao próximo, ao outro, ao diálogo. Essa liberdade que experimentamos tem que estar presente na educação para que ela seja possível.

O que é preciso para estar em comum? Para que esse comum seja construído nos valem de Paulo Freire, que utilizamos muitas vezes sem tocar no seu nome, simplesmente pelo fato de praticar a liberdade, a consideração em relação aos conhecimentos de cada um, o levar em conta os saberes locais e das pessoas que visitamos: isso é o mais puro pensamento e prática freireanos. Esse estar em comum é feito, inclusive, de coisas muito simples, pois estar na mesma mesa, comer da mesma comida, é perceber aquele outro como um diferente, mas é enxergar a diferença e respeitá-la, aprendendo com ela.

A capacitação foi um espaçotempo afetuosos, no qual, em vários momentos, fomos convidados a nos abrir para coisas novas, lugares novos, pessoas novas, comidas novas, a construir um espaço para a experimentação, para a construção do comum em comum.

Para nós que participamos, é fácil entender e afirmar a importância de cada momento, local, atividade, mas acredito que, para quem está de fora, fica um pouco difícil perceber o que daí resulta ou a contribuição maior da capacitação. Talvez esse seja um dos pontos mais importantes do Reletran: as mudanças, as construções, as conquistas feitas em cada encontro, por cada pessoa, e pelo grupo.

Bom, espero poder ter outras oportunidades de troca com vocês e que esse tipo de espaço seja cada vez mais ampliado, não só na universidade, mas em outros locais.

Abraços fraternos de uma companheira,
Ariane

6.3 Universidade para todos

Sorocaba, 14 de outubro de 2017.

Prezado Reitor Fernando de Sá Del Fiol,

Embora não tenhamos tido oportunidade de conversar pessoalmente, e sabendo que esse é o último ano da sua gestão como reitor da Universidade de Sorocaba (Uniso), gostaria de deixar registrada aqui a importância de um dos movimentos que aconteceram durante sua gestão.

Como já é de seu conhecimento, de 2012 a 2014, através do contato do meu orientador, professor Marcos Reigota, a Uniso participou de um projeto denominado Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional (Reletran) que reúne doze universidades e onze organizações não governamentais na Europa e na América Latina. Em Sorocaba, esse projeto aconteceu na Uniso, com a parceria da Associação Lua Nova. Acredito que seja de seu conhecimento também que foram realizadas duas capacitações durante esse período, uma em 2013 e outra em 2014, sendo que todos os colaboradores participaram voluntariamente e os encontros aconteceram em vários locais de Sorocaba e região. Essas capacitações foram

chamadas de "Curso Experimental de Capacitação: Práticas Sociais e Processos Comunitários Sorocaba".

Durante as capacitações, contamos com o envolvimento de muitas pessoas: professores, alunos, familiares de alunos, inspetores, estagiários, ativistas de ongs, funcionários ou moradores dos locais visitados, onde desenvolvemos várias atividades, sempre tendo a oportunidade de conviver e compartilhar experiências com a comunidade.

Minha tese, realizada nessa universidade, aborda a importância de desenvolver esse tipo de trabalho em uma universidade comunitária, trabalhando com a ressignificação da pedagogia de Paulo Freire, tão presente em algumas linhas de pesquisa, e como isso afeta não só a universidade, mas a comunidade em geral. Gostaria de registrar aqui o quanto esse projeto, no seu desenrolar, expandiu os horizontes daqueles que participaram, possibilitando trocas de experiências e saberes.

Imagino que o senhor se recorde quando, em 2012, conversamos sobre minha ida para uma das reuniões do grupo do Reletran que aconteceria na Espanha. Viagens como essa foram oportunizadas para vários outros participantes, alguns dos quais, até então, não tinham tido chance de participar de atividades acadêmicas e de pesquisa fora do país.

Não temos a dimensão do quanto e de que maneira esse projeto afetou a vida de cada um e das comunidades onde ele foi desenvolvido, de que maneira cada um e cada local que visitamos foi transformado - e minha tese procura exatamente dimensionar e refletir sobre isso. Mas posso afirmar que projetos como esse caminham lado a lado com a missão da Uniso que, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, busca produzir conhecimentos e formar profissionais para serem agentes de mudanças sociais.

Agradeço por sua gestão ter dado espaço e possibilidade para que projetos como esse sejam desenvolvidos na universidade e, mais uma vez, quero deixar registrada a importância desses projetos para a reafirmação da Uniso como uma universidade aberta para a comunidade.

Abraços de uma professora pesquisadora,
Ariane Diniz Silva

6.4 O caminhar

Sorocaba, 21 de outubro de 2017.

Querido Marcos,

Escrevo essa carta para conversar um pouco com você sobre esse processo que está acabando: a escrita da tese. Um longo caminho foi percorrido até aqui, e acredito que, mesmo com todas as dificuldades que enfrentei, consegui ultrapassar cada uma, com a sua ajuda e de várias outras pessoas.

Lembro-me de você me incentivando, na banca de defesa do meu mestrado, a não parar naquele momento, então, seis meses após finalizar o mestrado, em 2012, comecei a cursar disciplinas como aluna especial do doutorado. No início, minha intenção de pesquisa era outra, mas conversando resolvemos construir o projeto da tese sobre a experiência do Reletran, mais especificamente voltado para a segunda capacitação. A ideia inicial era trabalhar com narrativas, minhas e dos participantes do Reletran. Após as capacitações, entreguei para você as que tinha construído, todas ainda muito no início, com muitas informações de data, horário e com pouca emoção, sentimento. A partir dessas narrativas iniciais e daquelas recebidas dos participantes meu trabalho iria crescer. Sabendo da minha dificuldade com a escrita, que já me acompanhava desde o mestrado, você me sugeriu, em outubro de 2015, procurar a Ana Godoy, que realizava um trabalho de acompanhamento de processo de escrita, na época ela já acompanhava uma outra orientanda sua e você acreditava que isso me ajudaria bastante. Fiz contato com a Ana, mas por questões de agenda, só começamos esses exercícios em janeiro de 2016. No começo, eu não entendia muito bem como todas aquelas mudanças que ela propunha iriam afetar meu texto. A primeira mudança foi no espaço onde eu escrevia: de quarto da bagunça, que era o local onde eu colocava tudo que não tinha lugar para guardar na casa, foi transformado no meu escritório, muito mais *clean*, com muito mais espaço e mais confortável também, não era mais um lugar qualquer. Após isso, ela propôs mudanças no meu dia a dia, atividades novas, assistir filmes diferentes, ir à feira, andar pelo bairro e até cozinhar – uma das tarefas era fazer uma sopa, e essa foi a primeira vez que fiz uma.

Olha Marcos, confesso que não entendia nada e até chegava achar que nada daquilo iria mudar a minha escrita, mas, com o tempo, as novas experimentações

me ajudaram a também começar novas experimentações no texto e as narrativas mais sensíveis começaram a surgir. Faço encontros com a Ana semanalmente desde então, e ela vem cuidando desse grande universo que é a escrita.

As minhas reuniões de orientação com você continuaram, e a cada reunião eu levava as novidades que estavam surgindo para você. Lembro claramente quando entreguei uma primeira parte do que tinha escrito e você ficou encantado com o tamanho do texto que eu estava entregando e aquilo me encheu de orgulho. Com o caminhar das narrativas, fui agrupando os encontros de uma maneira que foram surgindo eixos como infância, invisibilidade, corpo e bio:grafia. Para cada um desses eixos, eu reunia os autores e textos que eu poderia trabalhar – isso se aproxima muito da seleção dos legumes para uma boa sopa: é preciso saber do que gostamos!

No meio desses eixos, em junho de 2016, surgiu a participação no El Consejo Europeo de Investigaciones Sociales de América Latina (CEISAL). Produzimos um texto em conjunto para apresentarmos nesse congresso internacional que aconteceria em Salamanca. Para mim, foi uma dificuldade produzir este texto, porque tinha a impressão de precisar colocar toda a minha tese ali e não tinha nada pronto ainda, mas, por outro lado, foi muito importante, pois me ajudou a construir a parte teórica da minha pesquisa. Após o congresso, continuei com a escrita, com os encontros com a Ana e com as nossas reuniões. O trabalho estava tomando uma forma, e isso me deixava cada vez mais satisfeita, como era importante para mim conseguir me reconhecer naquele trabalho e ter liberdade para a escrita.

Os exercícios de escrita e todas as mudanças que a Ana propôs foram colaborando muito com o meu próprio crescimento e da minha escrita também. Em um determinado momento, ela me pediu, em um dos exercícios, a escrita de uma carta, com isso, conversando, percebemos que a escrita ficou muito mais leve e mais solta. Conversando, Ana me perguntou se eu já havia escrito cartas e eu respondi que sim, que era uma prática comum quando mais nova, e só nesse momento eu me dei conta de que estava na verdade resgatando um conhecimento meu, um fazer que eu já praticava, mas que ficou deixado no passado. Essa percepção tem muito a ver com as colocações de Paulo Freire, não é mesmo? Assim, foi adotada essa estratégia para dar conta dos textos da tese. Em um primeiro momento, a ideia era transformá-las, posteriormente, em textos dissertativos, mas as cartas me trouxeram tanto espaço para desenvolver a escrita

que o trabalho começou a tomar o formato que temos hoje: construído basicamente em torno de cartas para autores, pessoas que participaram do Reletran e pessoas próximas a mim.

Como você sabe, Marcos, as suas indicações de leitura de Paulo Freire foram essenciais para o meu trabalho. E escrever cartas para Paulo Freire foi muito bom, além de fundamental para minhas reflexões, contribuindo para o crescimento não só da minha tese, mas da minha prática pedagógica, das pesquisas e da minha vida.

Me lembro da nossa primeira conversa e de como você se dispôs a me acolher naquele momento em que eu não tinha mais um orientador, e sou muito grata por ter tido a oportunidade dessa mudança, pois tudo isso foi importante para meu desenvolvimento pessoal. Agora, estamos encerrando uma parte de um ciclo, mas sei que temos muitos trabalhos ainda para desenvolver além desse, e isso me deixa muito feliz. Bom, não vou me demorar mais nessa carta, pois ela me emociona, mas quero mais uma vez agradecer imensamente todo o apoio de sempre.

Abraços carinhosos,

De sua orientanda

Ariane

And in the end,
the love you take
is equal to
the love you make

Beatles, The End

7 PEQUENOS FINS PARA COISAS INFINITAS

Sorocaba, 23 de outubro de 2017.

Querido Paulo,

Após um longo período de correspondências, acredito que essa seja a última carta que vou lhe escrever. É a última carta desse longo processo que foi a minha tese, esse processo em que cada carta escrita me ajudou a pensar, refletir e analisar, não somente a capacitação no Reletran, mas principalmente o meu cotidiano dentro e fora da universidade. Mais uma vez, ressalto a importância que seus livros e seu legado tiveram nisso tudo. Confesso que só com a escrita de cartas pude realmente me aproximar das suas práticas e enxergá-las de uma maneira diferente. Vou tentar trazer para essa última carta, com a sua ajuda, uma análise do papel político que o Reletran teve na Uniso como universidade comunitária que é. Preciso te dizer, Paulo, que estou em um momento bem estranho na minha escrita, já passei pelo processo de qualificação do meu trabalho e são muitas as sensações misturadas: sensação de felicidade, por ter sido qualificada, sensação de finalização e também uma sensação de vazio, em que todo esse processo de quatro anos está se aproximando de um fim. Sei que é o fim dessa parte do processo e que tenho muita coisa pela frente ainda, para além desse trabalho, mas esse pequeno fim me traz um grande vazio, como se ainda não soubesse como isso será preenchido. Acredito que vou sentir muita falta de escrever para você, Paulo, talvez esse seja o motivo de estar sendo difícil escrever essa última carta: um querer que tudo isso não acabe.

Bom, quando vejo a tese concluída, tento pensar em como trabalhamos no Reletran. Acredito que a ideia “para caminhar junto não precisamos caminhar igual”, que dá nome ao texto que encerra o segundo capítulo, resume e mostra bem o que foi a capacitação e como praticamos nela o seu pensamento: respeitar e considerar sempre os saberes das pessoas e dos lugares que percorremos, praticar uma educação não linear, feita do que tínhamos e do que encontrávamos, onde todos estavam ali para ensinar e aprender, todos tinham voz, em que havia espaço para o

diálogo e a amorosidade, sempre presente entre os participantes, na prática de uma educação libertadora.

Durante a capacitação, a cada encontro, fomos a um lugar diferente. Usamos espaços diversos, comemos comidas diferentes e convivemos e trocamos experiências com pessoas também diferentes. O grupo era heterogêneo, composto de professores, alunos, familiares de alunos, inspetores, funcionários ou moradores dos locais visitados, estagiários, ativistas de ongs, entre outros. Estar em um local diferente, tentar perceber de fato a realidade do local, ouvir e conversar com as pessoas dali, comer com elas, trocar receitas, não mensurando os saberes, é valorizar e entender que todo e qualquer conhecimento é importante e necessário. Em todos os encontros praticamos rodas de conversas, tivemos muitos momentos em que todos podiam falar e compartilhar seus pensamentos, esses momentos compartilhados foram os mais ricos em trocas e reflexões. Acredito e confio na importância deles, e no quanto isso fez diferença em nossa formação como pessoas, profissionais e cidadãos no mundo.

Penso que – e acho que você vai concordar comigo –, quando as pessoas têm espaço e voz, elas saem da invisibilidade, mas existem vários tipos de invisibilidade. Acredito que muitas vezes só paramos e tentamos enxergar algumas coisas quando nos deparamos com elas, daí a importância de poder olhar para alguns tipos de situação de marginalidade e, por vezes, nos enxergarmos nelas também.

Para poder enxergar e entender essas invisibilidades, é necessário se abrir para as coisas, pessoas e situações novas, é ter a oportunidade de se colocar no lugar do outro e assim se fazer existir. Se ficarmos na mesmice de sempre, como nos diz Chico Buarque na música *Cotidiano* – “Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã...” –, não temos espaço para o novo, para o não planejado. Entendo o Reletran como algo que propiciou esse espaço, essa abertura para o novo, para o diferente, possibilitando às pessoas se abrirem e enxergarem algumas coisas de outra maneira. Não foram grandes mudanças ou mudanças extremas, mas pequenas coisas, pequenas mudanças de hábito que juntas ganham força: como almoçar juntos, dar carona, conhecer outros modos de viver e trabalhar, e ter tempo para si e para o outro.

Ainda sobre essa falta de tempo, reflito aqui sobre como é tirado, aos poucos, das crianças esse tempo e, junto com ele, a facilidade que elas têm de tornar

qualquer coisa ou qualquer lugar um espaço para brincar. Conforme as crianças vão crescendo, esse espaçotempo do brincar vai desaparecendo, e as crianças são forçadas a irem se adequando a um padrão de comportamento, de tempo e de espaço outro. A infância acaba sendo uma coisa perdida, deixada de lado, pois o adulto é aquele que não pode e não tem tempo para brincar. O Reletran trouxe para os participantes esse tempo; esse brincar, que é um criar, tinha espaço para acontecer. Fazer as coisas com o prazer de construir algo com aquilo que trazemos conosco, dar importância aos nossos saberes e espaço para os saberes dos outros. Paulo, aqui você me ajudou a pensar, quando diz que somos sujeitos inacabados que convivemos, trocamos experiências e reflexões, e que é preciso respeitar todos os saberes, os sujeitos e as suas histórias.

Acredito, assim como você, que a educação vai muito além da educação formal que acontece em uma escola ou numa universidade, a educação pode estar em todos os lugares, ela é muito mais ampla e pode acontecer em qualquer lugar, basta estar disposto a se abrir para as coisas do mundo.

Me pergunto quantas vezes eu já não teria tido a oportunidade de escutar as asas dos pássaros. Mas precisei estar ali, sozinha, disponível, aberta para poder ouvir aquilo e poder sentir toda a emoção que aquilo me trouxe. O sujeito inacabado vem daí, um sujeito que abre espaço nele mesmo para a própria transformação, espaço para trabalhar a disponibilidade para o mundo, ter tempo para ouvir, sentir e se emocionar com as coisas.

O corpo está sempre presente nesse sujeito inacabado, é ele que experimenta toda a alegria ou toda a insatisfação que a pessoa sente, é ele que nos acompanha nessa possibilidade de se abrir para o novo. E para isso, o corpo, assim como o sujeito, não pode estar oprimido, fechado, ele também tem que se dispor a essa abertura. Em seus livros, Paulo, quando você fala da opressão, penso que é o corpo que sente toda ela: opressão de ser muito nova, de ser mulher, de não ser formada, de não ter linguagem formal, de não conhecer esse ou aquele outro autor, de não ser dessa área, enfim, sujeito oprimido, corpo oprimido. Lembro-me de uma passagem, em *Pedagogia do Oprimido*, em que você fala de uma “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos”, pois é dela “que resultará o [...] engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará”, e penso que o caminho para sair dessa opressão é esse

mesmo, espaço e tempo para a reflexão, com as pessoas, nos lugares onde elas estão, onde estamos.

Acredito que em cada local que o projeto Reletran foi desenvolvido coisas aconteceram, foram criadas e transformadas. É isso que talvez eu gostasse de dizer hoje ao Johannes quando, um ano e meio atrás, ele parecia decepcionado com o resultado do Reletran, dizendo “que os olhos estão abertos, porém não vemos nada”. Aqui, no Brasil, mais especificamente em Sorocaba, nosso modo de trabalhar e pensar aposta na importância das pequenas transformações, isto é, em trabalhar para “ver algo”, ver aquilo que mesmo de olhos abertos não vemos. Essa ideia aparece claramente no encontro do SOS que chamei de “A casa não vista”. Participei de todos os encontros e recebi as narrativas de alguns participantes, e acredito que algo mudou em cada um deles após as capacitações. No meu caso, posso dizer que em cada encontro eu me punha a refletir e algo era acrescentado ou modificado em minha vida. Após finalizar as capacitações e poder olhar o que foi feito, com sua ajuda e dos outros autores que reuni, posso dizer com mais força o quanto tudo isso ajudou a me transformar, como pesquisadora, como educadora, como mulher e como cidadã.

Analisar um projeto desse tamanho num sentido geral não me parece um bom caminho; olhar as sementes que foram plantadas e as pequenas mudanças que aconteceram talvez seja a parte mais importante. Na Uniso, por exemplo, penso que até hoje estamos colhendo os frutos do Reletran, seja na abertura de espaços para outras redes colaborativas dentro da universidade, seja pela possibilidade, para vários pesquisadores, de viajar para fora do país, mas principalmente pela possibilidade de aprender “a viajar”, a ir longe, aqui mesmo, no cotidiano: no “ver” o que não é visto mesmo de olhos abertos: pessoas, lugares, ideias, projetos, sonhos, desejos, janelas, ações, água, ar, a comida que comemos, de onde ela vem, quem produz, objetos, conhecimentos, tudo isso é o meio ambiente com o qual estabelecemos relação. Sem essas relações, há um estreitamento ou um desligamento dessa grande rede à qual pertencemos e da qual participamos. É nela que o conhecimento nasce, que a “pedagogia se faz e refaz”, que nos libertamos, onde aprendemos.

Bom Paulo, vou me despedindo por aqui. Me despeço de muitas coisas: das cartas, da tese e desses longos anos em que me dediquei a isso. Confesso que é

uma despedida difícil, mas sei que esse ciclo tem que se encerrar para que haja espaço para coisas novas. Agradeço imensamente a ótima companhia que você foi ao longo de todo esse caminho, e com certeza vou levar comigo os ensinamentos e reflexões que você me ajudou a conquistar. Sei da importância disso tudo e que, mesmo indiretamente, estaremos ainda e sempre nos correspondendo.

Sou profundamente grata pela sua amorosidade.

Abraços fraternos e carinhosos,

De uma pesquisadora

Ariane

[...] verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. [...] uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.

(BENJAMIM, 1987, p. 239).

REFERÊNCIAS

ALVES, N. G. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, I., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBHE, 2000. p. 10.

ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, ago. 2003.

ALVES, C. X.; SILVA, M.; OLIVEIRA, P. R. Memória, infância e brincar em escritos de Walter Benjamin: Cultura Lúdica, processo de formação e prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 6, p. 46-56, 2011.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II**. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, J. O. **Por uma UniverCidade anticonformista**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/Unicamp e Fórum Pensamento Estratégico – Penses, 2014.

BOURDIEU, P. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal Sociology**, n. 32, p. 1-49, 1987.

CATUNDA, M.; FORTUNATO, I. Narrativas da violência: ecosofia à margem no cotidiano escolar. **Série Estudos**, Campo Grande, n. 31, p. 183-191, jan./jun. 2011.

CATUNDA, M. **A, B, C de encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

CENTRO REGIONAL DE REFERÊNCIA - CRR. Portal, Apresentação, s.d. Disponível em: <<http://www.crr.ufscar.br/apresentacao>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Conferências de Paulo Freire. In: VANNUCCHI, A. (org.). **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1982. p. 47-147.

GERMANO, M. A. L. R.; REIGOTA, M. A. dos S. Paulo Freire em Genebra e Sorocaba - Entrevista com o prof. Aldo Vanucci. **Revista de Estudos Universitário**, Sorocaba, v. 33, p. 145-156, 2007.

GIROUX, H. A. Esperança da memória: à sombra da presença de Paulo Freire. In: FREIRE, A. M. A., OLIVEIRA, F. de (org.). **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GODOY, A. Educação Ambiental e filosofia prática: “Uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem”. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], p. 4-19, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4847>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

GUIMARÃES, L. B. et al. Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 73-82, julho 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55915>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

HATOUM, M. **Um solitário à espreita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO CHICO MENDES - ICMBio. Portal, Flona Ipanema, s.d. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/flonaipanema>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

KNIFFKI, J.; REUTLINGER, C. Trabajo social y conocimiento transnacional – Reflexiones sobre la construcción del conocimiento en el marco del proyecto RELETRAN. **Avaliação**, Sorocaba, v. 20, n. 3, p. 779-809, 2015.

LEFF, H. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In REIGOTA, Marcos (org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.111-129.

MACHADO, C. S. **Inspiração, conteúdo e leveza: Pina Bausch adentra o cotidiano escolar**. 2014. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2014.

MONTEIRO, H.; REIGOTA, M. L. Comunidades como tesituras de pertenencias: aspectos de la experiencia posmoderna de Brasil. **Espacios Transnacionales** [en línea], n. 1, p. 102-109, julio/diciembre 2013. Disponível em: <<http://espaciostransnacionales.org/primer-numero/reflexiones/comunidadestesisituras/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

MORAN, E. F. **Nós e a natureza: uma introdução às relações homem-ambiente**. São Paulo: Senac, 2008.

MOROSINI, M.; FRANCO, M. E. D. P. Universidades comunitárias e sustentabilidade: desafio em tempos de globalização. **Educação em revista**, Curitiba, n. 28, p. 55-70, dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jul. 2017.

OLIVEIRA, I. B. de. **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Rio de Janeiro/ Petrópolis: DP&A; Faperj, 2010.

_____. A Produção cotidiana de alternativas curriculares. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXIV., 2001, Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: Microservice, 2001.

OLIVEIRA, P. C. de; CARVALHO, P. de. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. **Paidéia**, Ribeirão Preto , v. 17, n. 37, p. 219-230, ago. 2007 .

OLIVEIRA, W. F. de. A educação do século XXI: o lugar da humanização e da solidariedade. In: FREIRE, A. M. A., _____ (org.). **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PINTO, R. Â. B. Universidade comunitária e avaliação institucional: o caso das universidades comunitárias gaúchas. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 14, n. 1, p. 185-215, Mar. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772009000100010&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 28 jul. 2017.

REIGOTA, M. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias** [Impresso], Rio de Janeiro , v. 11, p. 1-6, 2010.

_____. **Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina**: um estudio de suas representações sociais. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 5, p. 113-117, 2010.

_____. **Meio ambiente e representação social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REIGOTA, M; PRADO, B. H. S. do (orgs.). **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

ROMAGUERA, A.; PIMENTA, M. A. Univer-Cidade: Desafios e Possibilidades. Integración Universidad-Comunidad: Retos y Oportunidades. **Espacios Transnacionales** [en línea], Berlin, n. 4, p. 74-85, enero-junio 2015. Disponível em: <<http://www.espaciostransnacionales.org/cuarto-numero/univer-ciudad/>>. Acesso em: 4 set. 2016.

SANTOS NETO, E.; ALVES, M. L.; SILVA, M. R. P. da. Por uma pedagogia da infância oprimida: as crianças e a infância na obra de Paulo Freire. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 26, p. 37-58, 2011.

SANTOS, W. dos. O aspecto metodológico (apresentação). In: VANNUCCHI, A. (org.). **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1982. p. 9-19.

SERVIÇOS DE OBRAS SOCIAIS - SOS. Portal, O SOS, s.d. Disponível em: <<http://www.sossorocaba.org.br/br/o-sos>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

VANNUCCHI, A. **A universidade comunitária**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. O embasamento filosófico. (apresentação). In: VANNUCCHI, A. (org.). **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1982. p. 20-43.

ANEXO A - CARTA DE MARTA CATUNDA

Sorocaba, 10 de junho de 2016.

Uma carta no fim da tarde, ou uma carta sem fim!

Cara Ariane,

Exercício incrível este de lembrar do Reletran não apenas como uma oportunidade profissional, mas, como um processo crucial de amadurecimento do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISO, no sentido das possibilidades de encontro e trocas, atuação e principalmente da abertura metodológica de ampliar as perspectivas que vínhamos buscando. Nas minhas memórias acadêmicas constam uma centena de e-mails trocados durante os anos de Reletran, com colegas, alunos(as), interlocutores, professores entre produções de textos e outras mais criativas e inventivas.

Para iniciar esta carta é importante situar as motivações das vivências, conversas, movimentos de sensibilização do corpo, promovidas pelo Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista da Educação da Universidade de Sorocaba/UNISO, coordenado por Marcos Reigota, em conexão com outros diversos Grupo de Estudos, Escolas, Entidades diversas, por onde o Reletran passou.

O Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista da Educação, na Linha de Pesquisa em Cotidiano Escolar do Programa de Pós Graduação da UNISO, em Sorocaba que atende diretamente alunos da Pós Graduação em Educação. Importante aqui destacar que muitos alunos docentes da pós graduação que compõem o Grupo de Estudo integram em suas pesquisas questões imanentes da urbe que se espalham nos diversos contextos da educação, em escolas, creches, associações, ONGs que se deparam com a precariedade dos serviços públicos municipais e/ou estaduais, de saúde física e mental, das necessidades especiais, da fitor sanitária, da segurança, da falta de condições ambientais, tecnológicas adequadas, entre outros controles acirrados advindos do próprio sistema de administração de educação e se estende por toda a rede escolar de ensino. Estas questões que invadem o cotidiano nas/das escolas onde lecionam, nas/das cidades

e bairros onde vivem dialogaram durante o Reletran, com seus temas de pesquisa de mestrado e doutorado, estudos e ações, práticas sociais, comunitárias pedagógicas e/ou artísticas em educação ambiental em oficinas, cursos, minicursos, encontros, mesas redondas, palestras, apresentações culturais, artísticas, entre outras atividades. É necessário perceber estas dobras e desdobras, aquilo que permanece invisível a potência e o alcance de um Grupo de Estudos dentro de um Programa de Pós Graduação em educação tudo, o que o envolve, lida, contribui, amplia, dimensiona/redimensiona para além da formação docente em si e que está em conexão portanto, com outras redes sociais dentro e fora da Internet. O Reletran teve essa grata potência, pela perspectiva ecologista nômade, que permitiu seus participantes e interlocutores uma dinâmica mais própria ao encontro das expectativas de todos.

Estas conexões e redes surgidas no processo, configuraram outros espaços de interlocução, de possibilidade criativa ampliando, replicando as possibilidades acadêmicas. Neste espaço foi possível perceber as ressonâncias dos movimentos sócio ambientais da educação com “n” grupos das cidades de Sorocaba, São Paulo, Campinas, o entorno, o país, outros continentes, o planeta. Esta confluência nômade movente forma uma atmosfera nas/das conexões produtoras que animizam/amenizam um movimento cotidiano entres cidades que reverberam nas/das questões imanentes da urbe. Para Canevacci (1993, p. 20), uma cidade comunica seu estilo particular de vida, o seu ethos, forma um conjunto de valores, crenças, comportamentos explícitos e implícitos.

As manifestações de cidadania com a lente do Reletran entre outras se articularam como acontecimentos contundentes na vida escolar onde/quando a deterioração da vida, está presente na socialidade em/na conexão com as questões de saúde(drogas, saúde preventiva, epidemias tais como a dengue, saúde física e mental) das manifestações culturais pró-cidadania contemporânea (de gênero, sexo, cor, de etnia). São ainda ecos que reverberam nas questões de segurança pública, alimentar, da precariedade das gestões governamentais dos recursos essenciais (a água, dos rejeitos e/ou resíduos sólidos, tóxicos, poluição, uso abusivo de agrotóxicos e/ou transgênicos na agricultura, queimadas, etc.) em conjunção com fenômenos climáticos das enchentes e períodos de seca. Em crimes ambientais que anulam da noite para o dia, a vida de milhares de pessoas e animais, rios. A

perversa ocupação especulativa de espaços dentro e fora das cidades gerando permanentes movimentos de sem teto, sem terra, sem praça, sem espaço cultural²⁴, atingidos por barragens,²⁵ dos remanejados de escolas²⁶, dos imigrantes/migrantes chegantes de todos os dias. Enfim toda sorte de questões que palpitam desta imanência para dentro/fora do cotidiano escolar.

O Reletran permitiu que de algum modo pudéssemos captar a seiva viva destas questões sociais tão iminentes, tocá-las e perceber de fato o que era importante naquela possibilidade de encontro.

Nas apresentações que tive a oportunidade de fazer, como docente participante para sensibilizar sonoramente/musicalmente foram fundamentais este sentido agregador do nosso Grupo de Estudo de Perspectiva Ecologista, na colaboração ativa, fotografando, gravando, conversando e desenvolvendo inúmeras formas de sensibilização e depois avaliando no final o processo das várias vivências que iam se complementando.

Me tocou de maneira muito especial uma atividade que desenvolvi com Carmem Machado, (com a colaboração da Ariane Diniz e do André Yang) na construção de ninhos de pássaros diferentes, com tecidos e fitas, em uma espécie de dança e trabalho com este corpo coletivo que se formou pela interação dos participantes. Um corpo ativo, acordado, desperto e criativo. Este trabalho rendeu muita conversa, textos acadêmicos entre outros desdobramentos criativos.

Foi um privilégio ver a experiência do Reletran em Sorocaba, trazer jovens com potencial de pesquisa, para o espaço de interlocução teórica, ampliar a conexão com diversos grupos e propostas que até então desconhecíamos. A minha própria maneira de fazer pesquisa foi tão motivada por essa experiência, que incorporei a perspectiva de atuação, composição com outros Grupos de Estudos.

²⁴ Recentemente em Sorocaba houve a ocupação por um grupo de artistas do Parking House - Galpão de Armazenamento de laranja, da antiga estação ferroviária, um local abandonado há 30 anos pelo governo estadual, que foi por eles rebatizada como Estação Laranjada e iniciou-se um mutirão de limpeza, pintura(grafite), plantio de árvores regionais, horta comunitária foi um movimento inclusão, de arte livre de rua, de convivência, e solidariedade mas que há cerca de. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=549768615185607&set=o.898128303592307&type=3>> e <<http://sorocabadeverdade.com/estacao-laranjada-a-energia-criativa-sorocabana-que-desafia-os-detentores-do-poder/>>. Acesso em: nov. 2015.

²⁵ Trata-se do crime ambiental ocorrido em Mariana, MG por conta do rompimento de uma barragem de contenção em área de exploração mineral. Disponível em <<https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Modelos/Paginas/NoticiaComFoto.aspx?pagina=1080>>. Acesso em: nov. 2015.

²⁶ Trata-se do Projeto de Reorganização do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dnl0srZJA6Q>> Acesso em: nov. 2015.

Atualmente na pesquisa do Pós doutoramento, trabalho com três Grupos diferenciados na Moita Redonda, Município de Cascavel, Ceará A Orquestra de Barro Uirapuru, com o Grupo de Estudos Uma Ética para o Século XXI de Rodrigo Reis e Felipe Adam Kurschat de São Paulo o coletivo-ME de Sorocaba, SP cujas atividades são suporte para a reflexão teórica desta pesquisa.

Creio cara Ariane que a principal conquista foi mesmo uma conquista política, no momento de esfacelamento social, econômico neoliberalista do nosso país, o encontro com aqueles, não assistidos, vulneráveis, desviantes e percebê-los neste contexto tão conturbado e com eles dialogar foi mais que uma ação, com começo meio e fim. De fato produzir conhecimento neste contexto, nos permite hoje seguir de uma forma bem diferente, sem receio de trocar e tocar nas feridas mundanas, perceber outros caminhos na precariedade, e onde palpitam e maceram as transformações.

Agradeço esta oportunidade cara colega!

Marta Catunda

Doutora em Educação - Bolsista PNPd /CAPES

Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, SP

ANEXO B - CARTA DE CARMEM MACHADO

Oaxaca, 11 de junho de 2016.

Boa tarde Ariane,

Que saudades de você , das risadas, das conversas e da sua alegria que contagia. Antes de começar a escrever pensei: em que lugar de Oaxaca vou escolher para escrever essa carta? Então, saí de casa e fui dar uma volta no centro da cidade.

Vivo aqui em Oaxaca perto da igreja Santo Domingo, esse lugar é o ponto de encontro de todas as pessoas, das que vivem por aqui e das que passam por Oaxaca. Todos os sábados tem casamentos e tem calendas. As calendas servem para tudo, para abrir uma festa, uma finalização de trabalho, enfim, ela está presente todos os dias e todas as horas. Parecem o nosso carnaval, tem bonecos que lembram os de Olinda, tem música, dança e muita bebida. Na verdade o que lembra o carnaval é a alegria dos blocos. Como estou longe do Brasil sempre quero encontrar similaridade nas coisas.

Estou no museu chamado MUFI, que também é próximo de Santo Domingo, aqui há um espaço reservado para cartas, agora, estou lendo algumas cartas de Frida endereçada a seu médico, caminho e vejo a exposição chamada “Cartas del Holocausto”, de Bela Gold. São cartas escritas por pessoas que viviam nos centros de concentração. Cartas que nem sempre chegavam ao destinatário. Em outra sala vejo um acervo relacionado a história do correio, e em outra selos e mais selos.

Escolho uma das mesinhas do jardim, sento e começo a redigir essa carta que não irá passar pelo correio. Mas que chegará a seu destinatário, mesmo sem selo.

É primavera. Em todas as construções sempre há um jardim, eles chamam de quintal aberto. As margaridas, vão tomando conta do espaço como se fizessem uma dança do entrelaçamento. Gosto desses lugares, abertos. Hoje, a temperatura está agradável.

Escrever pra você Ariane, me fez lembrar da última imagem que registrei em minha memória fotográfica quando saí do Brasil. Me recordo dos últimos momentos

em que estava no ônibus saindo de Sorocaba com destino ao aeroporto de São Paulo para embarcar rumo ao México. Da janela do ônibus eu acenava para meus amigos e amigas sem saber explicar que sensação era aquela que estava sentindo. Era a primeira vez que iria morar fora da minha cidade natal e fora do Brasil.

Quando cheguei por aqui, tudo era diferente, a comida, o clima, as pessoas, o modo de se vestir, a água, enfim, outra cultura, outro modo de viver e outro modo de respirar. A altitude me consome.

No segundo dia em que estava aqui, participei da primeira reunião com o centro de pesquisa, com Johannes, Virginia, Arthuro, Rosário e Heiko. O discurso de Johannes sobre a importância do centro e das intervenções me fazia conectar com o discurso de Marcos. Era o mesmo que tínhamos com o Reletran. Mas as dificuldades de compreensão dos professores aqui reunidos, eram visíveis porém silenciados.

Lembra das nossas reuniões Ariane? Aquelas reuniões em que eu, você, Adriana e o André fazíamos? Em que pensávamos o que propor a cada encontro com os grupos? Acho que isso era uma das coisas mais ricas do nosso trabalho. Havia diálogo, discussão e reflexão da prática. Eu cresci muito com esse trabalho. Era o meu segundo ano no Reletran, eu estava mais disponível e tinha mais tempo para estar junto das pessoas do grupo, isso foi essencial para que eu entendesse a sequência do trabalho que estávamos desenvolvendo.

Me recordo também, das leituras que fizemos junto com o grupo sobre processos comunitários. Lembro também das trocas de experiências em que nos descolocávamos a cada encontro para conhecer o local onde as práticas sociais eram desenvolvidas, foi um momento ímpar em minha vida. Parecia uma loucura criar um curso onde a cada encontro estaríamos em um lugar. Mas isso foi o diferencial, fazer uma capacitação em que propiciava a vivência de uma prática social, e não somente a discussão dela. Isso muda muito a nossa forma de pensar e agir dentro do processo comunitário. Foi nessa vivência que descobri, como diferentes profissionais podem trabalhar em busca de um objetivo comum. A diferença não separa, ela soma.

Aqui no México, há muitas pessoas e instituições que trabalham com práticas sociais. Existem recursos dos governos para esses grupos. Mas também existe uma problemática quanto o direcionamento dos projetos. As ONGs trabalhavam não mais com um objetivo específico. Se uma ONG está trabalhando com a gravidez na

adolescência, mas a verba do programa do governo será disponibilizada para outro objetivo, as ONGs mudam suas práticas para se adequar ao programa do governos e receber suas verbas, elas deixam de ouvir as necessidades da comunidade.

Há vários grupos que se engajam sem estarem conectados às ONGS. Outros se inscrevem em projetos e buscam verbas disponibilizadas pelo governo para esse fim. Mas também, há coletivos que optam por trabalhar sem ajuda de instituições. Há muita gente engajada em trabalhos sociais.

Você havia me perguntado sobre a importância da minha vinda ao México.

Eu tenho pensado muito sobre isso. Na importância do Centro de Pesquisa na vida das pessoas menos favorecidas e nas oportunidades que o centro oferece, e de como isso afeta a vida de cada uma delas. Eu faço parte disso. Ainda não parei para refletir, mas a minha visão de mundo está completamente afetada. Ser mulher, e pensar nas mulheres, é uma das coisas que tem me afetado nesse país.

Rosário trabalha aqui no centro de pesquisa junto com Heiko, nunca viajou de avião, nunca saiu do país. Essa semana fez sua primeira viagem. Johannes fez questão que ela participasse na Alemanha da reunião junto com outros professores. Eu acompanhei o processo, o passaporte, a ansiedade, a disenteria causada pelo medo de estar em um outro país e não ter domínio de uma outra língua. Os pais preocupados com o que ela comeria no avião, diziam: “Lá não há tlayudas, memelas, você vai passar mal se comer a comidas deles”. Mas observei atentamente a oportunidade que o centro está oferecendo a ela de conhecer e ver outro lugar, outra realidade, de estar em outro país. Hoje quando falei com ela por mensagens disse: “Aqui é tudo muito organizado estou impressionada com a quantidade de parques e de áreas verdes, é outro mundo”, diz Rosário.

Estudar pra mim sempre foi uma das coisas mais caras em minha vida. E para custear financeiramente os estudos sempre tive que trabalhar muito. Desde os meus catorze anos eu não sei o que é só estudar. Eu sei o que é estudar e trabalhar. Quando penso que agora aos 44 anos eu tive essa oportunidade de apenas estudar e viver a minha pesquisa durante quatro meses, meus olhos ficam marejados. Alguém apostou em mim. Essa é a sensação que tenho.

Mas não foi o meu país e nem a universidade em que estudo, que fez essa aposta. Um professor do Brasil e um professor da Alemanha. Professores que respeitam o que sou e acreditam em meu trabalho.

Achei que no México seria mais fácil com as intervenções, há muitos grupos

que trabalham com isso. Mas esse “pensamento” em que todas as áreas podem se unir para um trabalho em comum, ainda está apenas começando por aqui. É abstrato, é inteligível.

Você é de arte? Da educação? Trabalha com dança? E também teatro? Fez pinturas em muro? Escreve narrativas? Eu não entendo o seu trabalho, é comum ouvir isso por aqui.

Para iniciar o trabalho com a intervenção em uma das reuniões eu disse: “Vamos a escola, vamos conversar com os estudantes, vamos ver o que eles tem para nos dizer, assim podemos compreender o que eles precisam para depois pensarmos em uma intervenção”.

Como? Ir para a escola sem um questionário? Sem um planejamento? Sem levar materiais? Diz minha tutora.

Ariane minha amiga, como explicar que a primeira abordagem é o diálogo? Lembra quando nós visitamos o viveiro de Projetos? Então, essa abordagem por aqui é muito diferente. Aqui é números, e olha que você também é uma pessoa que trabalha com números (risos) mas não ficou perguntando quantas mudas de árvores haviam plantando, quantas hortas, etc e tal.

Bom, agora tenho uma visão mais ampliada desse pensamento em construção. Sim, porque está tudo ainda para construir. Mas ver e entender que tudo isso que o centro de pesquisa propõe é uma construção de pensamento, é muito interessante.

Sabe, eu acho que nós precisamos relatar, escrever sobre esses processos, fazer vídeos, enfim divulgar o que fizemos. Os grupos que fazem intervenção por aqui, eu tenho a impressão de que sempre estão começando do ponto zero. Não há onde buscar pelas experiências.

Não há narrativas dos trabalhos realizados. Nos artigos publicados as discussões ficam emaranhadas na contextualização do que fizeram. Não é possível entender como foi feito e as dificuldades que tiveram. Não quero que seja uma receita, mas que apontem as dificuldades ou facilidades que podem ajudar outros grupos que desejam iniciar um processo de intervenção. O que você acha?

Eu não sei você recorda, mas no final quando os grupos iriam desenvolver os projetos, eles sentiam muita dificuldade em realizar. Eu lembro do grupo que estava orientando, ficavam perdidos, os grupos não conseguiam se organizar, tinham dificuldades em estar juntos, principalmente nos lugares onde iriam realizar

as intervenções. Lembra disso?

No primeiro ano do Reletran nos deparamos com essa dificuldade, e no segundo nós tentamos melhorar, mas ainda surgiram dificuldades.

Eu senti aqui no México, dificuldades muito parecidas com as dos grupos do Reletran no Brasil. Eu me recordo quando diziam sobre as dificuldades encontradas. Acho que esse pode ser um ponto relevante para pensarmos as práticas sociais. Os trabalhos eram bons, porém a permanência no lugar onde atuavam sempre eram passagens rápidas, tudo o que a gente não queria que fosse, lembra disso? Os grupos pareciam estar mais preocupados com o trabalho final do que com o processo.

Talvez por estar relacionado com a entrega do trabalho. Então, eu acho que as práticas tem que acontecer junto com o processo de formação. Nós sempre pensávamos que precisava explicar e mostrar tudo, para que depois os grupos fizessem as intervenções. Eu não sei o que você pensa sobre isso, mas nas duas vezes o mesmo problema ocorreu.

Isso ficou visível na apresentação dos trabalhos. Os grupos que já tinham familiaridade com as pessoas que iriam atuar, eram os mais completos, menos sofrido, mais prazeroso. E os outros grupos que não tinham um grupo em que atuavam, o tempo ficou muito curto. Dava a impressão de que o processo foi amargo, difícil, não conseguiam curtir o que havia realizado. O que você pensa sobre isso?

Bom, preciso terminar a carta, o museu está fechando. Ariane eu ainda não parei para refletir sobre a minha permanência por aqui. Acho que hoje, foi o primeiro dia que pensei realmente sobre isso. São tantas coisas pra dizer, mas dentre elas, quero dizer que nesses 103 dias que estou por aqui, eu encontrei com o melhor de mim. Há muito tempo não estava mais comigo. Agora, sinto prazer em caminhar, em contemplar, refletir e viver. Tenho tempo, tempos esses que foram engolidos pelo cotidiano turbulento cheio de trabalho, exaustivo e cheios de vozes de mais de 850 alunos por semana. O melhor de tudo isso é poder acordar, estudar, ler, escrever, pesquisar. E viver. Aqui sou realmente uma pesquisadora do cotidiano, minha memória está melhor e minha vida mais tranquila. Mas o tempo por aqui está quase chegando ao fim. E volto para a correria do trabalho-estudo. Sinto um nó na garganta quando penso nisso. Aqui, todos os estudantes de mestrado tem bolsa. Dá

para viver bem com o valor que ganham. É triste saber que no Brasil esse direito nos é tirado.

Beijos

Carmem Machado

ANEXO C - CARTA DE MAURÍCIO MASSARI

Sorocaba, 18 de junho de 2016.

Boa tarde Ariane,

Foi em 2004 o ano em que finalizei o processo de mestrado! Simples? Não!

Para um professor com formação inicial em Educação Física, mergulhar nas leituras densas da educação e da filosofia da educação não foi tarefa fácil. Não que no curso de Educação Física não tivéssemos contato com esses autores ou teorias, mas, acredito eu, quando estamos na graduação, não entendemos ou percebemos a importância dos conhecimentos que lá estão refletindo (professores) conosco. Ou, bem provável, ainda estamos apresentando um sistema educacional (inclusive no ensino superior) muito alicerçado no tradicionalismo educacional: professor ensina e estudante (futuro professor) decora e consegue a média!

Senti, logo de saída, que o processo de mestrado não seria fácil, quando alguém (não me recordo) disse-me: “Maurício, para a prova de acesso ao mestrado, você deve ler Paulo Freire hein, não esqueça! Só vai passar se ler Paulo Freire!”. E lá fui, como sempre obediente (desde filho...), ler Paulo Freire e a Pedagogia da Autonomia. Completamente ciente de que o faria em 1 ou 2 dias (apostando no número de páginas), me deparei com uma leitura densa e de descobertas. Acho que se algumas pessoas desistiram neste momento, porém eu gostei muito e o desafio estava lançado! E a pedagogia da autonomia? Foram longas 3 a 4 semanas para entender o que hoje (com outra leitura de mundo) percebo ser diferente. Basicamente, li “apenas” esse livro para a prova de entrada no mestrado! Livro que já li mais de 5 vezes, desde a data da primeira leitura!

De 2004 (“fechamento” do mestrado) a 2010 estive “fora” dos bancos escolares. Como professor do ensino superior (sim.... do ensino superior, pois o mestrado me proporcionou isso) não deixava de estudar para a tarefa de preparação de aulas, assim como a frequência em congressos me fazia atualizado nos componentes curriculares que a mim cabiam. Mas, não estava com a intenção de

um processo de doutoramento, a não ser por uma pessoa, que sempre que me encontrava, colocava em dúvida essa intenção!

Em 2010, por várias razões (uma delas, sem dúvida foi a insistência desse professor para que tentasse e outra por uma proposta que receberia para um cargo de gestão na faculdade em que trabalhava) volto aos bancos escolares como aluno especial na disciplina Meio ambiente, educação e cultura do professor Marcos Reigota. Aliás, esse professor é o que comento acima, sempre insistindo para que fizesse o doutorado.

Como aluno especial, muitas coisas me marcaram! Se o mestrado foi um “mergulho em águas desconhecidas”, por um instante cheguei a acreditar que o doutorado seria menos complicado (no sentido das leituras e pelo fato de já conhece-las). Estava errado, ainda bem!

O processo de mestrado foi todo pautado no marxismo. No início da caminhada conheci o professor José Luis Sanfelice. Pessoa que admiro muito e um professor que me fez entender os processos educacionais, fortemente interligados às questões políticas, econômicas e sócias. Novidade pra mim. Como uma pessoa graduada em uma faculdade que me preparou (também) para ser professor escolar ainda não entendia esses processos? Pois é.... essa foi uma das perguntas feita durante a defesa do doutoramento, que, como responsável pelos projetos pedagógicos de curso, reflito até hoje.

Logo nos primeiros dias como aluno especial, percebo que seria diferente. Ali, podíamos encontrar professores que faziam diferente, que levavam a docência com seriedade, pois é, eles (as) existem! Como exemplo, o professor de matemática que, estabelecendo uma relação entre “Tempos modernos” e “matrix”, defendia o uso do celular em suas aulas, o professor de geografia que estudava e refletia os territórios e os poderes deles emanados, a professora que identificava os sons (Geofonia) do cotidiano escolar, e, além desses temas, todos nós ouvíamos as propostas e comentávamos, contribuindo para uma ação coletiva de construção de ideias e teorias.

Após duas disciplinas como aluno especial (com o mesmo professor e com as mesmas características), me vejo em posição reflexiva para um possível problema de pesquisa e um possível tema para estudar como aluno regular. Com auxílio do professor, decido por estudar os (como eu) professores de EF que cursaram o mestrado em educação na Uniso.

Processo seletivo finalizado e eu estava aprovado! Iniciaria uma caminhada de mais 4 anos em busca de entender os caminhos percorridos pelos professores de educação física em seus processos de mestrado.

Como já havia cursado duas disciplinas, me restavam poucas, além das atividades complementares (não me lembro se assim eram/são chamadas) e a construção da tese.

Nas disciplinas, refletimos sobre autores da educação (Paulo Freire, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes). Além disso fomos convidados a elaborar uma ideia de como comemorar (em 2011) os 90 anos de Paulo Freire. Para minha felicidade, conseguimos (por intermédio do professor Marcos Reigota) trazer Nita Freire para uma palestra. Momento rico da formação do doutorado, pela palestra e pelo bate-papo no carro na ida e na volta! Momentos de aprendizado!

Ao finalizar as disciplinas inicio a construção da tese.

A produção científica, da maneira como se dá no *Stricto Sensu*, é solitária e carregada de sacrifícios. São momentos sozinhos (muitas vezes frios...) com os livros, artigos e o computador. Foram rápidos 3 anos (após a finalização das disciplinas) com as férias comprometidas, os momentos em família diminuídos e a sensação de que não daria tempo!

Mas, sem dúvida, um processo muito gratificante e de um aprendizado muito grande. Os momentos isolados de construção da tese eram compensados com as relações estabelecidas com as pessoas ligadas ao grupo de pesquisa “perspectiva ecologista e educação”, coordenado pelo meu orientador Marcos Reigota. Eram momentos em que apresentávamos o estágio de nosso trabalho, trocávamos ideias, sugestões, críticas e incentivos. Sem dúvida, apesar dos sacrifícios e momentos de solidão, foram 3 anos muito, mas muito gratificantes e edificantes.

Esse mesmo grupo tomou frente do projeto Reletran (rede latino-Americana Europeia de trabalho social transnacional) ao qual a Uniso foi uma das convidadas a participar. Foram realizados dois cursos (com o tema “Práticas e Processos Comunitários”) em que pude participar (minimamente, pois a construção da tese no primeiro e o trabalho e as constantes alterações de legislação de nosso Conselho Nacional de Educação no que diz respeito a cursos de licenciatura no segundo, me fizeram distantes, porém como um torcedor para tudo fluísse corretamente). O desfecho do primeiro grupo aconteceu na FEFISO (faculdade em que atuo como

professor e diretor), que, ao final, terminou repleto de emoção, comprovando que o trabalho realizado deixaria saudades!

O segundo curso teve, também, sua passagem pela FEFISO numa dinâmica sobre o corpo (chamada “aninhamento”) desenvolvida por Marta Catunda e Carmem Machado no período da manhã e uma discussão sobre o corpo no período da tarde. Momento rico de debate e reflexão!

E assim foi o processo de doutorado! Quatro anos que voaram em direção à defesa dia 19 de agosto de 2014. Confesso que não estava apreensivo. Estava muito confiante com a apresentação, afinal, 12 anos como professor, me fizeram pensar que era “mais uma aula”. Estava errado! Salão cheio com alunos, amigos, professores, familiares e curiosos...

Os trinta minutos que tinha, utilizei todos eles, mas não passei do tempo determinado! As perguntas..... as perguntas.....! Quantas, em quantidade e qualidade! Aquilo que achava ser “mais uma aula” começava a se tornar um momento de desconstrução da segurança que sentia. Sabia que isso ocorreria, pois faz parte do processo ser questionado, inclusive por assuntos que não estão no trabalho/tese, porém muitas delas eu não tinha (como ainda não tenho) respostas exatas!

Penso em várias questões até hoje. Penso nos cursos em que trabalho (e sou responsável pelo projeto pedagógico deles) em como solucionar problemas que me foram expostos no momento da defesa! É o doutorado se desdobrando até hoje e, creio eu, pensarei nele (ainda) por muito tempo!

Resumindo: da faculdade de educação física (que no momento em que cursei 1994-1998 ainda se constituía com um rumo muito técnico), passando pelo mestrado em educação (marxista) e o “mergulho em águas desconhecidas” até chegar ao doutorado. Este último realizado com muito prazer e dedicação. Uma tese em que pude aparecer, falar de mim (Bio:grafia – Reigota e Prado, 2008 - Educação ambiental: utopia e práxis), estabelecer relações entre as referências e minhas experiências. Conexões entre as falas dos entrevistados (professores de educação física que cursaram o mestrado em educação da Uniso) e as referências, enfim, um processo que, ao final, deixou um sentimento conflitante: alívio pela finalização e vazio pelo espaço que ocupou.

Maurício

ANEXO D - CARTA DE EDER PROENÇA

Barcelona, 21 de junho de 2015.

Querida Ariane,

“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.”

Guimarães Rosa

Já estou na metade de minha experiência em terras europeias. Há tanto para se falar. Em primeiro lugar e que nem deu tempo de conversarmos antes da viagem é, como Guimarães Rosa é certo em sua escrita poética. O que a vida quer da gente é coragem! Depois de tantas incertezas se viria ainda funcionário da prefeitura de Sorocaba ou teria que exonerar, para me entregar a esse voo, quase nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, o Sr. prefeito assinou a licença sem remuneração e cá estou eu. E lembrando o que escrevi, ainda dentro do avião, no momento da partida,

Se aqui estou, isso se deve grandemente, as possibilidades conquistadas e a coragem de me lançar a tais voos. Me perguntam: “não sentes medo?” A que respondo: “muito”. Porém, a necessidade de voar, de planar livre pelos espaços, de ultrapassar minhas próprias fronteiras, ou seriam às margens? é muito maior do que o medo. Quem é aparelhado por passarinhos, jamais se deixa aprisionar e ou, criar raízes. (Diário de bordo, 2 abr 2015)

Essa é a minha primeira viagem internacional que realizo sozinho. Então, você pode imaginar o quanto foi intensa minha chegada em Barcelona e todo o processo de trânsito, desde o aeroporto El Prat até o hostel que ficaria hospedado nas duas primeiras semanas, localizado nas proximidades do Arc de Triomf (em catalão). Depois de instalado, passei a explorar a redondeza e a me encantar com a cidade.

Caminhar por Barcelona é extremamente prazeroso: as árvores estão começando a ganhar folhas novas nesse início de primavera. As “carrers” (ruas) e “passeigs” (avenidas) são charmosos, fazendo o olhar se perder entre a arquitetura monumental. Como estou sem pressa e, permitindo viver o silêncio em mim, que não tenho dúvidas, também é potência, vou curtir esse espaço, que sem dúvidas, inspira a querer estudar e, principalmente, escrever.

O mundo está aqui! Para todos os cantos vejo e ouço pessoas das mais diferentes nacionalidades. Há um movimento que só cresce aqui pela orla e outros espaços públicos como o Parc de la Ciutadela. Porém, nada é mais inspirador do que caminhar por ruas, solitário.

O silêncio inspira! E pede para liberar a mente e o pensamento, deixando-os vagarem, sem lógica e preocupações. Vou me permitindo! Ando mais vagorosamente, observo o que se passa ao meu redor. Sinto um vento gelado no meu rosto e o som do Mar Mediterrâneo a me saudar: bienvenido! Seja muito feliz em Barcelona! Sorrio em agradecimento e o sol aparece para aquecer. (Diário de bordo, 4 abr 2015)

Hoje tem início o verão no hemisfério norte, meus colegas me disseram que o calor aqui em Barcelona é para valer, de fato, esses últimos dias, têm sido bem quentes e as praias devem ficar muito melhor. O Lupi, meu orientador aqui da UAB me contou que grande parte das pessoas que vivem na cidade viajam nessa época para fugir do calor ou aproveitá-lo em outros balneários, como a Costa Brava. Inclusive me recomendou que eu não deixe de conhecer alguns desses lugares, como por exemplo, Sitges – é um município que está localizado a aproximadamente 38 km de Barcelona, tem uma história secular, como praticamente todas as cidades aqui da Europa. É um importante entreposto comercial da Espanha e, entre outras atividades econômicas, a pesca e a produção agrícola se destacam, além do turismo. Na década de 1960, o lugar se tornou um reduto gay da província de Barcelona e preserva essa característica com muitas opções para o público LGBT. É uma cidade encantadora, se assemelha com Paraty, no Rio. Extremamente cultural, há vários eventos durante todo o ano, como o Festival de Cinema da Catalunya.

Nesta época em que as férias de verão estão chegando, por aqui, as passagens aéreas sobem absurdamente e, como bolsista que sou, não vou poder viajar como gostaria e o jeito, será aproveitar o que tem por aqui mesmo.

No último dia 10 fui ao teatro ver a peça “2015 com a possibilitat”, dirigida por Didier Ruiz e coreografia de Tomeu Vergés. Em meu diário de bordo, escrevi:

O primeiro interesse que me despertou para ver essa peça foi o título, em seguida, lendo a síntese, não tive dúvidas que se tratava de algo distinto e,

que para pesquisadores do cotidiano, tem muito a dizer. Então, do que se trata a peça? A ideia do diretor francês é bastante simples, porém significativa, já realizou o mesmo trabalho em Paris, em 2013, depois em Avignon, em 2014 e agora em Barcelona; consiste em captar de maneira voluntária e desinteressada, estudantes na faixa etária dos quinze aos vinte anos de idade e, por um período de três meses, realizar um laboratório de teatro e de coreografia, no intuito de que aprendam a se mover pelo cenário, a projetar suas vozes e dominar a linguagem para poder expressar com clareza seus pensamentos sobre a vida cotidiana, família, o bairro onde vivem, suas relações com as outras pessoas, com seu próprio corpo, seus sonhos, seus medos, o que esperam do futuro, do amor e da morte.

O cenário composto por doze cadeiras dispostas numa linha reta. Uma iluminação simples. (Diário de bordo, 10 jun 2015)

A peça me chamou atenção por dois motivos, primeiro porque me fez resgatar minha adolescência e início de juventude na cidadezinha de Riversul, na divisa de São Paulo com o Paraná e; segundo, porque me fez pensar na peça como processo de mobilização comunitária, ou seja, ambos relembram os valores do Reletran. Explicarei melhor a seguir.

Minha adolescência e juventude, até pelo menos os 20 anos, vivendo em um município tipicamente baseado nas atividades rurais (meu pai tem sítio e trabalha até hoje nele), com uma população não mais do que oito mil habitantes e educado na fé cristã católica, pude experimentar uma série de atividades que hoje considero processo comunitário. Iniciei meus trabalhos na igreja participando de um grupo de adolescentes e jovens, logo depois de feita a primeira comunhão. O coordenador do grupo era ligado à teologia da libertação, assim como o converto de freiras dominicanas que ficava na esquina da minha casa e que a minha família firmou uma amizade que perdura até hoje, independente da trajetória que cada uma das freiras tomou.

Esse fato me propiciou dar aulas de religião na escola regular, como também participar da Pastoral da Criança e estar sempre em contato com pessoas simples e pobres, nas vilas da cidade. Na sequência, passei a participar de um grupo de leigos ligado à ordem terceira dominicana que realizava um trabalho social voltado para as famílias carentes. Nessa época, conseguimos uma parceria com as irmãs dominicanas da Suíça e, além de verba para a compra de um automóvel para nossos deslocamentos voltados para o trabalho pastoral, um bom investimento para a construção de casa populares para aqueles que necessitavam. Assim nascia a comunidade Santa Catarina de Senna. Eu fiz, praticamente sozinho, o

cadastramento de mais de 100 famílias, indo de casa em casa e registrando o número de moradores, tipo de moradia, a renda per capita, entre outros dados, para que fossem selecionados aquelas famílias que mais necessitavam do recurso. Para a construção das casas, foi criado um sistema de mutirão, onde, as famílias eram chamadas para participar, desde a produção dos tijolos, fazer os alicerces e erguer as paredes. No final, antes de as casas estarem totalmente prontas e depois de uma grande chuva que ocasionou uma enchente na cidade e desabrigou muitas famílias, as casas foram cedidas e assim, a comunidade Santa Catarina de Senna estava funcionando.

Houve grande envolvimento de todas as partes interessadas, a comunidade, apesar de ser católica, ter recebido fundos de uma instituição católica, acolheu as outras denominações. Ou seja, um processo comunitário se constituiu. Durante alguns anos, eu fui catequista de grupos de adolescentes e jovens nesta comunidade, formando-os para o sacramento do crisma.

Também vejo a peça como um processo comunitário. Vejo nas narrativas de cada adolescente e jovem que participou dela, suas diferentes identidades, religiões, origens, convivendo juntos, por três meses, para construir a obra pode propiciar um novo olhar, uma nova compreensão, respeito e admiração pelo outro/a que é diferente dele e, como ele tem uma vida que quer ser vivida ao extremo, em seus bairros barceloneses ou em outros lugares, distantes dali. Essa construção me mostrou que a cidade são as pessoas, a cidade tem uma história e é transpassada por milhões de outras histórias, ricas, intensas, engraçadas, tristes, afetuosas.

A mistura de diferentes etnias, religiões, culturas e linguagem foram construindo e dando cara para essa cidade, talvez, não seja por acaso que aqui viveu o artista Antoni Gaudí, que utilizou em praticamente todas as suas obras mosaicos. A cidade é um mosaico de cultura, de povos, de cores, de aromas, de sabores. Isso pode ser observado ao andar de metrô, por exemplo. Não há só turistas falando em diferentes línguas, há uma grande quantidade de pessoas que escolheram aqui para viver – são chinos, paquis, marroqui, indianos, etc. E o número de jovens que vêm à Barcelona para fazer seus estudos é outra característica que chama muito a minha atenção.

Foi incrível poder olhar para esses jovens e entender a genialidade poética e potente da vida. Os anseios, as incertezas, os sonhos, a fé e tudo o mais, é capaz de mobilizar. É capaz de nos fazer vislumbrar as diferenças de forma mais positiva e talvez com esperanças de que elas sejam as metas para que um mundo menos violento, menos autoritário, menos desigual no sentido dos direitos e justiça social, de fato possa existir.

Quando esses jovens diziam de si, não falavam apenas para nós expectadores, mas para si mesmo e para os demais que estavam ali, ora sentados, ora em pé, ora fazendo uma coreografia juntos e duas delas fizeram uma coreografia solo de músicas que gostam de ouvir, uma de algo bem tradicional de seu povo, a outra uma música pop norteamericana (dos e, com certeza todos/as brilharam e me fizeram continuar a ter esperança de que tudo que aí está, tem jeito. Talvez, eu creio, um futuro melhor esteja por chegar! Ao menos para quem se permite a ter experiências como essa e as possibilita em pequenas intervenções micropolíticas, como ensina o filósofo Pelbart (2015).

Não vou mentir que sai do teatro tocado pela genialidade de percepção do diretor e do coreógrafo e com uma vontade imensa de produzir algo neste sentido. Ver adolescentes e jovens dizendo de si, o que sentem, o que pensam, o que desejam ou não, enquanto a escola sequer suporta ouvir a respiração de seus alunos e alunas, principalmente daqueles que não se conformam dentro dos padrões criados para designar os “bons alunos – boas alunas”.

Como você pode ver, eu adoro escrever, assim como falar, prometo que agora falta pouco.

Minha pesquisa aqui está tomando corpo, depois de apresentar o projeto ao grupo que participo na UAB, sob coordenação do prof. Lupi, da Psicologia Social e, pedir ajuda do nosso mestre Reigota, está caminhando de forma lenta, sem pressa, mas com muitas contribuições daquilo que estou vendo, lendo, vivendo, ouvindo.

Até agora, realizei um encontro com a professora Conceição Nogueira, da Universidade do Porto – Portugal, que é psicóloga e trabalha tanto no curso de psicologia como na pós-graduação em educação, onde atua em disciplinas e linha de pesquisa sobre as vivências e subjetividades que são resultantes de cruzamentos entre diferentes categorizações – classe, gênero, orientação sexual, faixa etária; ou seja, as interseccionalidades. Ela me narrou sobre um projeto do Ministério da Educação de Portugal que desenvolveu um material e curso para professores com a temática das questões de gênero.

Conheci o professor Gerard Coll Planas, da Universidade de Vic, por sugestão do prof. Lupi. Gerard desenvolveu sua tese de doutorado na UAB, cujo título, traduzido por mim é “A vontade e o desejo. Construções discursas de gênero e sexualidade: o caso de trans, gays e lésbicas” e, atualmente, tem orientado dissertações e teses nas temáticas das questões de gênero e de sexualidade. Tive a

oportunidade de participar de um seminário com Gerard, em Barcelona mesmo, onde dois de seus orientandos apresentaram o andamento de seus trabalhos, um versando sobre cruising – lugares de encontro para sexo anônimo entre homens (banheiros de shoppings, cinemas, parques, ou casas específicas para tal) e a outra sobre sexo entre homens sem preservativo (bareback).

Também entrei em contato com o professor Lucas (Raquel) Platero, um transex, da Universidade Rey Juan Carlos, de Madri, que vem desenvolvendo uma série de estudos, com livros publicados sobre as questões de gênero, trans e as interseccionalidades (que é o questionamento dos estudos de categorias estanques como mulher, negro, gay, por exemplo, que não podem ser pensados unicamente dentro de uma categoria, mas que pertencem sempre a várias categorias ao mesmo tempo, como a mulher, negra, lésbica e pobre).

Enfim, estou no processo, como Kafka bem descreve em seu livro...

Concluo essa longa carta com outro trecho do meu diário de bordo, de um dia que fui conhecer o Park Güell, não pelo parque em si, que é realmente muito lindo e tem alguns dos mirantes mais incríveis da cidade, mas pela composição que ver e sentir esse lugar me proporcionou.

O Park Güell é bem grande e fica numa área mais alta da cidade, em um terreno bastante acidentado geograficamente – cheio de altos e baixos – e isso, o torna mais incrível ainda. Antoni Gaudí, recebeu a incumbência de projetar o parque, pelo proprietário das terras e grande industrial, em 1900, Eusebe Güell. Gaudí colocou em ação sua inspiração e conhecimento, aproveitando a vegetação existente e implantando outras, próprias do clima mediterrâneo, além de criar um sistema hídrico que aproveitaria as chuvas torrenciais, sem causar erosão e acumular a água para uso posterior. Existem vários mirantes e, de praticamente todos, se tem vista para o mar Mediterrâneo e suas águas de azul intenso. As colunas que se erguem ao longo dos caminhos do parque, os bancos e os mirantes, de pedra, são, com certeza, obras de arte de encher os olhos e felicitar o coração. As cores dos mosaicos, a visível influência gótica e oriental ao estilo moderno de Gaudí, são incríveis e admiráveis, com certeza vale pagar para ver e sentir de perto cada uma das criações.

Mas de tudo no parque, o que ficou reverberando em minha mente, foram os caminhos, e a possibilidade de se mirar a cidade de vários ângulos. No caminho, havia pessoas de todos os tipos, nacionalidades. Havia moradores passeando com seus cachorros de estimação. Havia movimento e, em alguns, não havia nada, apenas o silêncio, ou o som do vento, dos pássaros e de um ou outro roedor.

Os caminhos são muitas vezes inclinados, outras, bastante acidentados, depende, pelo qual escolhe ir. Na maioria das vezes, muito bem feitos, uma vez que há toda a preocupação com a acessibilidade – ainda bem! E o que o final dos caminhos apresentam, quase sempre é um olhar para um

horizonte composto por possibilidades.

Talvez as fotos apresentem um pouco do que eu escrevi. Mas estar aqui, poder caminhar, sentir o caminho e em seguida lançar o olhar ao infinito, é inenarrável. (Diário de bordo, 18 abr 2015)

Fico por aqui, um super abraço e me conte como vão as coisas pelas terras tupiniquins, sua pesquisa, está participando do grupo? Saudades disso tudo.

Eder

ANEXO E - CARTA DE VENÂNCIO AMARAL

Sorocaba, 19 de julho de 2016.

Boa noite Ariane Diniz Silva. Tudo bem?

Nem sei direito por onde começar, teoricamente seria pelo começo, então é isso que farei. Não é uma decisão fácil escolher um curso de graduação, ainda mais com toda a tensão do entorno, pois não se tratava apenas do meu futuro, é o sonho de uma pessoa idealizado por todos os integrantes da família.

E por falar em família, a minha sempre me apoiou, desde pequeno ensinando-me os bons valores, de caráter, respeito, honestidade e humildade. E tendo o fundamento básico destes valores: a educação.

Meus pais mesmo não tendo um alto grau de escolaridade, me incentivaram a estudar, pois o conhecimento é algo que ninguém lhe toma, tornando-se seu, e quem o possui, tem em mãos uma ferramenta capaz de sensibilizar o próximo na busca por melhorias, como nos fala Paulo Freire “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Orgulho-me em dizer o quanto aprendi e o quanto constantemente aprendo com os meus pais. Meu pai que cursou até a 4º série do ensino básico, e o que dizer de minha mãe, ô mainha que vitória da senhora, que havia cursado até a 5º série do ensino fundamental, porém anos depois, decidiu voltar a estudar, contrariando as más línguas e já tendo os três filhos jovens, como foi lindo ver a senhora se formando, impondo-se e alcançando o diploma do ensino médio no ano de 2009.

E logo depois de minha mãe eu também concluo o ensino médio no ano 2010. A partir daí veio a grande tomada de decisão, pois já tinha em mãos a nota do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem e tentaria concorrer a uma bolsa de estudos pelo Programa Universidade Para Todos - ProUni. Nossa! Surge o dilema de escolher o curso e a universidade, dentre vários, escolhi o curso de Bacharel em Biotecnologia, na Universidade de Sorocaba-SP/Uniso e com fé em Deus fui aprovado, num instante tomado por uma imensa alegria, porém com um aperto no peito por ter que deixar o lar, deixar o aconchego da família.

Neste momento, já se impôs desafios a superar, seria um retorno a cidade de

Sorocaba, onde meu pai havia ido como retirante para trabalhar na construção civil, desta vez, eu que seria o retirante, porém um retirante para estudar.

Nunca havia se quer entrado em uma universidade, nem para visitação, pois em minha cidade natal, Paramirim, cidadezinha de interior, localizada no sudoeste do estado da Bahia, não há até então universidades. Assim que cheguei a Uniso fiquei enaltecido, que lugar lindo e gigantesco, fiquei admirado e em mim a vontade de logo começar a estudar neste lugar.

Enfim as aulas começaram, eu super atento a tudo, não tem como esquecer este dia, muito menos a primeira aula prática em laboratório, eu usar jaleco? Misericórdia, quando que poderia imaginar algo assim! E todas as noites por meio de ligações de celular, contava aos meus pais tudo que estava aprendendo, mesmo que às vezes eles nem se quer entendiam o que eu falava, o que também já havia acontecido comigo perante as aula. Porém conseguia sentir um ar de contentamento em meus pais, que me apoiavam e sempre repetiam para aprender ao máximo possível, por que o conhecimento é algo importantíssimo.

E a Uniso me proporcionava mais que um aprendizado didático e intelectual. Aprendi no cotidiano, no contato com o próximo, que vieram de locais diferentes, com costumes e culturas diferentes, novas formas de socialização e de pensamentos.

Agregava tudo e assim fui moldando a minha formação, pois conhecimento é sempre bem vindo e a Uniso é um viveiro de oportunidades, que permite ao aluno voar tendo   segurança, o apoio da academia e sob a orientação de grandes professores. Este apoio foi de extrema importância para acreditar que poderia ser um agente formador de opinião, que além de voar, que fosse um v o perene.

Consegui durante meus estudos na graduação e sob orientação, desenvolver dois trabalhos de iniciação científica, com bolsa de auxílio à pesquisa pelo CNPq, além trabalho de conclusão de curso, participei de muitas comunicações em eventos, sendo eu o comunicador, tecendo diálogos entre os participantes, momentos difíceis de descrever de tão espetaculares.

E lhe conto mais Ariane, toda esta vivência na Uniso, neste viveiro, diante de cada projeto de pesquisa concluído, discussões e debates, isso cultivou-me mais o fascínio em continuar, buscar novos v os, dentro de um ambiente acolhedor de uma Universidade Comunitária, proporcionando-me a oportunidade de concorrer a uma bolsa de estudo no Programa de Mestrado.

Atualmente sou aluno da pós-graduação, Programa de Mestrado em Processos Tecnológicos e Ambientais, na Universidade de Sorocaba. Portanto, apesar de toda a dificuldade encontrada durante a trajetória, vejo com clareza que além do apoio infindo de minha família, o quão importante a Universidade e seus fios (Professores, Projetos de pesquisa, congressos, mesas redondas, palestras) serviram de base, disseminando conhecimento e informações úteis para a superação de impasses e dificuldades cotidianas.

Abraços,

Venâncio Alves Amaral

ANEXO F - CARTA DE ANDRÉ YANG

Capanema – PR. 19 de Julho de 2016

Ter participado como bolsista do projeto Reletran foi uma experiência que ainda vem sendo ressignificada. Isso que venho compartilhar nessa carta é o sentido mais atual.

Nos primeiros encontros promovidos pelo Curso de capacitação experimental: práticas sociais e processos comunitários, sentia uma grande confusão acontecendo. Eu não sabia do que se tratava o curso. Não havia instruções. Esperava atentamente para captar ordens, mas elas não chegaram. O máximo que recebi foram algumas informações quanto às datas e horários que já haviam sido estipuladas.

Marcos Reigota, o coordenador do projeto, pediu que eu produzisse uma narrativa sobre o curso. Foi bastante difícil para mim escrever por dois motivos. Primeiro porque não tenho uma boa formação técnica como escritor. Segundo porque Marcos não me orientava quanto ao conteúdo. Depois de alguns anos, percebi que não havia o que orientar. Se a narrativa era minha, não havia certo ou errado. Num e-mail recente, trocado com Marcos, refleti: “eu implorava para que alguém corrigisse a minha narrativa”.

Além do caminhar sem cabresto, outras coisas muito boas aconteceram, mas isso já foi descrito no artigo “A narrativa de universitário” (YANG, 2014).

Abraços

André Luiz Chaves Yang

YANG, André Luiz Chaves. Práticas sociais e processos comunitários: narrativa de um universitário. *Espacios Transnacionales*, vol. 3, pp. 171-181, 2014.

ANEXO G - CARTA DE CRISTIANE VITÓRIO

Sorocaba, 12 de junho de 2016

Prezada Ariane,

E com grande satisfação que lhe escrevo esta carta, para informar que estou muito feliz, ingressei no Mestrado como aluna regular, não sei como consegui esta transgressão. Digo transgressão, porque muitas vezes deixei de acreditar em alguns sonhos, talvez algumas barreiras que absorvi ao longo da minha trajetória escolar

.Minha amiga você é uma grande colaboradora desse feito. Lembra o dia que cheguei na Uniso., como aluna especial? Quero dizer que entre aquelas paredes frias com tantos meus medos e insegura, pois eu não tinha nada escrito sobre educação em especial a ambiental, mas eu estava lá, tendo contato com o Marcos Reigota, Nilda Alves e Paulo Freire e outros alunos(as) especiais. Adentrar a sala de aula em círculo e todos terem que falar, aquilo ia me dando um frio na barriga. Eu sempre queria que começasse do outro lado (risos), Comecei a aplicar esse feito nas aulas que lecionava, dar vozes e vez aos alunos, já comecei a mudar minha prática de docência..

O ingresso no mestrado me propiciou a contar algumas experiências com os indígenas, os estrangeiros, o inclusive do sistema penitenciário, profissionais experiências profissionais ao sair de Lins-SP, e ir morar sete anos no Estado do Amazonas, considero Sorocaba igual a São Paulo, coisas de quem é do interior. (risos) Sabe Ariane, minha formação é em Serviço Social, no Amazonas, acompanhei a chegada dos haitianos na cidade, juntamente com a Pastoral da Mobilidade Humana, quando todos eram contrários inclusive os que estavam no poderes governamentais acompanhei alguns momentos tensos: a morte de um haitiano, que revoltou toda a comunidade haitiana, acompanhei a saída de um padre querido que teve que ir para Roma creio que por causa de sua militância; estava ao lado do primeiro registro realizado em Tabatinga de uma criança filha de um casal haitiano. Venha tomar um cafezinho comigo que mostro as fotos e as recordações que tenho. Foram momentos indescritíveis.

Aqui estou muito feliz pelo trabalho realizado por vocês através da Uniso,

despertar potencias educacionais em outros espaços que não adentram academia. As potencias subjetivas, por uma dimensão política e pedagógica que desperta em mim e no outro suas potencialidades de enfrentamento e leveza nos embate cotidianos da vida. O que é arte para quem nunca teve possibilidade de acessar um museu, ou ate mesmo entender o que la está (risos), neste trabalho, a arte e a educação esta em todos os lugares, no ser humano.

Acredito que diferenças não sejam transformadas em indiferenças em nosso cotidiano, nossas dores, brotam amores e respeito à raça humana. Querida, hoje quero agradecer-lhe imensamente pela sua acolhida na Uniso, e sua sensibilidade e respeito certamente fizeram a diferença. Quero lhe desejar muita luz e competência frente as experiências do Reletran, que todo momento transborde alegria e que as sementes lançadas florescem e que as “ervas daninhas” (aqueles considerados marginalizados) comecem a espalhar pelo mundo, pelo seu bairro, na Uniso, na sua rua. na comunidade acadêmica por mais sujeitos solidários.

Um abraço negro fraterno,

Cristiane dos Santos de Souza Vitória

ANEXO H - CARTA DE ANDREIA RAMOS

Vitória, 10 de julho de 2016.

Prezada Ariane, tudo bem contigo? Espero que sim. Escrevo esta carta aqui da Ilha de Vitória, onde os ventos de inverno estão soprando e fazendo os/as capixabas tirarem os casacos dos armários.

Escrevo-lhe para contar um pouco da minha história, sobre o modo como cheguei aí nas terras de Sorocaba, que em Tupi-guarani significa "terra rasgada", especialmente na Universidade de Sorocaba (Uniso). Algumas pessoas me perguntam sobre minha escolha de estudar no interior de São Paulo e eu respondo que foi a vida que escolheu e me levou.

Para lhe contar essa história, preciso voltar no tempo, revirar o baú de memórias, me deslocar aos tempos da minha graduação em Pedagogia. Ano de 2004, cursava o 4º período de pedagogia, nessa época, uma professora bióloga me apresentou um livro "O que é Educação Ambiental", do autor Marcos Reigota, nesse momento tive meu "primeiro" contato com a "Educação Ambiental".

Fiquei encantada com a leitura e a partir disso, iniciei estudos sobre esse assunto, inclusive produzi um trabalho de conclusão de curso intitulado "A Educação Ambiental no cotidiano de uma escola certificada no Programa de Comunicação Ambiental – CST – Escolas", pesquisa monográfica realizada com os cotidianos da comunidade escolar de uma escola municipal, na região periférica da Grande Vitória, contornada por áreas de manguezais da Baía Noroeste de Vitória.

Entre as travessias da vida acadêmica, destaco a primeira vez que vi o autor e pesquisador Dr. Marcos Reigota, foi na Universidade Federal do Fluminense (UFF), fui apresentar um fragmento da minha pesquisa de Mestrado em Educação no Congresso Diálogos Cotidianos, organizado pelo Programa de Pós-Graduação da UFF de Niterói do RJ...e o Marcos Reigota participou de uma mesa redonda juntamente com os professores Alfredo Veiga-Neto e Walter Porto-Gonçalves, com foco nas perspectivas ecologistas...foi um breve encontro...saí do evento acadêmico com os pensamentos movimentados e em processos de desconstrução...fui deslocada e atravessada por modos outros de pensar a educação ambiental...o ambiental...as educações ambientais...

O tempo foi passando, até que um dia o professor Marcos Reigota esteve na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde cursei o Mestrado em Educação, para participar de uma banca de defesa de tese de doutorado de um amigo. A defesa foi a tarde e pela manhã o professor Marcos esteve conosco em uma Roda de conversa.

No momento cada pesquisador/a se apresentou, confesso que quando me apresentei, fiquei emocionada com a presença do professor Marcos Reigota, autor que li na graduação em 2004, uma referência na militância ecologista, e agora eu, em 2014 como estudante de Pós-graduação, conversando com o professor em uma Roda de conversa. O momento foi marcante e intenso.

Neste dia combinei com o professor Marcos Reigota que enviaria para ele, via Correios, o filme produzido pelas crianças participantes do projeto de pesquisa do mestrado em educação que defendi em 2013, vídeo intitulado “Amor Mascarado”.

Como combinado enviei o filme pelos Correios, para minha surpresa, mais precisamente em 18 de março de 2014, retornava da Ufes para casa e recebi um cartão-postal de São Paulo, era do professor Reigota agradecendo e me parabenizando pelo trabalho, fiquei imensamente feliz e comovida com o gesto generoso, tão singular e escasso em tempos líquidos na nossa sociedade contemporânea. Vale a pena ressaltar que neste dia, de grande coincidência, participava de um encontro com colegas que desejam criar um grupo de pesquisa e de estudos com inspirações “antropofágicas” e lemos o Manifesto Pau-Brasil publicado também em 18 de março no ano de 1924 por Oswald de Andrade, e isso me fez lembrar do livro do professor Reigota “A Floresta e a escola”. Nesse momento percebi as conexões das redes cotidianas e para onde os ventos estavam me levando...

Após o término do Mestrado em Educação, meu desejo era de emendar o Doutorado. Depois de idas e vindas participando de processos seletivos, o Doutorado ainda estava distante. Em uma conversa com um amigo que conheci na Ufes sobre meu desejo de ingressar em um programa de Doutorado em Educação, descobri que professor Marcos Reigota era docente da Universidade de Sorocaba (Uniso), assim, fui consultar a página da Uniso na internet, para obter maiores informações sobre o processo seletivo...passei o ano de 2014, focada nisso, estudando, preparando projeto de pesquisa, escrevendo...até que em outubro de 2014, fui apresentar um fragmento da minha dissertação de Mestrado na Anpedinha

Sudeste, que aconteceu na Universidade de São João Del Rei.

Como a vida inventa encontros cotidianos, na sala que apresentei a comunicação oral, estava um orientando do professor Marcos Reigota, o querido Eder – nesse dia conheci Silvia Porto e o Pedro, também estudantes do PPGE da Uniso – foi uma alegria conhecer o Eder, um encontro de intensidades. Na apresentação dele percebi como nossos trabalhos se aproximavam...

Quando voltei da Anpedinha, finalizei os materiais para realizar minha inscrição para o processo seletivo para tentar ingressar no Doutorado em Educação na Uniso, estávamos em outubro de 2014. Em dezembro do mesmo ano fui para Sorocaba participar da entrevista e do exame de proficiência em língua estrangeira.

Os dias quentes de dezembro passavam lentos-densos-intensos nas terras capixabas, estava ansiosa para receber o resultado. Na data prevista fui a página da Uniso e lá estava meu nome entre as aprovadas para ingressar no Doutorado em Educação na Uniso em 2015. Nesse momento, só as lágrimas podiam traduzir tanta emoção e alegria...o que me faz lembrar da canção do grupo carioca Cidade Negra “...Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui...”

Depois do resultado, chegou a hora de resolver questões de deslocamentos entre outras demandas para participar das aulas presenciais na Uniso. Aluguel de apartamento, contatos de repúblicas femininas, orçamentos e compras de passagens aéreas, entre outras...passei dezembro e janeiro de 2014-2015, planejando minhas idas e vidas e estadia em Sorocaba. Além disso, tinha a preocupação com o pagamento da mensalidade, pois no momento, atuava na gestão e como docente de ensino superior em uma faculdade particular, de pequeno porte e com remuneração reduzida. Foram muitos desafios...uma irmã me ajudou no pagamento da primeira mensalidade e inscrição do doutorado para aliviar o momento, até que consegui a bolsa taxa da CAPES... “que sufoco louco”, como dizia Elis Regina... resistir sempre...amar sempre...temer jamais...

Acreditando sempre nos possíveis, consegui o contato de um grupo no facebook de estudantes de outras localidades do Brasil que foram estudar em Sorocaba, a partir disso, aluguei um quarto para o semestre 2015/1, morávamos eu, uma moça que fazia a gestão da casa, e outras duas estudantes de Mestrado da Unesp. O apartamento fica localizado no Centro de Sorocaba, perto da Praça Frei Baraúna e do Fórum Velho.

Como tenho uma vida familiar em Vitória, passei boas horas entre o aeroporto

de Vitória e Viracopos em Campinas e no ônibus da companhia aérea Azul que faz o traslado para chegar a Sorocaba. Começava a minha maratona acadêmica. Viajava as segundas-feiras cedinho no primeiro voo da companhia aérea Azul e voltava nas quartas-feiras ...minhas aulas aconteciam nas segundas e terças-feiras a tarde...pela manhã, nas terças-feiras, aproveitava a Feira livre na Praça Frei Baraúna, apreciando os sons matinais das belas maritacas, saboreando a deliciosa baquete de pão de queijo com um café bem quente...hummm... Minhas travessias cotidianas em Sorocaba foram entre Mosteiro São Bento, Praça da Catedral, Terminal São Paulo, ônibus 52-Cidade Universitária, Padaria Real, Supermercado São Bento, cheiros...sons...risos...conversas...encontros...bons encontros...

Ser aprovada no doutorado em Educação na Uniso e ser orientada pelo professor Reigota foi uma conquista. Cada aula que participava com ele era um intenso acontecimento....durante o primeiro ano de Doutorado tive a oportunidade de me aproximar do Grupo de Estudo Perspectiva Ecologista de Educação, de modo ético, estético e político, mergulhando em outras narrativas, epistemologias, de arte, cinema, música...dicas de filmes...o “cinema como pensamento contemporâneo”, como disse o professor em umas de suas aulas na disciplina “Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar”...

Destaco também meu reencontro com Paulo Freire, que li na graduação em pedagogia e só retomei a leitura no doutorado. As leituras e estudos dos artigos indicados pelo professor Reigota potencializaram em mim um desejo de mergulhar ainda mais nos modos de pensar freireanos ...

Nas aulas respirava os ares da performance de Marina Abramovic, da arte e militância de Frans Krajcberg, dos sons indígenas de Maluí Miranda, do cinema de Akira Kurosawa, das crônicas de Milton Hatoun. Além dos bons encontros sonoros com Taiguara com aproximações com o Livro “Os outubro de Taiguara” e com a carta de Paulo Freire ao presidente da Tansânia apresentando Taiguara. Ressalto ainda os encontros que tive com o romance “Resumo de Ana”, de Modesto Carone, ... com bell hooks

Além disso, ressalto os encontros com os textos do professor pesquisador Leandro Belinaso,Encontros com a querida Patricia Sierre da Universidade de Bogotá... Exposições do Arthur Bispo do Rosário no Sesc de Sorocaba...Aulas inaugurais...Cinema ambiental no Cineclube do Sesc... Viagens para participar de eventos acadêmicos no Redes na UERJ, na UFSC, visitação na exposição

“Hiroshima e Nagasaki depois do fim” com fotos do professor Reigota realizada em outubro de 2015 em Santa Catarina, além da participação no Festival Internacional de Cinema Uranium, promovida pelo grupo Tecendo coordenado pelo professor Leandro Belinaso (UFSC). Ufa! Vivi experiências, intensidades...bons encontros...fui atravessada por alegrias e afetos...

Um momento marcante foi o encontro com Nita Freire, viúva de Paulo Freire, que me recebeu junto com Carmem Machado e Patricia Sierre, professora da Universidade de Bogotá e aluna de doutorado com co-orientação do Reigota, ...foi uma conversa entre mulheres. O encontro aconteceu em São Paulo no inverno de julho de 2015. O dia claro. Céu azul. O vento soprava uma brisa suave. O encontro. Encontro de Três mulheres. Mulheres-pesquisadoras-professoras. Uma vem das terras capixabas do Espírito Santo, outra vem da Colômbia e outra de Salto de Pirapora em São Paulo. As três atravessadas pelo curiosar. Fomos a terra da garoa. Avenida Paulista. Consolação. O “grande” encontro é uma conversa com uma mulher. Nita Freire, sucessora da obra e viúva de Paulo Freire. Paulo Freire patrono da educação brasileira. A conversa aconteceu na casa onde Paulo Freire viveu com Nita durante uma década. Iniciando a conversa. Café com prosas. Encontro. Conversas. Bons encontros. Encontros entre mulheres. Conversas entre mulheres. Entre mulheres.

Nas travessias do Doutorado destaco também a visita acadêmica que fizemos ao Museu Ecológico do Frans Krajcberg com Carmem Machado, Adriana Lima, Soler Gonzalez – professor da Ufes - no inverno de 2015, o Museu fica localizado no município de Nova Viçosa, na Costa da Baleia, litoral sul do Estado da Bahia. Nossa equipe era composta de Artistas Plásticos e professores/as pesquisadores/as de duas Instituições de Ensino Superior, a Universidade de Sorocaba (Uniso/São Paulo) e a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/ES)

Nosso desejo com a realização desse encontro foi conhecer as potencialidades socioambientais das ações realizadas pelo artista FK no Museu Ecológico Frans Krajcberg e suas contribuições éticas, estéticas e políticas para nossa formação profissional, acadêmica e pessoal. Foi uma experiência fascinante que nos possibilitou encontrar o artista, conhecer seu amor pelo Brasil, o povo brasileiro e a natureza, ouvir suas histórias e suas viagens pelo Brasil, suas experiências de luta e militância em defesa da vida...suas experiências como imigrante, sua via e sua obra. Os manguezais, a fascinante “Casa da Árvore”, a

arquitetura inventiva, o jardim, seus livros, fotos, esculturas e a alegria em celebrar a VIDA!!!

Outro momento marcante foi uma entrevista que realizei com minha colega colombiana Patricia Sierre, com o professor Aldo Vannucci – Reitor da Universidade de Sorocaba. Na conversa o professor destacou os encontros que ele teve com o amigo Paulo Freire em Genebra e a visita e aulas que Freire ministrou na Uniso. Relatou também, brevemente, o ocorrido com seu sobrinho Alexandre Vanucci, jovem morto pela ditadura civil-militar de 1964, história contada no livro que o professor Aldo escreveu e publicou em 2015.

Preciso ainda destacar, os bons encontros que tive com diferentes pessoas em Sorocaba: professora Alda, professor Waldemar, professora Alzira, Rodrigo Barchi, Martha Catunda, Eder, Carmem Machado, Adriana Lima, Ariane Diniz, Maria Aparecida, Beatriz Elaine, Veronica, Pedro, Silvia... Além das acolhidas da Daniela, da secretaria do PPGE, da Bianca, que realiza a nossa rematrícula e da Rosali, que cuida das documentações dos bolsistas.

Outro encontro marcante foi no evento do projeto Reletran que promoveu processo de formação sobre práticas sociais e processos comunitários com uma turma de estudantes. No evento tive a oportunidade de conhecer belos trabalhos produzidos pelos/as participantes do projeto, neste dia cada grupo apresentou um trabalho de conclusão de curso produzido com as comunidades envolvidas. Conheci o grupo de estudantes comprometidos com práticas e processos sociais comunitário, que apresentaram potentes trabalhos afastando-se dos formatos padrões, que engessam os modos de pensar e ser a vida, as apresentações aproximaram de experiências artísticas com as produções de vídeos, ensaios e performances das atividades realizadas com o Reletran...

Enfim, querida Ariane, tentei contar um pouco das travessias e travessuras da minha vida, certa de que muitas outras experiências, encontros, conversas, viagens, não couberam aqui...

Deixo meu abraço com afetos e amizades com cheiros e ares das brisas marinhas capixabas...

Andreia Teixeira Ramos

ANEXO I - RESPOSTA AS CARTAS

Sorocaba, 15 de outubro de 2017.

Queridos amigos,

Primeiramente, queria agradecer por vocês terem atendido meu pedido, enviando-me uma carta. Essas cartas me acompanharam ao longo do processo de escrita da tese e, agora, na reta final, decidi escrever uma carta resposta para vocês.

Pedi cartas para diversos participantes do Reletran, mas nem todos responderam, entendo que cada um está em um momento diferente e que nem sempre é possível dar conta de toda a demanda que temos no nosso cotidiano.

Foi muito prazeroso poder receber, ler cada uma delas e ver um pedacinho de cada um de vocês ali. Sabendo que meu trabalho era sobre o Reletran, alguns me escreveram sobre suas experiências nesse projeto, outros escreveram sobre suas experiências de vida, outros sobre sua trajetória, enfim, mesmo sendo cartas distintas, trazendo assuntos variados, consigo enxergar ali uma sintonia, um alinhar dos pensamentos e o prazer de poder fazer parte desse grupo.

Percebo muito forte nas cartas o caminhar de cada um, a trajetória, as idas e vindas, e a constante luta para conseguir se posicionar e lutar pelo que querem e acreditam. Isso me impressiona muito, penso na minha história e como também tenho momentos importantes e decisivos nela, e como, mesmo sendo histórias diferentes, a luta sempre está ali, muito presente.

Marta, obrigada por trazer o seu olhar e mostrar de uma maneira muito intensa a importância política que o Reletran teve e tem ainda hoje na Universidade de Sorocaba. Agradeço também pelos encontros de que participou quando nos presenteou com a sua sensibilidade sonora. Lembro-me de dois momentos bem importantes de sua participação: no viveiro, onde nos propiciou um momento único de escuta da natureza e ajudou na ampliação dos nossos sentidos auditivos, e da sua participação no encontro da Fefiso, onde ninhos abertos e fechados foram convidados ao voo, ao som de sua música, sua sensibilidade e sua craviola.

Carmem, sem palavras para agradecer sua parceria na organização dos encontros do Reletran. Como nos divertimos, não? Como a sua arte, a sua leveza e sensibilidade enriqueceu nossos encontros. Lembro de um comentário do Marcos

em um dos nossos encontros, onde ele pedia para você voar e me levar junto, pois assim teríamos um equilíbrio, razão e emoção. Foi um comentário muito engraçado do Marcos mas que expressou muitas vezes a realidade: você me levava um pouco nas suas viagens soltas da arte e eu puxava você um pouco para a realidade. Que experiência essa vivida em Oaxaca, hein? Que coragem, que mulher, que garra para enfrentar desde a diferença de altitude até o machismo tão presente. A sua carta reforça uma das coisas importantes que tivemos no Reletran, não só nos encontros, mas também nas reuniões de organização: o diálogo, em que todos tinham voz, todos eram importantes. Sua experiência no México é uma das inúmeras possibilidades que o Reletran trouxe para nós participantes, isso é o reflexo desse projeto, ele não parou, suas ações continuam reverberando por todos que por ele passaram.

Maurício, deixo aqui registrada a importância do espaço que o Reletran teve na Fefiso. Estar lá foi importante, ter um espaço para olhar para aqueles corpos em uma Faculdade Educação Física foi muito valioso. Ouvir a frase "É uma busca imbecil por um corpo padrão que não existe..." mexeu comigo e com meus sentidos. Obrigada por trazer essa oportunidade ao Reletran e aos participantes, e também por trazer em sua carta trazer sua trajetória, por sinal me reconheço muito nela, e por mostrar que se aventurar em percorrer esses caminhos de mestrado e doutorado não é nada fácil e que cada um vence uma batalha diária para conseguir dar conta de todo o processo. Nesse momento, mais do que nunca, me identifico com a frase final de sua carta "... alívio pela finalização e vazio pelo espaço que ocupou", em que a vontade de chegar ao final é enorme, tão enorme quanto a briga de sentimentos sobre como será depois.

Eder, obrigada pela rica experiência que compartilhou sobre a sua viagem a Barcelona. Realmente, é como você disse citando Guimarães Rosa: "O que a vida quer da gente é coragem!". E que coragem você teve em todos os enfrentamentos para conseguir a sua licença para viajar, isso mostra o grande esforço que todos nós temos que realiza para seguir nossos objetivos, e reflete também as dificuldades que temos de tempo, de funções, de dinheiro, e mesmo com todas essas dificuldades não desistimos, não paramos, e a luta fica cada vez mais intensa. Vejo na sua carta, como também vi na da Carmem, a importância e a diferença que faz quando temos um tempo exclusivo para a pesquisa, e como normalmente somos consumidos no cumprimento de nossas tarefas, nossas atividades, que garantem nossa

subsistência, além de, sim, dar conta de todo o processo de pesquisa e escrita.

Venâncio, tivemos pouco contato, mas o suficiente para eu conseguir enxergar em você uma força de vencer e um história de vida muito forte. Agradeço por me escrever e por me trazer essa linda história da sua família: que bonito e que missão você tem estando aqui em Sorocaba, como seu pai esteve, mas agora na posição de estudante. Que orgulho seus pais devem ter de você, e sei que aprendeu direitinho a lição da importância dos estudos na vida, algo que seus pais, mesmo sem terem tido essa oportunidade, conseguiram passar para você e seus irmãos. Parabéns por estar tornando realidade um sonho de família, e fico muito feliz em saber que a universidade comunitária se faz presente realmente, dando espaço para que a comunidade tenha acesso a esse à educação.

André, deixo aqui registrado como foi importante a sua participação no Reletran. Em um primeiro momento você tomou conta de toda a parte burocrática, da organização de horário, local, informações necessárias, e toda qualquer outra necessidade que os participantes do grupo pudessem ter. Depois, aos poucos, foi deixando o jeito tímido de lado, mostrando toda a sua fortaleza e sinceridade, participando e contribuindo com as reflexões do grupo. Me lembro da atividade da linha do tempo que fizemos juntos no Viveiro de Projetos, ali tive oportunidade de conhecer melhor você e sua trajetória. E fico muito feliz em ver seu engajamento nesses processos, levar seus filhos para as atividades no Viveiro, para mim é um enorme reflexo do que todo esse processo do Reletran produziu, de como marcou e modificou nossas vidas.

Cristiane, obrigada por suas palavras de agradecimento, mas não fui somente eu quem fez algo para te ajudar no processo do mestrado, enxergo que foi uma troca. Você, uma mulher e tanto, com muita força, muita garra e com uma insegurança muito grande, mas não por fragilidade, mas por não acreditar em você e em seu potencial. Acompanhei esse processo com muito orgulho e, hoje, vejo você com o mestrado em Educação concluído com muito mérito. Nunca tive dúvida de que conseguiria e tenho certeza de alcançará o que desejar.

Andreia, obrigada por mostrar para mim e para todos que é possível vencer a distância. Sempre ficava pensando em como deveria ser difícil vir de Vitória para fazer o doutorado em Sorocaba, ter casa aqui e lá, manter família e ainda dar conta de todas as atividades da universidade. Realmente, como diz a música do Cidade negra que você trouxe em sua carta "...Você não sabe o quanto eu caminhei para

chegar até aqui...”, não sei o quanto caminhou, mas sei da sua força como mulher, como pesquisadora, como professora, que te possibilita esses caminhares. Hoje está em Oaxaca, tendo a oportunidade de um tempo apenas para a pesquisa, e, juntamente com a experiência da Carmem e do Eder, mais uma vez, vejo a importância dessas possibilidades e como as redes do Reletran refletem e perpassam a Uniso.

Mais uma vez agradeço a todos pelas cartas, a convivência, os exemplos, as reflexões que cada um de vocês, e pela importância e as possibilidades que o mestrado, o doutorado e o projeto Reletran me trouxeram. Fico grata por serem meus amigos, companheiros de caminhada, e saibam que conhecer suas histórias e caminhar ao lado de vocês torna a estrada mais leve.

Abraços carinhosos,

Ariane